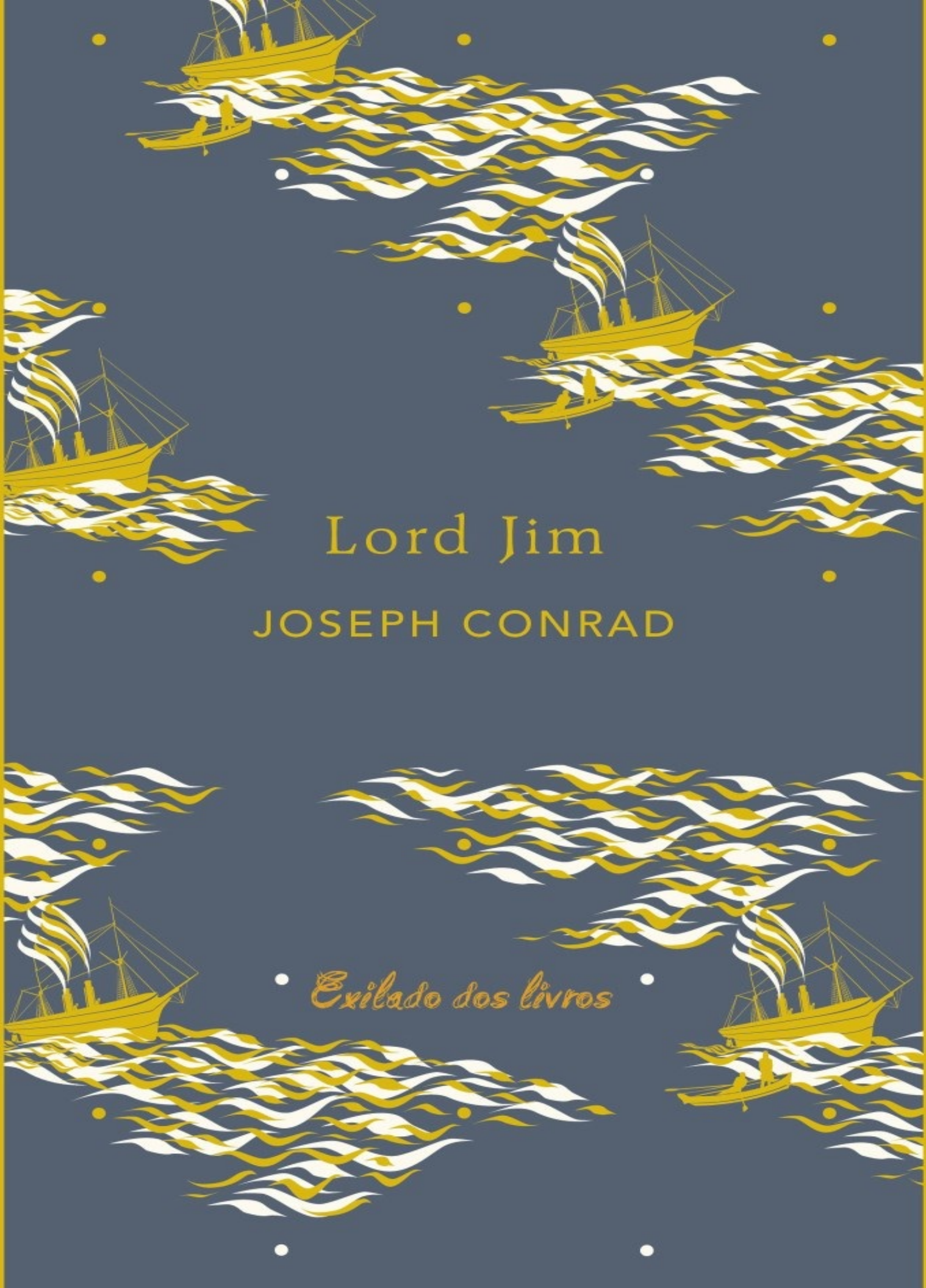


Lord Jim

JOSEPH CONRAD

Exilado dos livros

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***Le Livros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O ***Le Livros*** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***LeLivros.site*** ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."

JOSEPH CONRAD

LORD JIM

TRADUÇÃO DE
MARIO QUINTANA



CONTRERA BROTHERS



James Burke é o primeiro oficial de um navio a vapor que durante um furacão, covardemente abandona o navio deixando seus passageiros para morrer afogados. Desonrado, Lord Jim procura uma forma de consertar seu erro - não somente perante aos olhos da comissão da marinha inglesa, como também para si próprio. Assim, ele recebe a dura missão de entregar um carregamento de dinamite para uma tribo de nativos em algum lugar inexplorado do oriente e acaba se unindo aos nativos em sua luta contra O General, um brutal e rude opressor.
Em sua jornada de aventuras, ele se encontra com Brown, um pirata educado e cavalheiro que tem um plano misterioso o qual irá colocá-lo num confronto com seu verdadeiro destino. Agora, Lord Jim terá que aprender a diferença entre um herói e um covarde, uma verdade que é impiedosa e sem fuga.

1900

NOTA DO AUTOR

Quando este romance apareceu pela primeira vez em volume, espalhou-se que eu me deixara dominar pelo assunto. Críticos afirmaram que a obra, destinada a fornecer uma curta novela, tinha escapado ao controle de seu autor; e alguns pareceram mesmo comprazer-se em descobrir as provas certas de tal fato. Fundavam-se na duração da narrativa, pretendendo que nenhum homem poderia falar tão longamente, nem tampouco prender por tanto tempo a atenção de um auditório. Não era coisa muito crível, afirmavam eles.

Após haver meditado a questão durante uns dezesseis anos, não estou lá muito certo do que eles asseveravam. Viu-se, sob os trópicos como na zona temperada, gente passar a metade da noite a contar histórias. No caso vigente, não se trata, é verdade, senão de uma única história, mas que comporta interrupções que dão ao narrador momentos de descanso, e, quanto à resistência dos ouvintes, cumpre aceitar o postulado de que a narrativa era verdadeiramente interessante. Suposição preliminar e obrigatória. Se eu não tivesse achado a história interessante, não começaria a escrevê-la. Quanto à inverossimilhança material, todos nós sabemos que certos discursos do Parlamento duraram mais perto de seis que de três horas, ao passo que toda a parte de meu livro que comporta a narrativa de Marlow pode-se, eu creio, ler em voz alta em menos de três horas. Aliás, embora haja eu negligenciado esses insignificantes pormenores, cumpre supor que foram servidos refrescos naquela noite e que, para ajudar o narrador, deram-lhe mesmo um copo de uma água mineral qualquer.

Mas, falando sério e franco, minha intenção primeira era escrever uma novela sobre o episódio do barco de peregrinos, nada mais. Idéia perfeitamente legítima. Mas, após haver escrito algumas páginas, não fiquei contente, por qualquer razão, e as pus de lado, para não as retirar da gaveta senão quando o falecido M. William Balckwood me pediu alguma coisa para a sua revista.

Foi só então que eu adverti que o episódio do barco de peregrinação fornecia excelente ponto de partida para uma livre e vagabunda história e que era também um acontecimento capaz de colorir todo o senso da existência num indivíduo simples e sensível. Mas todos esses movimentos de alma, todos esses

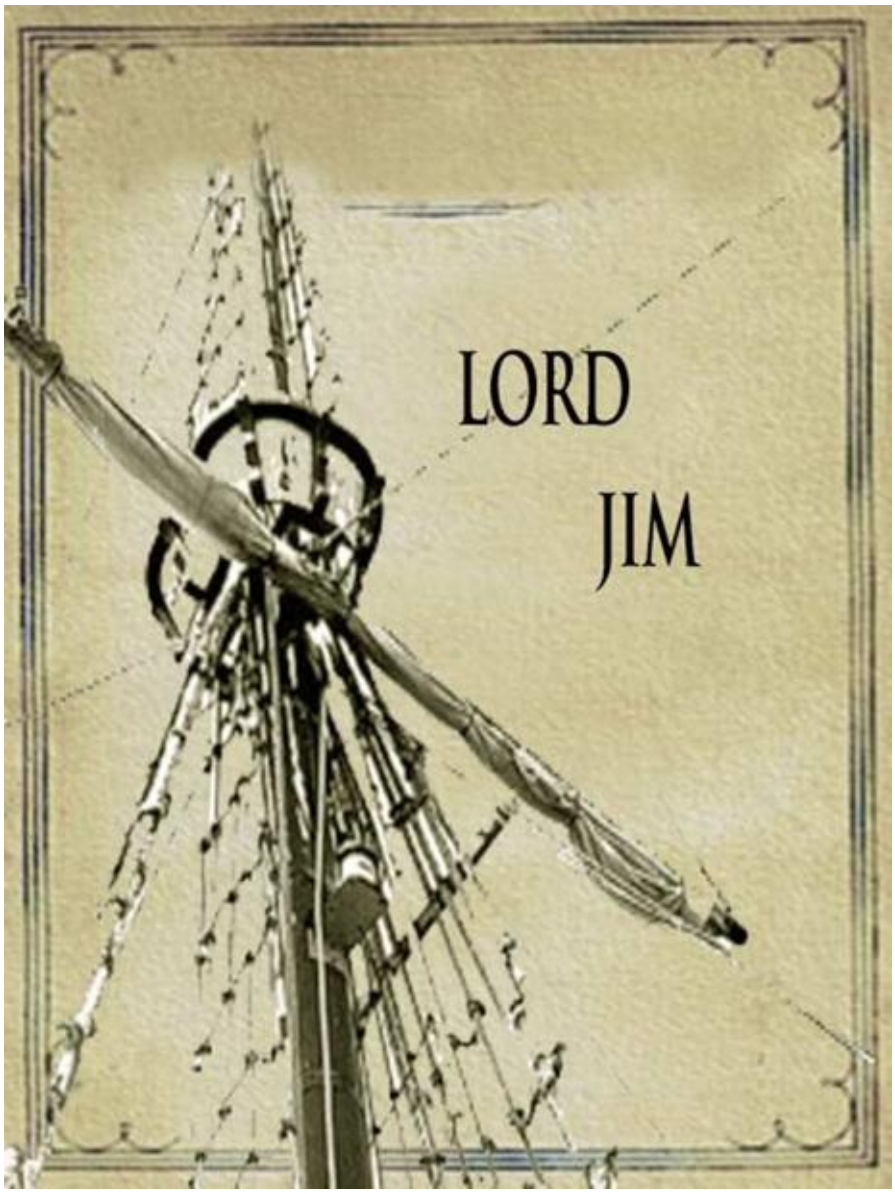
preliminares estados de espírito eram para mim um pouco obscuros naquela época, e não me aparecem mais claramente hoje, após tantos anos.

As poucas páginas postas de parte tiveram seu peso na escolha do assunto. Mas a história inteira foi deliberadamente reescrita. Quando a comecei, estava certo de fazer dela um grosso volume, sem prever no entanto que fosse ela estender-se por treze números de revista.

Diversas vezes me perguntaram se esta obra não seria a minha predileta, entre todas as que escrevi. Não me agrada o favoritismo na vida pública, nem na vida privada, nem mesmo nas delicadas relações de um autor com as suas obras. Por princípio, não quero ter favoritos, mas não chego ao ponto de incomodar-me da preferência que certos leitores concedem a meu Lord Jim... Não direi mesmo que não os compreenda... Não! Mas um dia algo me surpreendeu e me inquietou.

Um de meus amigos, recém-chegado da Itália, conversara lá com uma dama que não tinha gostado de meu livro. Eu lamentava o fato, evidentemente, mas o que me surpreendeu foi o motivo da sua desaprovação. “O senhor compreende”, dizia ela, “toda essa história é tão mórbida!”

Isto me valeu uma boa hora de inquietas reflexões. Mas acabei por concluir que, feitas as reservas quanto à natureza de um assunto um pouco estranho a uma sensibilidade feminina normal, a referida dama não deveria ser italiana. Pergunto mesmo se seria acaso européia. Em todo caso, um temperamento latino jamais veria algo de mórbido no sentimento agudo da perda da honra. Tal sentimento pode ser justo ou errôneo, ou pode ser condenado como artificial, e o meu Jim não é talvez um tipo muito espalhado. Mas posso sem temer afirmar a meus leitores que ele não é o fruto de uma fria perversão de pensamento. Não era tampouco uma personagem das brumas setentrionais. Por uma manhã de sol, na banal decoração de uma praia do Oriente, eu o vi passar, impressionante, na nuvem do seu mistério, perfeitamente silencioso. E é bem assim que ele devia ser. Competia a mim, com toda a simpatia de que eu era capaz, procurar as palavras adequadas à sua atitude. Era “um dos nossos”.


LORD
JIM

CAPÍTULO 1

Tinha ele 6 pés de altura, menos 1 ou 2 polegadas, talvez, forte, espadaúdo, avançava direto para a gente, um pouco curvado, olhar fixo, a cabeça para a frente, como um touro quando vai investir. Sua voz era profunda e forte, e sua atitude traía uma espécie de displicente altivez, que não tinha no entanto nada de agressivo. Era como que uma reserva que ele tanto impunha aos outros como a si mesmo. De um impecável asseio e sempre vestido, dos pés à cabeça, de branco imaculado, era muito popular nos diversos portos do Oriente, onde exercia o seu ofício de vendedor dos fornecedores de navios.

Não se exige do vendedor marítimo nenhuma espécie de exame, em matéria alguma, mas deve possuir a teoria da Esperteza e saber, melhor ainda, demonstrá-la praticamente. Seu trabalho consiste em distanciar, à força de velas, de vapor ou de remos, os outros vendedores lançados como ele sobre todo navio prestes a fundear e em abordar jovialmente o capitão metendo-lhe um cartão entre os dedos – o cartão-reclame do fornecedor –, e, depois, na sua primeira descida a terra, pilotá-lo com firmeza, mas sem ostentação, para um armazém, vasto como uma caverna e cheio de coisas boas de comer e beber a bordo; ali se vende de tudo o que pode proporcionar a um navio segurança e elegância, desde um jogo de ganchos para seu cabo até um pacote de folhas de ouro para as esculturas de sua popa, e o capitão vê-se acolhido como um irmão por um negociante a quem nunca vira mais gordo. Ele encontra, numa sala fresca, boas cadeiras, garrafas, charutos e tudo o que é preciso para escrever; um exemplar do regulamento portuário e uma cordialidade que faz fundir o sal depositado por três meses de alto-mar num coração de marinheiro. Iniciadas assim, são as relações alimentadas, enquanto o navio permanece no porto, pelas visitas cotidianas do vendedor marítimo. Fiel como um amigo e cheio de atenções filiais para com o capitão, ele dá mostras, no trato com este, de uma paciência de Jó, do devotamento que se esperaria de uma mulher, e de uma alegria de bom vivedor. Depois do que, envia-se a nota. É um belo ofício, feito de atenta cordialidade, e os bons vendedores marítimos são raros. Quando um vendedor que possui a teoria da Esperteza se encontra assim provido de uma educação de marinheiro, ele vale o seu peso em ouro para o patrão e pode esperar deste todos os favores. Jim ganhava sempre bons ordenados, e os favores que se via dispensar teriam assegurado a fidelidade de um demônio, o que não o impedia,

com uma negra ingratidão, de abandonar sem mais nem menos o seu emprego, para mudar-se para outra parte. As razões que dava a seus chefes eram manifestamente insuficientes e provocavam da parte destes esta simples reflexão, “Maldito imbecil!”, desde que lhes voltava as costas. Tal era a crítica que despertava a sua excessiva sensibilidade.

Para os brancos dos portos e os capitães de navios, ele era Jim e nada mais. Tinha outro nome, está visto, mas não queria ouvi-lo nunca pronunciar. Seu incógnito não visava a esconder uma personalidade, mas um fato. Quando o fato transparecia através do incógnito, Jim deixava subitamente o porto em que estava empregado e alcançava um outro, em geral mais afastado para o Oriente. Preferia os portos de mar, porque era um marinheiro exilado do mar, e porque possuía a teoria da Abordagem, que não pode servir a outro ofício senão ao de vendedor marítimo. Em boa ordem, partia em retirada para o sol levante e, como por acaso, mas inexoravelmente, o fato o perseguia. Assim, tinham-no visto sucessivamente, no decorrer dos anos, em Bombaim, Calcutá, Penang, Batávia, e, em cada um desses portos, ele era simplesmente Jim, o vendedor marítimo. Mais tarde, quando o seu agudo sentimento do Intolerável o escorraçou para sempre dos portos e da sociedade dos brancos, até a floresta virgem, os malaios da aldeia que escolhera na jângal para aí esconder sua deplorável sensibilidade acrescentaram uma palavra ao monossílabo de seu incógnito. Eles o chamaram *Tuan* Jim – Lord Jim, como se diria entre nós.

Saíra ele de um presbitério. Mais de um capitão de navio mercante provinha de tal estação de piedade e de paz. O pai de Jim possuía sobre o Incognoscível conhecimentos bastante precisos para conduzir ao reto caminho os habitantes das choupanas, sem turbar a quietude daqueles a quem uma infalível Providência fez com que vivessem em castelos. No cimo de uma colina, a pequena igreja tinha o tom cinzento de um rochedo musgoso, vislumbrado pelas entreabertas de uma cortina de folhagens. Erguia-se ali há séculos, mas as árvores que a cercavam deviam lembrar-se ainda de ter visto colocar sua primeira pedra. Abaixo dela, a fachada vermelha do presbitério punha a sua nota viva entre as *pelouses*, os tufos de flores e os pinheiros. Por trás da casa, flanqueada à esquerda por um pátio pavimentado, estendia-se um vergel, com o teto em declive das estufas apoiadas a um muro de tijolos. O curato era, há várias gerações, um cargo de família, mas Jim era o último de cinco filhos e, quando os romances de aventuras, lidos durante as férias, lhe despertaram a vocação de marinheiro, expediram-no sem tardança sobre um “navio-escola para oficiais da marinha mercante”.

Ali aprendeu um pouco de trigonometria, e soube logo os pequenos segredos

do ofício. Geralmente estimado, era o terceiro em navegação, e remava no primeiro bote. Graças à sua cabeça sólida e ao seu vigor físico, achava-se à vontade na barca de comando. De seu posto, ele olhava muita vez, com o desprezo do homem destinado a brilhar no meio dos perigos, a multidão pacífica dos telhados, cortada em dois pela corrente do rio, e, semeadas pelos arredores, as chaminés de usinas. Via os grandes navios que partiam, as grandes chatas, sempre em movimento, as pequenas barcas que flutuavam lá embaixo: contemplava ao longe o esplendor brumoso do mar e a esperança de uma vida febril num mundo de aventuras.

Deixava-se ficar, às vezes, no convés, para viver em sonhos, adiantadamente, no *bruhaha* babélico de duzentas vozes, a vida marítima dos livros infantis. Via-se a si próprio arrebatando homens a um navio que se afunda, abatendo mastros na tempestade, carregando a nado um *salvado* através da ressaca; ou então, náufrago solitário, descalço e seminu, caminhava pelas rochas descobertas, em busca de mariscos para apaziguar a fome. Encontrava selvagens em terras tropicais, reprimia motins em alto mar, e sustentava, numa pequena embarcação perdida no oceano, o coração desesperado de seus companheiros; eterno exemplo de apego ao dever, ele permanecia inabalável como um herói de romance.

– Algo à frente! Todos ao convés!

Ele deu um salto. Seus camaradas precipitaram-se para as escadas. Ouviu um rumor de passos e de gritos acima de sua cabeça e, quando franqueou a escotilha, permaneceu um instante imóvel, confuso.

Era o crepúsculo de uma tarde de inverno. O vento interrompera o tráfego no rio e soprava agora tempestuosamente, em rajadas coléricas, que estalavam como salvas de canhões sobre o oceano. A chuva caía em cordas oblíquas, alternativamente espessas e finas, e Jim vislumbrava, entre as lufadas, ameaçadoras visões das águas tumultuosas, pequenos barcos acotovelando-se à margem, armações imóveis na bruma densa, grandes lanchas oscilando, pesadamente presas às âncoras, proas que se erguiam e se abaixavam, numa nuvem de espuma. Uma nova rajada parecia varrer tudo. O ar estava cheio de água volante. Havia na tempestade uma espécie de vontade furiosa, uma raivosa aplicação no ulular do vento e no tumulto do céu e do mar, que pareciam dirigidos contra ele e o deixavam anelante de terror. Ele permanecia imóvel; sentia-se arrebatado num turbilhão.

Acotovelavam-no.

– Armem o bote! – Dois jovens corriam perto dele. Um costeiro em procura de abrigo tinha atropelado uma galeota ancorada e um oficial do navio-escola vira o acidente. Uma multidão de alunos escalava as cordas.

– Uma colisão... Em plena proa...

– Um solavanco fez Jim tropeçar contra o mastro de mezena. Segurou-se a um cabo. Preso às amarras, o velho navio-escola estremecia de ponta a ponta, enfrentando o vento, e sua frágil cordoalha cantava com uma voz profunda a canção inquieta de sua juventude marinha.

– Larguem! – Jim viu o bote descer e precipitar-se.

– Soltem os cabos! – As ondas tumultuavam, estriadas de espuma. Visível ainda na noite que caía, o bote baloiçava-se adiante do navio. Uma voz subiu?

– Ao mesmo tempo! Todos ao mesmo tempo, se quiserem salvar alguém! – E de repente a proa do bote ergueu-se: ele saltou, com todos os remos no ar, por cima de uma vaga, e rompeu o encanto que o vento e a maré faziam pesar sobre si.

Jim sentiu um punho vigoroso abater-se nas suas costas.

– Muito tarde, jovem! – O comandante do navio retinha o rapaz prestes a saltar a balaustrada, e Jim ergueu os olhos com um olhar dolorosamente consciente de sua derrota. O capitão esboçou um sorriso de simpatia?

– Você terá mais sorte da próxima vez. Isto lhe ensinará a andar mais depressa!

Uma bulhenta aclamação saudava o regresso do bote. Meio cheio de água, ele dançava sobre as ondas, com dois homens sem sentidos a bordo. Jim não sentia senão desprezo por aquele tumulto e pela ameaça do mar e do vento, e seu despeito crescia ao pensamento do passageiro medo que experimentara ante o seu vão furor. Saberia como portar-se futuramente. Não mais ligava à tempestade. Podia afrontar mais sérios perigos e o faria melhor do que qualquer um. Não tinha mais o mínimo resquício de temor. Manteve-se contudo à parte aquela noite, ao passo que o primeiro nadador do bote, um rapaz de cara de moça e grandes olhos cinzentos, era o herói do convés. Assaltado de perguntas, ele contava:

– Eu vi a cabeça dele sair à tona da água, e lancei o meu arpão. Ele pegou nas suas calças e eu quase caí na água, mas o velho Symons largou a barra para pegar-me pelas pernas. O bote quase virou. O velho Symons é um belo tipo e eu

não lhe quero mal por ser ranzinza conosco. Ele praguejava durante todo o tempo, segurando-me a perna, mas era uma maneira de me dizer que não soltasse uma gafe. O velho Symons encoleriza-se facilmente, vocês bem sabem... Não, não era o baixo ruivo... Era o outro, o barbudo grande... Ao sair da água, ele gemia: “Ai, a minha perna! A minha perna!”, e revirava os olhos. Um homenzarrão daqueles! Desmaiar como uma rapariga! Haverá alguém aqui capaz de desmaiar por um golpe de arpão? Não serei eu, em todo caso! O gancho lhe entrou na perna até aqui...

– Ele mostrava o arpão, trazido para tal, e despertou forte sensação.

– Não, imbecil, ele não tinha a coisa na carne; ele prendera-se às suas calças. Muito sangue, naturalmente.

Jim desprezava aquela demonstração de vaidade. A tempestade havia inspirado um heroísmo tão fútil como os seus vãos terrores. Jim sentia-se irritado com o tumulto da terra e do céu, que o pegara desprevenido, traindo sem lealdade o seu generoso desejo de oportunidades fugitivas. Aliás, sentia-se antes satisfeito por não ter descido no bote, pois a salvação não passara, em suma, de uma proeza medíocre. Mais do que os camaradas que nela haviam tomado parte, tinha ele ampliado o seu campo de experiência. No dia em que todos debandassem, era certo que seria ele o único capaz de enfrentar as pueris ameaças do mar e do vento. Sabia agora o que pensar daquele furor, que, calmamente contemplado, bem desprezível se tornava. Afastado do bulhento grupo de seus camaradas, não descobria ele em si o menor traço de emoção, e o resultado final de sua passageira fraqueza foi erguer-lhe na alma uma nova exaltação, ante a certeza de seu amor às aventuras e o sentimento de sua múltipla coragem.

CAPÍTULO 2

Após dois anos de escola, ele fez-se ao mar, e achou singularmente vazias de aventuras aquelas regiões tão familiares à sua imaginação. Fez inúmeras viagens, conheceu a mágica, monotonia da existência entre o céu e a água. Teve de suportar a crítica dos homens, as exigências do mar e a severidade prosaica de uma tarefa cotidiana que dá o pão, mas cuja única recompensa se encontra no perfeito amor que ela inspira. Essa recompensa faltava a Jim. No entanto, não podia voltar atrás, pois não há nada mais feiticeiro, mais desencantador, mais escravizante do que a vida do mar. Aliás, tinha ele um belo futuro diante de si. Bem educado, severo e cortês, tinha uma noção estrita dos seus deveres; muito jovem ainda, embarcou como imediato a bordo de um belo navio, sem haver experimentado dessas provas a que o mar às vezes submete um homem, patenteando o seu íntimo valor, mostrando a têmpera de seu caráter e a substância de seu ser, e que revelam a si próprio, tanto como aos outros, a sua força de resistência e a verdade profunda oculta sob as suas aparências.

Não teve, durante aquele período, mais que um único vislumbre novo da cólera do mar. E isto não acontece tantas vezes como era de supor. Há múltiplos graus no perigo das aventuras e das tempestades, e é somente de tempos em tempos que se afirma com certeza uma violência de intenção sinistra, esse algo indefinível que impõe ao espírito e ao coração a convicção de que essa complexidade de acidentes e esse furor dos elementos se encarniçam contra a gente com uma intenção maléfica, com uma força e crueldade, que se esforçam por quebrar, destruir, aniquilar tudo o que vemos, conhecemos, amamos ou odiamos, tudo o que é necessário e sem preço: o sol, as recordações, o futuro; que querem varrer-nos para sempre do ser todo um mundo precioso, pelo simples e terrível fato do seu aniquilamento.

Estropiado pela queda de uma estilha, no princípio de uma semana, a respeito da qual dizia mais tarde o seu capitão espanhol: “Meu amigo, é um milagre que tenhamos agüentado até o fim!”, Jim passou dias inteiros estirado de costas, atordoado, moído, desesperado, torturado, como ao fundo de um abismo de dor. Não se importava com o que poderia acontecer e fazia, nos momentos de lucidez, uma idéia muito lisonjeira da sua indiferença. O perigo que se não vê guarda a imprecisão do pensamento humano. Os terrores se apagam e, por falta

de estimulante, a imaginação, inimiga dos homens e mãe do medo, empalidece na anemia das emoções esgotadas. Jim não via senão a desordem da sua cabina em movimento. Jazia imóvel, no meio de uma pequena devastação, e experimentava uma secreta alegria por não ter de subir ao convés. Mas de tempos a tempos uma irresistível angústia o estrangulava, fazia-o arquejar sob as cobertas, e a inepta brutalidade de uma existência submetida à agonia de tais sensações o enchia de um incoercível desejo de salvação a todo preço. Depois o bom tempo voltou e ele esqueceu tudo.

Mas continuava a coxear e, na primeira escala em um porto do Oriente, teve de baixar ao hospital. A convalescença arrastava-se, e viu-se obrigado a ficar para, trás.

Não havia mais que dois outros doentes na sala dos brancos: o tesoureiro de uma canhoneira, que quebrara a perna ao tombar por uma escotilha, e uma espécie de empreiteiro de estradas de ferro de uma província vizinha, afetado de qualquer misteriosa enfermidade tropical, que considerava um asno o doutor, e entregava-se a secretas orgias de especialidades farmacêuticas, que seu servo Vamil lhe trazia às ocultas, com incansável devotamento. Contavam uns aos outros a história de suas vidas, jogavam um pouco de cartas, ou, estendidos de pijama sobre espreguiçadeiras, bocejavam sem dizer palavra. O hospital estava construído num alto, e a suave brisa entrava pelas janelas, sempre escancaradas, e trazia ao quarto nu a doçura do céu, o langor da terra, o hálito feiticeiro dos mares orientais. Havia perfumes naquela brisa, uma sugestão de repouso eterno, uma oferenda de sonhos sem fim. Todos os dias Jim contemplava, por cima das frondes dos jardins, os telhados da cidade e os leques das palmeiras alinhadas na margem, aquela enseada que é uma porta do Oriente, aquela baía semeada de uma guirlanda de ilhotas, iluminada por um sol glorioso, com seus navios que pareciam de brinquedo, sua atividade alegre como uma parada festiva, com a eterna serenidade do céu oriental ao alto, e a sorridente paz dos mares orientais, que enchia o espaço até o horizonte.

Logo que pôde andar sem bastão, Jim desceu à cidade, em busca de uma oportunidade para voltar ao seu país. Mas nada se apresentava no momento e ele acabou, enquanto esperava, por juntar-se no porto aos companheiros de seu ofício. Havia-os de duas espécies. Alguns, pouco numerosos e raramente vistos, levavam existências misteriosas, e conservavam, a par de uma indefectível energia, um temperamento de piratas e olhos de sonhadores. Sua vida parecia correr numa confusão anelante de projetos, de esperanças, de perigos, de empreendimentos, à margem da civilização, nas paragens sombrias do mar, e a

sua morte era, em sua fantástica existência, o único acontecimento que parecia impor-se com uma razoável certeza. A maioria dos marinheiros compunha-se de homens que, lançados ali como por acaso, tinham ficado na qualidade de oficiais em navios da região. Tinham tomado horror às linhas da metrópole, com suas condições mais duras, seu serviço mais estrito e os azares dos oceanos furiosos. Estavam acomodados à paz eterna dos céus e dos mares do Oriente. Amavam as curtas travessias, as moles *chaises-longues*, as grandes equipagens indígenas e seus privilégios de brancos. Estremeciam ao pensamento dos rudes labores e levavam existências fáceis e precárias, sempre à mercê de uma despedida, sempre à véspera de um emprego novo. Serviam a chineses, a árabes, a mestiços; teriam servido ao próprio diabo, se este lhes prometesse um lugar bastante cômodo. Entretinham-se eternamente de golpes e contragolpes da sorte; este comandava um costeiro no litoral da China, e pouco se lhe dava; estoutro tinha um emprego fácil nalguma parte do Japão; aquele outro prosperava na frota siamesa; e, em tudo o que eles diziam, nos seus gestos, nos seus olhares, na sua pessoa, traía-se o ponto fraco, a corda sensível, o irresistível desejo de uma existência de ociosidade sem perigo.

A Jim, essa multidão palradora de pretensos marinheiros pareceu a princípio mais irreal que um povo de sombras. Mas acabou por achar uma espécie de fascinação no espetáculo daqueles homens, na sua aparência de prosperidade fundada em tão fraca soma de trabalhos e perigos. Pouco a pouco, um novo sentimento brotou no seu espírito, a par do seu desdém primeiro, e, abandonando bruscamente toda idéia de regresso à Inglaterra, aceitou um lugar de imediato no *Patna*.

O *Patna* era um vapor da região, velho como as montanhas, magro como um lebréu e mais comido de ferrugem do que um caldeirão reformado. Propriedade de um chinês, estava fretado por um árabe, e comandado por uma espécie de renegado alemão da Nova Gales do Sul, sempre pronto a mal-dizer em público sua terra natal, mas não menos inclinado, sem dúvida por influência da política vitoriosa de Bismark, a brutalizar todos aqueles de quem não tinha medo; com uma cara “de fogo e sangue”, arvorava um nariz violeta e uma bigodeira ruiva. Depois de repintada a carcaça e branqueado o interior do *Patna*, acumularam nele uns oitocentos peregrinos.

Eles mergulhavam por três passadiços; avançavam impelidos pela fé e a esperança do paraíso; avançavam sem pausa, com um ruído surdo e desordenado de pés descalços, sem uma palavra, sem um murmúrio, sem um olhar para trás; sua onda estendia-se de popa a proa, enchia os mais profundos desvãos do barco,

como uma água que enche uma cisterna, como uma água que escorre pelas fendas, como uma água que sobe silenciosamente até a borda. Tinham-se reunido ali uns oitocentos homens e mulheres, pesados de fé e de esperança, de ternura e recordações; tinham acorrido do norte e do sul, e dos confins do Oriente; tinham palmilhado os atalhos da jângal, descido rios, passado de ilha para ilha em pequenas canoas, afrontado os sofrimentos, contemplado estranhos espetáculos; tinham sido assaltados por terrores novos e sustentados por um único desejo. Saíam de cabanas solitárias do deserto, de acampamentos populosos, de aldeias agrupadas à beira-mar. Ao apelo de uma idéia, haviam deixado suas florestas, suas clareiras, a proteção de seus chefes, sua prosperidade, sua pobreza, as visões de sua juventude e os túmulos de seus pais. Chegavam cobertos de poeira, de sol e de trapos, homens vigorosos à frente de suas famílias, míseros velhos que partiam sem esperança de regresso, jovens de olhar ousado que olhavam curiosamente, raparigas ariscas de longos cabelos esparsos, mulheres tímidas e veladas que apertavam contra o peito os filhos adormecidos, peregrinos inconscientes de uma exigente fé.

– Veja só aquele tipo! – dizia o comandante a seu novo imediato.

Um árabe, condutor da romaria, embarcou por último. Avançava lentamente, grave e belo, com a vestia branca e o largo turbante. Seguia-o um batalhão de servos, encarregados de sua bagagem. O *Patna* desamarrou e afastou-se do molhe. Atravessou obliquamente pelos veleiros ancorados, depois renteou um grupo de recifes. De pé à popa, o árabe recitava em voz alta a oração pelos que partem mar afora. Invocava para sua viagem o favor do Altíssimo, pedindo sua bênção para o trabalho dos homens e os desejos secretos de seu coração. Ao crepúsculo, a hélice batia a água calma do estreito e, longe, atrás do barco peregrino, um farol plantado pelos incréus parecia piscar para ele seu olho de flama, como que a zombar de sua missão de fé.

O *Patna* franqueou os estreitos, atravessou o golfo, seguiu a passagem do “Primeiro Grau”. Seguia direto para o mar Vermelho, sob um céu sereno, sob um céu tórrido e sem nuvens, sob um desperdício de sol que matava todo pensamento, apertava o coração, estancava qualquer impulso de força e de energia. E, sob o esplendor sinistro daquele céu, o mar azul e profundo permanecia impassível, sem um movimento, sem uma prega, sem uma ruga, viscoso, estagnado, morto. Com um leve siflo, o *Patna* cortava aquele plaino úmido e luminoso, desenrolava no céu seu negro penacho de fumo, deixava atrás de si, sobre a água, uma fita branca de espuma, logo apagada, como um fantasma de pista, traçada num mar morto por um fantasma de navio.

Cada manhã, o sol, como se houvesse em suas revoluções seguido a passo igual o curso da peregrinação, emergia, numa silenciosa explosão de luz, à mesma distância atrás do navio: alcançava-o ao meio-dia, dardejava sobre os piedosos desejos dos homens os fogos concentrados de seus raios e, tarde após tarde, mergulhava misteriosamente no mar, sempre à mesma distância da proa. De um extremo a outro, formavam as tendas em toldo claro sobre o convés, e um zunzum confuso, um surdo murmúrio de vozes tristes revelava apenas a presença de homens sobre a imensa reverberação do oceano. Assim deslizavam os dias, imóveis, quentes, pesados, um a um desaparecidos no passado, como se houvessem caído no abismo eternamente aberto ao rastro do navio, e, sozinha sob seu penacho de fumo, negro e fumoso na luminosa imensidão, prosseguia a nau sua rota imutável, varada pelo ardor de um céu impiedoso.

As noites desciam sobre ela como uma bênção.

CAPÍTULO 3

Invadia o mundo uma paz maravilhosa, e as estrelas pareciam lançar, com a serenidade de seus raios, uma promessa de eterna segurança sobre a terra. A lua se encurvava e, muito baixa sobre o horizonte, formava uma tênue casca de ouro; fresco e polido como um lençol de gelo, o mar da Arábia estendia a sua superfície perfeita até o círculo perfeito do horizonte obscuro. A hélice girava sem pausa, como se o seu bater fizesse parte de um universo bem regulado, e, nos dois flancos do *Patna*, duas pregas profundas da água, persistentes e sombrias sobre a claridade imóvel, englobavam, no afastamento de suas cristas retas, alguns brancos turbilhões de espuma que se desfaziam com um leve siflo, algumas vágulas, algumas rugas, algumas ondulações, que um instante ainda após a passagem do navio agitavam a superfície do mar, depois se abatiam num leve gluglu, confundidas de novo no círculo imóvel da terra e da água, do qual o ponto negro da concha movediça constituía o centro, eternamente.

No passadiço, Jim sentia-se penetrado da certeza de uma segurança e de uma paz sem limites, que se afirmava no imóvel silêncio da natureza, como se lê na calma ternura de um rosto de mãe a certeza de um todo-poderoso amor. Sob o teto das tendas, os peregrinos de uma exigente fé entregavam-se à sabedoria e coragem dos brancos, confiavam-se ao poderio dos incréus e à casca de ferro de sua embarcação. Dormiam sobre esteiras, sobre cobertas, sobre pranchas nuas, sobre todos os conveses, em todos os desvãos, envoltos em mantos de cor, ou enrolados em trapos sórdidos, pousavam a cabeça em pequenos fardos, ou a fronte apoiada nos braços entrelaçados – homens, mulheres, crianças, velhos e jovens, decrépitos e robustos, todos iguais perante o sono, irmão da morte.

Passando entre os altos galhardetes, pela obscuridade do convés, uma corrente de ar, provocada pela marcha do navio, circulava por cima das filas de corpos prostrados; chamas baixas abrigadas sob globos pendiam aqui e acolá das vigas e, nos círculos de luz confusa, que a incessante vibração do navio fazia estremecerem, apareciam um queixo erguido, duas pálpebras fechadas, uma escura mão ornada de anéis de prata, uma perna descarnada sob os buracos de uma coberta, uma cabeça caída, um pé nu, uma garganta descoberta e tensa, aparentemente oferecida à faca. Peregrinos ricos tinham disposto pesadas caixas e cobertas para abrigar suas famílias; os miseráveis jaziam lado a lado, com

todos os seus bens terrestres embrulhados num trapo colocado sob a sua cabeça; velhos dormiam solitários nos seus tapetes de oração, os joelhos erguidos, as mãos nas orelhas e um cotovelo de cada lado do rosto; um pai, com as espáduas erguidas e os joelhos sob a fronte, cochilava penosamente junto a seu filho estendido de costas, os cabelos esparsos e um braço imperiosamente alongado; uma mulher, coberta dos pés à cabeça, como um cadáver, com um pano branco, aconchegava uma criança nua em cada um dos braços. Empilhadas atrás, as bagagens do árabe formavam uma pesada mole de linhas quebradas, com uma lâmpada oscilante em cima; mais além esfumava-se uma confusão de formas vagas; brilho de ventrudas bilhas de cobre, armação de uma espreguiçadeira, ferros de lança, bainha reta dum velho sabre apoiada a um monte de travesseiros, o gargalo de uma cafeteira de estanho. No alto, o *loch* soava de tempos a tempos, emitindo um golpe único para cada milha da missão de fé. Por cima da massa dos que dormiam passava às vezes um fraco suspiro, expressão de um sonho agitado, e secos ruídos metálicos, brotados de repente das entranhas do navio, duro rascar de pás ou baque de uma porta de forno, estalavam rudemente, como se os homens, entregues nas profundezas a alguma tarefa misteriosa, explodissem em furiosas cóleras. Enquanto isso, a esbelta e alta querena do vapor prosseguia sua rota igual, sem uma inclinação dos mastros desnudos, fendendo incansavelmente a calma das águas, sob a inacessível serenidade do céu.

Jim caminhava pelo passadiço e, no vasto silêncio, seus passos soavam a seus ouvidos como se tivessem acordado ecos nas estrelas atentas; seus olhos, errando sobre a linha do horizonte, pareciam mergulhar avidamente no insondável, sem distinguir a sombra do acontecimento prestes a suceder. A única sombra sobre o mar era a sombra da fumaça negra, cujo imenso penacho, pesadamente tombado da chaminé, continuamente se estendia e dissolvia no ar. Dois malaios silenciosos e quase imóveis sustentavam a roda, cujo cobre brilhava intermitente. Uma mão de dedos negros, aparecida na claridade, segurava e soltava sucessivamente os raios móveis. Jim examinava a bússola, sondava o horizonte e, num grande bem-estar, espreguiçava-se até estalar as juntas, com uma torção lenta de todo o corpo; ante aquela paz universal, sentia-se indiferente a tudo o que lhe pudesse suceder na vida. De tempos a tempos, lançava um indolente olhar para uma carta fixada a uma tripeça baixa, atrás do leme. O mapa que representava o oceano oferecia, à luz de uma lanterna surda, uma superfície tão unida, tão lisa como a superfície luzidia do mar. Duas réguas paralelas e um par de compassos estavam pousados sobre a carta; a posição do navio, tomada ao meio-dia, era indicada por uma cruzinha negra, e a linha reta, traçada com um

firme risco de lápis até Perim, marcava a rota do navio, o caminho das almas para o Santo Lugar, a promessa de salvação, a certeza de recompensas eternas. O lápis, com a sua ponta afilada contra a costa dos somalis, jazia imóvel como um destroço flutuando numa angra, ao abrigo de um cais. “Como marchamos bem!”, pensava Jim espantado, com uma espécie de gratidão por aquela grande paz do mar e do céu. Naquele momento, ele não sonhava mais que ações valorosas; acariciava aqueles pensamentos, que formavam a melhor parte de sua vida, sua verdade secreta e sua realidade oculta. Dotados de uma virilidade suntuosa e do encanto da imprecisão, eles passavam diante de Jim num desfile heróico, levavam-lhe a alma, que embriagavam com o filtro divino de uma infinita confiança em si própria. Não havia obstáculo que ele não ousasse afrontar. Esta idéia lhe era tão cara, que ele sorria com os olhos maquinalmente fixos diante de si e, quando lançava um olhar para trás,via o rastro branco aberto sobre o mar pela quilha do barco, tão reto como a linha negra traçada sobre a carta pelo lápis.

Ouviu o ruído dos baldes de cinza, alçados e descidos na fornalha, e esse ruído de metal anunciou-lhe que o fim de seu quarto se aproximava. Suspirou de contentamento, e também de pena de deixar aquela serenidade que tanto exaltava a aventurosa liberdade de seus pensamentos. Tinha um pouco de sono e sentia um langor delicioso percorrer todos os seus membros, como se o sangue de seu corpo se tivesse mudado em leite morno. O capitão, de pijama entreaberto, subira sem ruído ao convés. Mal desperto, o rosto vermelho, o olho esquerdo semicerrado, o direito com um olhar estúpido e vítreo, ele inclinava sua grande cabeça sobre a carta, coçando maquinalmente as costelas. Havia qualquer coisa de obsceno no aspecto daquela carne nua. Mole e gordalhufo, o seu peito luzia, como se ele tivesse suado a sua graxa durante o sono. Fez uma observação voz rude e seca; a parte inferior de seu duplo queixo pendia como um saco solidamente amarrado aos ângulos de sua queixada. Jim estremeceu e sua resposta foi cheia de deferência, mas, como se pela primeira vez a tivesse visto, a odiosa e gorda silhueta se fixou para sempre em sua memória, encarnação de toda a vilania, de toda a baixeza que andam por este mundo que nós amamos, que se aninham nos próprios corações de que esperamos tudo, entre os homens que nos cercam, nos espetáculos que se deparam a nossos olhos, no som que chega a nossos ouvidos, no ar que enche nossos pulmões.

Descendo suavemente, o tênue caco de lua se perdera sobre a superfície escura das águas, e a eternidade parecia vir de trás do céu para se aproximar da terra com o cintilar acentuado das estrelas, e a sombra mais profunda sob o domo translúcido que cobria o disco chato de um mar opaco. Avançava tão suavemente o barco que seu movimento era imperceptível aos sentidos dos

homens, como se fosse ele um planeta superpovoado, deslizando através dos sombrios espaços do éter, por trás dos enxames de estrelas, nas formidáveis e calmas solitudes que esperam o sopro das criações futuras.

− Não há palavras que exprimam o calor que faz lá dentro! − gemeu uma voz.

Jim sorriu sem voltar-se. O capitão apresentava ao recém-chegado um largo dorso imóvel; era uma atitude do renegado, que gostava de assim patentear seu desdém por um interlocutor, quando não preferia voltar-se para ele com um olhar furibundo, antes de desencadear uma torrente escumosa de palavras insultantes, brotadas de sua boca como um jorro de esgoto. No momento, ele contentou-se em emitir um resmungo de impaciência; no último degrau da escada, o segundo mecânico amassava nas mãos úmidas um esfregão graxento, prosseguindo na litania de suas queixas. Os outros viviam à fresca no passadiço, e que o enforcassem se ele pudesse dizer para o que serviam no mundo. Os pobres-diabos dos mecânicos, que deviam assegurar a marcha do navio, bem poderiam fazer o resto também, e...

− Pare com isto! − gritou brutalmente o alemão.

− Ah, sim, pare com isto!... E, quando alguma coisa vai mal, a culpa é nossa, não?! − recomeçava o outro. Ele estava recozido... Aqueles três últimos dias tinham sido em verdade uma preparação para o outro mundo... O diabo! Sem contar que ele estava quase completamente ensurdecido pelo barulho! Ah! Aquela maldita máquina! Toda aquela ferramenta enferrujada! Sim, o diabo... Ele...

− Onde diabo andou você bebendo? − perguntou o alemão num tom furioso, mas sem fazer o mínimo movimento. Jim continuava a sorrir para o horizonte fugitivo; seu coração era cheio de impulsos generosos, e seu espírito se comprazia em sua própria superioridade.

− Bebendo? − repetia o mecânico. − Mas não com o senhor! Ah! O senhor preferiria deixar um cristão rebentar a dar-lhe uma gota de *Schnaps*! Eis a ordem dos alemães: economia de tocos de vela e prodigalidade... − Ele tornava-se sentimental; o chefe lhe dera dois dedos de aguardente, pelas dez horas, “mas somente uma vez”, o bom do velho! Quanto a tirá-lo de seu leito, ah!, nem com um guindaste! Pelo menos naquela noite. Ele dormia tranqüilo como uma criancinha, com uma garrafa de aguardente de primeira sob seu travesseiro.

Da garganta espessa do capitão saía um ruído surdo, onde ia e vinha a palavra *Schwein*, modulada em notas altas e baixas, como flutua uma pluma ao

vento. O primeiro mecânico e ele eram antigos camaradas, ambos a serviço, há vários anos, daquele velho chinês jovial e astuto, de lunetas de tartaruga e veneráveis cabelos grisalhos entrançados com fita de seda vermelha. A opinião geral, nos portos onde parava o *Patna*, era que, em matéria de fraudes impudentes, "aqueles dois tinham feito juntos mais ou menos tudo quanto se podia imaginar". Exteriormente, eram pouco favorecidos, um carrancudo, olhar mortiço, um amontoado de carnes moles, o outro magro, com uma longa cabeça ossuda de cavalo velho, faces amarelas, têmporas cavadas, com um olhar vítreo e indiferente sob órbitas profundas. Um dia, fora arremessado a qualquer parte do Oriente, em Cantão, Xangai ou Iocoama; sem dúvida pouco se importava ele de rememorar o lugar exato e muito menos a causa desse naufrágio. Uns vinte anos antes, fora a pontapés simplesmente, por indulgência para com sua juventude, que o haviam expulsado de seu navio, e as coisas teriam ido depois tão mal que a lembrança desse episódio guardava apenas para ele um laivo de amargura. Graças à expansão naqueles mares da navegação a vapor, e à raridade primitiva de homens do ofício, ele acabara, a sua maneira, por abrir seu caminho. Apressava-se, com um murmúrio lúgubre, a informar os estrangeiros de que era "um velho estradeiro daquelas paragens". Quando se movia, supunha-se ver um esqueleto avançar sob seus hábitos; seus passeios não eram, aliás, mais que uma caminhada errante, a pitar sem gosto um longuíssimo cachimbo; ele fumava com uma gravidade imbecil, como um pensador que tira da visão brumosa de uma verdade um sistema de filosofia. Nada liberal, ordinariamente, com sua provisão de bebida, afastara-se no entanto, aquela noite, de seus princípios, e o imprevisto de tal generosidade, bem como a força do licor, haviam tornado feliz, impudente e tagarela seu imediato, um cabeça-fraca. O furor do patrão era extremo; ele soprava como uma bomba de esgoto e Jim, meio divertido com a cena, esperava no entanto com impaciência o momento de descer a sua cabine; os dez últimos minutos do quarto eram irritantes como a fuzilaria de um canhão; aqueles homens não pertenciam ao mundo das aventuras heróicas; não eram maus tipos, contudo... O alemão, mesmo... O coração de Jim irritou-se ante a massa de carne palpitante, de onde saíam resmungas úmidos, uma onda lamacenta de expressões torpes; mas ele sentia-se muito voluptuosamente enlanguescido para odiar o que quer que fosse. A essência íntima daqueles homens era sem importância; Jim acotovelava-se com eles, mas não podiam atingi-lo; compartilhava do ar que respiravam, mas era diferente deles... Iria o patrão lançar-se sobre o mecânico?... A vida era fácil e ele estava muito seguro de si próprio, muito seguro de si próprio para... A linha que separava sua cisma de um leve cochilo era mais fina que uma teia de aranha.

Por uma fácil transição, o segundo mecânico chegava a considerações sobre o estado de suas finanças e sobre sua coragem.

− Bêbado?... Quem, eu?!... Não, não, capitão! Nada disso! O senhor devia saber que o chefe não é bastante generoso para embebedar um passarinho! Eu nunca me senti mal depois de beber, e ainda está para ser encontrado o líquido que me possa embriagar *a mim!* Eu poderia beber fogo líquido enquanto o senhor bebesse uísque, copo por copo, e eu ficaria frio como gelo. Se eu me julgasse bêbado, saltaria à água, que diabo! Para acabar mais depressa? Sim, sem hesitar!... Imediatamente. Não, não deixarei o passadiço! Onde quer o senhor que eu tome a fresca, numa noite assim? No convés, com aquela gentalha? Decerto, não? Oh! Eu não tenho medo do que o senhor possa fazer!

O alemão ergueu para o céu dois grossos punhos, que sacudiu um instante sem dizer palavra.

− Eu não sei o que é o medo − continuava o outro, com o entusiasmo das convicções sinceras. − Eu não tenho medo de nada neste barco podre! E ainda é uma sorte para o senhor que haja no mundo gente como nós, que não treme por seu couro; onde estaria o senhor sem gente como essa, o senhor e sua velha barcaça, com velas de papel de embrulho, de papel, está ouvindo? Muito lindo para os que se arranjam, como o senhor, de maneira a tirar uma boa maquia, mas, a mim, que é que isso me traz?... Cento e cinqüenta míseros dólares por mês... e arranje-se!... Eu lhe pergunto respeitosamente, respeitosamente, não?, se não será caso para a gente largar para sempre um maldito negócio como este! Nenhuma segurança, está ouvindo? Nenhuma segurança... Somente que eu, eu sou um desses homens intrépidos....

Ele largou a balaustrada e traçou grandes gestos no ar, como para exprimir a força e a extensão de seu valor; seus gritos agudos ressoavam prolongadamente sobre o mar; deu, na ponta dos pés, alguns passos para diante e para trás, como que para imprimir mais peso às suas palavras, e precipitou-se de súbito, com a cabeça para frente, como se houvesse recebido uma cacetada na nuca. Soltou uma praga, ao cair, e seu grito foi seguido de um instante de silêncio. Simultaneamente, Jim e o capitão se haviam arremessado para a frente; agora erguiam-se, tesos, olhando com estupor a superfície impassível do mar. Depois ergueram os olhos para as estrelas.

Que tinha acontecido? O resfolegar das máquinas continuava. Havia a terra parado no seu curso? Eles não compreendiam e, de repente, o mar calmo, o céu sem nuvens lhes pareceram terrivelmente instáveis na sua imobilidade, como se

eles houvessem tremido à borda de um abismo de destruição. Um flébil rumor de trovoada, de trovoada infinitamente longínqua, menos que um rumor, apenas uma vibração, foi perceptível um instante, e o barco tremeu um instante, como se a trovoada tivesse ressoado muito longe, sob a água. Da barra, os olhos brilhantes dos dois malaios voltaram-se para os brancos, mas suas mãos escuras continuaram firmes nas manivelas. A frágil concha prosseguia sua rota; pareceu ondular, erguer-se de um extremo a outro algumas polegadas, depois volveu à sua rigidez, para fender de novo a superfície unida das águas. Seu frêmito acalmou e o flébil rumor de trovoada calou-se bruscamente, como se o barco houvesse atravessado uma estreita faixa de água e ar vibrantes.

CAPÍTULO 4

Um mês mais tarde, esforçando-se por satisfazer a perguntas formais, por dizer honestamente tudo quanto sabia do incidente, Jim declarava, falando do navio:

– Ele passou por cima do obstáculo, sem maior trabalho que uma cobra que desliza por um bastão.

A comparação era justa; as questões visavam a fatos precisos, e o inquérito oficial prosseguia num tribunal de simples polícia de um porto do Oriente. No banco das testemunhas, com as faces ardentes, Jim dominava o público acumulado na alta sala fresca; bem acima da sua cabeça, os quadros largos dos *punkahs* iam e vinham suavemente, e, de baixo, inúmeros olhos o fitavam, olhos de caras escuras, de caras brancas, de caras vermelhas, de caras atentas e absortas, como se todas aquelas pessoas assentadas em fila nos bancos estreitos estivessem presas à fascinação de sua voz. Aquela voz, muito forte, soava violentamente a seus próprios ouvidos; era o único ruído que havia no mundo, pois as questões terrivelmente precisas que lhe arrancavam as respostas pareciam concretizar-se no seu peito em uma dolorosa angústia e lhe chegavam pungentes e silenciosas como o interrogatório de sua própria consciência. Fora, o sol fulgurava; na sala, havia o vento dos grandes *punkahs*, que causava arrepios, a vergonha que queimava, os olhos atentos cujo olhar lhe trespassava o coração. Glabro e impassível, o rosto do magistrado presidente aparecia a Jim mortalmente pálido, entre as faces vermelhas de seus dois assessores marítimos. De uma clarabóia, tombava a luz sobre a cabeça e as espáduas dos três homens, e eles se destacavam com uma nitidez terrível na penumbra do grande tribunal, onde o auditório parecia formado de sombras de olhar fixo. Eles queriam fatos. Fatos! Eles lhe pediam fatos, como se os fatos pudessem explicar alguma coisa!

Depois de haver compreendido que acabavam de chocar-se com um destroço flutuante, um casco meio submerso talvez, ordenou-lhe o seu capitão que fosse ver na proa se o barco tinha sofrido uma avaria.

– Acredita a coisa provável segundo a força do choque?

– perguntava o assessor da esquerda. Tinha um colar de barba falha e maçãs salientes; com os dois cotovelos sobre a mesa, ele juntava as mãos rudes diante

do rosto, fixando em Jim seus olhos de um azul pensativo. Desdenhoso e maciço, o segundo assessor se refestelava em sua cadeira e, com o braço estendido em todo o comprimento, tamborilava delicadamente com a ponta dos dedos sobre o seu mata-borrão. No meio, o magistrado, teso na sua vasta poltrona, com a cabeça levemente inclinada para o ombro, cruzava os braços sobre o peito; algumas flores se estiolavam num vaso de vidro, ao lado de seu tinteiro.

– Não – respondeu Jim.

– Foi-me recomendado que não chamasse ninguém, nem fizesse ruído algum, para não despertar o pânico. Achei a precaução judiciosa. Tomei uma das lâmpadas penduradas às tendas, para proceder ao exame. Abrindo a primeira escotilha, ouvi um rumor de água. Desci a minha lâmpada na extremidade de sua corda e vi que o porão da proa estava já mais da metade cheio de água. Compreendi que devia haver um grande buraco abaixo da linha de flutuação.

– Ele parou.

– Bem – murmurou o gordo assessor, com um sorriso cismarento dirigido a seu mata-borrão; seus dedos não cessavam de brincar e tocavam o papel sem ruído.

– De momento, eu não pensei no perigo. Fiquei espantado, sim: a coisa acontecera tão suavemente e tão de súbito! Sabia que não havia entre o porão e o convés da proa outra separação além do madeirame do assoalho. Subi para prevenir o capitão. Encontrei, ao pé da escada do passadiço, o segundo mecânico, que se levantava: parecia atordoado e declarou-me que supunha haver quebrado o braço esquerdo; tinha escorregado do alto da escada, ao descer, enquanto eu estava na proa. Exclamou: “Meu Deus! Este tabique podre vai ceder dentro de um minuto e este maldito tamanco vai afundar a nossos pés como uma barra de chumbo!” Ele me afastava com o braço válido para passar adiante de mim e subir a escada. Gritava sem cessar e seu braço esquerdo lhe pendia ao lado. Cheguei a tempo para, ver o capitão arremessar-se sobre ele e jogá-lo ao chão com uma bofetada. Não lhe bateu mais, mas inclinou-se sobre o corpo para falar-lhe em voz baixa, furiosamente. Creio que lhe perguntava por que diabo não ia ele fazer parar as máquinas, em lugar de fazer aquele barulhão no convés. Ouvi-o gritar: “Levante-se! Ande! Depressa!” Ele praguejava. O mecânico subiu penosamente a escada, contornou a escotilha e correu, gemendo, à capota da caldeira.

Jim falava lentamente; os pormenores lhe vinham ao espírito com uma

vivacidade e uma nitidez perfeitas; ele teria podido, como um eco, repetir os gemidos do mecânico, para plena edificação daqueles homens, que exigiam fatos. Após um primeiro momento de revolta, acabava por compreender que só uma deposição precisa e minuciosa poderia tornar sensível àquela gente o verdadeiro horror da situação sob a aparência abominável. Os fatos que aqueles homens estavam tão curiosos de conhecer tinham sido visíveis, tangíveis, submissos aos sentidos; haviam tido o seu lugar no espaço e no tempo, e exigido para a sua realização um vapor de 1400 toneladas e 27 minutos de relógio; eles formavam um todo, com traços característicos, nuanças de expressão, um aspecto complicado, do qual a vista podia guardar a lembrança, mas também com qualquer coisa a mais, qualquer coisa de invisível, um espírito agente de perdição, uma vontade oculta, uma alma malévola num corpo detestável. Era isso que Jim se esforçava por explicar. Não se tratava de um caso comum; o menor fato tomava ali uma importância primordial, e felizmente ele se lembrava de tudo. Continuava a falar, em atenção à verdade, mas talvez por si mesmo também; sua palavra era segura, mas seu espírito se encarniçava em torno do círculo compacto de fatos que haviam surgido de toda parte em torno de si para separá-lo do resto dos homens; agitava-se como um animal prisioneiro numa cerca de altos renques, que tenta a noite inteira encontrar na paliçada um ponto fraco, uma abertura por onde escapar-se. Essa horrível atividade de espírito o fazia hesitar às vezes.

– O capitão ia e vinha pelo convés; parecia bastante calmo, mas tropeçava de quando em quando e, no momento em que lhe falei, topou comigo de frente, como um cego. Não dava resposta precisa ao que eu lhe dizia. Resmungava baixo; tudo o que eu percebia eram palavras como: “Diabo!... Maldito vapor!...” qualquer coisa a propósito de vapor... Eu pensava...

Jim extravagava; uma pergunta incisiva cortou bruscamente o seu depoimento, como um espasmo de dor, e ele foi tomado de um desânimo, de uma lassidão extrema. Ele ia chegar lá... e agora, brutalmente interrompido, cumpria-lhe responder sim ou não. Lealmente ele respondeu: “Sim, é verdade!”, e, loiro, grande, com seus olhos melancólicos, mantinha-se teso no banco, enquanto sua alma se estorcia de dor. Teve de responder a outra questão, precisa, inútil, e esperou de novo. Sua boca estava seca e sem gosto, como se tivesse engolido poeira, depois salgada e amarga, como após um gole de água do mar. Enxugava a fronte úmida, passava a língua pelos lábios empergaminhados, sentia um arrepio percorrer-lhe a espinha. Indiferente e moroso, o gordo assessor baixara a fronte e tamborilava em silêncio. Os olhos do outro pareciam, através dos seus dedos juntos e tocados de sal, irradiar bondade. O magistrado inclinara-

se para a frente, seu rosto pálido se curvou sobre as flores, depois, reclinando-se no braço da cadeira, ele pousou a fronte na palma da mão. O vento dos *punkahs* passava sobre as cabeças, sobre os indígenas de cor sombria, enrolados nos panos amplos, sobre os europeus a suar nas suas vestes de brim, tão justas aparentemente como suas próprias peles, com os seus capacetes de cortiça sobre os joelhos; nas suas longas roupagens brancas, os serventes do tribunal deslizavam ao longo das paredes, corriam de um lado a outro, de pés nus, alertas, silenciosos, com seus cintos e turbantes vermelhos.

Perdidos sobre a multidão, no intervalo das respostas, os olhos de Jim acabaram por pousar num branco assentado à parte; tinha uma fisionomia lassa e preocupada, mas o olhar de seus olhos calmos e claros era reto e atento. Jim respondeu a uma nova questão com a tentação de gritar: “Mas para que, para que tudo isto?” Bateu ligeiramente com o pé, mordeu o lábio e lançou ao longe um olhar que encontrou os olhos do branco: O olhar daqueles olhos não era fascinado como o dos outros; era um ato de vontade inteligente. Entre duas questões, Jim distraiu-se ao ponto de achar tempo para uma reflexão: “Aquele homem me olha como se visse alguma coisa ou alguém atrás de mim”. Já o encontrara uma vez, na rua, sem dúvida. Estava certo de nunca lhe haver falado. Há dias, há inúmeros dias que ele não falava a ninguém, mas entretivera consigo mesmo colóquios silenciosos, incoerentes, sem fim, como um prisioneiro na sua cela, ou um viajante perdido no deserto. Agora, respondia ele a questões, fúteis não obstante o seu objeto preciso, mas duvidava de que, futuramente, pudesse jamais falar a quem quer que fosse. O próprio som de suas palavras, de seu sincero depoimento, reforçava a sua convicção de que a linguagem não mais lhe poderia ser de utilidade alguma. E aquele homem, ali, parecia compreender essa intransponível dificuldade. Jim olhou-o, depois voltou-se, como num adeus definitivo.

E mais tarde, muitas vezes, em longínquas regiões do mundo, Marlow gostava de contar suas recordações acerca de Jim, de fio a pavio, com luxo de detalhes.

Muitas vezes, era após a janta, numa varanda circundada de imóveis folhagens e toda florida; as brasas dos charutos furavam a sombra profunda; as longas cadeiras de vime sustentavam cada uma um ouvinte silencioso. De vez em quando, um pequeno clarão vermelho se movia, aclarava os dedos de uma preguiçosa mão, um trecho de rosto em perfeito repouso, ou acendia uma flama purpurina num par de olhos pensativos; desde as suas primeiras palavras, o corpo de Marlow, displicentemente estirado na cadeira, imobilizava-se, como se

seu espírito, distendendo as asas, houvesse remontado o caminho do tempo para vir falar por seus lábios, do fundo do passado.

CAPÍTULO 5

– Mas sim – dizia ele –, eu assistia ao inquérito, até me pergunto o que teria conduzido os meus passos até lá. Admito que nós todos tenhamos um anjo da guarda, se vocês me concederem que cada um de nós possui também o seu demônio familiar. Peço-lhes que o admitam, pois eu não gosto de sentir-me excepcional em coisa alguma, e estou certo de possuir um, um demônio, entende-se. Nunca o vi, naturalmente, mas todas as circunstâncias da vida me demonstram a sua existência. Ele se conserva perto de mim, e é a sua costumeira malignidade que me lança nesse gênero de aventuras. Que aventuras, perguntam? Mas a do inquérito! Essa espécie de acaso que, por vias indiretas, imprevistas e verdadeiramente diabólicas, coloca no meu caminho homens tarados de pontos fracos, penados de rudes misérias e de chagas secretas, por Júpiter! e que lhes solta a língua em minha presença e os leva às suas infernais confidências como se em verdade já não tivesse eu bastantes confidências a me fazer a mim próprio, como se – Deus me perdoe – eu já não tivesse bastantes pensamentos secretos para me roerem o coração até o meu derradeiro dia! E que faço eu para conseguir tal favor?! Asseguro-lhes que ando tão preocupado com os meus próprios cuidados como os meus vizinhos e que tenho tanta memória como a média dos peregrinos deste vale de lágrimas; bem estão vendo que não sou especialmente designado para receptáculo de confissões. Então, por quê? Não sei dizer... a não ser que seja para ajudar-me a matar o tempo depois do jantar. Carlos amigo, a sua mesa era excelente, e de natureza a fazer esses senhores considerarem um *whist* pacifico como uma ocupação violenta. Eles se refestelaram em suas boas poltronas, dizendo: “Ao diabo o trabalho! Deixemos falar esse Marlow!”

Falar! Seja! Não é muito difícil falar de Mestre Jim, ao sair de um bom jantar, a 200 pés acima do mar, com uma caixa de charutos convenientes à mão. É uma dessas benditas noites estreladas e frescas, próprias para fazer esquecer aos melhores dentre nós que estamos aqui apenas por tolerância e que devemos procurar nosso caminho na treva, com a eterna inquietação de dar a cada minuto um passo irremediável, com a apreensão de saber que, se guardamos ainda alguma esperança de sair-nos bem, não temos nenhuma certeza disso, e não podemos esperar nenhum auxílio sério das pessoas com que nos acotovelamos. Há homens, evidentemente, para quem a vida se assemelha a este fim de jantar,

com um bom charuto, e para quem ela é fácil, doce, vazia, quando muito animada às vezes por alguma luta imaginária, logo esquecida.

Foi no decurso do inquérito que meus olhos se toparam com os seus pela primeira vez. Saibam que todos quantos tinham ligação próxima ou longínqua com o mar estavam na audiência, pois a coisa era notória há vários dias depois daquele misterioso despacho de Áden que desencadeara todos os falatórios. Digo misterioso porque comportava uma parte de mistério, embora afirmasse um fato nu e cru. Ninguém falava a não ser naquilo. De manhã, enquanto me vestia na cabina, o primeiro rumor que me veio aos ouvidos foi a voz do meu Parsi Dubash, tagarelando com o *steward* sobre o negócio do *Patna*, diante de uma taça de chá que, por favor especial, lhe serviam. Em terra, depois, conhecido com que eu topasse logo me ia dizendo: “Já viu coisa igual?”, e, segundo a sua natureza, o homem sorria cinicamente, tomava um ar contrito, ou soltava algumas pragas. Pessoas inteiramente estranhas umas às outras abordavam-se familiarmente, no simples intuito de aliviar o espírito sobre o assunto, e a coisa servia de pretexto, aos malandros da cidade, para libações copiosas; martelavam a respeito os ouvidos da gente nos armazéns do porto, nos escritórios; os brancos, os mestiços, os indígenas, até os barqueiros seminus, acocorados nos degraus de pedra que a gente subia, todo mundo falava daquilo, por Júpiter! O negócio provocava alguma indignação, muitas troças, mas sobretudo discussões sem fim. Isto durante duas semanas ou mais, e começava a prevalecer a opinião de que o mistério bem poderia redundar em tragédia, quando, uma bela manhã, achando-me no porto, vi quatro homens que se dirigiam para mim ao longo do cais. Eu perguntava a mim mesmo de onde poderia ter saído aquele singular grupo, quando, de súbito, gritei verdadeiramente para mim próprio: “Ei-los!”

E eram eles mesmos, com efeito, três dos quais de porte comum, e o quarto mais volumoso que de direito num indivíduo humano; acabavam de desembarcar, com um bom almoço na barriga, de um vapor da linha Dale, surto no porto, a caminho do Oriente, uma hora antes do sair do sol. Não havia engano possível e, à primeira vista, eu reconhecera o jovial patrão do *Patna*, o homem maior de toda a região tropical. Tinha-o aliás encontrado já em Samarang, nove ou dez meses antes. Carregavam o seu vapor e, da manhã à noite, dia após dia, ele maldizia das instituições tirânicas do império alemão, encharcando-se de cerveja.

Da sombra, eu o observava; caminhava um pouco adiante de seus companheiros, e o sol lhe ressaltava a enormidade. Lembrava um jovem elefante amestrado, a andar sobre as patas traseiras. Trajava de um modo ridiculamente

vistoso, com um pijama sujo, de listras verticais verdes e laranja, com chinelos desbeiçados e um boné muito estreito. Bem compreendem que um homem desses não se pode apresentar muito bem quando é preciso arranjar roupas emprestadas. Dava grandes passadas, sem um olhar à direita ou à esquerda, passou a 3 pés de mim e, na inocência de seu coração, subiu a galope a escada do escritório do porto, para prestar seu depoimento.

Dirigiu-se a princípio ao primeiro mestre da navegação. Archie Ruthwell acabava de chegar e começava seu dia, como ele próprio o conta, passando um carão no seu primeiro comissário. Era um mestiço português... Algum de vocês decerto o conheceu... Um rapaz muito serviçal e sempre pronto a filar qualquer coisa, em matéria de vitualhas, dos patrões de navios: porco salgado, saco de bolachas, batatas, que sei eu? Numa de minhas viagens, dei-lhe um carneiro vivo que me ficara a bordo, não porque eu quisesse pedir-lhe alguma coisa, mas porque a sua fé pueril no seu direito sagrado às gratificações me tocava o coração. Tal convicção tornava-se bela à força de ser profunda. A raça... as duas raças , antes... e o clima... Mas vamos adiante! Eu sei agora onde encontrar um amigo para o resto dos meus dias.

Ruthwell conta, pois, que lhe administrava um bom sermão – sobre a moralidade do funcionário, sem dúvida –, quando sentiu, nas costas, uma espécie de choque amortecido e, segundo seus próprios termos, viu, ao voltar a cabeça, qualquer coisa de redondo e enorme, vestida de flanela listrada e plantada no meio do escritório. O estupor impediu-o, a princípio, de notar que aquilo era uma coisa viva. Ficou imóvel, a indagar consigo próprio com que fim e por que meio fora aquele objeto trazido ao seu escritório. A porta da antecâmara estava obstruída pelos abanadores de *punkah*, os varredores, os homens da polícia, o capataz e os estivadores do porto, todos alongando o pescoço e trepando às costas uns dos outros: Uma verdadeira manifestação. Entretanto, o indivíduo acabara por tirar o chapéu e avançava com pequenas mesuras para Ruthwell, para o qual era tão desconcertante o espetáculo, que ele a princípio escutou sem poder atinar com o que queriam de si. A grande massa falava com uma voz dura e morna, mas intrépida, e pouco a pouco se foi fazendo a luz na cabeça de Archie; compreendeu que se tratava do assunto do *Patna*. Sentiu-se a contragosto logo que identificou o homem (Archie é muito impressionável e perde a tramontana fàcilmente); mas gritou:

– Pare, eu não posso ouvi-lo; o senhor tem de ir à Chefia; é ao Capitão Elliott que o senhor deve contar a sua história; por aqui, por aqui! – Ergueu-se, deu volta, correndo, à longa mesa; empurrava o homem, que, malgrado sua surpresa,

deixou-se a princípio conduzir docilmente; mas, à porta do escritório da Chefia, uma espécie de instinto animal o sacudiu, fazendo-o bufar como um touro incomodado.

– Vamos! Vamos! Que é isso comigo?! – Archie empurrou violentamente a porta, sem bater.

– O patrão do *Patna*, senhor! – gritou ele.

– Entre, capitão! – Ele viu o velhote erguer a cabeça dos seus papéis com tal vivacidade que derrubou o *pince-nez*; sem esperar mais, Ruthwell fechou a porta e correu ao escritório, onde papéis esperavam a sua assinatura, mas o barulho que rebentou lá no gabinete do chefe era tamanho, que ele não pôde conseguir serenidade bastante para redescobrir a ortografia de seu nome. Archie é o mais sensível dos mestres da navegação dos dois hemisférios. Ele afirma que tinha a impressão de haver lançado um homem a um leão esfaimado. Cumpre confessar que o ruído era violento; eu o ouvia de baixo, e suponho que se ouvia de um lado a outro da esplanada, até o quiosque de música. O velho Elliott tinha um bom repertório de expressões veementes e sabia gritar, sem se importar com quem. Era capaz de gritar até com o vice-rei, pois, como ele me dizia: “Eu tenho o meu bastão de marechal e minha pensão está garantida, pus algumas libras de parte e, se não estão contentes com a minha noção do dever, tanto melhor, pois volto para a minha casa. Sou um velho e nunca ocultei minhas opiniões. Todo o meu desejo agora é ver as minhas filhas casadas antes da minha morte”. Neste ponto, ele era um pouco tocado. Suas três filhas eram encantadoras e, nas manhãs em que ele se acordava preocupado com as suas perspectivas matrimoniais, o escritório lia a coisa nos seus olhos e tremia, “porque”, diziam aqueles jovens, “era certo que ele ia almoçar alguém”.

Contudo, naquela manhã ele não comeu o renegado, mas, se me permitem continuar a metáfora, mastigou-o em pedacinhos e cuspiu-o fora...

Assim, não tardei em rever a massa monstruosa descer às pressas e parar no primeiro degrau da escada. Mergulhado numa meditação profunda, o homem conservava-se bem perto de mim; suas grandes bochechas violáceas tremiam. Ele mordia o polegar, e acabou por se aperceber da minha presença; lançou-me de soslaio um olhar irritado. Os três homens desembarcados com ele formavam um pequeno grupo a alguma distância. Havia um homenzinho magricela, pálido, com um braço em tipóia, e um alto, vestido de flanela azul, seco como um arenque e magro como um cabo de vassoura, que olhava em derredor, por cima do seu bigode gris tombante, com um ar de imbecilidade displicente. O terceiro

era um jovem de ombros largos; teso, com as mãos nos bolsos, ele voltava as costas aos dois outros, que pareciam empenhados em animada discussão. Ele olhava a esplanada deserta. Uma guimbarda desconjuntada, de estores poeirentos, parou perto do grupo, e o cocheiro, colocando o pé direito sobre o joelho esquerdo, absorveu-se no exame crítico dos seus artelhos. O jovem não fazia um movimento, nem com a cabeça; ele olhava para a luz. Tal foi a minha primeira visão de Jim. Ele tinha essa displicência altiva de que só os jovens podem dar mostras. Conservava-se ali, firme de vulto e de face, sólido sobre as suas gâmbias, tão rico de promessas como o poderia ser sob o sol qualquer outro rapaz de sua idade, e, ao olhá-lo, eu, que sabia tudo o que ele próprio sabia, e um pouco mais ainda, sentia-me um tanto irritado. Ele não tinha o direito de estar com aquela cara! Era embrutecimento ou desafio? Parecia prestes a assobiar.

– Aquele velho celerado lá em cima me chamou de cão! – resmungou o capitão do *Patna*. Eu não saberia dizer-lhes se este me reconheceu; creio que sim, mas, em todo caso, nossos olhares se cruzaram. Ele arregalou os olhos, eu sorri, pois esse termo de cão era o mais anódino dos epítetos que me haviam chegado pela janela aberta.

– Ah! Sim?! – exclamei.

Ele fez um sinal com a cabeça, mordeu de novo o polegar e praguejou em voz baixa. Depois, erguendo a fronte e olhando-me com uma colérica impudência:

– Pah! Pacífico ser grande, meu amigo! Focês poder fazer tudo, focês que são ingleses, mas eu sei pem onde hafer lugar para homem como eu! Mim ser pem conhecido em Apia, em Honolulu, em...

Ele fez uma pausa meditativa, enquanto eu imaginava com facilidade a espécie de gente de que ele podia ser conhecido naqueles lugares. Há momentos em que a gente deve fazer como se a vida fosse tão agradável numa companhia como em qualquer outra; conheci momentos semelhantes, e o melhor é que eu não fazia caretas ante tais emergências: numa companhia que peque por falta de – como dizer? de linha moral, os indivíduos são dez vezes mais instrutivos e vinte vezes mais divertidos que os respeitáveis bandidos de comércio que a gente convida para o almoço sem necessidade real, por hábito, por covardia, por delicadeza, por mil razões miseráveis e inócuas.

– Focês, ingleses, focês ser todos uns patifes! – tornou o meu patriota australiano de Fleusburg ou de Stettin; não me recordo agora que gentil porto do Báltico tivera o desprazer de servir de ninho àquele precioso pássaro.

– Que são afinal focês para berrar desse cheito? Hein? Tiga! Focês não faler mais que os outros, e aquele felho maluco fez um berreiro tos tiapos comiga! – Sua espessa carcaça estremecia da cabeça aos pés.

– É como focês facem sempre, focês, inglêses; umas brutas histórias por coisinhes que não falem nada; isto porque mim não nascer na fossa sacrate terrinhe! Me tomar meu certificato! Pronto! Mim não querer mais fosso certificato! Homem como eu não ter precisão fosso *verfluchte* certificato! Mim cospe em cima! – Ele cuspiu.

– Mim me fazer citatão americano! – gritou ele, furioso, esfregando os pés no solo como para libertar os calcanhares de uma misteriosa atração. Aquecera-se tanto, à força de agitar-se, que o alto da sua cabeça redonda fumava, positivamente. A mim, não era uma força misteriosa que me impedia de afastar-me; de todos os sentimentos é a curiosidade o que se manifesta com a máxima evidência, e era ela que me retinha ali, à espera do efeito das notícias sobre aquele jovem que, de mãos nos bolsos, olhava para o pórtico amarelo do Hotel Malabar, com o aspecto de quem espera um amigo para sair a passeio. Eis o ar que ele tinha, e em verdade era odioso. Esperava vê-lo acabrunhado, confundido, abalado. Nada mais horrível do que ver um homem convicto, não de um crime, mas de uma fraqueza mais que criminosa. É esta a forma mais comum da coragem, que nos impede de nos tornarmos criminosos no sentido legal do termo; mas fraquezas desconhecidas, fraquezas vagamente suspeitadas, que se recalcam ou se ignoram durante mais de metade da vida, dessas fraquezas nenhum de nós está livre. Deixamo-nos atrair às vezes a ciladas, deixamo-nos arrastar a atos que nos valem injúrias, a crimes que nos levam ao cadafalso, o que não impede a nossa integridade moral de sobreviver por vezes, de sobreviver à condenação, de sobreviver ao enforcamento, por Júpiter! São muitas vezes coisas bem insignificantes que causam a nossa perda definitiva e irremediável. Eu olhava, pois, o jovem, cuja fisionomia me agradava; conhecia aquele gênero de homens; ele vinha do bom molde: era um dos nossos. Representava ali toda a sua raça, uma raça de homens e de mulheres que nada tem de fino nem de amável, mas cuja existência inteira é fundada numa fé íntegra e no instinto da coragem. Não falo da coragem militar, da coragem civil, ou de nenhuma espécie particular de coragem; falo nessa aptidão inata de olhar as tentações face a face aptidão bem pouco intelectual, evidentemente, mas sem pose – , capacidade de resistência mediocremente graciosa, se quiserem, mas valiosíssima, espontânea posição de guarda, ante os terrores internos e do exterior, ante as forças da natureza e a sedutora corrupção dos homens, acrescentada de uma indefectível fé no poder dos fatos, no contágio do exemplo, na solicitação das idéias. Ao diabo

as idéias! São andejas, vagabundas, que vêm bater à porta oculta de nosso espírito, por onde cada uma retira uma parcela de nossa substância e carrega uma nesga dessa fé em algumas noções muito simples, às quais deve a gente apegar-se se quiser viver honestamente e se deseja uma morte fácil.

Tudo isto nada tem a ver diretamente com Jim; somente ele era o representante típico dessa boa raça estúpida com que gostamos de acotovelar-nos na vida; dessa raça que não se deixa perturbar pelas fantasias da inteligência ou pelas perversões dos... digamos dos nervos. Era um desses homens a quem se poderia entregar, confiado no seu aspecto, a vigilância de um navio, e isto tanto no figurado como no sentido profissional. E olhem que eu tenho prática dos homens. Já ensinei a muitos desses jovens o ofício de marinheiro, esse ofício cujo segredo inteiro poderia conter-se numa breve frase, e que é preciso no entanto implantar de novo cada dia em cérebros moços, até que se torne parte integrante do seu primeiro pensamento do despertar e se lhes apresente em cada sonho. O mar foi bom para mim, mas, quando revejo todos esses meninos que me passaram pelas mãos, alguns agora homens feitos, outros no fundo do mar, mas todos de bom estofo para o ofício, não creio haver-lhes prestado um mau serviço. Se eu voltasse amanhã ao meu país, aposto que algum jovem imediato, requeimado de sol, viria logo a meu encontro nalgum porto e uma voz fresca e profunda me perguntaria: “Não se lembra mais de mim, senhor? Como? O jovem tal, engajado em tal navio? Era a minha primeira viagem!” E eu reveria um rapazinho desta altura, com uma mãe e talvez uma irmã mais velha postadas no cais, ambas silenciosas e demasiado comovidas para agitar o lenço; ou talvez um pai, que passa toda a manhã no convés, fingindo interessar-se pela manobra do guindaste, e que, demorando-se, tem de, no último segundo, precipitar-se à terra, sem tempo para um adeus. Ouço o piloto gritar da popa: “Um instante capitão. Há um cavalheiro que quer desembarcar... Vamos, senhor, quase partiu para Talcahuano, não? Agora, vá... Está pronto... adiante... devagar...” Os rebocadores vomitam seu fumo como abismos infernais e batem furiosamente o velho rio; no cais, o velho senhor sacode a poeira dos joelhos, e o *steward* serviçal atirou-lhe o guarda-chuva. Tudo vai pelo melhor. Ele ofereceu seu sacrifício ao mar e pode voltar para casa agora, fingindo não ligar nenhuma importância ao seu gesto. A pequena vítima voluntária se sentirá muito mal até o dia seguinte. Em breve, quando o menino houver aprendido todos os pequenos mistérios e o único grande segredo do ofício, estará pronto para viver ou para morrer, segundo o mar o decidir, e o homem que desempenhou um papel nessa partida absurda em que o mar ganha sempre sentir-se-á feliz ao sentir uma jovem mão pesada bater-lhe nas costas e ouvindo a voz alegre de um pequeno lobo-do-mar a gritar-lhe:

“Lembra-se, senhor, do pequeno tal?”

Digo-lhes que isto faz bem: sente-se que ao menos uma vez na vida se trabalhou no bom sentido. Recebi tapas desse gênero, e careteei, pois eram pesados, mas fiquei confortado todo o dia e me fui deitar sentindo-me menos só no mundo, à lembrança dessa cordial palmada. Oh! Se eu me lembro daquelas caras! Nessa matéria, sou forte, e sei conhecer pelas caras. Pois àquele rapaz, como lhes disse, eu teria confiado o navio, logo à primeira vista. E poderia ir dormir tranqüilo; e, no entanto, enganar-me-ia! Há abismos de horror em tal pensamento. Ele parecia limpo como um soberano novo e no entanto havia uma liga infernal no seu metal. Em que proporção? Uma quantidade mínima, uma gota minúscula de um metal raro e maldito... uma gota imperceptível... mas, ao vê-lo, ali, com aquele ar de quem não se importava, a gente perguntava se ele não seria feito, por acaso, do bronze mais vil!

Contudo, eu não podia crê-lo. Disse-lhes que queria vê-lo espernear, por honra do ofício. As duas outras insignificantes personagens tinham percebido seu capitão e avançavam lentamente para ele. Eles falavam caminhando, e eu me preocupava tanto com eles como se fossem invisíveis a olho nu; pareciam chacotear, que sei eu? O capitão olhava por entre os seus pés com um ar embrutecido; parecia inchado de maneira anormal por alguma enfermidade terrível, ou pela ação de um veneno desconhecido. Ergueu a cabeça, viu os dois homens de pé diante de si, abriu a boca com um trejeito extraordinário de seu rosto balofo, para lhes falar sem dúvida, quando um pensamento pareceu fulminá-lo. Seus beiços violáceos fecharam-se sem uma palavra; dirigiu-se resolutamente para o carro e pôs-se a sacudir o trinco com uma tão brutal e cega impaciência, que eu esperava ver a viatura virar com o pônei. Arrancado à meditação que o mantinha curvo sobre a planta do pé, o cocheiro deu todas as mostras de um intenso terror e agarrou-se com ambas as mãos ao assento, e voltando-se para olhar a enorme carcaça abismar-se no carro. Este rinchava e gingava tumultuosamente, e a nuca purpúrea, o pescoço baixo, as formidáveis coxas arqueadas, a carapaça enorme daquele dorso sujo raiado de laranja e verde, todo o esforço daquela massa vistosa e sórdida por ocultar-se, causavam um efeito ridículo e terrível, como essas visões grotescas e distintas, que fascinam e amedrontam durante a febre. Ele gritava ao cocheiro que partisse. Para o Pacífico? O cocheiro fustigou o pônei, que resfolegou, recuou um passo e depois partiu a galope. Para onde? Para Apia? Para Honolulu? Ele tinha 3000 léguas de Pacífico à sua disposição e eu não ouvira o endereço exato. Num abrir e fechar de olhos, um pônei irrequieto o carregou na *ewigkeit*, e eu não o revi mais, nem conheço ninguém que o tenha tornado a ver desde o momento em que

ele desapareceu da minha vista naquele carro desengonçado, que dobrava uma esquina levantando uma nuvem de poeira branca. Partiu, desapareceu,, extinguiu-se, eclipsou-se e poder-se-ia acreditar, absurdamente, que ele levou o carro consigo, porque jamais avistei o pônei alazão de orelha fendida, ou o cocheiro melancólico, preocupado com o seu pé dolorido. Por certo, o Pacífico é vasto, mas, tenha ele encontrado ou não um lugar onde exercer seus talentos, o fato é que o nosso homem desapareceu no espaço como uma feiticeira num cabo de vassoura. O homenzinho do braço em tipóia pôs-se a correr atrás do carro, gritando:

– Capitão! Ó capitão! Como é? Diga...

– Mas, súbito, parou, baixou a cabeça e retrocedeu lentamente. Ao ruído das rodas, o jovem dera uma volta brusca. Não fez outro movimento, nem um gesto, nem um sinal, e ficou parado a olhar para onde o outro acabava de desaparecer.

Tudo isto se passou em muito menos tempo do que é preciso para dizê-lo, pois eu me esforço por interpretar para vocês, em lentas palavras, os fatos instantâneos de impressões visuais. Um minuto mais tarde entrava em cena o comissário mestiço enviado por Archie, para ocupar-se um pouco dos pobres náufragos do *Patna*. Agitado e sem chapéu, ele corria de um lado a outro. Compenetrado da sua missão, votada no entanto ao insucesso no concernente à principal personagem, ele abordava os outros com uma ruidosa importância, e logo se viu metido numa violenta altercação com o indivíduo da tipóia, que parecia bastante inclinado a fazer barulho. Não, ele não ia deixar-se levar assim sem mais nem menos, que diabo! Não se deixaria amedrontar por uma porção de mentiras, nem por aquele borra-papéis mestiço. Não seria pego com truques como aquele, mesmo que houvesse alguma coisa de verdade na história. Ele gesticulava, vociferava, afirmando seu desejo, sua firme resolução de se ir deitar.

– Se você não fosse um maldito português – gritava ele –, saberia que o meu verdadeiro lugar é no hospital.

– Brandia o punho válido diante do nariz do comissário; começava a juntar gente; o mestiço esforçava-se por permanecer digno e tentava uma explicação. Eu afastei-me sem esperar o fim da cena.

Mas aconteceu que, estando um dos meus homens no hospital, e indo eu vê-lo na véspera do inquérito, percebi na sala dos brancos o homenzinho da tipóia a delirar no seu leito. E, com grande surpresa minha, o outro, o alto, de bigodes, achava-se também na sala. Lembrava-me de tê-lo visto escapulir durante a querela, com um ar entre arrogante e finório, mas esforçando-se sobretudo por

não deixar transparecer terror. Ele devia conhecer o porto, e soube, naquela conjuntura, alcançar o café-bilhar de Mariani, perto do bazar. Esse inominável vagabundo de Mariani tinha-o encontrado outrora e já atendera a seus vícios em outras circunstâncias; quase beijou o chão diante de seus pés e encerrou-o com uma provisão de garrafas num quarto dos altos de sua ignóbil espelunca. O homem devia ter alguma vaga apreensão quanto à sua segurança pessoal, e procurar esconder-se. Muito tempo depois, um dia em que viera a bordo cobrar uma conta de meu *steward*, Mariani afirmou que teria feito muito mais por aquele homem, sem lhe dirigir a mínima pergunta, em memória não sei de que ímpio favor que dele recebera, longos anos antes. Ele batia seu peito musculoso, revirando enormes olhos negros rebrilhantes de lágrimas:

– Antônio não esquece nunca! Antônio não esquece nunca! – A natureza precisa dessas obrigações imorais, o que proporcionou ao nosso homem todas as facilidades para permanecer ao abrigo atrás de uma porta fechada, com uma mesa, uma cadeira e um colchão a um canto; cheio de um irracional terror, remontava ele o moral com os tônicos que lhe enviava Mariani. Esta reclusão durou até a noite do terceiro dia, em que, após haver soltado alguns gritos horríveis, viu-se o velho bandido obrigado a procurar salvação na fuga, ante uma legião de centopéias. Abriu violentamente a porta, atirou-se pela pequena escada carunchosa, caiu sobre o peito de Mariani, ergueu-se num ápice e precipitou-se pela rua como um coelho. A polícia encontrou-o de madrugada, caído sobre um monte de cisco. Imaginou a princípio que o levavam à forca e combateu como um herói por sua liberdade; mas, quando me assentei à sua cabeceira, há dias que ele se conservava bastante tranqüilo. Sobre o travesseiro, seu rosto magro e bronzeado teria parecido belo sob o bigode grisalho, como uma cabeça de velho guerreiro gasto pelos combates, e conservando uma alma de criança, sem o terror fantástico que se adivinhava através do brilho febril de seu olhar. Fora disso, guardava ele tal serenidade, que eu acariciava a absurda esperança de recolher da sua boca uma explicação do já famoso assunto. Eu não saberia aliás explicar a razão que me levava a elucidar os pormenores de um deplorável incidente; em suma, a história só me atingia como membro, de uma obscura confraria de homens, reunidos pela partilha de penas sem glória e pela fidelidade a certa linha de conduta. Podem vocês dizer que se tratava de uma curiosidade malsã, mas eu tenho a nítida impressão de que esperava encontrar qualquer coisa. Talvez desejasse inconscientemente encontrar essa qualquer coisa, a causa profunda que tudo fizesse esquecer, a explicação misericordiosa, a sombra de uma escusa convincente. Bem vejo agora que eu esperava o impossível, que afrontava o mais obstinado fantasma da imaginação humana, a dúvida inquieta que sobe como um

nevoeiro, que rói em segredo como um verme, que é mais enregelaste que uma certeza de morte a dúvida do poder soberano que comporta uma linha fixa de conduta. É a mais temível das pedras de escândalo; é essa dúvida que suscita os pânicos irrevocáveis e as pequenas vilanias ocultas; é a verdadeira sombra das calamidades. Cria eu, pois, no milagre e tinha uma razão de desejá-lo tão ardentemente? Era por amor-próprio que eu desejava encontrar uma sombra de escusa a um jovem desconhecido até então, mas cujo só aspecto coloria de uma nuança de interesse pessoal os pensamentos sugeridos pela incerteza de sua fraqueza, fazendo desse desfalecimento uma coisa de mistério e de terror, uma obscura ameaça de destruição, suspensa sobre a cabeça de todos nós, cuja juventude fora tão semelhante à sua? Creio que aí estava o secreto motivo de minha curiosidade. Era um milagre o que eu esperava, sem dúvida alguma. Agora, a distância, a única coisa que me parece miraculosa é a extensão de minha ingenuidade. Eu esperava verdadeiramente encontrar naquele velho inválido um exorcismo contra o fantasma da dúvida. Era preciso que eu fosse bem imprudente também, pois, sem perda de tempo, após algumas banalidades amáveis a que ele respondia com uma boa vontade displicente, eu arrisquei o nome do *Patna*, envolvendo-o numa pergunta hábil. Meu egoísmo usava delicadezas; eu não queria perturbá-lo; não sentia, contudo, nenhuma solicitude para com ele, e não experimentava a seu respeito nem cólera nem pena; suas sensações eram sem conseqüência e pouco se me dava da sua reabilitação. Ele envelhecera em mesquinhas iniqüidades e não podia mais inspirar aversão nem piedade. Repetiu:

– O *Patna*?

– com um ar interrogativo, pareceu fazer um breve esforço de memória e disse?

– Ah, sim... Eu o vi soçobrar...

– E acrescentou suavemente?

– Ele estava cheio de répteis.

Que queria ele dizer? O fantasma vacilante do terror oculto atrás de seus olhos vítreos pareceu imobilizar-se para olhar-me fixamente.

– Eles me tiraram do meu leito durante o segundo quarto – prosseguiu num tom queixoso. Sua voz tomou de súbito uma sonoridade impressionante. Eu lamentava a minha imprudência. Nenhuma touca de irmã enfermeira agitava as suas asas brancas de um extremo a outro da sala; só, no meio de uma longa fila de leitos de ferro vazios, um ferido erguia sua silhueta morena e magra e sua

fronte envolta em gazes brancas. De repente, o meu interessante enfermo lançou um braço esguio como um tentáculo na direção do meu ombro e agarrou-o violentamente?

– Somente – dizia ele – eu tinha bons olhos para tudo ver; é sabido que eu tenho uma excelente vista, e foi sem dúvida por isso que me chamaram... Não estavam bastante acordados, eles, para vê-lo afundar, mas logo perceberam que tudo se acabara, e puseram-se a cantar todos juntos, assim...

– Um uivo de lobo sacudiu-me até as entranhas.

– Oh! Faça-o calar! – gritava o ferido, encolerizado.

– O senhor não me acredita, com certeza – tornou o outro, num tom de inefável suficiência.

– Eu lhe digo que podem procurar olhos como os meus deste lado do golfo Pérsico... Olhe embaixo do leito...

Naturalmente, inclinei-me sem hesitar; qualquer outro teria feito o mesmo.

– Que é que o senhor vê?

– perguntou ele.

– Nada – respondi, envergonhado de mim próprio.

Ele olhou-me com um desprezo aplastrante, um desprezo mortal.

– Naturalmente! – disse-me.

– Mas eu, se olhasse, eu veria... Não há olhos como os meus, digo-lhe.

– Agarrou-se de novo a meu ombro e ergueu-se para mim, no desejo de aliviar seu coração por uma confidência.

– Milhões de sapos cor-de-rosa... Não há olhos como os meus... É pior do que ver afundar um navio... Eu veria afundar navios o dia inteiro sem cessar de fumar o meu cachimbo... Por que não me dão o meu cachimbo? Eu fumaria um pouco enquanto vigiava esses sapos... O barco estava cheio deles... É preciso não lhes tirar a vista de cima, compreende?

– Ele piscou-me o olho, com um ar finório.

O suor me corria pela fronte; a roupa colava-se às minhas costas úmidas. A brisa da tarde passava impetuosamente sobre a fileira dos leitos, erguendo as cortinas, e eu estremecia até a medula. A brisa mole dos trópicos soprava tão lugubremente naquela sala vazia como uma tempestade de inverno numa granja

da Inglaterra.

– Não o deixe enveredar por esse caminho, senhor – gritou-me de longe, o ferido, num tom de cólera inquieta, que soava entre as paredes como um apelo trêmulo num túnel.

A mão agarrava-se ao meu ombro:

– O barco estava cheio deles e nós tivemos de escapar depressa – murmurava ele com volubilidade.

– Todos cor-de-rosa, todos cor-de-rosa; grandes como buldogues, com um olho no alto da cabeça e dentes na boca enorme, oh, oh!...

– Sobressaltos breves como choques galvânicos revelavam sob as cobertas a forma das pernas finas e trepidantes; largou meu ombro para apanhar qualquer coisa no ar; seu corpo tenso tremia como uma corda de harpa e, enquanto eu o olhava, o terror espectral se desencadeou e saiu por seus olhos vítreos. O rosto de linhas nobres e calmas de velho soldado se deformou a meus olhos, instantaneamente.

– Ah! Que é que eles vêm fazer aqui agora?

– perguntava ele, mostrando o chão, com fantásticas precauções de voz e de gestos.

– Mas eles estão adormecidos – respondi-lhe. Eram as palavras necessárias para acalmá-lo.

Ele soltou um longo suspiro:

– Ssh! Cuidado... Eu conheço esses animais... Pau! na cabeça do primeiro que se mover!... Há demais; o navio não agüentará dez minutos!...

– Ele resfolegava de novo.

– Depressa! – exclamou de repente. E depois, com um longo brado?

– Acordaram-se!... Milhões!... Eles vêm vindo... Oh! Oh! Socorro! Socorro! – Um gemido contínuo, interminável.

Eu via, no extremo da sala, o ferido erguer com desespero as mãos acima de sua cabeça amarrada. Um enfermeiro vestido de branco até o queixo apareceu na perspectiva da porta como através da lente de um óculo invertido. Confessei minha derrota e, sem mais esperar, saí para a galeria exterior. O grito me perseguia como uma vingança. Embaixo, encontrei um dos médicos de guarda que atravessava o pátio; ele reteve-me:

– O senhor acaba de ver o seu homem, capitão; creio que lho podemos entregar amanhã. Mas esses imbecis não têm a mínima noção dos cuidados que lhes são necessários... Olhe: temos aqui o mecânico daquele navio peregrino. É um caso bastante curioso, um *delirium tremens* dos mais graves. Ele bebeu, durante três dias a fio, no café desse italiano ou grego. Como esperar outra coisa? Quatro garrafas por dia, me disseram, daquela espécie de aguardente... Prodigioso, não? Como ele deve ter o estômago blindado! A cabeça, ah, a cabeça naturalmente se transtornou, mas o mais singular é que há uma espécie de método na sua loucura. Eu tento destrinchar o caso. É notável essa aparência de lógica em tal delírio. Normalmente, ele devia ver serpentes, mas não vê, não. Ah, as boas tradições antigas se estão perdendo em nossos dias. As suas visões só se referem a batráquios. Ah! Ah! Não, francamente, nunca me interessei tanto como agora por um caso de demência. Vinte e quatro anos de trópicos, ou mais! O senhor devia lançar uma vista de olhos sobre ele. O homem mais extraordinário que até hoje encontrei, sob o ponto de vista médico, é claro. O senhor não quer subir comigo?

Eu tinha demonstrado os sinais ordinários de um interesse polido, mas tomei um ar compungido e, alegando falta de tempo, apertei às pressas a mão do médico.

– Diga-me! – gritou ele de longe – O homem não poderá assistir ao inquérito. Acredita que o seu testemunho seja de importância?

– Absolutamente! – gritei, da porta.

CAPÍTULO 6

As autoridades deviam compartilhar da minha opinião, porque o inquérito não foi adiado. Efetuou-se no dia fixado pela lei e foi muito concorrido, devido evidentemente ao que comportava de interesse humano. Nenhuma incerteza havia quanto aos fatos, o fato material, ao menos. O que tinha causado o incidente do *Patna* era impossível sabê-lo e o tribunal não pretendia elucidar-lhe o mistério; não havia aliás ninguém na sala que se importasse com tal aspecto da questão. Sim, como eu já disse, todos os marinheiros do porto assistiam ao inquérito, e os que se ocupavam das coisas do mar estavam ali na sua grande maioria. Conscientemente ou não, era um puro interesse psicológico que os atraía; era a espera de alguma revelação essencial sobre a força, o poder, o horror das emoções humanas. E não se podia contudo nada esperar de semelhante. Pois o fim do inquérito oficial não era o porquê fundamental, mas o como aparente do fato.

O inquérito negligenciava, naturalmente, o que se me afigurava a mim, por exemplo, como a única verdade que importava conhecer. Não se pode pedir às autoridades oficiais que inquiram do estado de alma... ou antes, do estado do fígado de um homem. Seu papel é ir-lhe direito às conseqüências e, francamente, um magistrado e seus dois assessores marítimos não podem pretender coisas mais altas. Não quero inferir, aliás, que eles fossem estúpidos. O magistrado era muito paciente. Um dos assessores, um capitão de veleiro, tinha uma barba ruiva e disposições piedosas. O segundo era Brierly, o grande Brierly. Alguns de vocês devem ter ouvido falar do grande Brierly, o capitão do primeiro navio da linha Blue Star... Pois era esse homem.

Parecia completamente enfadado da honra que lhe coubera. Nunca na sua vida se metera em maus passos nem tivera dificuldades ou acidentes, nem sofrera pausa em sua ascensão regular, e dava a impressão de uma dessas felizes criaturas que ignoram toda indecisão e qualquer desconfiança de si mesmas. Detentor, aos 32 anos, de um dos maiores comandos dos mares orientais, não havia, a seu ver, nada no mundo mais belo que o seu posto e, se lhe perguntassem à queima-roupa, responderia sem dúvida que não havia também um chefe como ele para ocupá-lo. A escolha recaíra no homem necessário. Aqueles que não comandavam o *Ossa*, que era de aço e corria 20 nós, eram em suma uns pobres mortais. Salvara vidas no mar e socorrera navios em perigo, e

essas proezas lhe valeram um cronômetro de ouro da parte das companhias de seguro e um binóculo com inscrição especial oferecido por um governo estrangeiro. Tinha uma consciência aguda dos seus méritos e do valor de tais recompensas. Eu o estimava bastante, embora pessoas de meu conhecimento, homens todavia indulgentes, não o pudessem ver nem pintado. Não tenho a menor dúvida de que ele se julgasse muitíssimo superior a mim; mesmo que se fosse imperador do Oriente e do Ocidente, não se podia escapar, em sua presença, à consciência da própria inferioridade, mas eu não me formalizava com isto. Ele não desprezava em mim nada que dependesse de mim mesmo, nada que eu pudesse ser, compreendem? Ele me julgava simplesmente quantidade desprezível porque eu não era o único homem feliz deste mundo, porque eu não era Montagu Brierly, capitão do *Ossa*, porque eu não possuía um cronômetro de ouro, com dedicatória, e um binóculo de prata, testemunho de meus conhecimentos náuticos e de meu indomável sangue-frio; porque eu não tinha a consciência aguda de meus méritos e de minhas recompensas, mais o amor e devotamento apaixonados de um spaniel negro, o mais espantoso animal da sua espécie pois jamais um homem como ele foi amado por um cão como aquele. Evidentemente, podia parecer exasperante sentir-se a gente aplastrada sob o peso de tal superioridade, mas quando eu sentia que compartilhava a minha desgraça com uns 1200 milhões de seres mais ou menos humanos, dizia comigo que o que havia de indefinível e de atraente naquele homem bem podia fazer-me aceitar minha parte da sua piedade benevolente e do seu indulgente desprezo. Os golpes da vida não tinham mais ação sobre sua alma satisfeita do que o arranhar de um alfinete sobre a parede lisa de um rochedo. Quando eu o olhava, ao lado do magistrado pálido e apagado que dirigia os debates, a complacência que se exteriorizava em toda a sua pessoa se apresentava a mim, como ao resto do mundo, sob a forma de uma superfície dura como o granito. Pouco depois ele se suicidou.

Nada de espantar que o caso de Jim lhe pesasse; no mesmo instante em que eu pensava com uma sorte de terror na extensão provável do seu desprezo pelo jovem acusado, ele devia estar fazendo sobre o seu próprio caso um silencioso inquérito, mas ele levou o seu segredo para o fundo da água. Se eu algo entendo da natureza humana, a coisa devia ser da mais alta importância – provavelmente uma dessas bagatelas que despertam as idéias e dão corpo a algum pensamento com o qual um homem, não acostumado a semelhante sociedade, acha impossível conviver. Afianço mesmo que não se tratava, no caso de Brierly, nem de bebida, nem de dinheiro, nem de mulheres. Lançou-se ao mar uma semana apenas após o fim do inquérito e menos de três dias depois de sua partida para o

Extremo Oriente; dir-se-ia que naquele local preciso percebera, em meio da água, as portas do Outro Mundo, abertas para o receber.

No entanto, não obedecera ele a um súbito impulso. O seu imediato, homem grisalho, excelente oficial, de um comércio agradável com os estranhos, mas que antipatizava mais com o seu capitão do que qualquer outro oficial, tinha lágrimas nos olhos ao contar-me a história. Certa manhã, subindo ao convés, encontrara Brierly, que se dispunha a escrever, na câmara de vigia.

– Eram 4 horas menos dez – dizia ele –, e o segundo quarto não estava ainda terminado. Ouviu-me falar no convés ao segundo lugar-tenente e me chamou. Palavra que me senti contrariado, eu não podia suportar o pobre Capitão Brierly! Nunca se sabe como um homem é feito. Ele passara, nas suas promoções, por cima de muitas cabeças, sem contar a minha, e tinha uma maldita maneira de nos fazer sentir nossa pequenez, só pelo modo de dar bom dia. Eu nunca lhe dirigi a palavra fora do serviço, e, aí mesmo, tudo o que eu podia fazer era mostrar-me polido. Tenho mulher e filhos, e ficara dez anos na companhia, esperando sempre o primeiro comando, imbecil que eu era! Brierly, pois, falou-me assim: "Venha cá, Sr. Jones", com aquele tom protetor que ele afetava. "Venha cá, Sr. Jones." Eu entrei. "Nós vamos marcar a nossa posição", disse ele, curvando-se sobre a carta, com um par de compassos na mão. Era o oficial de serviço quem devia desempenhar essa tarefa no fim de seu quarto. Mas eu não disse nada e deixei-o consignar a posição do navio com uma cruzinha perto da qual inscreveu a data e a hora. Vejo-o ainda, traçando com sua letra larga: *17, 8, 4 horas da manhã*. O ano estava inscrito a tinta vermelha no alto da carta. O Capitão Brierly nunca se servia mais de um ano de seus mapas. Eu tenho ainda aquele. Feita a coisa, ele ficou um instante de pé, a olhar com um sorriso o ponto que acabava de marcar; depois, erguendo os olhos para mim: "Ainda 32 milhas nesta direção, depois podem desviar 22 graus para o sul".

"Nós passávamos, naquela viagem, ao largo do Banco de Heitor. Eu respondi: 'Muito bem, senhor', a perguntar comigo mesmo por que dizia ele aquilo, pois, de qualquer maneira, eu devia preveni-lo antes de modificar nossa rota. Naquele momento batiam 4 horas; saímos para o passadiço, e o lugar-tenente nos disse, segundo o hábito, antes de descer: '71 no *loch*!' Brierly lançou um olhar à bússola, depois olhou em torno de si. As estrelas brilhavam no céu claro, como em uma noite de geada nas altas latitudes. De repente, disse-me o capitão, com uma espécie de breve suspiro: 'Eu vou à popa e porei eu mesmo o *loch* a zero, para que não haja erro possível. Vejamos: à correção do *loch* é de 6 por cento a mais: digamos 30 ainda no quadrante e poderão vir em seguida para

20 graus a tribordo. Inútil fazer caminho demais, não?' Eu jamais o ouvira falar tanto de uma só vez, e isto sem razão aparente. Não respondi. Ele desceu a escada; e o cão, que caminhava sempre nos seus calcanhares logo que ele dava um passo, seguiu-o, deixando-se escorregar. Eu ouvia os tacos do capitão: tap... tap... tap... Ele parou para falar ao cachorro: 'Lá para cima, Rover... No passadiço, meu velho!' Depois falou-me: 'Quer encerrar esse cachorro na câmara de vigia, Sr. Jones?'"

"Foi a última vez que eu ouvi a sua voz, Capitão Marlow. Foram as últimas palavras que ele pronunciou em presença de um ser humano, senhor!" Nesse momento, a voz do velho marinheiro se tornava trêmula. "Ele temia que o pobre animal saltasse atrás de si, compreende?... Sim, Capitão Marlow... ele arranjou o *loch* para mim, ele! Pôs mesmo uma gota de óleo... A bisnaga estava ainda perto, onde ele a deixara. Às 5 e meia, o quartel-mestre subia para lavar o convés da popa, mas ei-lo que deixa de repente o serviço e acorre para mim: 'Vá lá, Sr. Jones... Há alguma coisa... esquisita... Eu não queria tocar...' Era o cronômetro de ouro do Capitão Brierly, cuidadosamente preso pela cadeia ao balaústre."

"Logo que os meus olhos deram com o relógio, recebi um choque e compreendi tudo, senhor. Senti as pernas moles. Era como se o tivesse visto saltar do bordo e poderia mesmo dizer em que lugar exato ele desaparecera. O *loch* da popa marcava 18 milhas e 3/4, e quatro grampos de ferro faltavam no grande mastro. Ele os pusera no bolso para afundar mais depressa, suponho, mas, senhor! que é que quatro grampos poderiam fazer por um homem vigoroso como o Capitão Brierly? Talvez sua confiança em si próprio estivesse um tanto abalada, no último instante... Foi provavelmente o único sinal de indecisão que ele demonstrou em sua vida; mas estou pronto a responder em seu nome que, uma vez dentro da água, ele não tentou ao menos uma braçada... bem como teria ele a coragem de lutar um dia inteiro até o fim, se tivesse caído acidentalmente. Sim, ele não ficava atrás de ninguém, como o ouvi dizer um dia. Escreveu duas cartas, durante o último quarto, uma para a companhia e a segunda para mim. Fazia-me uma porção de recomendações para a viagem a mim, que já navegava antes de ele haver nascido e dava-me toda classe de conselhos sobre a conduta a manter com nossos armadores de Xangai, para que eu ficasse com o comando do *Ossa*. Escrevia-me como um pai escreveria a seu filho favorito. Na sua carta aos armadores (deixara-a aberta em intenção minha), dizia-lhes que sempre, até o último momento, cumprira com o seu dever e que, mesmo então, não traía a sua confiança, pois que deixava o navio ao marinheiro mais competente que se pudesse encontrar: era de mim que ele falava, senhor, de mim! Dizia ainda que, se o seu último gesto não lhe retirasse a consideração que lhe tinham, saberiam

lembrar-se de seus leais serviços e da sua calorosa recomendação, quando se tratasse de preencher a vaga deixada por sua morte. E continuava nesse tom; eu não podia acreditar nos meus olhos, senhor!", prosseguia o velho, muito perturbado, esmagando qualquer coisa no canto do olho com a ponta de um polegar do tamanho de uma espátula. "Dir-se-ia, senhor, que ele se lançara à água para me dar a última oportunidade de promoção. O choque daquele desaparecimento, e a perspectiva do meu futuro dessa maneira garantido me fizeram perder a bola durante uma semana. Mas qual! Foi o capitão do *Pélion* que tomou o comando do *Ossa*, e que embarcou em Xangai, um bonifrate, senhor, com roupa de xadrez e cabelo repartido ao meio. 'Êh... Eu sou... êh... o seu novo capitão... êh... Sr... êh... Jones...' Ele estava inundado de perfume; aquilo empestava, Capitão Marlow! Era sem dúvida meu olhar que o fazia gaguejar. Balbuciou algumas palavras sobre o meu muito explicável desapontamento... Melhor seria dizer-me logo que o seu imediato fora promovido ao comando do *Pélion*... mas ele nada tinha a ver com tudo isso... os escritórios deviam saber o que faziam... ele estava bastante constrangido... Mas eu respondi-lhe: 'Não se incomode com o velho Jones, senhor; ele já está habituado com essas coisas...' E larguei uma praga. Notei que chocava os seus delicados ouvidos. E, logo na nossa primeira refeição em comum, pôs-se ele a criticar, de maneira irritante, o navio. Nunca o senhor ouviu uma voz de mascarado como aquela. Eu apertava os dentes e mantinha os olhos no meu prato; fiquei tranqüilo o maior tempo possível, mas por fim a coisa tinha de explodir, e eis o nosso capitão que se põe de pé, eriçando a sua linda plumagem, como um frango de rinha: 'Note que não está tratando com o Capitão Brierly!' 'Isto eu já notei há muito tempo!', resmunguei eu, fingindo encarniçar-me no corte do meu assado. 'O senhor é um velho grosseirão, Sr... Sr. Jones, e o pior é que é conhecido como tal', gritou-me ele. Os lavadores de pratos estavam à escuta, com a boca alargada de orelha a orelha. 'Eu sou talvez um velho duro de roer', retruquei, 'mas ainda não perdi toda a vergonha para acostumar-me à idéia de vê-lo assentado na cadeira do Capitão Brierly.' Dito isto, larguei o meu garfo e minha faca. 'O que o senhor deseja é sentar-se nela, por isso é que está assim!', escarneceu ele. Deixei o refeitório, – juntei as minhas coisas e encontrei-me no cais, com toda a minha bagagem a meus pés, antes que os estivadores tivessem retomado seu trabalho. Sim, em terra, após dez anos de serviço, com uma pobre mulher e quatro filhos a 2000 léguas dali, a esperar meu meio soldo, para terem o que comer. Sim, eu preferi largar tudo a ouvir falar mal do Capitão Brierly. Ele deixou-me seu binóculo de noite e me pediu que cuidasse de seu cachorro. Eis o animal. Então, Rover, meu velho, onde está o capitão?" O cão lançou um olhar doloroso de suas pupilas amarelas, deu um ganido desolado e foi enovelar-se

embaixo da mesa.

Esse diálogo prosseguia, mais de dois anos após, a bordo da *Rainha de Fogo*, essa ruína do mar que um singular acaso colocou sob o comando de Jones, por intermédio de Matherson, Matherson, o louco, como o chamavam. O velhote prosseguia, pois:

– Sim, senhor! Aqui hão de lembrar-se sempre do Capitão Brierly, se não se lembrarem dele noutra parte. Escrevi a seu pai, sem receber nenhuma resposta, nem um obrigado, nem um vá para o diabo! Nada! Decerto preferia ele nada saber.

– A vista daquele velho Jones de olhos úmidos, que enxugava a calva com um lenço vermelho, o ganido queixoso do cão, a sujeira daquela cabina infestada de moscas, único santuário consagrado à sua memória, tudo isso lançava sobre a imagem de Brierly um véu de emoção inexprimivelmente miserável; era uma revanche póstuma do destino contra aquela fé no seu próprio esplendor, que quase libertara a sua vida dos terrores mais legítimos. Quase? Inteiramente, talvez! Quem poderia dizer que desvanecedora impressão não lhe causava o seu próprio suicídio?

– Por que fez ele essa loucura, Capitão Marlow? Faz o senhor uma idéia?

– inquiria Jones, apertando as mãos uma contra a outra.

– Por quê? Isto eu não compreendo, não compreendo...

– Ele batia na sua fronte baixa e sulcada de rugas.

– Se ainda ele fosse pobre, velho, endividado; se não tivesse jamais vencido na vida ou se tivesse enlouquecido! Mas ele não era homem que enlouquecesse, ah, não! pode acreditar-me! Jovem, vigoroso, rico, sem cuidados... Fico às vezes aqui, a refletir, a refletir, até que a cabeça me anda à roda... Ele devia ter uma razão...

– Pode estar certo, Capitão Jones – respondi-lhe –, de que é uma razão que não teria perturbado a nenhum de nós dois – E, de repente, como se um raio de luz viesse aclarar a noite de seu cérebro, Jones encontrou a palavra final, de uma admirável profundeza; ele assoou-se e, sacudindo tristemente a cabeça?

– Sim, sim, nem eu nem o senhor jamais fizemos tão grande caso de nós mesmos!

Bem compreendem que a lembrança de minha última conversação com Brierly deve estar afetada pelo conhecimento da sua morte, que sobreveio logo

depois. Foi no decurso do inquérito que eu lhe falei pela última vez. Foi após a primeira sessão, de onde ele saíra para a rua comigo. Ele estava num estado de irritação que eu verifiquei com surpresa, pois a sua atitude habitual, quando se dignava conversar, era perfeitamente plácida, com uma nuança de tolerância irônica, como se a existência de seu interlocutor lhe causasse o efeito de uma boa brincadeira.

– Conseguiram pegar-me para este inquérito, como vê – explicava ele, discorrendo sobre os inconvenientes de um serviço cotidiano no tribunal.

– E Deus sabe o tempo que o negócio vai durar! Três dias, provavelmente.

– Eu o escutava em silêncio, o que era uma maneira como outra qualquer de tomar partido.

– E para quê? É o negócio mais estúpido que se possa imaginar. Eu me causo o efeito de um imbecil, todo o tempo! – Olhei-o: era muito para ele, em se tratando de si próprio, aquela forte expressão. Ele continuou?

– Por que atormentarmos esse rapaz?

– A pergunta concordava tão bem com o meu próprio pensamento, que eu respondi sem hesitar, vendo a imagem do renegado em fuga:

– Sei eu! A menos que seja porque ele se deixe torturar! – Fiquei surpreso de vê-lo morder, se assim me posso expressar, numa reflexão que lhe teria podido parecer obscura.

Respondeu num tom de cólera:

– É verdade! Não vê ele então que o seu patrão se escapou? Nada pode salvá-lo; ele está perdido! – Demos alguns passos em silêncio.

– Por que comer toda esta lama!?

– exclamou ele, com uma energia de expressão inteiramente oriental.

Admirava-me a direção de seus pensamentos, mas suspeito agora de que eram perfeitamente adequados ao seu caráter; no fundo, era em si próprio que o pobre Brierly devia estar pensando. Observei-lhe que, como era público e notório, soubera o capitão do *Patna* preparar-se um ninho bastante suave e podia conseguir em qualquer parte todos os meios de fuga. Com Jim, o caso era outro; o governo hospedava-o de momento no Abrigo Marítimo, e ele não tinha provavelmente nem um ceitil no bolso.

– Custa caro desaparecer?

– Ah! Sim? Nem sempre! – disse ele, com um riso amargo; depois, a uma nova observação que eu arriscava?

– Bem, que ele cave um buraco de sete palmos! Era o que eu faria!

Não sei por que seu tom me irritava e eu lhe respondi:

– Há uma espécie de coragem em afrontar as coisas como ele o faz, sabendo muito bem que, se escapasse, ninguém se daria ao trabalho de correr-lhe atrás!

– Deixe-me tranqüilo com sua coragem! — resmungou Brierly.

– Essa coragem de nada serve para manter um homem à tona! Se ainda me dissesse que era uma espécie de covardia, de moleza... Escute: eu concorro com duzentas rúpias, se o senhor quiser ajuntar cem e comprometer-se a despachar aquele bugre amanhã cedo... Ele compreenderá... É preciso!... Essa maldita publicidade dos debates é verdadeiramente odiosa! Ele fica ali, diante desses malditos indígenas, desses *serangs*, desses *lascars*, desses quartéis-mestres, cujo testemunho bastaria para matar um homem de vergonha. É abominável. Vejamos, não acha que é abominável, Marlow? Vamos, como marinheiro... Se ele desaparecesse, a coisa acabaria por si mesma.

– Brierly pronunciava essas palavras com uma exaltação excepcional e fez o gesto de procurar, a carteira. Fi-lo parar, declarando friamente que a covardia daqueles quatro homens não me parecia uma coisa de tanta importância...

– E o senhor se diz marinheiro?

– exclamou ele, encolerizado. Confessei que era assim, com efeito, meu modo de pensar. Ele fez um gesto que parecia querer despojar-me de toda individualidade para lançar-me na multidão.

– O pior – tornou – é que as pessoas como o senhor não têm o mínimo sentimento da dignidade: não pensam suficientemente no que delas se espera!

Caminhávamos lentamente, conversando, e acabávamos de parar defronte aos escritórios do porto, no lugar exato em que o enorme capitão do *Patna* havia desaparecido tão completamente como uma pluma arrebatada por um furacão. Eu sorri. Brierly continuava:

– É uma vergonha! Há toda espécie de indivíduos em nossa confraria, e mais de um velhaco, mas é preciso, por Deus!, que conservemos certa decência profissional. Têm confiança em nós, compreende? Confiança! Francamente, pouco me importam todos aqueles peregrinos saídos da Ásia, mas um homem que se preza não se conduziria daquela maneira com um carregamento de sacos

de trapos velhos! Nós não constituímos um corpo organizado, e a única coisa que nos une é exatamente essa espécie de decência. Uma história dessas destrói toda a confiança que se pode ter em si mesmo...

Ele parou; depois, em tom diferente:

– Escute, Marlow; eu vou entregar-lhe as duzentas rúpias e o senhor falará a esse rapaz. Ao diabo o indivíduo! Eu desejaria que ele jamais tivesse aparecido aqui! A falar a verdade, creio que alguns de meus parentes conhecem a família dele. Seu velho pai é pastor e eu me lembro agora de tê-lo encontrado um dia, o ano passado, numa visita em casa de meu primo, em Essex. Se não me engano, o velho parecia ter certa predileção por seu filho marinheiro... Horrível!... Eu não posso fazer eu mesmo a coisa, mas o senhor...

Foi assim que eu conheci, a propósito de Jim, um aspecto do verdadeiro Brierly, alguns dias antes de ele confiar aos bons cuidados do mar suas aparências e sua realidade. Está visto que recusei ocupar-me do assunto. O tom desse último “mas o senhor” (Brierly não pudera retê-lo), que parecia implicar que eu não tinha mais importância que um inseto, fez-me acolher tal proposta com indignação, e a irritação que eu sentia, ou qualquer outra razão, me convenceram, em meu foro íntimo, de que o inquérito era uma punição severa para fim, e que o fato mesmo de ele se submeter a ele – por sua vontade, em suma – constituía uma espécie de reabilitação para seu abominável caso. Brierly deixou-me secamente; no momento, seu estado de espírito me pareceu mais misterioso do que agora se me afigura.

No dia seguinte, chegando tarde ao tribunal, sentei-me só a um canto. Não podia, naturalmente, esquecer minha conversa da véspera com Brierly, e tinha agora os dois homens diante de meus olhos. A atitude de um traía uma impudência dolorosa, a do outro um acabrunhamento desdenhoso; e no entanto uma dessas atitudes parecia não ser mais sincera que a outra, e eu sabia que uma das duas não o era. Brierly não estava acabrunhado; estava era exasperado! Portanto, Jim podia muito bem não ser um impudente! E, segundo minha teoria não o era, com efeito. Eu o imaginava como desesperado. Foi então que nossos olhos se encontraram, e seu olhar me desencorajou de falar-lhe, se eu tivesse a mínima veleidade de o fazer. Em qualquer hipótese que eu adotasse, impudência ou desespero, esse olhar me provava que eu não podia ir em seu auxílio. Era o segundo dia do inquérito e, pouco depois de nossos olhares se terem assim cruzado, Jim, que tinham feito um instante antes descer do banco das testemunhas, foi dos primeiros a deixar a sala. Eu via sua cabeça e seus largos ombros destacarem-se sobre a porta e, enquanto eu saía devagar, conversando

com um estranho que me abordara por acaso, via-o apoiar-se nos cotovelos à balaustrada da varanda, de costas para a gente que descia os degraus.

O segundo caso, se não me engano, dizia respeito a ofensas físicas à pessoa de um agiota, e o demandado, um venerável aldeão de longas barbas brancas, estava sentado numa esteira, exatamente diante da porta, com seus filhos e suas filhas, seus genros e as mulheres destes, e uma parte da gente de sua aldeia, todos acocorados ou de pé em torno dele. Esbelta e bruna, um ombro escuro e a metade do dorso nus e um fino anel de ouro no nariz, uma mulher pôs-se de repente a falar, com uma voz irritada e superaguda. Instintivamente, o homem que estava perto de mim ergueu os olhos para ela. Estávamos justamente no umbral da porta e passávamos por detrás do largo dorso de Jim.

Não sei se eles tinham trazido ou não consigo o cão amarelo. Em todo o caso, havia lá um cão, que se esgueirava por entre as pernas dos assistentes, com esse jeito mudo e furtivo que têm os cães indígenas; meu vizinho tropeçou nele. O cão deu um salto silencioso e o homem ergueu um pouco a voz, para dizer com um riso abafado:

– Vejam só esse imundo animal!

Depois fomos separados por uma onda de gente que penetrava na sala. Fiquei um instante encostado ao muro enquanto meu interlocutor, abrindo caminho em meio à multidão, desaparecia na escadaria, embaixo. Vi Jim voltar-se bruscamente, deu um passo e barrou-me o caminho; estávamos sós e ele me olhava com um ar de feroz resolução. A varanda estava deserta agora; ruído e movimento haviam cessado no tribunal.

– O senhor falou comigo?

– perguntou Jim, lançando-se mais do que se inclinando para mim.

– Não! – respondi logo, pois havia, na calma do seu acento, algo que me fazia tomar cuidado.

– O senhor pretende nada haver dito – insistia ele –, mas eu ouvi.

– É engano – protestei, desnorteado, mas sem deixar de olhá-lo. Olhar seu rosto, naquele momento, era o mesmo que olhar um céu ensombrecido, antes de um trovão, quando as sombras se espessam imperceptivelmente, e a obscuridade se torna cada vez mais profunda, misteriosamente, na calma das violências iminentes.

– Que eu saiba, não abri absolutamente a boca ao alcance de seus ouvidos –

afirmei eu, com uma sinceridade perfeita. O absurdo de tal discussão começava a irritar-me um pouco. Vejo agora que, em toda a minha vida, nunca estive tão próximo duma batalha, digo duma verdadeira batalha, a socos. Eu devia ter uma vaga presciência da ameaça de tal eventualidade. Não que Jim parecesse provocar-me de maneira ativa; pelo contrário, sua atitude era singularmente passiva, mas seu rosto se tornava cada vez mais sombrio e, se ele não era de excepcional estatura, parecia ter força suficiente para derrubar uma parede. O sintoma mais tranqüilizador que eu notei nele era uma espécie de hesitação, de reflexão lenta, que considerei como um tributo à evidente sinceridade de minha atitude e de meu tom. Nós permanecíamos face a face. No tribunal, o processo por violências seguia o seu curso. Eu apanhava palavras no ar: “Poço... bastão... terror...”

– Que tinha o senhor de estar a olhar-me toda a manhã?

– perguntou afinal Jim, erguendo um instante os olhos para fixá-los em seguida no solo.

– Queria o senhor que todo o auditório olhasse para os pés a fim de poupar a sua suscetibilidade?

– retruquei um pouco secamente. Eu não ia dobrar-me docilmente às suas inépcias.

Ele ergueu os olhos e conservou-os desta vez fixos em mim.

– Não, eu o admito! – pronunciou, com o ar de um homem que suporta em si mesmo o bem-fundado de uma asserção; – eu o admito e consinto que me olhem somente...

– e suas palavras se tornavam mais rápidas – eu não permito a ninguém que me insulte fora do tribunal. Havia um homem com o senhor... O senhor lhe falou... Oh! sim... eu sei... Muito bonito!... O senhor lhe falou, mas querendo que eu ouvisse!...

Afirmei-lhe que ele cometia um singular engano, cuja origem eu não podia imaginar.

– O senhor me julgou muito covarde para responder às suas palavras! – disse ele, com um imperceptível acento de amargura.

Eu estava bastante interessado para notar as mais sutis nuanças de sua expressão, mas nem por isso ficava mais esclarecido; não sei no entanto o que, nas suas palavras, ou talvez na sua entonação, me inclinou de súbito para toda a

indulgência possível em seu favor. Eu não me irritava mais com uma situação absurda: era o resultado de um engano de sua parte. Eu tinha pressa de ver aquela cena terminar de modo correto. O mais engraçado era que, no meio dessas considerações de ordem superior, eu guardava a consciência de certo terror ante a possibilidade – para não dizer a probabilidade – da conclusão daquela cena por uma rixa absurda, que eu não poderia explicar e me faria cair no ridículo. Eu não aspirava de maneira alguma à celebridade do homem que se havia feito azular o olho, ou qualquer coisa desse gênero, pelo imediato do *Patna*. A ele pouco se lhe dava, evidentemente, o que pudesse fazer, e achar-se-ia, em todo o caso, perfeitamente justificado a seus próprios olhos. Nós nos olhávamos em silêncio. Ele ficou alguns segundos imóvel, depois deu um passo para mim; eu me preparava para aparar um golpe, sem no entanto mover um músculo, parece-me.

– Se o senhor fosse grande como dois homens e forte como seis – disse ele suavemente – eu diria o que penso do senhor, espécie de...

– Pare! – exclamei. Ele teve um segundo de hesitação.

– Antes de dizer o que pensa de mim – tornei vivamente –, queira explicar-me o que eu próprio disse ou fiz.

Durante o silêncio que se seguiu a tais palavras, ele me olhou com indignação, enquanto eu fazia sobre-humanos esforços de memória, malgrado a irritação que me causava a voz oriental, que se elevava no tribunal com uma volubilidade apaixonada contra uma acusação de falso testemunho. Depois pusemo-nos a falar quase ao mesmo tempo:

– Vou mostrar-lhe o que eu não sou! – declarou ele, num tom prenunciador de crise.

– Afirmo-lhe que não sei do que se trata! – protestei, com sinceridade, no mesmo instante.

Ele procurava aniquilar-me com o seu olhar de desprezo.

– Agora que está vendo que eu não tenho medo – prosseguiu –, queira sumir-se. Quem é que é um imundo animal agora, hein?

– Então, enfim, eu compreendi.

Ele escrutava o meu rosto, como se procurasse um lugar para plantar o punho. Eu não posso dar-lhe uma idéia da minha confusão. Ele deve ter visto nos meus traços um reflexo de meus sentimentos, porque sua expressão serenou um

pouco.

– Meu Deus! – balbuciei – não vá supor que eu...

– Mas eu estou certo de ter ouvido! – insistiu ele, erguendo a voz pela primeira vez após o início dessa deplorável cena. Depois acrescentou, com uma nuança de desdém.

– Não era o senhor, então? Muito bem; eu encontrarei o outro.

– Não se faça de imbecil! – gritei, exasperado – não se trata disto absolutamente!

– Eu ouvi! – repetiu ele, com uma inquebrantável e sombria convicção.

Talvez haja quem ria da teimosia dele. Mas eu, não! Jamais homem algum foi tão impiedosamente traído por seus impulsos naturais.

– Não se faça de imbecil! – repetia eu.

– Mas o outro disse, não mo há de negar!

– Não, eu não o nego! – respondi-lhe, apontando para um lado. Seus olhos acabaram por seguir a direção de meu dedo. Pareceu a princípio não compreender, depois ficou confuso, atônito, assustado, como se o cão fosse um monstro que ele jamais tivesse visto.

– Ninguém teve a intenção de insultá-lo! – expliquei-lhe.

Ele contemplava o miserável animal, que continuava sentado, imóvel como uma estátua; com as orelhas em pé e o focinho pontudo voltado para a porta, ele de tempos a tempos fazia o gesto de abocanhar uma mosca, como um autômato.

Eu olhava Jim. Seu loiro rosto enrubesceu bruscamente sob a penugem das faces; a vermelhidão ganhava a sua fronte, estendia-se até a raiz de seus cabelos anelados. Suas orelhas tornaram-se purpúreas, e até o azul de seus olhos claros ensombreceu sob a onda de sangue que lhe subia à fronte. Seus lábios tremeram, como se ele estivesse prestes a rebentar em soluços. Vi que o excesso de sua humilhação impedia-o de proferir o que quer que fosse. O desapontamento também, talvez. Quem sabe se ele não contava com a surra que me iria administrar, para reabilitar-se a seus próprios olhos e encontrar o apaziguamento? Quem poderia dizer que alívio esperava ele de tal rixa? Fez ouvir um som inarticulado e profundo, como um homem que recebe um golpe no crânio. Era lastimável.

Só pude alcançá-lo bastante longe da porta. Ainda assim, tive de correr um

instante, mas quando, ainda aforismado, o acusei de escapar-se, ele respondeu:

– Nunca! – E fez-me frente em seguida, como um animal acuado. Expliquei-lhe que eu não pretendia absolutamente acusá-lo de fugir diante de mim.

– De ninguém no mundo! – afirmou ele. Olhava-me com paciência, enquanto eu procurava qualquer coisa para lhe dizer, mas a emoção daquele instante me impedia de encontrar as palavras necessárias, e ele pôs-se a caminho.

Segui-o, e, temendo deixá-lo escapar-se, declarei precipitadamente que não queria deixá-lo afastar-se com uma falsa impressão de meu... de minha... Eu balbuciava. A estupidez de minhas palavras me horrorizava no momento preciso em que eu tratava de desvencilhar-me de minha frase, mas o poder de uma frase nada tem a ver com sua significação ou com a lógica de sua construção. Meu balbucio estúpido pareceu causar prazer a Jim. Ele o interrompeu, dizendo com uma placidez cortês, que denotava nele uma extraordinária capacidade de domínio próprio ou uma singular elasticidade de espírito:

– Era eu quem estava enganado.

– Admirei-me ante essa expressão; dir-se-ia que fazia alusão a qualquer insignificante rusga. Não tinha ele então compreendido o deplorável alcance de semelhante engano?

– O senhor pode desculpar-me – disse ele. Depois, num tom de bom humor?

– Toda essa gente que me olhava, na sala, fazia tão boa figura de imbecis que... bem podia ser que eu supusesse ter ouvido!

Essas palavras abriram à minha curiosidade uma nova perspectiva sobre a sua alma. Examinei-o curiosamente, e encontrei seus olhos impenetráveis, de olhar firme.

– Não posso tolerar esse gênero de coisas – disse ele simplesmente – e não o tolerarei mais. No tribunal, é diferente: é preciso que eu suporte a provação, e sou de molde a suportá-la!

Não lhes direi que o tenha compreendido. As impressões que ele me dava de si próprio eram como esses trechos de paisagem, entrevistos através das brechas de uma cortina de nevoeiro, mas insuficientes para dar uma visão de conjunto do aspecto geral de um país. Alimentos para a curiosidade, não a satisfazem, nem podem servir de orientação. Em suma, ele me desnorteava. Foi a conclusão a que cheguei quando ele me deixou, tarde da noite. Eu estava parando no Hotel Malabar, aonde, insistentemente convidado, viera ele jantar comigo.

CAPÍTULO 7

Chegara de tarde um paquete postal, com destino ao Extremo Oriente, e a sala de jantar estava três quartos cheia de gente com centenas de libras de passagens de circunavegação no bolso. Havia casais de recém-casados, muito familiares já e um pouco cansados um do outro desde a metade da viagem; havia grupos importantes ou modestos e viajantes solitários que jantavam solenemente ou faziam um rega-bofe ruidoso; tudo gente que pensava, perorava, gracejava ou resmungava como fazia em casa e cuja inteligência era tão aberta às impressões novas como as malas depositadas nos seus quartos. Daquele dia, carregariam eles, como suas bagagens, uma estampilha certificando que haviam passado por tal lugar. Apreciariam essa distinção e guardariam sobre suas valises as etiquetas gomadas, evidência documental e único resquício durável das aquisições de sua viagem. Os serventes de rosto escuro deslizavam sem ruído pelo vasto soalho encerado; um riso de rapariga, tão inocente e vazio como o seu espírito, espiralava de quando em quando, ou, numa calmaria brusca dos ruídos dos pratos e talheres, distinguia-se uma frase, em tom afetado, do espirituoso do bando, sobre qualquer tema absurdo de algum recente escândalo de bordo. Duas velhas nômades, em vestes de gala, consultavam a carta com acrimônia, trocando murmúrios com seus lábios fanados; com suas estranhas caras de pau, causavam elas a impressão de dois espantalhos suntuosos.

Alguns goles de vinho abriram o coração de Jim e lhe desprenderam a língua. Percebi que ele tinha bom apetite. Parecia haver enterrado em qualquer parte a lembrança do episódio inaugural de nossas relações; era, aparentemente, um assunto de que não se devia tratar ali. E, durante todo o tempo, via eu diante de mim aqueles olhos azuis de criança, que olhavam direito nos meus, aquele rosto jovem, aqueles ombros possantes, aquela fronte larga e bronzeada com uma linha branca sob a raiz dos cabelos loiros encaracolados, aquele exterior que, desde o princípio, havia atraído a minha simpatia, aquele aspecto de franqueza, aquele sorriso cândido, aquela gravidade juvenil. Ele vinha do bom molde; era bem um dos nossos. Falava suavemente, com uma espécie de abandono tranqüilo e com uma calma que podia ser o sinal de uma contenção viril, bem como de uma perfeita impudência, de um endurecimento, de uma inconsciência colossal ou de uma monstruosa duplicidade. Como sabê-lo? Ouvindo-nos, teriam acreditado que falávamos de um terceiro, de um *match* de futebol, ou do tempo

que fizera no ano passado. Meu espírito perdia-se num mar de conjeturas, até que a conversação me permitiu, sem que parecesse uma indiscrição chocante, dizer que, afinal, aquele inquérito devia constituir para ele uma prova bastante rude. Ele estendeu o braço por cima da toalha e, tomando minha mão ao lado de meu prato, olhou-me fixamente. Estremeci.

– Isto deve ser terrivelmente duro! – balbuciei, confuso ante aquela explosão de mudas emoções.

– É... o inferno! – deixou ele escapar, com uma voz rouca.

Seu gesto e suas palavras fizeram erguer a cabeça inquieta a dois turistas elegantes, numa mesa vizinha. Levantei-me e passei para o terraço, para tomar nosso café e fumar.

Sobre pequenas mesas octogonais, ardiam velas em globos de vidro; tufos de plantas de folhas rijas isolavam por pequenos grupos confortáveis cadeiras de vime; entre as colunatas duplas, a noite cintilante e sombria dava a impressão de uma tapeçaria esplêndida. Tremeluziam ao longe as lanternas de posição dos navios.

– Eu não pude escapar – começou Jim; – o patrão o fez; isto é lá com ele; mas eu não pude e não quis, também. Todos arranjaram jeito de fugir, de uma maneira ou de outra, mas isto a mim não me convinha.

Eu o escutava com apaixonada atenção, pois queria saber... e, ainda agora, não sei; estou reduzido a conjeturas. Jim se mostrava, no mesmo instante, cheio de confiança e reticente, como se a convicção de sua plena inocência recalcasse a verdade que lutava nele, a cada minuto, por exprimir-se. Começou por dizer-me, com o tom de um homem que reconhece a sua incapacidade para saltar muro de 20 pés, que não poderia jamais voltar à pátria, e esta afirmação me lembrou as palavras de Brierly sobre aquele “velho pastor de Essex, que parecia ter certa predileção por seu filho marinheiro”.

Eu não saberia dizer se Jim tinha consciência dessa predileção, mas o tom em que ele falava “meu pai” dava a impressão de que o bom velho devia ser o homem mais notável que, desde a origem do mundo, tivesse sido atormentado pelos cuidados de uma numerosa família. Jim não exprimia essa convicção textualmente, mas todas as suas palavras traíam o desejo de que não houvesse dúvidas a respeito; era pueril e encantador, e essa evocação acrescentava aos outros elementos da história uma pungente impressão de existências longínquas.

– Ele deve ter lido tudo agora nos jornais – dizia Jim.

– Eu jamais poderei encontrar-me cara a cara com o pobre do velho! – Eu não ousei erguer os olhos antes que o ouvisse acrescentar?

– Eu não poderia explicar-me; ele não compreenderia! – Então, eu olhei-o: fumava com um ar pensativo, mas arrancou-se logo às suas reflexões para continuar a falar. Comunicou-me o seu temor de ser confundido com os cúmplices de... digamos de seu crime. Ele não fazia parte de seu bando: era de uma espécie completamente diversa. Eu não dava sinal nenhum de desaprovação; não tinha nenhuma intenção de lhe recusar, em nome da estrita verdade, a mínima parcela de graça redentora que pudesse ser invocada em seu favor. Eu não sabia até que ponto dava ele fé às suas próprias palavras, nem mesmo que pretendia ele, se é que pretendia alguma coisa... e julgo mesmo que ele próprio não soubesse nada a respeito; creio que nenhum homem tem plena consciência das engenhosas artimanhas a que recorre para escapar à sombra terrível do conhecimento de sua própria pessoa. Eu não respondi palavra quando o ouvi perguntar o que poderia ele fazer, terminado que fosse aquele estúpido inquérito.

Partilhava aparentemente da desdenhosa opinião de Brierly sobre aquele processo. Ele não saberia para que lado voltar-se, confessava, mais propriamente pensando em voz alta do que dirigindo-se a mim. Com sua carteira confiscada, a carreira anulada, sem dinheiro para afastar-se, não encontraria nenhum trabalho, aonde quer que se dirigisse. Na Inglaterra, poderia talvez desentocar um emprego, mas seria preciso então recorrer aos seus e ele não queria pensar em tal. Não vislumbrava mais que um posto de simples marinheiro, ou talvez de quartel-mestre, num vapor qualquer... Sim, ele poderia servir de quartel-mestre...

– Acredita?

– perguntei impiedosamente.

Ele ergueu-se e foi apoiar-se na balaustrada de pedra, para olhar a noite. Voltou quase imediatamente, virando para mim seu jovem rosto contraído ainda pela dor de uma emoção contida. Tinha bem compreendido que eu não punha em dúvida sua aptidão para manter o leme de um navio. Com uma voz levemente trêmula, perguntou-me por que dizia eu aquilo. Testemunhara-lhe uma bondade sem limites... não tinha mesmo rido quando... quando foi daquele caso da varanda do tribunal... Interrompi-o para dizer-lhe com certo calor que aquele engano não comportava nada de risível. Ele assentou-se e bebeu deliberadamente o café, esvaziando a pequena taça até a última gota.

– Isto não quer dizer que eu admita, um instante sequer, haver merecido

semelhante epíteto – afirmou, perernptoriamente.

– Não?

– Não! – replicou ele, com uma serena convicção.

– Sabe o que teria feito? O senhor? E o senhor não se considera...

– ele fez um movimento, como para engolir qualquer coisa – o senhor não se considera como um animal imundo?

Dito isto, palavra, dirigiu-me um olhar interrogativo. Era uma questão, parece, uma questão *bona fide*. Não esperou, contudo, minha resposta. Sem dar-me tempo a que me refizesse, prosseguiu, a olhar direito diante de si, como se lesse palavras escritas sobre o manto da noite:

– A questão é estar preparado... E, naquele momento, eu não o estava. Não quero invocar escusas, mas agradar-me-ia explicar as coisas; gostaria que alguém compreendesse... Alguém... uma pessoa, ao menos! O senhor... por que não o senhor?

Era uma cena solene e um pouco ridícula também, como o são sempre esses combates travados por um homem para arrancar ao fogo o ideal moral a que pretende conformar-se e essa noção preciosa de uma convenção que não é mais que uma das regras do jogo, mas que não deixa de guardar uma terrível eficiência, pelo poder que ela possui sobre os instintos naturais e pelas terríveis penalidades que comporta seu abandono. Ele começou tranqüilamente sua narrativa. A bordo do vapor da linha Dale, que recolhera os quatro náufragos, tinham-nos, desde o segundo dia, olhado com certa desconfiança. O capitão fizera o seu depoimento, enquanto os outros o deixavam falar, em silêncio; tinham começado por aceitar a história. Não se sujeita a interrogatórios quatro náufragos a quem se teve a sorte de arrancar, senão a uma morte cruel, ao menos a cruéis sofrimentos. Depois, logo que tiveram tempo de refletir, os oficiais do *Avondale* se impressionaram com o que havia de esquisito na história, mas, naturalmente, guardaram suas dúvidas consigo. Tinham recolhido o capitão, o imediato e dois mecânicos do *Patna* perdidos no mar, e, como gente bem educada, nada mais indagavam. Não interroguei Jim sobre suas impressões durante os dez dias que ele passara a bordo. Ouvindo-o falar desse momento de sua história, podia eu inferir que ele estava meio aturdido pela descoberta que acabava de fazer – a descoberta do fundo de seu ser –, e que se dava grande trabalho para explicar tal visão ao único homem capaz de apreciar-lhe a temível enormidade. Ele não se esforçava absolutamente por atenuar-lhe a importância; e nisso mesmo era que consistia a sua distinção. Quanto às suas sensações ao

descer a terra e ao saber as singulares conseqüências da aventura na qual tomara tão lastimável parte, ele não me disse palavra, e elas não são fáceis de imaginar. Pergunto-me se não terá ele sentido o solo faltar a seus pés... mas, em todo caso, soube bem depressa tomar pé. Passou no Abrigo Marítimo uma quinzena à espera e, como lá havia alguns outros asilados, pude ouvir um pouco falar a seu respeito. Seus companheiros inclinavam-se com indiferença a considerá-lo como um bruto insociável. Passara três dias numa espreguiçadeira da varanda, erguendo-se apenas à hora das refeições, ou para errar, tarde, pelo cais, solitário, alheio a tudo o que o cercava, fantasma irresoluto e silencioso, sem casa para assombrar.

– Não creio ter dirigido três palavras a viva alma durante todo esse período – dizia ele, e acrescentava?

– Um qualquer daqueles tipos não teria deixado de fazer uma reflexão que eu estava decidido a não tolerar... Não! Não naquele momento! Eu estava muito... muito...

– Então, em definitivo, a parede interna agüentou o golpe?

– interrompi, redondamente.

– Sim, agüentou, e no entanto eu juro que a senti arquear-se sob a minha mão!

– Que esforços podem contentar às vezes essas velhas ferragens! – comentei.

Estirado na cadeira, com as pernas estendidas para a frente, os braços pendidos, ele acenou diversas vezes com a cabeça. Vocês não poderiam imaginar espetáculo mais triste. Súbito, ergueu a cabeça, batendo com a mão na perna.

– Ah! A ocasião que eu perdi, meu Deus! A ocasião que eu perdi! – exclamou ele, e nesse último “perdi” havia o acento de um grito arrancado pela dor.

Ficou de novo em silêncio, com um olhar fixo e longínquo; suas narinas, um instante dilatadas, aspiravam o perfume da ocasião perdida. Ah! Era um belo imaginativo! Era preciso que ele se mostrasse a nu, que se entregasse inteiramente. No fundo do olhar que Jim mergulhava na noite, eu distinguia todo o ser interior que ele lançava para um reino imaginário de loucas aspirações e de heroísmos inauditos. Nem mesmo pensava mais em lamentar o que perdera, de tal maneira estava total e perdidamente absorto na miragem do que estivera prestes a alcançar. Ele estava muito longe de mim, que o olhava a 3 pés de distância. Embrenhava-se, um pouco mais avante cada minuto, num mundo impossível de proezas romanescas, e acabou por atingir-lhe o centro. Invadiu-lhe

a fisionomia um estranho ar de beatitude; seus olhos rebrilhavam à luz da vela colocada entre nós; teve um verdadeiro sorriso! Tinha chegado ao coração, ao próprio coração do país prodigioso! Era um sorriso extático, que nunca se há de ver no rosto de vocês, meus caros amigos, nem tampouco no meu. Trouxe-o para este mundo, dizendo-lhe:

– Se tivesse ficado no navio, queria dizer, não?

Ele virou para mim um rosto espantado e doloroso, como se eu o tivesse feito cair de uma estrela. Depois, suspirou.

Eu não me sentia disposto ao enternecimento. Ele tornava-se irritante, com suas indiscrições contraditórias.

– Pena que o senhor não o tivesse sabido antes! – disse eu, malevolamente, mas a pérfida frase caiu sem força, morrendo por assim dizer a seus pés, como uma flecha perdida, e ele não pensou absolutamente em colhê-la, como se a não tivera visto. Quase em seguida exclamou:

– O diabo me carregue! Eu digo-lhe que ela cedia! Eu passeava a minha lâmpada ao longo do ângulo de ferro, quando vi uma placa de ferrugem, do tamanho de minha mão, cair por si mesma. A placa moveu-se e saltou como uma coisa viva enquanto eu a olhava!

– E isso lhe causou uma má impressão, suponho...

– disse eu, negligentemente.

– Supõe o senhor – respondeu-me – que eu pensava em minha própria vida, com 160 passageiros ali adormecidos atrás de mim, e mais ainda no convés, que dormiam sem suspeitar de nada, três vezes mais do que as chalupas poderiam conter, mesmo que se tivesse tempo de lançá-las ao mar? Eu esperava ver a placa de ferro abrir-se a meus olhos e a água inundar tudo... Que podia eu fazer, diga-me?

Eu imaginava sem dificuldade a penumbra cavernosa daquele antro superpovoado, o clarão da lanterna a um canto da parede, cuja outra face suportava todo o peso do oceano, e o ruído da respiração dos que dormiam inconscientes. Eu via Jim, com os olhos pregados na parede de ferro, aterrado pela queda da escama de ferrugem, aplastrado pela consciência de uma morte iminente. Era, conforme dizia, a segunda vez que o seu capitão o enviava à proa, pois este, a meu parecer, queria antes de tudo afastá-lo do passadiço. Dizia-me que o seu primeiro movimento fora de lançar um grito e fazer erguer-se toda aquela gente, arremessá-los do sono no terror, mas experimentou um sentimento

tão acabrunhante de sua impotência, que não pôde proferir um único som. É isto sem dúvida que se quer dizer, quando se fala da língua presa ao céu da boca.

– Muito seca – dizia-me ele concisamente, para explicar tal sensação.

Subiu, sem dizer palavra, ao convés, pela primeira escotilha. Confessava que seus joelhos tremiam, enquanto se detinha a contemplar uma nova multidão adormecida. As máquinas estavam paradas. O vapor saía com um ruído surdo, vibrante. Jim via aqui e ali uma cabeça que se erguia, uma forma vaga e estremunhada que se assentava, escutava um instante, depois deixava-se recair. Na sua ignorância das coisas do mar, não podia aquela gente compreender a significação de um ruído anormal. O barco de ferro, os homens de rosto branco, todos os ruídos, todos os espetáculos de bordo pareciam igualmente estranhos àquela piedosa e ignorante multidão e inspiravam uma confiança igual à sua definitiva incompreensão.

Jim esperava, como qualquer outro marinheiro em seu lugar, ver o navio soçobrar de um momento para outro; as placas enferrujadas que sustentavam o oceano deviam fatalmente ceder de súbito, como um dique minado, dando passagem a uma onda brutal e destruidora. Ele permanecia imóvel e olhava todos aqueles corpos estendidos, condenado consciente de sua sorte que contemplava a companhia silenciosa dos mortos. Mortos, eles o estavam; nada poderia salvá-los! Havia chalupas para a metade dentre eles, talvez, mas não haveria tempo de as lançar à água. Não, não havia tempo! Para que abrir a boca, mover um pé ou uma mão? Antes de ter lançado três gritos, de ter dado três passos, ele se debateria num mar branco dos gestos desesperados de entes humanos, todo sonoro de ais e gritos de socorro. E não havia socorro possível! Ele imaginava perfeitamente o que ia acontecer; assistia já à cena, da escotilha onde se achava, com a lâmpada na mão: imaginava-a nos seus mínimos e atrozes detalhes; creio que a revia ainda, na hora em que me contava essas coisas, que não podia referir ao tribunal.

– Eu sentia, tão claramente como estou vendo o senhor aqui, que nada podia fazer, e este pensamento parecia tirar toda a vida a meus membros. Dizia comigo que o mesmo valia ficar onde estava e esperar. Eu não supunha ter muitos segundos à minha frente... De repente, o ruído do vapor calou-se. Mas o silêncio, esse era mais horrível ainda!

Afirmava-me ele não haver pensado em sua própria existência. O único pensamento que se desenhava, para esvair-se e formar-se logo em sua cabeça, era: “Oitocentos passageiros e sete botes! Oitocentos passageiros e sete botes!”

– Havia uma voz que falava alto na minha cabeça: “Oitocentos passageiros! Sete botes! E não há tempo...” Supõe que eu tivesse medo da morte?

– perguntou-me em voz baixa. Deixou cair sobre a mesa a mão aberta; as taças de café estremeceram.

– Não, por Deus! – Cruzou os braços e quedou, silencioso, de cabeça baixa. Depois continuou?

– A equipagem dormia ali, no porão número um, ao alcance de minha mão...

Montavam guarda como negros, naquele navio; toda a equipagem dormia, só se podia contar, em caso de necessidade, com os quartéis-mestres designados e os homens de guarda. Tinha Jim vontade de sacudir o lascar mais próximo, mas nada fez. Uma força parecia reter seu braço. Não tinha medo, não, mas, não podia fazer a gesto, eis tudo! Não tinha medo da morte, talvez, mas, vou-lhes dizer, tinha medo do que ia acontecer! Sua maldita imaginação evocava todos os horrores do pânico, a arremetida furiosa, os gritos, os barcos virados, todos os incidentes atrozes que pode sugerir a idéia de um sinistro em alto-mar. Ter-se-ia ele de boa vontade resignado à morte, mas suponho que queria morrer sem terrores suplementares, tranqüilamente, numa espécie de sonho sereno. Certa aptidão para a morte não é coisa tão rara, mas o que é raro é encontrar homens cujo coração, revestido de uma impenetrável armadura de vontade, esteja pronto para conduzir até o fim uma batalha perdida; a necessidade de paz se torna mais forte à medida que a esperança desaparece, e acaba por dominar a própria sede de viver. Qual de nós já não conheceu qualquer coisa de tal impressão, a lassitude extrema dos sentimentos, a inanidade do esforço, o infinito desejo de repouso? Os que lutam contra forças brutais conhecem bem esse desejo: os náufragos acotovelando-se em chalupas, os viajantes perdidos no deserto, todos os homens que se batem contra as cegas potências da natureza ou a brutalidade estúpida das multidões!

CAPÍTULO 8

Quanto tempo se manteve ele sem mover-se perto da escotilha, esperando sentir de um momento para outro o navio afundar sob seus pés, eu não o saberei dizer. Não muito tempo, sem dúvida, dois minutos talvez. Dois homens que ele não podia distinguir puseram-se a conversar calmamente e percebeu, não sabia onde, um singular rumor de passos. Mas, acima desses sons furtivos, tinha consciência da calma terrível que anuncia as catástrofes, do horrível silêncio que precede os grandes tumultos, quando de repente lhe atravessou o espírito a idéia de que talvez ele tivesse tempo de cortar os cabos de todas as embarcações para fazê-las flutuar.

O *Patna* tinha um longo passadiço onde se encontravam enfileiradas todas as chalupas, quatro de um lado e três do outro. Jim afirmava-me, com o evidente desejo de ser acreditado, que sempre cuidara por ter as embarcações prontas para qualquer emergência.

Ele avançou, pois, tropeçando. Tinha de transpor membros, evitar cabeças. Sentiu de repente uma mão agarrar-se às suas calças, enquanto uma voz angustiada se elevava sob o seu cotovelo. A luz da lâmpada tombou sobre um rosto erguido, cujos olhos eram tão suplicantes como a voz. Jim conhecia bastante a língua dos peregrinos para compreender a palavra “água” pronunciada diversas vezes, num tom de súplica e quase desespero. Quis desvencilhar-se, com um repelão, mas sentiu braços agarrados às suas pernas.

– O infeliz agarrava-se a mim como um homem que se afoga – explicava-me ele com emoção.

– A água! A água! De que água queria ele falar? Que sabia ele? Ordenei-lhe que me largasse. Mas ele retinha-me sempre; o tempo urgia; os outros passageiras começavam a agitar-se. Ele me tomara a mão, e eu o sentia prestes a gritar. Compreendi que um só grito poderia bastar para produzir o pânico e; com toda a força de meu braço livre, eu lhe assentei, em pleno rosto, um golpe com a minha lâmpada. O vidro tilintou, a luz apagou-se, mas o choque o fez largar-me e eu fugi; eu queria chegar aos botes... O homem correu atrás de mim. Eu voltei-me para ele. Ele ia gritar. Estrangulei-o pela metade antes de compreender o que ele queria! Era água que ele pedia! Água de beber! A ração era poupada, compreende, e ele levava consigo um menino que estava doente e tinha sede.

Percebendo-me, pedira que lhe desse um pouco de água, eis tudo! Estávamos sob o passadiço, na sombra. Ele se obstinava em agarrar-me os punhos; impossível livrar-me dele! Saltei na minha cabina, agarrei a minha garrafa e deilha. Ele eclipsou-se. Eu não me havia apercebido de que eu próprio tinha uma sede intensa... São coisas que não sucedem senão uma vez na vida de um homem. Ah, bem! Quando cheguei por fim ao passadiço, os miseráveis estavam a desprender um dos botes. Eu escalava precipitadamente a escada, quando um golpe violento me atingiu as costas. Não parei, contudo, e o chefe-mecânico, que tinham acabado por arrancar a seu leito, reergueu sua alavanca. Não sei por que, nada me espantava; tudo aquilo me parecia natural e horrível... horrível! Saltei sobre o infeliz maníaco, arranquei-o do convés como uma criança e ouvi-o suplicar nos meus braços: “Deixe-me... deixe-me... Eu o tomava por um daqueles negros!” Arremessei-o longe de mim; ele escorregou sobre o passadiço e, tropeçando nas pernas do segundo-mecânico, fez tombar o homenzinho. O capitão, que se ocupava com o bote, voltou-se e veio na minha direção, de cabeça baixa e rosnando como um animal selvagem. Fiquei firme como uma pedra... era como se eu já tivesse vinte vezes visto, ouvido e experimentado tudo aquilo. Pus-me em guarda, e o patrão parou, engrolando: “Ah! Era você! Dê-nos um ajutório. Depressa!” Eis o que ele achou para me dizer: “Depressa!” Como se ninguém tivesse bastante pressa! “Não vai fazer alguma coisa?”, indaguei. “Sim! Escapar!” Não creio ter compreendido logo o que ele queria dizer. Os outros dois se haviam erguido e precipitado para o bote. Resfolegavam, praguejavam, maldiziam bote e navio, injuriavam-se um ao outro e a mim com eles. Eu não me movia, não falava: observava o navio. Estava assim...

– Jim espalmava a mão, com a ponta dos dedos inclinada para a terra.

– Eu via a linha do horizonte acima da roda da proa; eu via o mar sombrio e calmo, calmo como um pântano, de uma imobilidade de morte, de uma imobilidade que eu não podia olhar. Já viu um barco com a proa meio mergulhada e retido sobre a água por uma placa demasiado enferrujada para que se pudesse escorar? Escorar, sim! Eu pensava nisso, eu pensava em tudo o que se poderia tentar!... Mas como escorar aquilo em cinco minutos? Ou mesmo em cinqüenta! Onde encontraria homens para descer ao porão? E a madeira, a madeira? Teria o senhor a coragem de dar-lhe o primeiro golpe, se tivesse visto aquela parede? Não diga que sim; o senhor não a viu; ninguém teria ousado... Que o diabo me carregue! Para tentar semelhante empresa, é preciso esperar uma chance entre mil, ao menos uma sombra de chance! E o senhor não a teria esperado; ninguém a teria esperado! O senhor me considera como um cão, por ter ficado como estava, mas que faria o senhor? Sim, que faria? O senhor não o

poderia dizer; ninguém o poderia dizer! Que queria que eu fizesse? Que vantagem teria o senhor em aterrorizar uma multidão que eu não poderia salvar sozinho, que ninguém poderia salvar? Olhe... Tão certo como eu estou assentado aqui nesta cadeira, diante do senhor...

Ele parava a cada instante, para uma inspiração breve, e lançava-me ao rosto olhares rápidos, como se, na sua angústia, quisesse observar o efeito de suas palavras. Ele não me falava; falava apenas diante de mim; discutia com um ser invisível, um detestável sócio, um indivíduo inseparável de si mesmo, um outro possuidor de sua alma. Um litígio desse gênero ultrapassa a competência de um tribunal de inquérito; era uma discussão sutil e temível sobre a verdadeira essência da vida e que não tinha necessidade de juízes. O que lhe era preciso era um aliado, um cúmplice moral. Eu compreendia que corria o risco de deixar-me cegar, cercar e pegar-me e ser conduzido à força, por assim dizer, a desempenhar um papel preciso numa discussão sem conclusão possível para quem quisesse pesar sem *parti pris* todos os elementos da causa. A vocês, que não conheceram Jim e só ouvem as suas palavras pela minha boca, não posso explicar tal conflito de sentimentos. Parecia-me que me faziam compreender o inconcebível, e eu não conheço mal-estar comparável ao de semelhante sensação. Eu era levado a pesquisar o que se oculta de convenção sob toda verdade, e o que há de essencial verdade em toda mentira. Aquele homem se dirigia a todas as faces do espírito, ao lado perpetuamente voltado para a luz do dia, e a essa outra face de nosso ser que se oculta numa sombra eterna, como o hemisfério desconhecido da Lua, e só se aclara, às vezes, às suas bordas, de uma sinistra luz cinérea. Ele influía em mim, devo reconhecê-lo. O fato, em si, era obscuro, insignificante, tudo o que quiserem; tratava-se apenas de um rapaz perdido... Um, entre milhões de outros... Somente era um de nós?... O incidente era tão destituído de importância como a inundação de um formigueiro e no entanto o mistério de sua atitude impunha-se-me, como se ele estivesse à frente de seus pares, como se a obscura verdade de sua conduta tivesse bastante peso para afetar a opinião que a humanidade pudesse conceber de si mesma...

Marlow parou, para restituir a vida a seu charuto expirante, pareceu esquecer um momento toda a história, depois continuou, de súbito:

– A culpa era minha, certamente! Não se tem em verdade o direito de deixar-se assim cativar. Era uma das minhas fraquezas. A sua era de outra espécie. Minha fraqueza consiste em não ter um olho bastante crítico para as condições acidentais e exteriores. De cada vez é sempre o ser humano que eu sei olhar. Virtude democrática, que me não valeu vantagem alguma...

Ele calou-se de novo, esperando talvez uma reflexão animadora, mas ninguém disse palavra; só o dono da casa murmurou, como se estivesse, a contragosto, cumprindo um dever:

– Você é tão sutil, Marlow!

– Sutil, eu? Oh! Não! – Mas *ele*, ele o era! E, por mais que eu possa fazer para assegurar o sucesso de minha história, deixarei escapar nuanças inúmeras, muito finas, muito imponderáveis para serem expressas em palavras incolores. E, depois, ele complicava ainda as coisas, por sua extrema simplicidade, aquele pobre-diabo, simples entre todos os pobres-diabos!... Por Júpiter, ele era estupefaciente! Afirmava-me tranqüilamente que não teria medo de nada afrontar, tão certo como eu estava diante de seus olhos... e acreditava-o firmemente! Era de uma inocência fabulosa! Eu o vigiava com o rabo do olho, como se o tivesse suspeitado de querer blefar-me. Mas ele tinha toda a certeza! Estava à altura de todos os acontecimentos! Desde que ele era “deste tamanhinho”, tinha-se preparado para todas as provações que podem cair sobre a gente em terra e mar. Achava-se orgulhoso dessa espécie de previdência. Tinha, na sua imaginação, evocado os perigos e inventado as paradas; esperava o pior, e sempre se mostrara superior. Devia ter levado uma existência bem exaltada. Imagine: uma sucessão de aventuras, um radiar de glória, uma seqüência de triunfos, e esse sentimento profundo de uma sabedoria que embelezava cada uma das horas de sua vida interior. Ele se abandonava, seus olhos fulguravam e, a cada uma de suas palavras, meu coração, melhor penetrado pela luz de sua loucura, se tornava mais pesado em meu peito. Eu não tinha nenhum desejo de rir, e, temendo sorrir no entanto, fechava a minha fisionomia. Ele dava sinais de irritação:

– É sempre o inesperado que acontece! – declarei, num tom propiciatório. Minha incompreensão valeu-me um “*Penh*!” de desprezo. Sem dúvida queria exprimir que o inesperado não podia com ele; no seu estado de perfeita preparação, era preciso nada menos que o inconcebível para desnorteá-lo. Fora pegado desprevenido... e mastigava entre dentes uma maldição contra as águas e o firmamento, contra o navio, contra os homens. Tudo o traíra! Ficara reduzido, por surpresa, a essa espécie de resignação altiva que o impedia de mover um dedo, enquanto os outros, com pura clara percepção da iminente necessidade, se acotovelavam, encarniçando-se desesperadamente em torno do bote. Havia, no último instante, algo que não corria bem; tinham achado meio, na sua afobação, de emperrar a roldana de um dos suportes do bote, e o que lhes restava de lucidez esgotava-se nesse incidente fatal. Devia ser um belo espetáculo, naquele

navio imóvel e flutuando em paz no silêncio de um mundo adormecido, a atividade febril daqueles miseráveis, que se agitavam, que lutavam contra o tempo, para libertar a embarcação, que se arrastavam de quatro pés e se erguiam com desespero, que puxavam, empurravam, trocavam palavras de ira, prontos para matar, prontos para chorar, impedidos apenas de se estrangularem pelo temor da morte silenciosa, que sentiam por trás de si, como um guarda inflexível e glacial. Oh! Sim, devia ser um lindo espetáculo! Jim tudo vira, e podia falar daquilo com amargura e desprezo, vira os mínimos detalhes da cena, graças a algum sexto sentido, sem dúvida, pois me jurou ter ficado de parte, sem dirigir um olhar para os homens ou para o bote. E eu creio. Nada o impedia de imaginar a ascensão instantânea da sombria linha do horizonte, a súbita elevação da vasta planície marinha, a investida brusca e silenciosa, o choque brutal, o abraço do abismo, a luta sem esperança, a extinção da abóbada estrelada, fechada para sempre sobre a sua cabeça como uma tampa de sarcófago, a revolta de sua juventude, o negro fim... Ele imaginava tudo isso. Por Júpiter! Que não teria ele imaginado? Os terrores suscitados pela sua imaginação o haviam petrificado e gelado da ponta dos pés à nuca, mas havia na sua cabeça uma dança desgrenhada de visões, um turbilhão de pensamentos mudos, cegos e coxos, como uma ronda de atrozes estropiados. Não lhes disse eu que ele se confessava a mim inteiramente? Ele mergulhava bem no fundo de seu coração, na esperança de uma absolvição que de nada lhe serviria. Seu caso era desses a que nenhuma solene mentira serviria de paliativo, a que ninguém pode trazer remédio, um desses casos em face dos quais o próprio Deus parece abandonar o pecador a seus próprios recursos.

Ele se conservava a estibordo do passadiço, tão longe quanto possível daqueles homens inclinados sobre o bote, encarniçados na sua faina, com uma agitação de loucos e precauções de conspiradores. Os dois malaios não tinham largado o leme. Imaginem os atores desse drama do mar, desse episódio único... Os quatro homens num afã selvagem e furtivo, e os três outros que os olhavam, numa imobilidade absoluta, diante das tendas que cobriam a ignorância profunda de centenas de seres humanos, adormecidos com suas fadigas, seus sonhos e suas esperanças, retidos por uma invisível mão à borda do nada. Que eles estivessem bem à beira do abismo, não há dúvida para mim, dado o estado do navio; nenhuma avaria poderia ser mais fatal que a sua. Aqueles miseráveis, em torno do seu bote, tinham todos os motivos para aterrorizar-se. E no entanto o navio flutuava ainda! Aqueles peregrinos adormecidos estavam destinados a prosseguir sua peregrinação até a amargura de um outro fim. Dir-se-ia que a Onipotência cuja mercê imploravam tinha necessidade por algum tempo ainda

de seu humilde testemunho sobre este mundo. Sua sobrevivência me perturbaria como um acontecimento prodigiosamente inexplicável, se eu não soubesse que pode haver resistência em ferros velhos, resistência análoga à de certas carcaças humanas, aqui e acolá encontradas, que não são mais que uma sombra e que suportam ainda todo o peso da vida.

A atitude dos dois timoneiros não era, a meu ver, a menor maravilha daqueles vinte últimos minutos. Faziam parte do variegado bando de indígenas trazidos de Áden para depor no inquérito. Um deles, muito jovem, lutava contra uma intensa timidez, e seu rosto glabro, amarelado e jovial fazia-o parecer mais jovem ainda do que era. Lembro-me perfeitamente que Brierly fez-lhe perguntar pelo intérprete o que tinha ele pensado no momento do acidente. O intérprete voltou-se para a corte, após um breve colóquio, e, com um ar importante:

– Ele diz que nada pensou! – respondeu.

O outro, com seus olhos piscantes e submissos, com seu lenço de pano azul desbotado por numerosas lavagens e habilmente atado sobre um tufo de mechas grisalhas, tinha um rosto lavrado de sulcos fundos e uma pele escura que a rede das rugas fazia parecer mais sombria; tivera consciência de alguma desgraça tombada sobre o navio, mas não tinha recebido ordem alguma; não se lembrava, pelo menos; por que, então, iria largar o leme? A perguntas mais precisas, lançou para trás suas magras espáduas e afirmou não haver jamais imaginado que os brancos pudessem ter abandonado o navio por medo à morte. Ele não o acreditava ainda. Podiam ter tido razões secretas. Ele movia seu velho queixo com um ar entendido. Ah! Razões secretas... Era homem de experiência, e desejava fazer compreender àquele *Tuan* – ele voltava-se para Brierly, que não erguia a cabeça que tinha adquirido bastantes conhecimentos, servindo por muitos anos aos brancos, no mar; e, de repente, com uma agitação febril, ele derramou sobre nossa atenção uma onda de nomes estranhos, nomes de capitães desaparecidos, nomes de consonâncias familiares ou deformadas de navios esquecidos, como se a mão do tempo houvesse pesado sobre eles há séculos. Acabaram por fazê-lo calar-se, e o silêncio retombou sobre o tribunal, um silêncio que permaneceu absoluto durante um minuto ao menos, antes de resolver-se num murmúrio profundo. Esse episódio causou sensação, no segundo dia dos debates, e sacudiu todo o auditório, todo o mundo, salvo Jim, que, sentado com um ar morno na extremidade do primeiro banco, não erguia os olhos para aquela testemunha estranha e terrível, que parecia obedecer a algum misterioso sistema de defesa.

Os dois *lascars* permaneciam, pois, ao leme daquele barco que não se

governava mais, e a morte ali os teria surpreendido, se tal fosse o destino deles. Os brancos não lhes concediam um olhar; tinham provavelmente esquecido a sua existência, e Jim, certamente, deles não mais se lembrava. Lembrava unicamente a sua impotência para fazer o que quer que fosse, agora que estava sozinho; nada havia a fazer, senão desaparecer com o navio. Para que fazer barulho, por uma coisa tão simples? Para quê? Ele esperava em pé; sem uma palavra, enrijado numa atitude de discrição heróica. O chefe-mecânico correu a ele e puxou-o pela manga:

– Venha ajudar-nos! Em nome do céu, venha ajudar-nos!

Por fim voltou o mecânico ao bote, mas veio logo para Jim de novo, suplicando e praguejando ao mesmo tempo.

– Creio – dizia Jim – que ele me teria beijado as mãos, e, um instante depois, pôs-se a injuriar-me: “Se eu tivesse tempo, sentir-me-ia feliz de lhe quebrar o crânio!” Afastei-o. Agarrou-me de repente pela nuca. Maldição! Bati-me, bati-me, sem olhar. “Então não quer salvar a sua vida, maldito covarde?”, soluçava ele. Covarde! Ele me chamava maldito covarde! Ha! ha! ha!... Ele me chamava... ha! ha! ha!...

Jim inclinava-se para trás, num riso convulsivo. Nunca na minha vida ouvi um riso mais amargo. Na penumbra da longa galeria, as vozes se calaram; as manchas pálidas dos rostos se voltaram todas juntas para o nosso lado, e o silêncio se fez tão profundo, que o tinir claro de uma colherinha tombando sobre o mosaico da varanda encheu de um ruído minúsculo e argentino.

– Não ria assim, com toda essa gente ouvindo! – protestei.

Pareceu não me ter ouvido a princípio, mas fixou um instante no vácuo um olhar que passava sobre mim para contemplar o fundo de uma visão atroz, e murmurou, num tom negligente:

– Bah! Eles vão pensar que eu estou bêbado!

Após o que, a gente pensaria, ao vê-lo, que ele não diria mais palavra. Mas qual! Ele não podia impedir-se de falar, agora, da mesma forma que não poderia, pelo simples poder da sua vontade, impedir-se de viver!

CAPÍTULO 9

– Eu dizia comigo: “Afunda de uma vez, maldito tamanco... afunda!”

Foi nesses termos que Jim continuou a narrativa, que tinha pressa de acabar. Os outros o haviam abandonado com desprezo à sua solidão, e era no seu coração que ele formulava, num tom imprecativo, essa apóstrofe dirigida ao navio. Permanecia, no entanto, como feliz espectador de cenas que deviam, a meu ver, pertencer à baixa-comédia. Os marotos continuavam a encarniçar-se sobre o bote. O capitão gritava:

– Passem por baixo e tratem de aliviá-lo! – Mas, naturalmente, os outros hesitavam. O senhor bem compreende que a idéia de achar-se estendido por baixo de uma quilha de bote e sentir o navio afundar de súbito não lhes sorria senão mediocremente.

– Por que não vai o senhor, que é o mais forte?

– gemia o pequeno mecânico.

– *Gott for dam!* Eu sou muito grande! – engrolava o patrão, com desespero.

Ficaram um instante indecisos. Depois, bruscamente, o chefe mecânico se precipitou para Jim.

– Vamos! Venha ajudar-nos! Está louco, para renunciar assim à sua única oportunidade de salvação? Venha ajudar-nos, está ouvindo? Olhe! Olhe ali! Olhe!

E Jim acabou por olhar, atrás, um ponto que o outro lhe designava com uma insistência de maníaco. Viu uma sombra silenciosa e negra, que tinha já devorado um terço do céu. Sabem o que são essas coisas ali, naquela época do ano? Começa-se por ver simplesmente o horizonte escurecer-se; depois uma nuvem se eleva, opaca como um muro. Uma crista direita de vapores, franjada de clarões sujos e lívidos, surge do sudoeste e devora as estrelas por constelações inteiras; sua sombra voa sobre as ondas e confunde o céu e o mar num abismo único de escuridão. Tudo é calmo, no entanto; nem trovão, nem vento, nem o mínimo relâmpago. Depois, na imensidade das trevas, desenha-se uma abóbada empalidecida; sente-se passar uma ou duas ondulações, como o estremecer da própria escuridão, e, de súbito, vento e chuva se desencadeiam, numa

impetuosidade única, como se acabassem de fazer irrupção através de uma superfície sólida. Era uma nuvem desse gênero que se havia erguido, enquanto os miseráveis lhe davam as costas. Acabavam de percebê-la e julgavam com razão que, se numa calma perfeita tinha o navio algumas chances de manter-se ainda um instante, a menor agitação das águas logo o faria soçobrar. Seu primeiro soerguimento sobre as vagas que precedem uma tempestade daquele gênero seria também o último, terminaria em imersão, prolongar-se-ia inversamente num mergulho sem fim, cada vez mais fundo, mais fundo, até o leito do mar. Daí, neles, um novo sobressalto de terror e visagens novas por onde se traduzia o seu extremo horror à morte.

– Uma nuvem negra, negra! – prosseguia Jim.

– Devia haver uma sombra de esperança ainda em minha cabeça... Mas tudo estava acabado, então! Desesperava-me, como se houvesse caído nalguma cilada! A noite era quente, eu me lembro, e sem um sopro de ar.

Tão bem se lembrava ele, que eu o via resfolegar na sua cadeira, suar e abafar. A lembrança o esbaforia ainda, aplastrava-o, por assim dizer, de novo, mas recordava-lhe também o súbito impulso que o fizera correr ao passadiço. Queria libertar os botes de salvação. Sacou da faca e pôs-se ao trabalho, cortando, cortando. Os outros supuseram-no inteiramente desequilibrado pelo terror. Quando terminou, voltou ao lugar de onde partira. Encontrou o chefe-mecânico, que lhe pegou do ombro, murmurando-lhe de perto, num tom enraivecido, como se lhe quisesse morder a orelha:

– Idiota! Pensa que pode salvar-se, quando todos esses brutos estiverem na água?!

O capitão sapateava furiosamente e gritava:

– Um martelo! Um martelo!

O pequeno mecânico choramingava como uma criança, o que não o impediu, parece, de se mostrar o menos poltrão de todos; acabou por encontrar bastante coragem para correr ao quarto das máquinas. Voltou quase em seguida, escalando a escada, martelo em punho, para lançar-se sem hesitação sobre a roldana recalcitrante. Renunciando a comover Jim, os outros puseram mãos à obra. Jim ouviu o tap tap tap do martelo, depois o ruído do suporte liberado que tombava. O bote estava desimpedido. Foi somente então que ele se voltou para ver. Mas ele guardava a sua distância; queria bem fazer-me compreender que guardava a sua distância, que nada havia de comum entre ele e aqueles homens, com o seu martelo... Nada, absolutamente! Sentia-se separado deles por um

espaço intransponível, por um invencível obstáculo, por um abismo sem fundo. Punha entre si e os outros toda a distância que podia, toda a largura do navio.

Seus pés estavam plantados naquele lugar afastado e seus olhos fixos no grupo indistinto dos homens, a que a tortura de um comum terror curvava ao mesmo tempo. Tinham renunciado ao auxílio de Jim, como se este estivesse, com efeito, muito longe, demasiadamente separado deles para valer a pena de um chamado, de um olhar ou de um sinal. Não tinham tempo de ocupar-se de seu heroísmo passivo, de sentir a ferida de sua abstenção. A embarcação era pesada, e não tinham fôlego a perder com uma palavra de encorajamento; mas a confusão de terror que carregava sua coragem como uma palha na tempestade fazia de seus desesperados esforços uma espécie de irrisão, boa para uma farsa de *clowns*. Empurravam com a mão, com a cabeça, por sua vida, com todo o peso de seu corpo, toda a força de sua alma: apenas, mal tinham conseguido desprender a proa do bote e eis que, suspendendo simultaneamente os seus esforços, nele se arremessavam. Três vezes a cena se renovou. Jim não perdera um gesto de toda a comédia.

– Eu os execrava! Eu os odiava! E era preciso olhar tudo aquilo! Já viu o senhor um homem submetido a semelhante prova?

Tomou um instante a cabeça entre as mãos, como alguém acabrunhado por algum inexprimível ultraje. Eram coisas que ele não poderia explicar num tribunal, nem mesmo a mim. Mas eu teria sido bem pouco digno de suas confidências, se não soubesse, de tempos a tempos, compreender os silêncios que pesavam entre suas palavras. Naquele assalto contra a sua força de alma, havia uma intenção malévola de vingança odiosa e vil; havia um elemento burlesco na sua tortura, a degradação de micagens grotescas, à aproximação da morte e da desonra.

Duas vezes fechou os olhos, ante a certeza do fim, e duas vezes teve de abri-los de novo. De cada vez ele notou a escuridão crescente da vasta imobilidade. A sombra da nuvem silenciosa, tombada do zênite sobre o navio, parecia ter afogado todos os ruídos. Jim não ouvia as vozes sob as tendas. Mas, de cada vez que fechava os olhos, um relâmpago de pensamento lhe fazia ver, claro como o dia, aquela multidão de corpos, prontos para a morte. Quando abria as pálpebras, era para sentir a luta confusa de quatro homens, batendo-se como loucos contra um barco.

– De tempos a tempos recuavam, punham-se a praguejar uns contra os outros, depois arremessavam-se bruscamente de novo, todos a um tempo...

Havia de que morrer-se de riso?

– concluía Jim, baixando os olhos. Depois fixou-os um instante nos meus, com um sorriso lamentável?

– Minha vida deverá ser bastante divertida, porque eu reverei sempre aquele espetáculo grotesco! – Sua cabeça retombou.

– Verei e ouvirei... Verei e ouvirei...

– repetiu ele duas vezes, em longos intervalos.

Ergueu-se.

– Eu estava decidido a conservar os olhos fechados – continuou –, mas não o podia! Não o podia, e pouco me importa que o saibam! Que eles vão pois afrontar aquela espécie de espera, antes de falar! Que vão! E que façam melhor, eis tudo! Da segunda vez, minhas pálpebras se abriram e minha boca também; eu sentira o vapor mover-se. Ele bicava de proa, para subir devagar, devagar... interminavelmente devagar. A nuvem passara adiante de nós, e aquela primeira ondulação parecia correr sobre um mar de chumbo. Não havia vida naquele movimento, mas foi o bastante para me abalar qualquer coisa na cabeça. Que é que o senhor teria feito? O senhor está segura de si mesmo, não é? Que faria o senhor agora, neste momento, se sentisse esta casa mover-se, um pouquinho que fosse, sob a sua cadeira? Daria um salto! Por Deus! O senhor não daria senão um salto, do lugar onde está sentado até aquela folhagem, lá embaixo!

Ele fazia um gesto com o braço, na noite, acima da balaustrada de pedra, e fixava em mim um olhar insistente e severo.

O último instante era chegado, dizia ele com os seus botões, e não se movia. Seus olhos estavam colados ao chão, enquanto os pensamentos se desencadeavam na sua cabeça. Foi precisamente nesse instante que ele viu um dos miseráveis inclinados sobre o bote dar bruscamente um passo atrás, bater o ar com seus braços erguidos, tropeçar e cair. Não caiu precisamente; escorregou suavemente e ficou sentado, com o dorso arqueado e as espáduas coladas contra a capota da casa das máquinas.

– Morto?

– perguntei eu. O inquérito revelara qualquer coisa desse gênero, com efeito.

– Parece! – respondeu ele, com uma sombria indiferença.

– Naturalmente, eu não sabia nada. Fraqueza do coração. O pobre diabo se

queixava, há algum tempo, de não se sentir bem. A emoção... o excesso de fadiga... o diabo sabe o quê!... Ha! ha! ha! Era fácil de notar-se que ele não queria morrer. Muito engraçado, não? Aquilo foi um verdadeiro suicídio... Acuado! Caído na emboscada, sem mais nem menos!... Exatamente como eu! Ah, se ao menos ele se tivesse conservado tranqüilo, quando o foram retirar do leito, porque o barco afundava! Se tivesse ao menos ficado de parte...

– Ainda uma ocasião perdida, hein?

– murmurei.

– Por que não ri o senhor?

– perguntou ele.

– Uma boa *blague*, maquinada no inferno! Fraqueza do coração... As vezes, eu bem queria ter tido o coração fraco!

Essas palavras me irritaram.

– Ah! Sim?

– exclamei, ironicamente.

– Sim, será que o senhor não compreende?

– gritou ele.

– Eu não vejo a que o senhor poderia desejar de melhor! – retruquei, irado.

Ele lançou-me um olhar totalmente incompreensivo. Mais um golpe errado.

Por certo ele não podia descobrir, no momento, que o homem estivesse morto. O minuto seguinte o seu último minuto a bordo foi repleto de um tumulto de fatos e de sensações que o assaltaram como o mar que bate em um rochedo. Uso propositadamente desta comparação, porque a sua narrativa me fazia sentir, do princípio ao fim, que ele conservara uma estranha ilusão de passividade, como se não tivesse agido, mas sim ficado entregue às potências infernais, que dele faziam a vítima de sua sinistra farsa. A primeira coisa de que ele teve consciência foi do ranger dos pesados guindastes; houve uma vibração, que lhe pareceu entrar no seu corpo pela sola dos pés, e subir do convés, ao longo de sua espinha, até o alto de seu crânio. Depois, uma segunda ondulação mais forte ergueu o casco inerte numa sacudidela ameaçadora, que cortou a respiração de Jim, enquanto ele sentia o coração e o cérebro varados de punhaladas pelos gritos de pânico.

– Quando aqueles cretinos começaram, aqueles ganidos teriam bastado para

acordar os mortos! – explicava-me Jim.

Ouviu um ruído surdo de passos e a queda de corpos que se precipitavam para dentro do bote, literalmente lançado ao mar, ao mesmo tempo que gritos confusos:

– Largar! largar! Chegou a tempestade!

Ele ouviu, bem acima da sua cabeça, o flébil murmúrio do vento e, a seus pés, um grito de dor. A seu lado, uma voz perdida pôs-se a praguejar contra um arpão. De popa a proa, o barco começou como que a zumbir, à maneira de uma colméia em cólera. Jim continuou, sem a mínima precaução, por assim dizer:

– Eu esbarrei nas suas pernas.

Era a primeira alusão a um movimento qualquer de sua parte. Não pude reprimir um gesto de surpresa. Tinha havido qualquer coisa, enfim, que o fizera mover-se, mas o momento exato em que essa qualquer coisa adviera, a causa que o arrancara à sua imobilidade, ele não o sabia, da mesma forma que a árvore desenraizada não conhece a borrasca que a abateu. Tudo aquilo lhe tombara em cima: os ruídos, os espetáculos, as pernas do morto, por Júpiter!

– Ele rolou para o lado suavemente, e é a última coisa de que eu me lembro a bordo – prosseguia Jim.

– Pouco me importava o que ele fazia. Dir-se-ia que desejava erguer-se. Eu, naturalmente, pensava que ele o ia fazer; esperava vê-lo saltar diante de mim por cima da balaustrada, para lançar-se no bote com os outros. Eu os ouvia agitarem-se em baixo, e uma voz que parecia sair de um poço chamou: “Georges!”, depois três vozes se ergueram juntas, mas chegaram-me separadamente aos ouvidos: eram um balido, um uivo e um grunhido. Oh!...

Jim estremeceu levemente, e eu o vi erguer-se devagar, como se, do alto, uma vigorosa mão o tivesse erguido de sua cadeira, pelos cabelos. Devagar, cada vez mais alto, de toda a sua altura. Depois, quando seus joelhos se distenderam, a mão o soltou, e ele vacilou um pouco sobre os pés. Seu rosto, seus movimentos, sua própria voz me davam tão terrível impressão de imobilidade silenciosa que, quando ele acrescentou: “Eles berravam!”, eu aprestei involuntariamente os ouvidos para escutar o fantasma dos gritos que o silêncio assim criado me ia fazer ouvir.

– Havia oitocentas pessoas no navio, oitocentos seres vivos, e era o morto que eles chamavam, a quem eles suplicavam que descesse e se salvasse! “Salta, Georges! Salta!” Nisto, a voz do capitão: “*Meie Gott*! A tempestade! Vamos!”

Sob a primeira bátega da chuva e a primeira rajada do vento, eles suplicavam: “Salta, Georges que nós te agarraremos!” O *Patna* começou a afundar suavemente, varrido.pela chuva; meu gorro voou; senti que perdia a respiração: Ouvi um último apelo selvagem, que me chegou aos ouvidos como se eu estivesse no alto de uma torre: “Geo... o... o... orges! Salta!” O navio afundava, afundava, de proa, a meus pés.

Jim ergueu as mãos e moveu os dedos diante do rosto, como para arrancar teias de aranha que o estivessem importunando; depois olhou um bom meio segundo para a sua palma aberta, antes de largar:

– Eu tinha saltado...

– Reteve-se, desviou os olhos...

– Tem-se de acreditar...

– concluiu.

Seus claros olhos azuis voltaram-se para os meus com um olhar lastimável, e, vendo-o diante de mim, de pé, confuso, doloroso, eu me senti opresso por um triste sentimento de sabedoria resignada, junto com a piedade profunda e irônica de um velho que nada pode fazer ante uma irremediável criancice.

– Parece...

– balbuciei.

– Eu não o tinha percebido, antes de erguer os olhos – explicou ele vivamente. Estava tombado sobre um corpo, em cima de um banco, doía-lhe o lado esquerdo, e, quando rolava sobre si mesmo, viu confusamente, acima de sua cabeça, o navio que acabava de abandonar; o clarão vermelho da lanterna, ampliado pela chuva, dava a impressão de uma fogueira acesa no nevoeiro, ao alto de uma colina. O navio parecia alto como muro e pendia para o bote como um penhasco...

– Eu desejava a morte – gritou ele.

– Impossível voltar para trás. Era como se eu tivesse saltado num poço, num buraco sem fundo...

CAPÍTULO 10

–Nada mais exato. Era bem num poço sem fundo que ele havia saltado; tinha tombado de uma altura que jamais poderia escalar. Entrementes, o bote havia derivado adiante da proa do *Patna*. Seus ocupantes não podiam ver-se uns aos outros na escuridão profunda; estavam, ademais, como que cegados e meio afogados pela chuva. Era como se fossem carregados por uma torrente através de uma caverna. Eles voltavam as costas à borrasca. O mar assobiava "como 20 000 chaleiras". A comparação é de Jim, não minha. Creio que não houve mais vento, após a primeira rajada e, no inquérito, o próprio Jim confessou que o mar nunca estivera muito forte, naquela noite. Acocorado à proa do bote, ele lançou um olhar furtivo para trás. Percebeu no mastro, ao alto do *Patna*, um clarão amarelo brumoso, como o da última estrela que se vai extinguir no céu.

– Fiquei horrorizado de vê-lo ainda lá – explicou-me ele. O que o horrorizava era o pensamento de que tudo não estava ainda terminado. Evidentemente desejaria ele que toda aquela abominação terminasse o mais depressa possível. Ninguém fazia o menor ruído no bote. Ele parecia correr muito depressa na noite, mas, de fato, não devia ter feito muito caminho. A tempestade afastava-se; dentro em pouco, não se ouvia mais, além da chuva, que o bater do mar no fundo do bote. Havia uns dentes que se entrechocavam violentamente; uma mão tocou as costas de Jim, enquanto uma pobre voz suspirava:

– Você está aí?

E uma outra exclamava, trêmula:

– Acabou-se!

Voltaram-se todos, para olhar para trás; não viram mais luzes. Uma chuva fina e gelada fustigava-lhes o rosto. O bote deslizava suavemente. Os dentes bateram mais forte, pararam, recomeçaram por duas vezes, sem tremor para dizer:

– Ju... u... u... us... ta... ta... mente a... a... a tempo!

Jim reconheceu a voz do chefe-mecânico, que declarava:

– Eu o vi afundar! – Tinha virado naquele instante a cabeça.

O vento cessara quase que completamente. Eles perscrutavam a sombra, com

o rosto meio voltado para a brisa, como se tivessem ouvido os gritos. Jim estimara a princípio que a noite houvesse ocultado a cena a seus olhos, mas logo a idéia de que tudo se passara sem que ele nada tivesse visto ou ouvido lhe pareceu a culminância de atroz aventura.

– Esquisito, não?

– murmurou ele, interrompendo sua desalinhavada narrativa.

Não, aquilo não me parecia esquisito. Devia ele ter tido a inconsciente convicção de que a realidade não poderia ser tão horrível, tão angustiosa, tão dolorosa, tão alucinante como o terror criado por sua imaginação. Naquele primeiro instante devia seu coração ter sido torturado por todo o sofrimento e sua alma saboreado a acumulação de todos os terrores, de todo o horror, de todo o desespero de oitocentos seres humanos assaltados de noite por uma morte brutal e súbita. Se assim não fosse, não teria ele dito:

– Alguma coisa me movia a saltar daquele maldito bote, para voltar até eles, para nadar uma meia milha talvez, tão longe quanto fosse preciso, no lugar exato...

Por que esse impulso? Compreendem-lhe a significação? Por que voltar para o lugar exato, em vez de se atirar ali mesmo, se queria afogar-se? Por que teria ele voltado ao local, senão para ver? Como se sua imaginação devesse encontrar a calma na certeza de que tudo estava acabado, antes de pedir à morte o seu apaziguamento. Eu desafio vocês a me fornecerem uma outra explicação. Eu acabava de ter uma dessas visões singulares e tocantes que se descobrem através dos buracos da bruma. Jim, no entanto, dominara o seu impulso. Notara, de súbito, o silêncio. Comunicou-me ele essa impressão repentina, ante o silêncio do céu e o do mar fundidos, em torno daquelas vidas salvas e palpitantes, numa imensidade infinita e muda como a morte!

– Ter-se-ia ouvido tombar uma agulha naquele bote! – disse-me ele, com uma singular contração dos lábios, como um homem que se esforça por dominar sua sensibilidade para contar uma história, extremamente comovedora.

– Eu não acreditava – continuou Jim – que pudesse haver na terra um lugar tão morto. Não se distinguia o mar do céu; não se enxergava nada, não se ouvia nada! Não havia um clarão, uma forma, um som. Dir-se-ia que a última barra de terra fora engolida, que os últimos humanos, além de mim mesmo e daqueles patifes do bote, se haviam afogado! Tudo desaparecera... e... tudo acabara...

– Jim soltou um profundo suspiro e concluiu?

– ...para mim!

Marlow ergueu-se bruscamente e arremessou o charuto através das trepadeiras da varanda. Ninguém se moveu.

– Ah! Que dizem vocês a isto?

– exclamou ele, com uma animação súbita.

– Não era ele bastante lógico consigo mesmo? Na própria hora da salvação, perdido por falta de um chão aos seus pés, de visões ante seus olhos, de gritos para os seus ouvidos! O aniquilamento, não? E tudo em troca de um céu carregado de nuvens, de um mar sem ondas, de um ar móvel! Nada mais que a noite e o silêncio!

Esse estado persistiu algum tempo. Depois, de repente, e todos ao mesmo tempo, puseram-se os fugitivos a congratular-se com sua sorte:

– Eu logo vi que tudo estava perdido!

– Por um minuto mais tarde!...

– Nós escapamos de boa, hein?!

Jim não dizia nada, mas a brisa começou a soprar de novo, uma brisa suave, cada vez mais fresca, e o mar juntou seu murmúrio ao ruído daquela parolagem desencadeada, em reação contra os minutos de mudo terror. O *Patna* desaparecera... A coisa era incontestável... Ninguém podia fazer nada!... Eles repetiam indefinidamente as mesmas palavras, como se não pudessem parar. Jim notou que aqueles homens falavam como se tivessem deixado atrás de si alguma casca vazia. Bem sabiam que a coisa devia andar depressa uma vez começada, e esse pensamento lhes parecia causar uma espécie de satisfação. Afirmavam uns aos outros que o mergulho não podia durar nada.

– Ele afundou como um ferro de engomar.

O chefe-mecânico declarou que vira, no último instante, a luz do grande mastro extinguir-se “como um fósforo que se deita à água”. Ao que o segundo mecânico se pôs a rir convulsivamente.

– Seus dentes batiam como uma campainha elétrica! – disse-me Jim.

– E de repente começou a chorar. Chorava como uma criança, com soluços e grandes aspirações. “Oh! meu Deus! Oh! meu Deus! Oh! meu Deus!” Ficava um instante tranqüilo, para explodir de súbito novamente: “Oh! meu pobre braço! Meu po... o... bre braço!” Eu tinha vontade de abatê-lo a bofetadas. Mas eu

pensava comigo que, se me movesse, saltaria à água para...

A mão que Jim deixava errar ao acaso entrou em contato com um cálice; retirou-a rápido, como se houvesse tocado uma brasa ardente. Empurrei levemente a garrafa.

– Ainda um pouco?

– perguntei.

Ele lançou-me um olhar de cólera.

– Pensa então que eu tenho necessidade de reerguer o moral para contar-lhe tudo o que tenho a dizer?

– exclamou.

O bando dos viajantes se havia retirado para os seus quartos e nós permanecíamos sozinhos na varanda, à exceção de uma vaga forma branca, confusamente erguida na sombra e que, sob nosso olhar, inclinou-se, hesitou um momento e depois se retirou. Fazia-se tarde, mas eu não apressava o meu convidado.

Ele ouviu de repente, do fundo de seu desespero, seus companheiros que se punham a vomitar injúrias.

– O que era que impedia você de saltar, seu maluco?

– resmungava uma voz.

O mestre-mecânico deixou seu lugar para arrastar-se para a proa, como se tivesse animado de intenções hostis para com “o mais perfeito idiota que se pudesse ver!” O capitão, do banco onde se mantinha com seu remo, lançava, em gritos roucos, epítetos insultantes. O barulho fez Jim erguer a cabeça. Ouviu chamar “Georges!” enquanto, na sombra, uma mão lhe tocava o peito.

– Que é que você tem a dizer para explicar-se, imbecil?

– gritou uma voz, com um acento de virtuosa cólera.

– Era a mim que eles injuriavam, sob o nome de Georges! – explicou Jim.

– Eis que o pequeno mecânico mete a cabeça exatamente sob o meu nariz: “Meu Deus! É esse renegado do imediato!”, exclama ele. “Como?!”, berra o capitão, da outra extremidade da barca. “Não pode ser!”, urra o mestre-mecânico. E ele, também, inclina-se para me olhar embaixo do nariz.

O vento acalmara de novo, subitamente. A chuva recomeçara a cair e de

todos os lados se erguia na noite o rumor suave, contínuo e um pouco misterioso que faz um aguaceiro tombando sobre o mar.

– Eles ficaram muito desconcertados com o golpe, no primeiro instante, para que pudessem dizer mais alguma coisa! – tornou Jim, num tom pausado.

– E eu, que lhes poderia eu dizer?

– Hesitou um momento e, fez um esforço para continuar.

– Depois, eles me lançaram injúrias ignóbeis! – Sua voz baixa como um sopro se elevava bruscamente, endurecida de tempos a tempos pelo desprezo e a cólera, como se estivesse a confessar vergonhas secretas.

– Mas que importavam suas injúrias?

– prosseguiu, secamente.

– Eu percebia o ódio nas suas vozes, e não era para menos; não me perdoavam estar ali, no bote; esta idéia lhes era odiosa, e os tornava loucos...

– Soltou um riso breve.

– Mas a sua cólera não me impedia de... Olhe!... Eu estava assim, à borda... Sentado assim, na borda...

– Ele se encarapitou sobre a borda da mesa, cruzando os braços.

– Um simples movimento para trás, e eu partia... para junto dos outros... Uma pequena sacudidela... Pequeníssima... Mínima...

– Ele franziu os sobrolhos e, batendo na fronte?

– Ela estava aqui, durante todo o tempo, essa idéia... E a chuva fria, reta, fria como neve fundida... Mais fria ainda... sobre a minha leve roupa de algodão... Nunca mais sentirei tanto frio assim na minha vida, eu sei... E o céu era negro, inteiramente negro... Nem uma estrela, nem um clarão, em parte alguma... Nada além daquele maldito barco, e aqueles patifes que ladravam diante de mim, os cães! “Au! au! Que é que você faz aqui? Que belo tipo! Um senhor muito elegante para dar um ajutório! Com que então acabou por sair da sua letargia, hein? Para fazer de espião, com certeza! Au! au! Você não é digno de viver, au! au!” Eram dois, a latir mais forte um que o outro. O terceiro rosnava atrás, sob a chuva. Eu não o distinguia; podia apenas pegar de relance algumas de suas ignóbeis ameaças: “Au, au... lerru... u... lerru... u... au, au!” Era bom ouvi-lo; aquilo me retinha à vida, digo-lhe. Foi aquilo que me salvou. Eles continuavam, como se quisessem arremessar-me à água, à força de barulho. “...É de admirar

que ele tenha tido coragem de saltar... Ninguém tinha necessidade de você aqui! Se soubesse que era você, eu o teria lançado na água, seu poltrão! Que foi que você fez do outro? Aonde foi descobrir você coragem para saltar, maldito covarde? Que é que nos impediria, aos três, de lançá-lo ao mar, com um tiro de revólver?...” Eles acabaram perdendo o fogo. A chuva afastava-se; não houve mais nada. Não havia nada em torno do barco, nem um ruído. Eles queriam lançar-me à água, em verdade? Pela minha alma, creio que seu desejo teria sido satisfeito, se ao menos se conservassem tranqüilos... Lançar-me à água?... Ah, sim! “Experimentem, então!”, disse-lhes eu. “Eu o faria por 4 soldos, e mesmo assim seria muito caro para você!”, gritaram eles, juntos. A escuridão era tal, que somente quando um ou outro se movia era que eu estava certo de o ver... Ah, Deus! Se eles tivessem ao menos tentado!...

– Que extraordinária aventura! – não me pude impedir de exclamar.

– Sim, não era vulgar, não?

– respondeu ele, como se minha interrupção o tivesse espantado.

– Eles fingiam supor que eu, por uma razão qualquer, me havia desembaraçado de nosso auxiliar. Mas por que eu o teria feito? E como diabo podia eu próprio saber? Eu tinha ido parar naquele barco... naquele barco... eu...

– Os músculos de seus lábios se contraíram numa inconsciente careta, desenhada sob a máscara de sua expressão habitual; foi qualquer coisa de violento, de breve e de revelador, como um relâmpago que deixa um instante penetrarem os olhares na profundeza de uma nuvem.

– Sim, eu ali estava... Eu estava ali, com aqueles homens! Não é horrível que se possa ser impelido a fazer coisa semelhante? E que se seja responsável?! Que sabia eu daquele Georges por quem eles berravam tanto? Lembrava-me de tê-lo visto, dobrado em dois sobre o passadiço. “Maldito assassino!”, gritava-me o mestre-mecânico. Dir-se-ia que ele não sabia outra palavra. Aquilo me era igual. Mas a bulha começava a irritar-me. “Pare com isto!”, ordenei. Em vista do que, ele se calou um instante, para insistir, com um grito exasperante: “Você o matou! Você o matou!” “Não!”, berrei. “Mas é a você que eu vou matar agora!” Ergui-me e ele caiu para baixo de um banco. Não sei como foi, a noite estava muito escura. O pequeno miserável pôs-se a gemer: “O senhor não vai bater num homem que tem o braço quebrado, o senhor, que se diz um *gentleman*... “ Ouvi um passo pesado: um... dois... um... dois... Era o outro bruto que avançava para mim, arrastando o remo sobre a borda. Eu o via avançar... enorme... enorme... como se vê uma silhueta no nevoeiro, ou em sonhos. “Venha! Venha!”, gritei-

lhe. Eu o teria arremessado à água, como uma trouxa de roupa suja. Ele parou, resmungou um pouco, depois voltou para trás. Talvez tivesse ele ouvido o vento. Eu não. Foi a última grossa bátega que nos tombou em cima. Ele voltou para seu posto, com grande pesar meu. Eu desejaria...

Jim abriu e fechou os dedos recurvados em garra, e suas mãos tiveram um estremecimento ardente e cruel.

– Calma! Calma – murmurei.

– Hein? Como? Mas eu não estou agitado! – protestou ele, com uma dolorosa emoção, e com um gesto convulsivo do cotovelo que fez virar a garrafa de conhaque. Ergui-me. Ele afastou-se de um salto da mesa, como se houvesse explodido uma bomba, indo cair por terra, acocorado sobre os calcanhares. Sua fisionomia tomou uma expressão de intenso vexame.

– Desculpe! – balbuciou ele, cheio de confusão, em que, na sombra pura e fresca da noite, espalhava-se um penetrante odor de álcool. Só a nossa lâmpada se conservava acesa. Do outro lado da esplanada, os Escritórios do Porto se perfilavam distintamente sobre o campo das estrelas, e dir-se-ia que o sombrio edifício havia deslizado sobre sua base, para aproximar-se de nós e melhor nos escutar.

Jim tomou um ar de indiferença.

– É de acreditar-se que eu esteja menos calmo hoje do que naquele momento. Eu me sentia pronto para tudo. Agora, quanto a esta asneira...

– Deve ter passado belos momentos naquele barco – interrompi-o.

– Eu estava decidido. Uma vez desaparecidas as luzes do navio, tudo poderia acontecer na nossa embarcação, tudo, sem que o mundo nada soubesse. E eu o sentia, e este pensamento me fazia bem. Estava bastante escuro, também. Nós nos achávamos como que emparedados vivos, como um vasto túmulo. Nada mais tínhamos de comum com o que quer que fosse no mundo, e ninguém podia suspeitar coisa alguma de nossos gestos. Nada mais importava! – Pela terceira vez desde o início de nossa conversação, ele teve um riso seco, mas não havia mais ninguém, perto de nós, para o suspeitar de estar apenas bêbado.

– Nem temores, nem leis – prosseguiu ele –, nem ruídos, nem olhares... nem mesmo os nossos... pelo menos até o sair do sol...

Impressionou-me o que as suas palavras comportavam de sugestiva verdade. Há qualquer coisa de particular na sorte de uma pequena embarcação perdida no

meio do oceano. Sobre as vidas que fogem da sombra da morte parece pairar a sombra da loucura. Quando o nosso navio nos abandona, é o mundo inteiro que parece desaparecer com ele, o mundo que nos formou, que continha os nossos impulsos, que nos vigiava. Dir-se-ia que as almas dos homens perdidos sobre um abismo e em contato com a imensidade ficam abandonadas a todos os excessos do heroísmo, da loucura ou do horror. Evidentemente, dá-se com os naufrágios o mesmo que com as crenças, o pensamento, o amor, o ódio, as convicções, ou mesmo com o aspecto das coisas materiais; há tantos sinistros como há homens e, naquele, havia algo de abjeto, que tornava o isolamento mais absoluto; havia, nas circunstâncias, uma vilania que separava mais nitidamente aqueles homens de uma humanidade cujo ideal de conduta não fora jamais submetido à prova de uma horrenda farsa diabólica. Estavam encolerizados contra Jim por este não ser mais que um meio covarde, e ele concentrava sobre os outros um ódio exasperado pelos acontecimentos; ele teria gostado de vingar-se, cabalmente, da odiosa tentação que haviam colocado no seu caminho. Nada como um barco perdido em alto mar para fazer ressaltar tudo o que se oculta de instintivo no fundo de todo pensamento, de todo sentimento, de toda sensação, de toda emoção. Foi a própria mesquinharia, a mesquinharia burlesca daquela triste aventura, que impediu aqueles homens de se atracarem. Tudo se passou em ameaças, tudo se reduziu a uma farsa do princípio ao fim, a uma comédia montada pelo terrível desdém das sombrias Potestades. Indaguei, após um instante de silêncio:

– Que aconteceu?

– Pergunta ociosa.

– Nada – disse ele.

– Eu falava seriamente, mas eles não pensavam senão em fazer barulho. Nada aconteceu, absolutamente.

O sol nascente encontrou-o no mesmo lugar aonde ele havia saltado. Que obstinação na espera! Toda a noite, ele mantivera em punho a barra do leme, o qual se havia quebrado. Isto durante umas seis horas ou mais! Seis horas mais ou menos na defensiva: seis horas de estação vigilante, enquanto o barco avançava suavemente, ou permanecia imóvel, segundo os caprichos do vento; enquanto o mar apaziguado retumbava no seu sono; enquanto as nuvens passavam acima de sua cabeça; enquanto a imensidade do céu, a princípio negra e opaca, se, transfigurava no esplendor nascente; enquanto as formas obscuras que cobriam, atrás, as estrelas mais baixas tomavam desenho e relevo, tornavam-se cabeças,

ombros, fisionomia, traços, erguiam-se diante dele, com olhos de espanto e cabelos em desordem, com vestes rotas, com pálpebras vermelhas e piscantes sob a aurora pálida.

– Eles estavam sentados à popa, ombro contra ombro, como três malditas corujas, e mantinham os olhos fixos em mim. Falaram-me como se fossemos bons amigos. Suplicavam-me que fosse razoável e que largasse aquela “maldita barra”. Por que me obstinava eu na minha atitude? Eles não me haviam feito mal nenhum, diziam-me. E agora, pois, nós éramos amigos... Odiosamente amigos, camaradas! Todos no mesmo barco... Cumpria fazermos pelo melhor... Eles me pediam aos gritos, que fosse à popa, para ouvir tranqüilamente o que o capitão nos tinha a dizer, pois esperavam ser recolhidos antes da noite. Gritei-lhes que eu ouvia muito bem do meu lugar. O capitão explodiu em pragas, lançadas em voz rouca, como a de um corvo. Não iria pôr-se aos gritos para comodidade minha! “Tem medo de que o ouçam da terra?”, perguntei. Ele olhou-me como se me quisesse estraçalhar. O mestre-mecânico aconselhou-o a que se dobrasse à minha fantasia. Afirmava que eu ainda não estava nos meus eixos. O outro pôs-se a falar, a falar...

Jim ficou pensativo.

– E então?

– insisti.

– Que me importava a narrativa que lhes aprazia imaginar?

– exclamou ele violentamente.

– Bem podiam contar o que quisessem; isso era lá com eles. Eu conhecia a verdadeira história, e tudo o que eles poderiam contar aos outros não mudaria nada para mim! Deixei-os perorar, discutir... perorar, discutir ainda. O capitão falava sem pausa. De repente senti as minhas pernas vergarem, eu estava moído de fadiga, exausto até a morte! Larguei a minha barra, virei as costas aos outros e sentei-me no primeiro banco. Chamaram-me para me perguntar se eu havia compreendido, da primeira à última palavra, o que eles tinham contado, à sua maneira. Não voltei a cabeça, mas ouvi-os exclamar: “O imbecil não quer dizer nada!” “Ah! ele compreende perfeitamente! Deixem-no tranqüilo. Ele há de saber desembrulhar-se; que mais poderá fazer?” Que podia eu fazer, com efeito? Não estávamos todos no mesmo barco? Esforçava-me por permanecer surdo. A bruma desaparecera para o norte. Estávamos em calmaria. Desalteramo-nos no barril de água. Após o que tiveram eles bastante trabalho para estender a vela sobre o barco. Eu me encarreguei de fazer de vigia. Eles deitaram-se sob a vela,

longe de meu olhar, graças a Deus. Eu me sentia tão cansado como se não tivesse gozado uma hora de sono desde o dia do meu nascimento. O brilho do sol me impedia de ver o mar. De tempos a tempos, um dos cretinos fazia uma aparição para inspecionar o horizonte, depois deslizava de novo para debaixo da tela, de onde saíam roncos. Eles podiam dormir, ali; um deles dormia, pelo menos. Mas eu não podia! Tudo não era mais que luz, luz! O senhor vai pensar que eu estivesse louco, ainda mais se levar em conta que eu havia perdido o meu casquete. Durante todo o seu percurso, de leste a oeste, o sol bateu de chapa na minha cabeça nua, mas naquele dia nada me podia fazer mal, sem dúvida. O sol não me podia enlouquecer! Nem tampouco me podia matar! Isto era comigo!

Eu o olhava com o espanto que teria experimentado se, após uma pirueta sobre os calcanhares, ele me houvesse apresentado uma cara inteiramente nova.

– Não me deu febre cerebral; não caí morto – prosseguiu ele.

– Não me inquietava absolutamente com o sol na minha cabeça. Eu refletia tão friamente como um homem assentado à sombra.

Jim, que a esta altura se pusera a caminhar de um lado para outro, lançou-me de passagem um olhar perscrutador, que se esforçava por me ler os pensamentos.

– Quer o senhor dizer que examinava consigo mesmo a idéia de matar-se?

– inquiri, com o tom mais impenetrável que pude achar.

– Sim, a isso eu tinha chegado, durante a minha vigília solitária – confessou ele. Deu alguns passos, até o limite imaginário da sua ronda, e, quando tornou para mim, tinha as duas mãos mergulhadas nos bolsos. Parou diante da minha cadeira e baixou os olhos sobre mim.

– Será que o senhor não me acredita?

– perguntou ele, com uma curiosidade dolorosa. Eu me senti emocionado e afirmei-lhe solenemente que estava pronto a prestar fé implícita a tudo o que ele bem me quisesse contar.

CAPÍTULO 11

Ele me escutava, com a cabeça inclinada para o lado, e foi uma nova entreaberta, que deixou penetrar meus olhares na bruma em que ele vivia e se movia. A vela crepitava sob o seu globo de vidro, e era a única luz que o alumiava para mim; às suas costas, havia a noite negra e as claras estrelas, dispostas em planos recuados, e cuja cintilação longínqua atraía os olhares para as profundezas de uma escuridão mais espessa; e no entanto uma misteriosa luz parecia aclarar a meus olhos o seu rosto jovem, como se tudo o que havia nele de juventude se houvesse, naquele momento preciso, exaltado em vapores luminosos.

– O senhor é muito bondoso em escutar-me assim – disse-me ele; – isto me faz bem; o senhor não imagina o que isto representa para mim... O senhor não sabe o que significa, para um homem na minha situação, sentir-se acreditado, descarregar seu coração ante uma pessoa mais velha. É tão difícil... tão horrivelmente iníquo... tão dura de compreender!...

A bruma se adensava de novo entre nós. Ignoro o que podia ele discernir em mim de maturidade ou de sabedoria. Por certo que ele não me supunha tão velho como eu me sentia, nem tão inutilmente experiente como eu o era. Em nenhuma outra existência, como na marítima, a ilusão é mais afastada da realidade; nenhuma outra comporta estréias que não sejam senão ilusões; nenhum desencantamento mais rápido, ou tão completa escravitude. Não temos nós todos começado com o mesmo desejo, acabado com a mesma experiência, guardado a recordação da mesma esplêndida esperança, renovada no fundo de nossa alma através dos dias de imprecação? É pois de espantar que, no dia em que algum rude golpe nos atinja nos sintamos ligados àquela vida por apertadíssimos elos e que, ao lado das camaradagens de ofício, experimentemos o poder de um sentimento mais profundo, o mesmo que liga um homem a uma criança? E ali, diante de mim, com a sua ingênua certeza de que a idade e a experiência podem fornecer um remédio à dor da verdade, ele me proporcionava o espetáculo de uma criança caída numa cilada, na mais odiosa das ciladas, e diante do que os velhos abanam solenemente a cabeça, dissimulando um sorriso. E ele tinha pensado na morte, o miserável!

– Eu me sentia tão desesperado! Era uma dessas aventuras que a gente não

pode esperar. Não é como uma batalha, por exemplo... No entanto – continuou ele –, não deixava de ser mais ou menos como aquela miserável história que eles haviam inventado... Não era uma mentira, mas também não era a verdade... Uma mentira manifesta, isto se reconhece, mas, naquele caso, não havia a espessura de uma folha de papel entre o verdadeiro e o falso! Suponha que eu não tenha... quero dizer: suponha que eu tenha ficado no passadiço... Bem: por quanto tempo teria sido? Admitamos um minuto... meio minuto, talvez... Vejamos: parecia certo que eu estaria na água trinta segundos mais tarde; acredita que eu não me teria agarrado ao primeiro objeto que se me deparasse, remo, salva-vidas, o que quer que fosse? Agora, compreende o senhor por que, afinal de contas, eu não... eu não cedi a meu desejo. Não me queria deixar dominar pelo terror do que havia feito. Aliás, se eu ficasse no navio, teria lutado até o fim para salvar-me. Há gente que permanece horas e horas em pleno mar e é recolhido, sem por isso estar muito pior. Eu teria podido agüentar mais tempo que muitos outros. Não tenho o coração doente, eu! – Retirou o punho direito do bolso, e o golpe que deu no próprio peito ressoou na noite como uma detonação surda.

Neste ponto, eu sentia certa má vontade a seu respeito, como se ele tivesse despojado aquela vida que nos era comum do seu último reflexo de beleza.

– Assim – disse eu –, o senhor escapou-se, sem hesitação!

– Eu saltei – corrigiu ele, incisivamente.

– Saltei, compreende?

– insistiu, deixando-me admirado da sua intenção manifesta mas obscura.

– Sim! Talvez eu não pudesse bem ver naquele momento. Mas na barca eu tive todo o tempo necessário... E eu não tinha medo de pensar... Encarava a situação de frente. E eu não me iria furtar... No primeiro momento, aquela noite, se não fossem aqueles cretinos, eu teria podido... Mas não, eu não lhes queria dar esse prazer. Eu estava perfeitamente desacorçoado, enfadado da vida, em verdade... mas de que serviria... fugir daquela maneira? Eu creio que... aquilo nada teria acabado.

Ele andava agora a largos passos, mas, a estas últimas palavras, voltou-se para mim.

– Qual é a sua idéia?

– inquiriu-me com violência.

– Nada terminado...

– repetia ele, após um instante de hesitação.

– Não, o que era preciso era afrontar as conseqüências de meu ato... sozinho comigo mesmo... Esperar uma nova ocasião, e achar...

CAPÍTULO 12

Tudo era silêncio em torno, por mais longe que o ouvido pudesse perscrutar.

– Bem vejo – disse eu a Jim, mais por arrancar-me de meu torpor do que por qualquer outro motivo.

– O *Avondale* nos recolheu pouco antes do pôr do sol – continuou ele, penosamente; – ele vinha direito para nós; não tínhamos mais que esperá-lo, sem um movimento.

– E, após um longo silêncio?

– Eles contaram a sua história.

– E o senhor não disse nada?

– Que teria eu podido dizer? Um leve choque... Tínhamos parado para examinar as avarias... Tomavam-se todas as medidas para pôr os barcos na água sem suscitar pânico... Mal flutuava o primeiro bote e eis que o navio afundava como uma barra de chumbo... Que se podia desejar de mais simples... e de mais horrível?

– seus lábios tremiam, enquanto ele me olhava direito nos olhos.

– Eu tinha saltado, não?...

– tornou ele, num estupor doloroso – ...e era com este pensamento que eu teria de viver, dali por diante!

– Mas não houve mortos...

– interrompi.

– Oh! Sim! Escândalo – disse ele lentamente, erguendo a cabeça.

– Sabe qual foi o meu primeiro sentimento, ao saber da coisa? Foi um alívio... o alívio de saber que aqueles gritos... Já lhe disse que ouvi gritos? Não? Pois bem, eu os ouvi... Gritos de socorro, levados pelo vento... É estúpido; os outros não ouviram nada; eu lhes perguntei mais tarde. Todos disseram que não. E no entanto eu os ouvia ainda, dia após dia, gritos fracos, ao longe... Depois aquele mestiço me veio falar. “O *Patna*... uma canhoneira francesa... rebocado até Adem... inquérito... Escritório da Marinha... Albergue dos Marinheiros...

Tudo estava pronto para nosso sustento e moradia...” Eu parti com ele, gozando do silêncio. Então, não houvera gritos? Pura imaginação? Seja! Mas as luzes, as luzes! Bem que elas tinham desaparecido! Não tornamos a vê-las, não estavam mais lá! Se ainda lá estivessem, eu me teria lançado a nado, teria voltado ao navio, teria chamado, suplicado que me deixassem subir a bordo... Teria tido uma chance ao menos... Não havia uma luz, a mínima luz! – murmurou ele dolorosamente.

Essa questão do desaparecimento das luzes, num barco afastado um quarto de milha apenas, havia dado azo a inúmeras discussões. Jim afirmava categoricamente nada mais ter visto, logo que passou a primeira bátega, e seus companheiros fizeram a mesma declaração aos oficiais do *Avondale*. Naturalmente, a assistência sacudiu a cabeça, com sorrisos. Mas, de fato, ninguém mentia, nem mesmo o mestre-mecânico, com a sua história da luz do mastro afundando como um fósforo que se deita fora. Ao menos não era, da sua parte, mentira. Um homem com o fígado como o seu bem podia ter visto uma faísca voar no canto do olho, no momento em que lançava um olhar furtivo para trás. Embora ao alcance do navio, não tinham vislumbrado a mínima luz, e haviam tirado de tal fato a única explicação plausível, isto é, que a embarcação soçobrara. Consoladora certeza. A rapidez do desastre que tinham previsto justificava a sua precipitação. Nada de espantar, pois, que não tivessem pensado em procurar outras explicações. E no entanto a verdadeira explicação era bem simples; apenas Brierly a sugeriu, o tribunal deixou de ocupar-se da questão. O navio estava parado e conservava a direção de sua rota noturna; a repleção do compartimento anterior do porão tinha-o feito inclinar-se, com a popa ao alto e a proa mergulhada profundamente. Assim desamparado, enfrentou ele o vento, com tanta firmeza como se estivesse ancorado, e a mudança de posição fez num instante desaparecerem todas as suas luzes à vista do bote impelido pela borrasca. As luzes, se os fugitivos as tivessem percebido, teriam agido sobre eles como uma muda súplica; seu clarão poderia ter esse misterioso poder do olhar humano, que sabe despertar os sentimentos de remorso e de piedade. Elas teriam dito, as luzes: “Nós estamos aqui... ainda aqui!”, e que mais pode dizer o olhar do mais abandonado dos homens? Mas o navio lhes voltava as costas, como para significar o seu desdém pela sorte deles; pesadamente, dera meia volta, e olhara corajosamente para o novo perigo, do qual tão estranhamente se livrou, para, como se estivesse predestinado a uma morte obscura, terminar seus dias num estaleiro de demolição. Quanto aos peregrinos, não sei dizer que fins diversos lhes estavam destinados, mas, no dia seguinte de manhã, um imediato futuro colocou no seu caminho uma canhoneira francesa que regressava da Reunião. O

relatório de seu capitão caíra no domínio público. Ele se havia levemente afastado de sua direção para ver o que podia ter acontecido àquele vapor que mergulhava perigosamente de proa num mar calmo e luminoso. Uma bandeira a meio-pau flutuava num mastro de mezena (o *serang* tivera a inteligência de içar, de madrugada, este sinal de socorro), mas os cozinheiros preparavam o almoço, como de hábito. Os conveses estavam cheios como cercados de carneiros; havia gente trepada nas cordoalhas e outros acumulados em massas compactas no tombadilho; centenas de olhos miravam, mas não se elevou nenhum ruído quando a canhoneira se aproximou, como se aquela multidão de lábios estivesse selada por um encantamento.

O capitão da canhoneira interpelou o navio, sem obter resposta inteligível; depois de se ter assegurado, com seu binóculo, de que aquela multidão de passageiros não parecia dizimada por nenhuma infecção pestilencial, decidiu-se a destacar uma de suas embarcações. Dois oficiais subiram a bordo do *Patna*. Parlamentaram com o *serang* e se esforçaram por entender-se com o árabe, sem poder destrinçar o que quer que fosse das suas palavras; em todo o caso, a urgência de socorro era evidente. Muito se espantaram com a descoberta do corpo de um branco, ficando “bastante intrigados com aquele cadáver”, como me explicava, anos mais tarde, um velho lugar-tenente francês, com quem eu me encontrara numa espécie de café de Sydney, e que se lembrava perfeitamente da história. Aliás, esse caso, diga-se de passagem, parecia dotado de um extraordinário poder para afrontar a fuga do tempo e as falhas da memória; parecia guardar uma espécie de vitalidade sinistra no espírito dos homens e ficar na ponta de suas línguas. Eu tive o duvidoso prazer de encontrá-lo muitas vezes, anos mais tarde, a milhares de léguas, e vê-lo surgir da conversação mais banal, trazido à superfície pelas mais longínquas alusões. Não foi ainda o que se deu hoje conosco? Eu jamais tinha visto aquele francês, e uma hora mais tarde nos separávamos para sempre; não parecia muito dado a conversas; era um homenzarrão pacífico, de uniforme poído, postado, com um ar sonolento, ante um copo cheio de um líquido escuro. Começou por estender-me, por cima da mesa de mármore, um jornal que eu não tinha nenhum desejo de ler. Agradeci-lhe, e trocamos algumas reflexões aparentemente inocentes e, de súbito, sem que eu saiba como se deu a coisa, nadávamos em cheio na história e ele me dizia como tinham ficado “intrigados com aquele cadáver”. Era, parece, um dos oficiais designados para subir a bordo do *Patna*.

– Impossível compreender! – explicava-me ele. Com efeito, nenhum dos marinheiros da canhoneira conhecia bastante inglês para desembrulhar a história que o *serang* engrolava. Ele ficara a bordo do *Patna* trinta horas...

– Impossível! – exclamei.

– Julgaram conveniente – explicou-me ele, erguendo tranqüilamente as sobrancelhas – fazer ficar um dos oficiais para abrir o olho e comunicar-se por sinais com a canhoneira. Tínhamos preparado todas as nossas embarcações, e eu também, naquele navio, tomava todas as medidas necessárias... Enfim, fez-se o possível. Era uma situação delicada. Trinta horas! Prepararam meu almoço. Mas, quanto a vinho, qual! Nem uma gota! – De um modo singular, sem nada mudar à inércia ou à placidez de sua face, ele soube fazer passar sobre os seus traços os sinais de um profundo desgosto. Bem, o *Patna* fora levado a reboque e entregue às autoridades do porto. O meu interlocutor ficara espantado da calma com que receberam aquele estranho depósito. Havia no porto, nesse momento, um couraçado e um vapor da frota da índia, e meu companheiro não ocultava sua admiração pela maneira expedita como as equipagens dos dois navios haviam desembaraçado o *Patna* de seus passageiros?

– Vinte e cinco minutos, contados no relógio... Vinte e cinco minutos, não mais!... Toda aquela gente em terra, com dois pequenos barcos... Mais ninguém a bordo, a não ser um piquete da frota e aquele interessante cadáver... Vinte e cinco minutos! – Depois contou-me que, tendo ordens para alcançar Toulon o mais depressa possível, a canhoneira tivera de partir duas horas mais tarde.

– De sorte que há muitas coisas, nesse episódio da minha vida, que ficaram obscuras para mim.

CAPÍTULO 13

– Diga-me, pois – falou o lugar-tenente –, o que havia mesmo no fundo dessa história? Era bastante curioso... Aquele morto, por exemplo, e tudo aquilo...

– Havia também vivos – arrisquei –, o que era mais curioso ainda...

– Pareceu-me que ele tinha o direito de conhecer os pormenores do caso. Ele escutava-me, mais sacerdotal do que nunca, com uma cara de concentração devota, devida sem dúvida a seus olhos baixos. Uma ou duas vezes ergueu as sobrancelhas, mas sem elevar para isso as pálpebras, como se quisesse dizer: “o demônio!” Uma vez, disse, num tom calmo, e a meia voz: “Ah, bah!”, depois, quando terminei minha narrativa, cerrou deliberadamente os lábios e deixou escapar uma espécie de assobio compungido. Acabou por aprovar com um “Muito interessante!” pronunciado num tom cortês, em voz baixa. Sem me deixar tempo de voltar a mim de um desapontamento, ele acrescentou, como se falasse consigo próprio:

– É isto, sim, é, bem isto! – Ia perguntar-lhe o que ele queria dizer, quando uma espécie de frêmito premonitório perpassou por toda a sua pessoa, como acontece à superfície de um estanque antes mesmo que se sinta o vento.

– E então esse pobre moço fugiu com os outros?

– perguntou ele, com uma grave tranqüilidade.

– Ah! A juventude, a juventude! – disse ele com indulgência.

– Mas, afinal de contas, não se morre disso!

– Não se morre de quê?

– perguntei vivamente.

– De ter tido medo! – Ele bebeu um gole, ao pronunciar estas palavras.

– O medo! O medo! Olhe... Ele está sempre aqui! – Tocava o peito, perto de um de seus botões de cobre. Devo ter feito um sinal de protesto, pois ele insistiu?

– Sim, sim... Fala-se, fala-se... Mas, afinal de contas, não se é mais esperto

que o vizinho, nem mais bravo!... Bravo!... Olhe, eu rolei o meu cadáver por todas as partes do mundo... Conheci bravos... e famosos, upa!... O senhor compreende: em serviço, é preciso que a gente o seja... É o ofício que o exige!... Pois bem, todos esses bravos confessariam que há um momento, um ponto para os melhores dentre nós, e em que se larga tudo! E é com esta certeza que se é obrigado a viver. Compreende? Em face de certas combinações de circunstâncias, o fiasco é forçado a vir, um fiasco terrível... E, mesmo para aqueles que não admitem esta verdade, há um temor ainda, o temor de si mesmos... Acredite-me... Em minha idade, sabe-se de que se fala, que diabo! Faça-se o que se quiser, uma simples dor de cabeça, ou um desarranjo de estômago, basta para... Olhe, eu por exemplo, um dia...

Ele esvaziou o copo e pôs-se a mover os polegares.

– Não, não se morre disso! – afirmou, resolutamente, e senti grande decepção ao ver que ele não ia contar o episódio pessoal que eu esperava.

– É bem isto – tornou –, o homem nasce poltrão. É uma dificuldade, por Deus! De outro modo, seria muito fácil. Mas o hábito... o hábito, a necessidade, os olhares dos outros... Acostuma-se! E depois, o exemplo dos que não valem mais do que nós e que, no entanto, se portam bem.

– Note-se – observei – que aquele jovem não teve nenhum desses estímulos, pelo menos no momento preciso!

Ele ergueu as sobrancelhas com indulgência:

– Sim, o jovem em questão poderia ter as melhores disposições... as melhores disposições...

– Estimo achá-lo tão indulgente...

– comecei.

Fui interrompido por um arrastar de pés sob a mesa. O lugar-tenente elevava suas pesadas pálpebras; digo bem: “elevava”; nenhuma outra expressão traduziria a firme decisão daquele movimento fisionômico que mo revelou enfim inteiramente. Eu via ante mim, em torno da sombra profunda das pupilas, dois círculos gris, estreitos como dois finos aros de aço. O olhar agudo saído daquele corpo maciço dava uma impressão de verdadeira força.

– Perdão! – disse ele nitidamente, erguendo a mão direita e inclinando-se para a frente – Permita... Eu sustentava que se pode estar convicto de que a coragem não vem sozinha. Contudo, não há nisto nada de acabrunhaste. Uma

verdade a mais não é feita para tornar a vida impossível... mas a honra... a honra, senhor!... A honra é uma realidade, por certo... E que pode valer a vida, quando...

– Ele ergueu com uma pesada impetuosidade, como um boi assustado que se ergue da relva; – ...quando a honra se vai... ah! Não lhe posso dar a minha opinião! Porque isto, senhor, isto de perder a honra é coisa que eu não conheço!

Eu me erguera também, e nós nos esforçávamos por meter uma polidez infinita em nossas atitudes, olhando-nos face a face como dois bonecos de porcelana numa chaminé. Maldito indivíduo! Ele havia arrebentado o balão! A miserável futilidade que espia todas as palavras dos homens tombara entre nós.

– Muito bem – aquiesci com um sorriso contrafeito –, mas não se pode resignar à deixar as coisas ocultas?

O lugar-tenente pareceu pronto para uma viva resposta, mas, quando abriu a boca, tinha mudado de idéia.

– É muita sutileza para mim – disse.

– Essas questões me ultrapassam, e eu não penso nelas, senhor.

– Ele inclinou-se pesadamente atrás do quepe, que segurava pela viseira, entre o polegar e o indicador, e eu fiz outro tanto da minha parte.

Nós nos saudamos ao mesmo tempo, arrastando cerimoniosamente nossos pés, sob o olhar crítico de uma espécie de garçom seboso que nos olhava como se tivesse pago para ver o espetáculo.

– Um seu criado! – disse o francês, com uma nova inclinação e um novo arrastar de pés.

– Cavalheiro!

– Cavalheiro! – A porta envidraçada bateu atrás de seu largo dorso.

Fiquei no meu lugar, sozinho de novo e desacorçoado, desacorçoado quanto ao caso de Jim. Não se espantem que o caso tenha guardado para mim a sua atualidade, ao fim de três anos; eu acabava recentemente de rever-lhe o triste herói. Chegava eu de Samarang, onde vira um instante Jim. Ele estava naquele momento, sob recomendação minha, no estabelecimento de Jongh, como vendedor marítimo.

Eu pensava nele após a partida do lugar-tenente francês, mas eu o revia era anos antes, sozinho à minha frente, na longa galeria do Hotel Malabar. Nossa entrevista da noite assemelhava-se muito ao último serão de um condenado. Mas

as rúpias estavam ali, no meu bolso, inteiramente a seu dispor, conforme o plano de evasão de Brierly. Oh! Tratava-se de um empréstimo, de um simples empréstimo, bem entendido... Como não! Mas com o maior prazer. Eu tinha pena, tinta e papel no quarto e estava pronto para escrever a um comerciante de Rangon, que lhe arranjaria um emprego. Ah! Mas ele pretendia afrontar a cerimônia da execução!

– Fugir? Nem posso pensar nisso! – protestava ele, sacudindo a cabeça.

– Eles se esconderam num hospital! Eles fugiram! Não houve um que quisesse afrontar as conseqüências! Mas eu, é preciso que eu suporte a provação até o fim!

– Mas é absurdo, meu caro amigo...

– comecei.

Ele esboçou um gesto de impaciência:

– Creio que o senhor me compreende mal! – disse ele, num tom cortante.

– Eu saltei, é possível, mas eu não fujo!

Ficamos alguns instantes em silencio.

– Lembre-se que eu estimaria muito tornar a vê-lo antes da sua partida – disse eu.

– Não sei o que o poderá impedir. Esse maldito inquérito não me vai tornar invisível. Esta sorte eu não tenho...

Depois, no momento em que nos deixávamos (que Deus nos perdoe a ambos!), não sei como se lhe metera na cabeça a louca idéia de que eu talvez não lhe quisesse apertar a mão e ele entregou-se a uma dolorosa mímica de gestos confusos e hesitantes. Interpelei-o violentamente. Lembro-me de um furtivo e lamentável sorriso no seu rosto, de um forte aperto de mão, um riso nervoso. Depois o infeliz desapareceu não sei como; a noite devorou seu vulto. Ouvi o ruído da terra sob a sola de seus sapatos. Ele corria!... Ele corria, aquele jovem que não tinha nenhum lugar para onde ir. E ele não tinha ainda 24 anos!

CAPÍTULO 14

Dormi pouco, comi às pressas, e renunciei, após curta hesitação, à minha visita matinal ao barco. Verdadeira negligência da minha parte, pois, se meu imediato era, sob todos os pontos de vista, um excelente homem, era também vítima de tão negra imaginação que lhe bastava não receber a tempo uma carta de sua mulher, e logo se tornava doido de cólera e de ciúme, perdia o gosto ao trabalho, discutia com todos e ia chorar na sua cabina, isto quando não dava mostras de uma ferocidade que arriscava levar a equipagem à revolta. Aquilo sempre me parecera inexplicável; estavam casados há treze anos; eu vira um dia sua mulher e, franqueza! não posso imaginar um homem tão fraco para mergulhar no pecado por amor de uma criatura tão desprovida de encantos. Talvez fizesse eu mal em hesitar em abrir os olhos ao pobre Selvin; o infeliz fazia da sua vida um verdadeiro inferno e eu sofria também com as suas coisas, e foi de certo uma espécie de falsa delicadeza que me reteve. As relações conjugais dos marinheiros dariam um assunto bem interessante, e eu poderia citar exemplos... Mas não é ocasião para tratar de tais coisas, e nós nos ocupamos de Jim... que não era casado. Se sua consciência ou seu orgulho de imaginativo, se todos os fantasmas extravagantes ou as sombras austeras, desastrosos familiares de sua juventude, não queriam deixá-lo fugir ante o cadafalso, eu, que não podia evidentemente ser suspeitado de abrigar tais hóspedes, sentia-me irresistivelmente movido a ir ver rolar sua cabeça. Dirigi-me para o tribunal. Eu não esperava ficar muito impressionado ou muito edificado, ou sentir um grande interesse ou uma comoção qualquer, embora, para aqueles que sentem a vida, uma boa sacudidela seja às vezes uma disciplina salutar. O que eu menos esperava era sentir-me tão terrivelmente opresso. A amargura do castigo cifrava-se ali na atmosfera mesquinha e glacial. O que faz a verdadeira gravidade do crime é que ele constitui um abuso de confiança para com a comunidade e, sob esse ponto de vista, não era Jim um traidor de medíocre envergadura, mas sua execução era uma coisa mísera. Ela não demandava nem um vasto cadafalso nem cortina vermelha, não havia atraído nenhuma multidão aterrada, cheia de horror ao criminoso e prestes a chorar seu fim, não tomava nenhum aspecto de sombria retribuição. Havia, nas ruas por onde eu caminhava, um claro sol, uma luz muito viva para ser consoladora, manchas de cor disseminadas por toda parte como um velho caleidoscópio quebrado, amarelas, verdes, azuis, brancas, ofuscantes; a nudez morena de uma espádua descoberta;

um pelotão de infantaria indígena formando um grupo pardacento, encimado de cabeças escuras e calçado de botas poeirentas; um agente de polícia em uniforme cinturado de couro, que me dirigia um olhar cheio de dor oriental, como se seu espírito migrador sofresse terrivelmente com aquele... como dizer... com aquele avatar... aquela encarnação imprevista. No pátio, à sombra de uma árvore solitária, os habitantes implicados numa questão de rixa e ferimentos conservavam-se assentados em grupos pitorescos, fazendo lembrar a cromolitografia de um acampamento num livro de viagem ao Oriente. Procurava-se o obrigatório fio de fumaça no primeiro plano, e as bestas de carga pastando. Um muro amarelo e nu que se elevava por trás ultrapassava a árvore e refletia o sol. Muito sombria, a sala do tribunal parecia maior. Alto na penumbra, os punkahs se balançavam à direita e à esquerda. Aqui e ali, uma silhueta envolvida em linho, diminuída pela nudez das paredes, conservava-se imóvel entre as filas de bancos vazios, como absorta em piedosa meditação. O queixoso, o indígena que recebera os golpes, um corpulento homem cor de chocolate, de cabeça raspada, o peito nu, com a base do nariz marcada com uma mancha de um amarelo brilhante, indicadora de casta, estava sentado, numa imponente imobilidade; só seus olhos brilhavam, movendo-se na sombra, e suas narinas dilatavam-se e comprimiam-se bruscamente, ao ritmo da respiração. Brierly deixou-se cair na sua cadeira, com um ar exausto, como se houvesse passado a noite a correr sobre uma pista de areia. O piedoso capitão de veleiro parecia agitado e tinha movimentos nervosos, como se contivesse a custo um impulso de levantar-se, para exortar-nos calorosamente à prece e à penitência. De uma delicada palidez sob a cabeleira bem cuidada, o rosto do magistrado fazia pensar no de um enfermo desenganado, a quem acabam de lavar, pentear e acomodar cuidadosamente no seu leito. Afastou o vaso de flores, um buquê de flores vermelhas semeadas de alguns pontos róseos e com longos caules depois tomou com ambas as mãos uma grande folha de papel azulado; percorreu-a com os olhos, pousou os braços à borda da mesa e pôs-se a ler alto, com uma voz igual, nítida e indiferente.

Por Júpiter! Todas as minhas inépcias sobre cadafalsos e quedas de cabeça não me haviam preparado para aquilo! Era uma coisa muito pior! Pairava no ar um pesado sentimento de irremediável, sem a consoladora esperança do repouso e da paz que sucede à queda do machado. Aquela leitura tinha a frieza de uma sentença de morte e a crueldade de uma sentença de exílio. Eis, pelo menos, o efeito que me causou naquela manhã e, hoje ainda, parece-me que aquela excessiva apreciação de um acontecimento vulgar comportava uma inegável dose de verdade. Bem podem imaginar a intensidade com que eu sentia tudo

naquele dia. Era talvez essa mesma razão que me impedia de admitir o irremediável daquela sentença. A história continuava a atormentar-me e eu desejava conhecer a opinião de todos a seu respeito, como se não estivesse praticamente regulada pela opinião individual e internacional!... A do francês, por exemplo!... Ele enunciara o sentimento da sua nacionalidade, com a fraseologia fria e precisa de uma máquina, se uma máquina pudesse falar. A cabeça do magistrado ficava meio oculta pelo seu papel. Sua fronte era cor de alabastro.

A Corte devia responder a diversos quesitos. Primeiro: estava o navio devidamente aparelhado, sob todos os pontos de vista, e em estado de afrontar o mar? Segundo ponto: até o momento do acidente, tinha sido o navio comandado com toda a diligência necessária e própria de um marinheiro? Os juízes responderam sim, Deus sabe por que, e em seguida reconheceram que nenhum testemunho permitiria atribuir ao acidente uma causa certa. Tratava-se sem dúvida de algum destroço flutuante. Lembra-me que naquela mesma época um três-mastros norueguês carregado de pitchpin fora dado como perdido; era bem o tipo do barco para virar numa tempestade e flutuar durante meses de quilha para o ar. Esses cadáveres flutuantes são muito freqüentes no Atlântico norte, que é o reduto de todos os terrores do mar: nevoeiros, icebergs, mal-intencionadas carcaças de navios e longas tempestades que se abatem sobre a gente como vampiros, até que não se tenha mais nem força, nem coragem, nem esperança; até que não se seja mais que uma casca vazia de homem. Mas lá, naquelas paragens, esses acidentes são muito raros, e aquele parecia, assim, maquinado por algum malévolo demônio; aliás, se tivera outra intenção além da de matar um foguista auxiliar e fazer pesar sobre Jim uma sentença pior que a morte, havia sido uma diabrura perfeitamente inepta. Tal idéia distraiu por um instante minha atenção. Durante alguns minutos, só percebi a voz do magistrado sob a forma de um murmúrio confuso, mas, de repente, ela se tornou distinta e destacaram-se palavras nítidas: “...em desprezo absoluto ao mais evidente dos deveres...”, dizia ela. A frase seguinte escapou-me; depois: “...abandonando, na hora do perigo, as existências e os bens confiados a sua guarda...”, prosseguia a voz monótona; por fim parou. Sob a fronte pálida, dois olhos lançaram um olhar frio por cima do papel. Voltei vivamente a cabeça para Jim, como se esperasse vê-lo desaparecer sob a terra. Estava ali, perfeitamente imóvel, róseo e loiro, com um ar de atenção profunda. “...Por estas razões...”, continuou a voz, com ênfase. Jim olhava, de lábios entreabertos, suspenso da sentença que ia pronunciar aquele homem meio oculto por detrás de sua mesa. As palavras, tombadas no perfeito silêncio, voavam como o vento dos punkahs, mas eu estava

tão absorvido pelo seu efeito sobre Jim, que apenas peguei de passagem alguns fragmentos do jargão jurídico. Depois, pesou o silêncio. O magistrado pousou sua folha e inclinou-se, sobre o braço da cadeira, para conversar, num tom desprendido, com Brierly. Pessoas levantavam-se para sair, outras procuravam penetrar na sala. Uma vez fora, fiquei imóvel e, quando Jim passou por mim, tomei-o do braço e fi-lo parar. O olhar que ele me lançou deixou-me interdito, como se eu fosse responsável por seu estado. Dir-se-ia uma estátua viva da dor humana.

– Acalme-se – balbuciei.

– Sim – respondeu ele, com voz rouca – ...e agora, que ninguém...! – Desvencilhou o braço, com um repelão. Vi-o afastar-se; a rua era longa e ele ficou durante algum tempo à vista. Ia lentamente, com as pernas um pouco afastadas, como se experimentasse alguma dificuldade em andar em linha reta. No momento em que ia desaparecer, pareceu-me vê-lo cambalear levemente.

– Um homem ao mar! – disse uma voz profunda, às minhas costas. Voltei-me, e vi um homem a quem vagamente conhecia, um tal de Chester, da Austrália ocidental. Também ele vira Jim afastar-se. Tinha um tronco formidável e uma dura face raspada, cor de acaju, com dois espessos tufos grisalhos sobre o lábio superior. Fora comerciante de pérolas e traficante de salvados, caboteur e baleeiro; tinha, segundo suas próprias palavras, exercido todos os ofícios que um homem pode exercer no mar, salvo o de pirata. O Pacífico, do norte ao sul, constituía seu habitual terreno de caça, mas, desta vez, deixara ele o campo de ação para procurar um vapor de segunda mão para comprar. Descobrira recentemente, ao que dizia, uma ilha de guano em qualquer parte; mas as abordagens na tal ilha eram perigosas e a ancoragem insegura, para não dizer coisa pior.

– Vale uma mina de ouro, uma ilha como aquela – clamava ele.

– Bem no meio dos recifes de Walpole! Vai o senhor dizer que não se encontra lá nenhuma parte onde ancorar a menos de 40 braças, mas que me importa isso? Os furacões também... Mas é um negócio extraordinário! Vale uma mina de ouro... mais até!... O que não impede que eu não possa encontrar um único desses imbecis para arriscar-se no negócio! Impossível decidir um capitão ou um armador a vir ver minha ilha! Então resolvi eu mesmo transportar minha mercadoria...

– Eis com que fim ele procurava um vapor, e eu o sabia em negociações entusiastas com certa casa para a compra de um velho brigue, um anacronismo

náutico de 90 cavalos. Tínhamo-nos encontrado e conversado várias vezes. Ele fixava em Jim um olhar crítico?

– Ele toma a coisa muito a sério! – disse, com um tom de menosprezo.

– Muito a sério! – aprovei.

– Então ele não presta para nada – opinou.

– Que significa toda esta história? Que lhe tiraram um pedaço? Mas não é isso que faz um homem! É preciso ver as coisas como elas são, senão não vale a pena insistir: é porque então nunca se fará coisa alguma no mundo! Olhe-me: eu tenho como regra nunca tomar nada muito a peito.

– Sim – comentei.

– O senhor vê as coisas como elas são.

– Eu desejaria agora era ver o meu sócio – tornou ele.

– Não conhece o meu sócio? O velho Robinson. Sim, o próprio Robinson! Não o conhece? O marinheiro que, no seu tempo, contrabandeou mais ópio e recolheu mais peles de foca do que ninguém no mundo. Conta-se que ele abordava os pescadores de foca, ao largo do Alaska, através de nevoeiros tão cerrados que só Deus mesmo poderia distinguir um homem de um outro. Robinson, o Santo Terror! Eis o homem. Associou-se comigo nesse negócio do guano, o mais belo que já encontrou em sua vida! – Chester aproximou os lábios de meu ouvido?

– O canibal?... Sim, era mesmo assim que o chamavam, há anos. Lembra-se da história? Um naufrágio na costa da ilha Stewart, sim, isto mesmo... Desceram sete à terra, e é de supor-se que não se entendiam muito bem; há criaturas eternamente descontentes, que não sabem arrostar a sorte, que não sabem ver as coisas como elas são, como elas são, meu amigo!... A conseqüência? É evidente! Encrenca, encrenca... e sem dúvida também um bom golpe na cabeça, o que aliás é muito bem feito pra eles... Essa espécie de gente nunca é tão útil como quando está morta. Conta-se, pois, que uma embarcação do *Wolverenne*, um barco da frota, o encontrou, um belo dia, de joelhos sobre os *goemons*, nu como tinha nascido, e cantando um salmo, ou qualquer coisa no gênero; uma neve fina tombava sobre as suas costas. Ele esperou que a canoa se aproximasse da margem, depois deu um salto e escapuliu. Deram-lhe caça durante uma hora, e foi preciso que um fundaço, lançado por um marinheiro, o atingisse providencialmente atrás da orelha, estendendo-o por terra, sem sentidos. Sozinho? Evidentemente! Mas é como a história dos pescadores de foca: só

Deus sabe o que há de mentira ou verdade naquilo. Os marinheiros da canoa não perderam tempo em inúteis pesquisas. Envolveram-no numa capa e carregaram-no às pressas; a noite descia já, o tempo era ameaçador e o navio dava tiros de canhão cada cinco minutos, para chamá-los. Três semanas mais tarde, meu Robinson estava são e disposto como nunca. Não se perturbava com toda a falação que faziam em torno da história, apertava os lábios e deixava que gritassem. Já era bastante incômodo haver perdido o seu navio e tudo o que possuía! Eis um homem como eu gosto! – Fez um sinal de apelo para o fim da rua.

– Ele tem ainda um pouco de dinheiro, e eu interessei-o no meu negócio. Seria um crime perder um achado assim! E eu também estava suficientemente aread o... Isto corta a alma, mas eu vejo as coisas como elas são, e, se tenho de repartir com alguém, pensava eu, que seja ao menos com Robinson. Deixei-o no hotel, a almoçar, para vir ao inquérito... Oh! Bom dia, Capitão Robinson! Um de meus amigos, Capitão Robinson.

Um patriarca magérrimo, todo de branco e cuja cabeça trêmula ao peso dos anos se ornava de um capacete com viseira verde, viera juntar-se a nós, depois de haver atravessado a rua com um passo curto e arrastado; apoiava-se com ambas as mãos no cabo do guarda-chuva; uma barba branca estriada de âmbar tombava-lhe até a cintura. Piscava as pálpebras enrugadas, olhando-me.

– Como vai o senhor? Como vai o senhor?

– disse ele com amabilidade, gaguejando.

– Um pouco surdo – avisou-me Chester a meia voz.

– Foi para comprar um velho vapor que o senhor o fez andar 2 000 léguas?

– perguntei.

– Eu o faria dar duas vezes a volta ao mundo com uma simples palavra – respondeu Chester com uma energia selvagem.

– Aquele vapor fará a nossa fortuna, meu rapaz. Tenho eu culpa se os armadores e capitães da Austrália são uns rematados imbecis? Um dia, em Auckland, conversei três horas com um deles. “Envie um navio”, dizia eu, “envie um navio, eu lhe darei metade da primeira carregação por nada... grátis... para fazer uma boa estréia!” “Eu não lhe daria um navio nem mesmo que não tivesse outro lugar no mundo para mandar um!” Ora, o imbecil!... Os rochedos, as correntes, a ausência de ancoradouro, a costa... Nenhuma companhia desejaria correr os riscos do seguro... E ele não via como se poderia completar uma

carregação em menos de três anos! Idiota! Eu estava quase de joelhos a seus pés. “Mas veja as coisas como elas são!”, gritava-lhe eu. “Não se ocupe nem de rochedo nem de tempestades; veja somente o que há lá! É guano, que os plantadores de cana de Queensland disputariam no cais, eu lhe asseguro....” Mas que quer o senhor que eu faça com um imbecil?... “É uma de suas farsas, Chester”, disse-me ele. “Farsa!!! Pergunte então ao Capitão Robinson... E a Wellington, ainda, um outro armador, um tipo de colete branco...” Ele parecia supor que eu tentava uma *escroquerie*. “Eu não sei com que espécie de cretino o senhor pensa estar falando”, dizia-me ele, “mas agora estou ocupado. Até a vista...” Eu bem que desejava agarrá-lo com as duas mãos e jogá-lo janela fora. Mas continha-me; e fazia-me meloso como um pastor. “Pense na minha proposta”, insistia eu, “reflita mais um pouco; eu voltarei amanhã para saber.” Ele grunhiu algumas palavras, pelas quais eu percebi que ele estaria ausente no dia seguinte. Na escada, por pouco que não me atirei de cabeça contra a parede, tão vexado estava. O Capitão Robinson que o diga. Era triste pensar em toda aquela mercadoria perdida ao sol, naquele adubo que faria crescer a cana-de-açúcar até o céu! O futuro de Queensland, o futuro de Queensland! Digo-lho eu! E em Brisbane, depois disto, aonde fui arriscar uma última tentativa, criei fama de louco. Imbecis! Burros! O único homem sensato que lá encontrei foi o cocheiro que me levava de porta em porta. Um tipo da alta caído na miséria, sem dúvida. Hein, Capitão Robinson? O senhor se lembra daquele cocheiro de Brisbane de que lhe falei? Aquele rapaz tinha um faro prodigioso para compreender as coisas. Abarcara a situação num abrir e fechar de olhos. Era um verdadeiro prazer conversar com ele. Uma noite, depois de um miserável dia perdido com os armadores, eu me sentia tão mal, que exclamei: “Preciso embebedar-me! Preciso embebedar-me, senão enlouqueço!” “Estou para todas!”, respondeu ele. “Vamos!” Eu não sei o que teria feito sem aquele rapaz, hein, Capitão Robinson?

Ele desfechou uma tapona nas costas de seu sócio.

– Hi! Hi! Hi! – riu o ancião, lançando um olhar morno para a rua e erguendo depois para mim, com um ar de dúvida, as pupilas tristes e enevoadas...

– Hi! Hi! Hi! – Apoiou-se mais pesadamente sobre o guarda-chuva, depois deixou cair os olhos para o chão. Inútil dizer que eu tentara, diversas vezes, esquivar-me, mas Chester malograra minhas tentativas, empunhando-me pelas vestes.

– Um minuto... tenho uma idéia...

– Diga, então, sua maldita idéia! – acabei por explodir.

– Ah! Pensa que eu vou associar-me com o senhor?! – Não, não, meu velho! –disse ele.

– Agora é tarde, se pensa em tal coisa... Temos o nosso navio...

– Têm é uma sombra de navio – retruquei.

– É o bastante para começar. Nós não esquentamos a cabeça, não, Capitão Robinson?

– Não, não, não – grasnou o velho, sem erguer os olhos. A energia de seu acento exagerava-lhe o tremor senil da cabeça.

– Creio que o senhor conhece aquele jovem...

– disse Chester com um gesto de cabeça para a rua por onde Jim desaparecera.

– Ele comeu ontem com o senhor no Malabar, ao que me disseram.

Respondi que era exato, e ele, depois de ter observado que gostava, também, de viver de maneira folgada e convenientemente, mas que devia, de momento, economizar – pois não temos muito para o nosso negócio, não, Capitão Robinson? –, enfunou o peito e cofiou os bastos bigodes, enquanto o famoso Robinson tossia a seu lado, agarrando-se mais do que nunca ao cabo de seu guarda-chuva, e parecia prestes a desmontar-se passivamente num punhado de ossos ressequidos.

– O senhor compreende, é o velho quem tem toda a massa – cochichou-me misteriosamente Chester.

– Eu me fundi, tentando explorar eu próprio esse maldito negócio. Mas espere um pouco... Espere um pouco! A nossa hora vai chegar! – Pareceu espantar-se dos sinais de impaciência que eu manifestava.

– Oh! É prodigioso! – exclamou ele.

– Eu lhe falo do maior negócio que se possa ver e ele...

– Tenho um encontro – expliquei, timidamente.

– E daí?

– disse ele, com um estupor sincero.

– Bem podia ter um pouco de paciência.

– É o que tenho feito – observei –, e seria melhor que o senhor me explicasse desde já o que deseja.

– Com que comprar vinte hotéis como aquele! – resmungou entre dentes...

– com todos os farsantes que lá vivem... Vinte vezes! – Ele ergueu a cabeça – Tenho necessidade daquele rapaz – disse, lisamente.

– Não compreendo...

– confessei.

– Ele não dá mais para nada, não é?

– Como vou afirmar isso?! – protestei.

– Como! Mas o senhor acaba de dizer-me que ele toma a coisa a sério! – insistiu.

– Pois bem, a meu ver, um homem que... Em todo caso, ele não pode fazer grande coisa aqui... Ora, eu, eu procuro alguém, e tenho justamente uma situação que lhe poderia convir: eu lhe daria um posto na minha ilha! – Fez um gesto significativo?

– Tenho necessidade de quarenta cules lá... Nem mesmo que seja preciso raptá-los... É preciso alguém para trabalhar. Oh! Eu farei as coisas convenientemente: vai edificar-se um hangar de madeira, com teto de tela; conheço um fornecedor de Hobart que aceitará um contrato por seis meses sobre os materiais. É verdade, palavra! Há também a questão da água: é preciso que eu arranje alguém que me forneça de segunda mão reservatórios de ferro-branco, a crédito. Será captada a água da chuva, não? Quero dar a direção àquele jovem, fazê-lo o grande chefe dos cules. Boa idéia, não? Que diz o senhor?

– Mas passam-se anos inteiros sem que se tombe uma só gota de água nos recifes de Walpole! – protestei, muito estupefato para rir. Ele mordeu os lábios e pareceu embaraçado?

– Oh! Arranjarei qualquer coisa, ou levarei uma provisão de água. Ao diabo a água! A questão não está aí!

Nada respondi; acabava, numa visão rápida, de imaginar Jim sobre um rochedo sem sombra, mergulhado até os joelhos no guano, com os gritos dos pássaros do mar nos ouvidos e o globo incandescente do sol acima da cabeça; diante dele, o oceano vazio e o céu vazio não eram mais que uma vasta palpitação, uma única vibração de calor, por mais longe que a vista pudesse

alcançar.

– Eu não aconselharia ao meu pior inimigo...

– comecei.

– Mas que bicho o mordeu?

– exclamou Chester.

– Eu lhe darei bom ordenado, uma vez que o negócio se encaminhe bem, subentende-se. Nada mais a fazer que passear com dois revólveres e seis balas à cinta. Certamente, ele não terá medo do que possam fazer quarenta cules, sendo o único homem armado. É muito mais lindo do que parece. Eu queria que o senhor me ajudasse a convencê-lo...

– Não! – explodi.

Robinson levantou para mim seus olhos turvos, com um ar assombrado, enquanto Chester me considerava com um esmagador desprezo.

– Então o senhor não lhe quer falar por mim?

– perguntou ele, lentamente.

– Decididamente, não! – protestei, com tanta indignação como se houvesse ele reclamado o meu auxílio para matar alguém.

– Aliás, estou certo que ele não o consentiria; ele está bem mal, com o choque, mas ainda não ficou inteiramente louco, creio eu.

– Para nada pode ele servir aqui – resmungou Chester, num tom meditativo –, e lá faria bem a coisa. Se ao menos o senhor quisesse ver as coisas como elas são, compreenderia que é justamente o que lhe serve... E depois... Mas é a mais esplêndida das oportunidades, a mais garantida...

– E de repente, furioso?

– Eu tenho necessidade daquele homem! – Bateu com o pé, com um sorriso inquietante.

– Em todo o caso, posso garantir que a minha ilha não se afundará sob os seus pés, e eu creio que ele seria sensível àquela consideração!

– Até a vista – disse eu, secamente. Ele olhou-me como se eu fosse um incompreensível imbecil.

– Vamos embora, Capitão Robinson – gritou ele, de repente, ao ouvido do

velho.

– Aqueles idiotas dos Parsis nos esperam para fechar o negócio. -– E, tomando fortemente seu sócio pelo braço, fê-lo dar meia volta, e, lançando um rápido olhar por cima do ombro?

– É por bondade que eu pensava naquele rapaz! – afirmou ele com um tom que me fez ferver o sangue.

– Eu não lhe agradeço... em seu nome! – retruquei.

– Oh! O senhor pode ser muito fino, mas é ainda como os outros, sempre nas nuvens. Quero só ver o que o senhor vai fazer do seu homem!

– Eu não pretendo fazer coisa alguma!

– Ah! É?

– e o seu bigode grisalho eriçava-se de cólera. A seu lado o famoso Robinson, apoiado no guarda-chuva, continuava de costas para mim, com a paciência e a imobilidade de um velho cavalo de fiacre.

– Pois eu não encontrei nenhuma ilha de guano – disse-lhe.

– Creio que o senhor não saberia reconhecer uma, mesmo que o levassem até lá pela mão – retrucou ele vivamente –, e, neste mundo, é preciso primeiro ver uma coisa antes de servir-se dela. É preciso ver-lhe o fundo e compreender o que vale, nem mais nem menos.

– E encontrar gente que pense assim – insinuei, com um olhar para a cabeça curvada de seu sócio.

Chester riu:

– Ele tem bons olhos, tranqüilize-se. Não é uma toupeira.

– Oh! Não – aprovei.

– Vamos, vamos, Capitão Robinson – gritou ele com uma espécie de deferência brutal, sob a viseira do velho. O Santo Terror deu um pequeno salto de obediência. Um fantasma de vapor os esperava e a fortuna lhes sorria, lá da linda ilhota. Formavam um estranho par de argonautas. Bem fornido, vigoroso, fisionomia triunfante, Chester avançava majestosamente, e, longo, descarnado, abatido, agarrado a seu braço, o outro agitava as gâmbias secas com uma pressa febril.

CAPÍTULO 15

Não pude ir em seguida à procura de Jim, pois tinha em verdade um encontro impossível de adiar. Depois a má sorte me deparou um cacete recém-desembarcado de Madagascar, com um mirífico projeto de transações prodigiosas. Tratava-se de animais, de cartuchos e dum Príncipe Ravanolo qualquer, mas o pivô de todo o negócio era a inépcia de um certo almirante, o Almirante Pierre, se estou bem lembrado. Tudo girava em torno disto, e o meu homem não achava palavras bastante fortes para expressar sua confiança. Tinha olhos redondos a saltar-lhe da cabeça, com um brilho vítreo, bossas na fronte e longos cabelos repuxados para trás. Repetia sem cessar, num tom de triunfo, uma frase favorita:

– O mínimo de riscos e o máximo de lucros, tal é a minha divisa!

Deu-me dor de cabeça e estragou meu almoço, mas soube extorquir-me o seu. Logo que me vi livre dele, corri ao mar. Divisei Jim recostado ao parapeito do cais. Três barqueiros indígenas que disputavam cinco ananases faziam um alarido medonho a seu lado. Não me viu chegar. Mas deu uma volta brusca ao leve contato de minha mão, como se meu gesto houvesse acionado uma mola.

– Eu estava olhando...

– balbuciou ele. Não me lembro o que lhe respondi; qualquer insignificância, em todo o caso, mas não opôs dificuldade em acompanhar-me ao hotel.

Seguia-me com a docilidade de uma criança, com um ar de obediência e sem dizer palavra, como se aguardasse minha vinda para partir comigo. Não deveria espantar-me tanto daquela facilidade. Em todo este mundo, que parece tão grande a alguns e que outros afetam achar menor que um grão de ervilha, ele não tinha nenhum lugar para onde... como direi? ...para onde retirar-se. Sim, é isso: para onde retirar-se, onde viver sozinho com seu isolamento. Caminhava tranqüilamente a meu lado, olhando à direita e à esquerda, e até voltou uma vez a cabeça para olhar um bombeiro Sidiboy, de jaqueta arredondada e calça amarela, cuja negra face tinha reflexos de seda, como um pedaço de autracite. Duvido no entanto de que ele haja visto o que quer que fosse, ou mesmo guardado, durante todo o tempo, consciência de minha presença, pois, se eu não o puxasse para um lado e outro, creio que ele seguiria em linha reta numa

direção qualquer, até que um muro ou outro obstáculo o fizesse parar. Conduzi-o a meu quarto e logo me assentei, a escrever minha correspondência. Era o único lugar no mundo (com exceção talvez dos recifes de Walpole, cujo acesso era menos fácil) onde ele poderia entregar-se a si mesmo sem ser importunado pelo resto do universo. O maldito caso não o tornara invisível, como ele dizia, mas eu procedia então como se ele o fosse. Apenas assentado, inclinei-me sobre minha mesa como um escriba medieval, e toda a minha pessoa, exceto a minha mão, guardava uma angustiada imobilidade. Não posso dizer que estivesse alarmado, mas mantinha-me mudo e quedo, como se houvesse no quarto um ser perigoso, que só esperava um esboço de movimento da minha parte para saltar-me em cima. Não havia grande coisa no quarto; vocês bem sabem o que são esses quartos de hotel: uma espécie de leito com mosquiteiro, duas ou três cadeiras, a mesa onde eu escrevia, o soalho nu. Uma porta envidraçada dava para uma varanda suspensa, e Jim, com o rosto voltado para um lado, achava-se o mais isoladamente possível para afrontar um momento doloroso. Caía o crepúsculo. Acendi uma vela com a maior economia de gestos, e tanta prudência como se fora coisa proibida. É certo que o momento era doloroso para ele, e também para mim, e eu cheguei a desejar que ele tivesse ido para o diabo, ou pelo menos para os recifes de Walpole. Pensei uma ou duas vezes que Chester era, afinal, o homem que melhor enquadrava para se ocupar de um náufrago como aquele. Aquele estranho idealista lhe havia em seguida arranjado um emprego, sem hesitação. Havia motivos de suspeitar que ele via talvez, sob o seu aspecto real, coisas que pareciam misteriosas ou desesperadoras a pessoas menos imaginosas que ele. Eu escrevia, escrevia; liquidava toda a minha correspondência atrasada, e pus-me a escrever a amigos que não tinham nenhuma razão de esperar de mim uma parolagem sem objeto. De tempos a tempos, eu lançava um olhar de soslaio. Jim parecia plantado no chão, mas estremecimentos convulsivos lhe percorriam o corpo e suas espáduas eram agitadas de quando em quando por uma brusca sacudidela. Ele lutava, lutava... a princípio, aparentemente para procurar a respiração. As sombras projetadas de um lado pela chama direita da vela pareciam animadas de uma consciência lúgubre; a imobilidade dos móveis tomava, a meus olhares furtivos, um aspecto de atenção. Forjava imaginações, durante a minha industriosa escrita, e, embora não houvesse no quarto mais que silêncio e imobilidade, eu experimentava, desde que se interrompia o ringir de minha pena, essa perturbação profunda e confusão de espírito que dá em geral a iminência de um tumulto violento, de uma grande tempestade, por exemplo. Alguns dentre vocês devem saber a que me refiro, essa inquietude, esse mal-estar, essa irritação mescladas a uma espécie de covardia, sentimentos difíceis de suportar, mas que dão à resistência um mérito especial. Não me gabo, aliás, de

nenhum mérito por ter suportado a tensão dos sofrimentos de Jim: tinha as minhas cartas como refúgio, escreveria a estranhos se preciso fosse. De súbito, no momento em que tomava uma nova folha de papel, ouvi um pequeno ruído, o primeiro ruído que chegava a meus ouvidos na muda penumbra da peça, desde que estávamos encerrados juntos. Conservei a cabeça baixa, e minha mão imobilizou-se. Os que velaram um doente conhecem, durante as noites de guarda, esses leves ruídos, arrancados a um corpo doloroso ou a uma alma cansada. Jim empurrou a porta de vidro, com tal força que as vidraças vibraram; passou para a varanda, e eu retive a respiração, todo ouvidos, sem saber o que esperar. Ele tomava mesmo muito a sério uma formalidade que parecia ao espírito crítico de um Chester indigna da atenção de um homem capaz de ver as coisas como elas são. Uma formalidade inócua... um pedaço de papel... bem, bem... Quanto a um inacessível depósito de guano, isto é outra coisa. Isto, ao menos, compreende-se que possa esfacelar o coração! Um enfraquecido rumor de vozes numerosas, misturado ao entrechocar das louças e talheres, subia do refeitório. Fora, tudo era escuridão; o jovem mantinha-se às margens da treva, como um vulto solitário curvado sobre um oceano sombrio e desesperador. Havia o recife de Walpole, é verdade, um ponto no infinito da sombra, tábua de salvação para um homem que se afoga. Eu não desejaria, dizia-mo a compaixão, que seus pais o vissem naquele instante. Mesmo para mim era uma dura prova. Suas costas não eram mais sacudidas de suspiros convulsos; apenas visível, imóvel, mantinha-se direito como uma flecha, e a significação daquela imobilidade, tombando até o fundo de minha alma como tomba uma barra de chumbo no fundo da alma, pesava-me tanto que, durante um segundo, desejei não ter outra alternativa senão pagar o seu enterro. A própria lei acabara com ele. Seria tão fácil bondade enterrá-lo, e tão em harmonia com a sabedoria da vida, que consiste em subtrair à vista tudo o que pode lembrar nossa loucura, nossa fraqueza, nosso caráter de mortais; tudo o que pode atentar à nossa força: a lembrança de nossos fracassos, a suspeita de nossos erros, os cadáveres de nossos amigos. Talvez, com efeito, tomasse ele a coisa muito a sério... Mas então?... E o oferecimento de Chester?... Nesse momento, tomei uma folha em branco e pus-me resolutamente a escrever. Não havia mais que eu entre ele e o oceano escuro. Experimentava um sentimento de verdadeira responsabilidade: se eu falasse, iria ele lançar-se às trevas e apegar-se à tábua de salvação? Verifiquei o trabalho que se passa às vezes para emitir um som. Há um poder fatal em certas palavras. E por que não, que diabo? pensava eu com insistência, sem cessar de escrever. De repente, sobre a página branca, e na ponta mesmo de minha pena, vi desenharem-se as duas silhuetas de Chester e seu sócio, nitidamente, integralmente, com seu andar e suas atitudes, como se os visse no

campo de algum instrumento óptico. Olhei-os um instante. Não! Eles eram muito nebulosos e muito extravagantes para que se lhes pudesse confiar o destino de um homem! E uma palavra alcança longe muito longe e semeia a destruição através do tempo como uma bala através do espaço. Eu não disse nada, pois; e, no balcão, com as costas voltadas para a luz, Jim não fazia nenhum ruído, nenhum gesto, como se estivesse amarrado e amordaçado por todos os invisíveis inimigos do homem.

CAPÍTULO 16

Próximo estava o tempo em que eu o devia ver amado, seguido, admirado, com uma lenda de força e valentia em torno de seu nome, como se ele tivesse o cerne de um herói. É verdade, afirmo-lhes, tão verdade como agora lhes estou falando a seu respeito. Ele, da sua parte, possuía esse talento de distinguir os traços de seu desejo e a força de seu sonho, talento sem o qual o mundo não conheceria amantes nem aventureiros. No sertão, ele soube conquistar um tributo de glória e uma felicidade arcádica (sem falar de uma vida de inocência), que lhe causavam tanta satisfação, como a outros homens glória e felicidade das ruas. A felicidade... a felicidade... como direi... jaz sob todas as latitudes no fundo de uma taça de ouro; é em nós que se encontra o seu perfume, em nós somente, e podemos torná-lo tão capitoso como nos aprouver. Jim era desses homens que bebem a taça até o fundo, como vocês já puderam julgar. Encontrei-o, senão positivamente embriagado, pelo menos exaltado com o elixir que provava. Não tinha encontrado em seguida a felicidade, mas sofrera, como sabem, um período de provas entre malditos fornecedores de navios; ele sofria, e eu.., eu me atormentava com a confiança que nele depositara; ainda hoje não estou bem certo de me achar inteiramente seguro a seu respeito, depois de tê-lo visto em toda a sua glória, em plena luz; foi a última visão que dele guardei: dominar e, no entanto, em perfeito acordo com o seu ambiente, com a vida das selvas e a vida dos homens. Impressionara-me aquele espetáculo, eu o reconhecia, mas sou obrigado a confessar a mim próprio que aquela impressão não era a mais durável em mim. Ele estava protegido pelo seu isolamento: único representante de uma raça superior, achava-se em estreito contato com uma natureza que se mostra tão fàcilmente fiel a seus amantes. Mas não posso aceitar inteiramente a idéia de sua salvação definitiva. Hei de revê-lo sempre junto à porta aberta de meu quarto, onde tomava tão a sério, talvez, as conseqüências palpáveis de sua fraqueza. Sinto-me feliz, sem dúvida, de que tenham meus esforços atingido um bom resultado, até mesmo um certo grau de esplendor para ele, mas por momentos parece-me que seria melhor, para a paz de meu espírito, não me haver interposto entre ele e a maldita generosidade de Chester. Pergunto o que sua imaginação exuberante teria feito do recife de Walpole, a nesga de terra mais detestável e mais abandonada da superfície dás águas. É bem provável que eu o tivesse sempre ignorado, pois Chester, após haver feito escala num porto da Austrália para reparar seu brigue antediluviano, singrou o Pacífico com 22 homens ao

todo, e as únicas notícias que pudessem ter relação com o mistério de sua sorte foram as de um furacão sobrevindo um mês mais tarde, mais ou menos, e que deve ter topado com o banco de Walpole no seu caminho. Não se encontrou jamais o menor vestígio dos Argonautas; nenhum som saiu do espaço. *Finis!* O Pacífico é, de todos os oceanos vivos e ardentes, o mais discreto; o Atlântico gelado guarda também os segredos, mas é antes à maneira de um túmulo.

Há todavia um sentimento de paz feliz nessa discrição, um sentimento a que todos somos inclinados com mais ou menos sinceridade, e que, melhor que tudo, torna suportável a idéia da morte. O fim. *Finis!* A palavra formidável, o exorcismo que escorraça da casa da vida a sombra errante do Destino. Eis, apesar do testemunho de meus olhos e de suas veementes afirmações, o que me faz falta quando penso no sucesso de Jim. Enquanto há vida há esperança, eu sei, mas também há temor. Não quero dizer que lamente o meu gesto, nem que isto me impeça de dormir à noite, mas me vem às vezes a idéia de que ele se preocupava muito com sua desgraça, quando a falta é só o que importa. Eu não via isto claramente, e acho que ele também não. Bem se lhe percebia a bela sensibilidade, seus belos sentimentos, suas belas aspirações, uma espécie de egoísmo sublime e idealizado. Tudo aquilo era muito belo, com efeito, muito belo e muito doloroso. Uma natureza um pouco mais frágil não teria suportado o rigor da provação: teria transigido consigo própria, ter-se-ia aliviado com gemidos, suspiros ou talvez com uma risada... mais grosseira ainda, e teria ficado invulnerável na sua incompreensão, não apresentando interesse algum.

Mas aquele rapagão era muito interessante ou muito desgraçado para ser jogado à rua, ou mesmo entregue a um Chester. Nisto é que eu pensava, sem erguer os olhos da mesa, enquanto, perto de mim, ele lutava e arquejava em silêncio, numa dolorosa busca de seu fôlego; senti-o melhor ainda, ao vê-lo sair para a varanda, como para lançar-se pela rampa, e nada mais fazer; percebia-o mais claramente de minuto a minuto, durante todo o tempo em que ele ficou fora, destacado na meia-luz, como um homem à margem de um mar sombrio e desolado.

Um trovão surdo me fez erguer de súbito a cabeça; o ruído se extinguia quando uma luz difusa se estendeu pela face da noite. O relâmpago ofuscante pareceu prolongar-se indefinidamente. O rolar da trovoada se tornava cada vez mais forte. E eu olhava a sombra incisiva e negra, solidamente plantada à margem de um oceano de luz. No momento do mais fulgurante relâmpago, eis que a escuridão retombou brutalmente, num redobrado fragor. E Jim desapareceu totalmente a meus olhos, como se fora reduzido a cinzas. Um formidável frêmito

passou; mãos furiosas pareceram sacudir o cinto das árvores, bater as portas e quebrar os vidros ao longo da fachada do edifício. Jim tornou ao quarto, fechou a porta atrás de si, e encontrou-me curvado sobre a mesa; eu estava extremamente inquieto pelo que ele ia dizer, e minha ansiedade confinava com o terror.

– Dê-me um cigarro – disse ele. Estendi-lhe a carteira, sem erguer a cabeça.

– Eu tenho necessidade... necessidade... de fumar! – Deu alguns passos pela sala.

– Acabou-se! – ouvi-o declarar. Um último ribombo retumbou no mar como o apelo de um canhão de alarma.

– O furacão vem cedo este ano – disse ele com um ar desprendido. Seu tom me encorajou a voltar-me, o que fiz logo que terminei de escrever o endereço sobre o último de meus envelopes. Ele fumava vorazmente no meio do quarto, e, embora me tivesse ouvido mover-me, conservou-se um instante ainda de costas para mim.

– Enfim, eu suportei bem a coisa! – disse ele com uma volta brusca.

– Há alguma coisa que está terminada... não tudo, alguma coisa... eu queria saber o que vai acontecer...

– Seu rosto não traía nenhuma emoção, mas parecia congestionado, como se retivesse a respiração. Sorriu como que a contragosto, e prosseguiu, enquanto eu o olhava sem falar?

– Obrigado, ainda assim... O seu quarto... muito cômodo... para um homem que...

– Tombava a chuva no jardim; uma goteira divertia-se, justamente diante da janela, a fazer uma paródia de dor convulsiva, com soluços cômicos e lamentos úmidos, entrecortada de espasmos de silêncio arquejante...

– Um pequeno asilo...

– murmurou ele. Depois calou-se.

Um relâmpago longínquo zebrou o quadro das janelas, depois se extinguiu sem ruído. Eu pensava como iria aproximar-me dele (não queria ser rechaçado como da primeira vez), quando ele deixou escapar um riso breve.

– Eu não sou mais que um vagabundo, agora...

– o cigarro consumia-se-lhe entre os dedos – sem um... sem um...

– ele falava lentamente.

– E no entanto...

– Calou-se. A chuva redobrava de violência...

– Um dia ou outro uma virada da sorte há de fazer encontrar tudo de novo! – murmurou ele nitidamente, olhando para os seus sapatos.

Eu ignorava o que ele tanto desejava encontrar e que tanta falta lhe fazia. Era talvez coisa muito importante para poder dizer-se em palavras. Olhou-me interrogativamente.

– É possível, se a vida for bastante longa – disse eu entre dentes, com uma desarrazoada animosidade.

– Mas não se fie muito!

– Por Júpiter! Parece-me que nada mais me poderá atingir – disse ele, com um acento de sombria convicção.

– Se esse negócio não me atirou por terra, como temeria eu não ter bastante tempo para tornar a subir... e...

– Ele ergueu os olhos para o teto.

Compreendi logo que é entre os rivais de Jim que se recruta o grande exército dos vagabundos e dos náufragos, a armada que desce, desce sempre, por todos os rios do mundo. Logo que tivesse deixado o meu quarto, esse “pequeno asilo” tornaria o seu lugar nas fileiras do imenso exército e começaria sua marcha para o abismo sem fundo. Ao menos eu não alimentava ilusões. Mas era eu, agora, eu, que, um instante antes, me sentia tão seguro do poder das palavras, era eu quem tinha medo de falar, como o ascensionista tem medo de mover-se para não perder um terreno escorregadio. Quando nos esforçamos por compreender a sede íntima de um coração de homem é que percebemos quão incompreensíveis, hesitantes e nebulosos são os seres que compartilham conosco do espetáculo das estrelas e do calor do sol. Dir-se-ia que a solidão é uma condição terrível e absoluta da existência. O envoltório de carne e de sangue onde param nossos olhos como que se funde ante a mão estendida, e só resta o espírito caprichoso, inconsolável e fugidio, que nenhum olhar pode devassar, nem mão alguma tocar. Era o medo de perdê-lo que me tornava silencioso, pois tinha convicção de que, se o deixasse fugir dentro da noite, eu não mo perdoaria jamais.

– Bem, ainda uma vez... obrigado! O senhor foi... extraordinariamente... Não, não há palavras... Extraordinariamente... E, com franqueza, eu não sei por que...

tenho medo de não me mostrar tão reconhecido como seria, se... Porque, no fundo, mesmo o senhor...

– balbuciava ele.

– É bem possível – arrisquei, o que o fez franzir as sobrancelhas.

– Bem, eu suportei a prova até o fim, e não deixo que me façam observações sem tomar a coisa mal.

– Ele fechou os punhos.

– Mas... e você mesmo?! – retruquei com um sorriso, um sorriso sem alegria. Olhou-me com um ar ameaçador.

– Isto é comigo – disse ele. Seu rosto tomou um ar de indomável resolução, que logo no entanto se apagou, como uma sombra vã e fugidia. Dali a pouco tornava a encontrar sua cara de bom menino sofredor. Lançou fora o cigarro.

– Adeus – disse, com a pressa súbita de um homem que se demorou demais quando o esperava um assunto urgente; depois, durante um ou dois segundos, não fez o menor movimento. A chuva tombava com a impetuosidade potente e contínua de uma torrente devastadora.

– Está chovendo...

– protestei e eu...

– Chuva de sal...

– começou ele bruscamente, mas interrompeu-se e caminhou para a janela.

– Um verdadeiro dilúvio – murmurou, ao cabo de um instante; e, depois, apoiando a fronte na vidraça?

– Está escuro.

– Sim, muito escuro – aprovei.

Deu meia volta para atravessar o quarto; tinha já aberto a porta que dava para o corredor, quando me ergui da cadeira.

– Espere! – gritei.

– Eu quero...

– Não posso jantar com o senhor esta noite – disse ele, com o pé já fora do quarto.

– Nem eu tenho o mínimo desejo de o convidar – retruquei.

Ele retirou o pé, mas ficou, com um ar desconfiado, no umbral da porta. Não perdi tempo em pedir-lhe que não fosse absurdo, mas disse-lhe que entrasse e fechasse a porta.

CAPÍTULO 17

Acabou por entrar, mas creio que foi sobretudo a chuva que o levou a isso; caía com uma insistência raivosa; que se foi apaziguando durante nossa conversa. A atitude de Jim era calma e firme; tinha o aspecto de um homem naturalmente taciturno, dominado por uma idéia fixa. Falava-lhe eu do lado material de sua situação; não visava senão a salvá-lo da degradação, da ruína e do desespero, tão de molde a acabrunhar um homem sem amigos e sem lar. Pedi-lhe que aceitasse o meu auxílio; eu lhe falava com moderação e, de cada vez que erguia os olhos para o seu rosto absorto e suave, tão grave e tão juvenil, tinha a perturbadora convicção de não ser para ele um auxílio, mas antes um obstáculo a qualquer tentativa misteriosa, inexplicável, impalpável de sua alma ferida.

– Suponho que você deseje comer, beber e dormir sossegadamente, como todo mundo – disse-lhe eu com vivacidade.

– E você pretende não tocar no dinheiro que lhe é devido...

– Ele esteve para esboçar um gesto de horror. (Deviam-lhe três semanas e cinco dias do seu soldo como imediato do *Patna*.) – Oh! Em todo o caso, seria muito pouco para importar muito... Mas e amanhã? Que vai fazer? É preciso viver...

– A questão não está aí...

– deixou ele escapar, a meia voz. Desprezei a interrupção e continuei a combater o que eu tomava pelos escrúpulos de uma excessiva suscetibilidade.

– Sob todos os pontos de vista – concluí –, é preciso que você me deixe ajudá-lo.

– O senhor não pode – respondeu ele, simplesmente, suavemente, apegando-se a um pensamento profundo cujo confuso clarão eu podia entrever, como se distingue vagamente um lago na noite, mas de que eu desesperava de jamais poder aproximar-me para penetrá-lo. Eu contemplava sua silhueta robusta.

– Ao menos – disse eu –, posso vir em auxílio das suas necessidades exteriores, nada mais pretendo! – Ele abanou a cabeça, ceticamente, sem olhar-me.

– Mas, sim, eu posso – insisti –, eu posso mesmo fazer mais; eu o faço,

agora, neste momento... Eu lhe testemunho uma confiança...

– O dinheiro...

– começou ele.

– Palavra! Você merecia que o mandassem para o diabo! – exclamei, forçando o tom de minha indignação. Ele ficou surpreso e sorriu; revigorei meu ataque?

– Não é inteiramente uma questão de dinheiro! Você é muito superficial! – declarei.

– Tome! Veja essa carta que eu desejava confiar-lhe. É dirigida a um homem a quem nunca pedi favor algum, e nela me refiro a você em termos que a gente só usa a respeito de um amigo íntimo. Respondo por você sem reservas. Eis o que faço... E, em verdade, se você quiser refletir um pouco no que isso implica...

Ele ergueu a cabeça. A chuva cessara; apenas a calha persistia em verter lágrimas com um ruído absurdo: drip... drip... drip... justamente contra a janela. Tudo era calmo no quarto; as sombras agrupavam-se pelos cantos, longe da flama imóvel da vela, que subia reta como um punhal; o rosto de Jim pareceu-me banhado de uma suave luz, como se a aurora já se houvesse erguido.

– Por Júpiter! – suspirou.

– Isto é muito correto de sua parte!

Eu não sentiria humilhação mais profunda se ele me houvesse de repente mostrado a língua, em sinal de escárnio, e eu disse com os meus botões:

– Toma! Viste no que dá fazeres de apóstolo?

– Mas vi que o seu olhar não era de zombaria. Ele cedeu de súbito à sua desordenada agitação, como esses bonecos de engonço a que se puxa o fio. Seus braços ergueram-se, depois retombaram ruidosamente. Era um outro homem.

– E eu não tinha compreendido! – gritou ele, mas mordeu os lábios, carregando o cenho.

– Que burro eu fui! – disse, lentamente.

– O senhor é um ás! – continuou em seguida, com uma voz surda. Tomou a minha mão, como se a visse pela primeira vez, mas deixou-a retombar.

– Escute! É exatamente o que eu... o senhor...

– balbuciava; depois começou, penosamente?

– Sim, eu seria um animal se...

– e sua voz pareceu quebrar-se.

– Não fale mais disso – disse eu, quase alarmado com aquele derrame de emoção sob o qual extravasava uma exaltação estranha. Eu tinha imprudentemente puxado a corda do fantoche, cujo mecanismo eu não conhecia inteiramente.

– É preciso que eu me vá, agora – declarou ele.

– Por Júpiter o senhor me ajudou bastante! Não posso ficar no mesmo lugar... Era disto mesmo que eu tinha necessidade!...

– Ele me olhou com uma surpresa admirativa.

– Isto mesmo!...

Evidentemente, era o gesto necessário. Podia-se apostar dez contra um em como eu acabava de salvá-lo da miséria mortal, dessa espécie de miséria e de morte que andam sempre a par da embriaguez. É tudo. Ilusão a respeito eu não tinha nenhuma, mas eu, olhando-o, pensava em que espécie de ilusão se lhe infiltrara há pouco no coração, como bem se via. Pusera-lhe nas mãos o meio de levar a cabo, convenientemente, o sério trabalho da vida, de procurar, segundo o método habitual, comida, bebida e abrigo, à hora em que seu espírito ferido arriscava retirar-se estropiado para um buraco qualquer, para aí morrer de inanição, como um pássaro de asa quebrada. Eis o que eu lhe dava: uma coisa bem pequenina e precisa, e eis que a maneira como ele acolhia meu gesto fazia crescer essa pequena coisa, ao clarão confuso da vela, para torná-la uma sombra enorme, indistinta e talvez temível.

– Não há de me levar a mal por não encontrar as palavras necessárias...

– disse ele por fim.

– Que se vai dizer? Ontem já, o senhor me fez um bem infinito. Escutando-me, sim... Dou-lhe a minha palavra de que senti mais uma vez o meu crânio prestes a saltar...

– Ele saltou, saltou literalmente, para um lado e outro, enterrou o casquete na cabeça. Não imaginava encontrar nele aquela vivacidade. Eu pensava, ao vê-lo, numa folha morta arrebatada num turbilhão, enquanto uma apreensão misteriosa, o peso de uma obscura dúvida me imobilizavam na cadeira. Parou um instante, como um homem petrificado por uma revelação súbita?

– O senhor me restituiu a confiança! – declarou ele lentamente.

– Oh! Pelo amor de Deus, não diga isso, meu amigo! – supliquei-lhe.

– Muito bem!... Vou calar-me... O senhor no entanto não pode impedir-me... Bem. Eu lhe provarei...

– Correu à porta, hesitou um instante, de cabeça baixa, depois voltou, a passo firme?

– Eu sempre pensei que se podia recomeçar sobre uma página em branco... E eis que o senhor... até um certo branco... Sim, uma página em branco...

– Fiz um gesto com a mão e ele saiu sem se voltar; o som de seus passos extinguiu-se logo por trás da porta fechada; era o passo firme de um homem que caminha em pleno dia.

Quanto a mim, sozinho em face da vela, como que permanecia estranhamente no escuro. Já não era bastante jovem para ver, a cada volta do caminho, o esplendor que acompanha, para o bem e para o mal, cada um de nossos passos. Sorria a pensar que, de nós dois, afinal, era ele ainda quem possuía luz. Uma página em branco, dissera ele. Como se a frase inicial de todos os nossos destinos não estivesse traçada em caracteres indeléveis sobre um lanço de rochedo...

CAPÍTULO 18

Seis meses mais tarde, o meu amigo (era um celibatário entre duas idades, cínico, que se fizera uma reputação de excentricidade e possuía um moinho de arroz) escreveu-me uma carta, na qual, julgando pelo calor de minha recomendação que eu seria feliz de ter notícias de seu protegido, se estendia bastante longamente sobre as perfeições de Jim. *Não tendo podido, até agora, encontrar mais, no fundo de meu coração, do que uma resignada tolerância para com um indivíduo qualquer da minha espécie, eu tinha vivido solitário numa casa que, mesmo num clima tórrido, pode ser considerada como muito grande para um homem só. Eu pedi a ele, há algum tempo, que viesse morar comigo: dir-se-ia que não andei mal neste passo*. Parecia-me, ao ler esta carta, que o meu amigo encontrara mais do que tolerância, no seu coração, para com Jim, e que se vislumbravam, nas entrelinhas, os sinais de uma verdadeira afeição. Evidentemente, tinha ele uma maneira característica de apresentar as suas razões. Primeiramente, malgrado o clima, Jim conservava o seu frescor juvenil, *e, se ele fosse uma rapariga*, escrevia meu amigo, *poder-se-ia compará-lo a uma flor, a uma flor modesta como uma violeta, e não a uma dessas flores insolentes dos trópicos...* Há seis semanas que ele vivia na casa e não tinha ainda tentado bater-lhe nas costas, chamar-lhe "meu velho", ou tratá-lo como a um fóssil. Não se entregava jamais à tagarelice exasperante da juventude. Tinha bom caráter, não falava muito de si mesmo *e, graças a Deus, não é muito inteligente!* Cumpre crer, no entanto, que Jim o era bastante para apreciar tranqüilamente as saídas de seu espírito, e que o divertia também por sua simplicidade. *Ele tem ainda uma penugem de belo fruto e, depois que tive a feliz idéia de dar-lhe um quarto na minha casa e de convidá-lo a compartilhar das minhas refeições, eu me sinto muito menos reconcentrado. Pois não lhe deu o outro dia para atravessar uma peça, com o único fim de me abrir a porta? Eu me senti em contato mais estreito com a humanidade, como não me acontecia há vários anos. Ridículo, não? Evidentemente, eu sinto bem que há qualquer coisa, certa história que você conhece. Da minha parte, eu reconheço minha impotência em julgar esse rapaz culpado de um crime muito mais grave do que o assalto a um pomar. Trata-se de coisa muito mais grave? Talvez eu pergunte a você um dia do que se trata, e será bom que você mo diga. Eu não queria interrogar o próprio rapaz antes de ter uma idéia concisa do assunto. Aliás, é ainda muito cedo... Que ele me abra a porta, de tempos a tempos...* Eis o meu amigo. Eu tinha

motivos de estar triplicimente satisfeito: da maneira como ia Jim, do tom da carta e da minha própria penetração. Evidentemente, eu agira com tato, eu sabia decifrar um caráter, etc., etc... E se saísse, desse encontro, qualquer coisa de imprevisto e de maravilhoso? Naquela noite, estendido na espreguiçadeira, ao abrigo de minha tenda de popa (era no porto de Hong Kong), eu coloquei, em intenção de Jim, a primeira pedra de um castelo na Espanha.

Dei um novo giro pelo norte e, ao voltar, encontrei nova carta de meu amigo. Foi o primeiro envelope que abri. *Não me faltam colheres, pelo menos que eu saiba*, li, logo na primeira linha, *pois não tive a curiosidade de verificá-lo. Ele partiu, deixando sobre a mesa do almoço um bilhete seco, o que é uma prova de estupidez ou de falta de coração. Das duas coisas, provavelmente... e isto me é aliás perfeitamente igual. Permita-me adverti-lo, no caso que você tenha de reserva outros jovens misteriosos, que eu definitivamente e para sempre fechei a loja. É a última excentricidade de que me possa tornar culpado. Não imagine nem um instante que eu me preocupe o mínimo do mundo com essa partida, mas os jogadores de tênis choraram muito o seu amigo e eu tive, no que me concerne, de apresentar em meu clube uma mentira plausível...* Pus a carta de lado e comecei a procurar, no monte de envelopes, a letra de Jim. Era uma chance sobre cem! Mas é esta sempre que acontece... O mecânico do *Patna*, chegado a um estado de miséria mais ou menos completo, obtivera no moinho um emprego temporário, para vigiar as máquinas. *Eu não pude suportar a familiaridade desse animal!*, escrevia-me Jim, de um porto marítimo situado a 700 milhas ao sul do lugar onde ele deveria estar. *Eu estou agora provisoriamente na casa Egstron & Blake, fornecedores de navios, na qualidade de comissionista. Eu lhes dei o seu nome como referência, nome que eles naturalmente conheciam, e, se quiser escrever uma palavra em meu favor, poderá este emprego ser me assegurado de modo definitivo*. Fiquei aplastrado pelas ruínas do meu castelo, mas escrevi a carta solicitada. Antes do fim do ano, um contrato me conduziu para aquelas bandas e eu tive ocasião de rever Jim. Estava ainda na casa Egstron & Blake. Jim dirigiu-se para mim com a cabeça baixa e pronto para a luta.

– Que tem a dizer em sua defesa?

– comecei, logo que nos apertamos as mãos.

– O que eu lhe escrevi, nada mais.

– Será que o outro deu com a língua nos dentes?

– Oh, não! Nada disse. Ele fizera uma espécie de mistério entre nós. Tomava

uma maldita cara de discrição, desde que me percebia no moinho, e piscava um olho, com um ar respeitoso, para meu lado, como para dizer: “Nós sabemos o que nós sabemos!” Ignobilmente servil e familiar! Um dia em que, por acaso, encontrávamo-nos sozinhos, ele teve o topete de dizer-me: “Com que então, Sr. James...” (chamava-me James, lá, como se eu fosse o filho da casa)... “com que então, Sr. James, eis-nos outra vez juntos! Está-se melhor aqui do que naquele velho barco, hein? Não tema nada, senhor; eu sei reconhecer um *gentleman* quando encontro um, e compreendo também os sentimentos de um *gentleman*. Mas espero que faça com que me conservem aqui. Eu também passei maus bocados naquele tamanco velho do *Patna*”. Por Júpiter! era horrível. Eu não sei o que poderia ter dito ou feito, se não tivesse naquele momento ouvido o Sr. Denver chamar-me do corredor...

Jim ficou um instante em silêncio.

– E eu estou certo de que o velho me estimava. E é justamente o que tornava a coisa impossível!... Um homem tão admirável!... Bah! Mas diante da maneira como aquele animal acabava de falar-me... Eu não me pude mais suportar a mim mesmo... Suponho que o senhor compreende... Era um verdadeiro pai! Seria preciso que eu lhe contasse tudo, qualquer dia... Mas preferi partir! É preciso enterrar esse assunto. São gentis aqui comigo. Blake é meio tocado, mas Egstron é muito correto.

– Ergueu-se vivamente para dirigir-se a uma luneta perto da janela. Aplicou-lhe o olho.

– Eis um barco que ficou toda a manhã em pane – disse ele suavemente.

– Ele acaba de pegar um pouco de vento e vai entrar no porto. É preciso que eu vá a bordo.

Quando regressei daquela viagem, passei pelo estabelecimento de Blake e Egstron.

– Prazer em tornar a vê-lo, meu capitão – disse-me este.

– Que diz? Oh! Ele! Ele nos deixou... Passe para a sala... Deixou-nos num grande embaraço e não se comportou muito bem conosco, é preciso dizê-lo... Como? Não, não sei para onde ele foi... Inútil perguntar-lhe... Um homem como aquele não vai a nenhuma parte em particular... Ele nos deixou... vejamos... no dia mesmo em que aquele vapor que trazia os peregrinos de Meca fez escala aqui com duas asas da hélice quebradas. Faz isto umas três semanas...

– Não teriam feito uma alusão qualquer ao caso do *Patna*?

– perguntei.

– Mas, sim! Como o sabe o senhor? Alguns homens daquele navio falaram na tal história aqui. Havia um ou dois capitães, o gerente do estabelecimento de Vanloo, dois ou três tipos ainda, e eu. Jim estava também diante de um sanduíche e de um copo de cerveja. De pé diante desta mesa, ele comia seus sanduíches, enquanto, em redor da luneta, nós olhávamos um barco entrar no porto; o gerente de Vanloo pôs-se a falar do patrão do *Patna*, que lhe fizera um dia reparar algumas avarias. Fez uma alusão à última viagem do vapor e começamos todos a parolar. Um dizia uma coisa, outro outra, nada de importância aliás; nós ríamos todos. O Capitão O'Brien, do *Sarah W. Granger*, um velho barulhento, com uma bengala, que nos escutava sentado ali naquela poltrona, dá bruscamente uma grande batida no soalho, gritando: "Covardes!" Saltamos todos. O gerente de Vanloo pisca o olho para o nosso lado e pergunta: "Que é que há, Capitão O'Brien?" "O que há? O que há?", põe-se a esbravejar o velho. "Eu queria saber o que faz vocês rirem, espécie de selvagens. Não há de que rir! É uma vergonha para a humanidade! Isto é que é! Eu sentiria repugnância em encontrar-me na mesma sala com um daqueles homens. É isto, senhor!" Ele troca comigo um olhar de passagem e eu me vejo obrigado a responder-lhe por polidez: "Covardes, é verdade, Capitão O'Brien, e eu não gostaria, mais do que o senhor, de vê-los aqui. Pode, pois, ficar tranqüilo; beba alguma coisa fresca". "Deixe-me em paz com as suas bebidas, Egstron; quando quiser beber, eu saberei pedir. Eu saio; isto aqui está cheirando mal agora!" Em vista disso, todos os outros explodem numa gargalhada e saem atrás do capitão. Então, senhor, aquele maldito Jim pousa o sanduíche que tinha nas mãos e faz a volta da mesa, para vir a mim, deixando o seu copo de cerveja cheio. "Eu me vou embora!", diz ele. Eu, supondo que ele quer dizer que é tempo de ir para o trabalho, respondo: "Não é ainda hora e meia; ainda dá tempo para fumar um cigarro", mas, quando eu compreendo o que ele quer dizer, meus braços tombam... Um rapaz tão gentil! Tão ativo! Acredite-me, Capitão Marlow, todos os novos navios eram nossos, quando Jim se punha a agir... Os outros fornecedores conservavam apenas sua antiga clientela... E agora, de repente, assim sem mais nem menos! Eu penso: ele quer um aumento de ordenado; eis a questão. E digo-lhe: "Vamos! Não há necessidade de tanta malícia comigo, Jimmy; fixe a quantia... uma quantia razoável..." Ele me olha como se quisesse engolir qualquer coisa que está presa na garganta: "Eu não posso ficar nesta casa!" "Mas que brincadeira é essa?" Jimmy sacode a cabeça. "A casa não vai falir e você não tem a malícia dos ratos, que compreendem a hora de deixar o navio...", digo-lhe eu. "Adeus!", diz ele. "O senhor não é um mau tipo, Egstron,

mas eu lhe juro que, se conhecesse as minhas razões, não quereria conservar-me em sua casa!” Eu estava tão encolerizado que preferia rir. “Então, não tem nem mesmo o tempo de beber o seu copo de cerveja, infeliz?” Não sei o que ele tinha, dir-se-ia que não podia encontrar a porta. Acabei por beber a cerveja eu próprio: “Pois bem, já que está tão apressado, sou eu que bebo à sua saúde. Somente, escute uma coisa: se vai continuar com esse jogo, há de perceber em breve que a terra não é bastante grande para você!”

CAPÍTULO 19

Eu me alonguei nesses dois episódios para lhes mostrar a atitude de Jim em suas novas condições de existência. Houve inúmeros incidentes do mesmo gênero, todos com a mesma exaltação absurda, que tornava a sua futilidade profunda e tocante. É talvez um gesto de heroísmo prosaico lançar fora o pão cotidiano, em vista de um combate contra um fantasma. Mas Jim era verdadeiramente infeliz, pois toda a sua impetuosidade não podia subtraí-lo à sombra mortal. Pairava sempre uma dúvida sobre a sua coragem. A verdade, sem dúvida, é que é impossível acabar com o fantasma de um fato. Pode-se afronta-lo ou fugir diante dele, e eu mesmo encontrei um ou dois homens que sabiam fazer um pequeno sinal amistoso à sua sombra familiar. Evidentemente, Jim não era desses, mas eu nunca pude saber se sua linha de conduta visava a fugir diante do fantasma ou a encará-lo face a face.

Poder-se-ia concluir por uma fuga, bem como por um modo particular de combate. Aos olhos do vulgo, que se prendeu às formas visíveis, Jim era como uma pedra que rola; ao fim de certo tempo, começaram a conhecê-lo perfeitamente, mesmo a considerá-lo como um objeto notório no círculo de suas peregrinações, que comportava um diâmetro de umas 1200 léguas, como se conhece em todo um distrito um excêntrico de aldeia. Em Bangkok, por exemplo, onde ele encontrara um lugar na firma Yucter Irmãos, era uma coisa patética vê-lo trabalhar ao sol, guardar ciumentamente um segredo conhecido até dos troncos de árvore das margens. Schomberg, o gerente do hotel onde ele parava, um alemão hirsuto e quadrado, infatigável colecionador de histórias escandalosas, gostava muito de, com os dois cotovelos apoiados sobre a mesa, dar uma versão embelecida do caso aos seus fregueses que apreciavam histórias regadas de libações custosas.

– E é o mais gentil rapaz do mundo, notem, um homem verdadeiramente superior – concluía generosamente o hoteleiro.

É muito abonatório para os freqüentadores de Schomberg que Jim pudesse permanecer dois meses inteiros em Bangkok. Notei que as pessoas, mesmo os estranhos, sentiam-se atraídos por ele, como por uma criança amável. Malgrado sua reserva, dir-se-ia que seu exterior, seus olhos, seu sorriso lhe granjeavam simpatias por toda parte aonde ele fosse. E não era um imbecil, tampouco. Eu

ouvi Sigmundo Yucter, um suíço de nascença, um ente bom afligido de uma dispepsia atroz e tão horrivelmente coxo que sua cabeça descrevia um quarto de círculo a cada um de seus passos, declarar que, para um homem tão jovem, ele tinha “uma grande capacidade” como se se tratasse de uma medida métrica.

– Por que não o envia para o interior?

– inquiri com inquietude, sabendo que os irmãos Yucter possuíam lá concessões e florestas de *teck*.

– Se ele tem capacidade, como o senhor diz, logo se dará bem com o trabalho; e, do ponto de vista físico, é o homem designado, pois sempre gozou de excelente saúde.

– Ah! É uma grande coisa, neste país, não estar sujeito a tis... pepsia – suspirava com um acento de inveja o pobre Yucter, lançando um olhar furtivo a seu infeliz estômago. Quando o deixei, ele tamborilava sobre a mesa e murmurava com um ar pensativo?

– *Es ist ein idee*; *es ist ein idee*.

Infelizmente, nesse mesmo dia, aconteceu uma lamentável história no hotel. Não posso em verdade culpar muito Jim, mas foi por certo um lamentável incidente, uma dessas tolas rixas de bar que pôs às voltas com Jim uma espécie de dinamarquês cujo cartão de visita proclamava este título, sob um vasto nome: “Primeiro lugar-tenente da Marinha Real do Sião”. Era um verdadeiro fracasso no bilhar, mas com certeza não gostava de perder. Tendo bebido muito, lá pela sexta partida, por estar de mau humor, pôs-se a fazer algumas observações pouco lisonjeiras a respeito de Jim. A maior parte dos assistentes não percebeu suas palavras e, quanto aos que as tinham ouvido, as deploráveis conseqüências que elas logo trouxeram pareceu terem apagado toda lembrança de seu espírito. O dinamarquês deve ter-se sentido feliz por saber nadar, pois a peça dava para uma varanda, sob a qual o Menan rolava suas águas vastas e profundas. Uma embarcação de chineses pescou o oficial do rei do Sião, e, pela meia-noite, Jim chegou sem chapéu a bordo de meu navio.

– Todo mundo parecia a par da minha história naquele café – disse ele, arquejante ainda da luta, ao que parecia. Lamentava um pouco, em tese, o que se havia passado, mas, naquele caso, como ele dizia, não havia como escolher. O que sobretudo o acabrunhava era ver que todos conheciam tão bem a natureza de seu doloroso fardo, como se ele o carregasse visivelmente às costas.

Naturalmente, depois de tal escândalo, não pôde continuar na cidade. Foi

geralmente exprobrado por uma violência brutal, que não convinha nada a um homem na sua delicada situação; alguns o acusavam de estar abominavelmente bêbado no momento; outros criticavam sua falta de tato; o próprio Schomberg se mostrou muito vexado.

– É uma excelente alma – explicava ele –, mas o lugar-tenente também é um rapaz de primeira ordem. Ele janta todas as tardes comigo, o senhor sabe! E há um taco de bilhar quebrado. Eu não posso tolerar tal história. A primeira coisa que eu fiz, esta manhã, foi ir apresentar excusas ao lugar-tenente, e eu creio o negócio arranjado no que me concerne. Mas pense um pouco, capitão, se todos os fregueses dessem para isso!... O lugar-tenente bem que poderia ter-se afogado!... E aqui, eu não posso ir buscar um taco de bilhar ali na esquina. Será preciso que eu escreva para a Europa mandando buscar um... Não! Não! Não é admissível um gênio como aquele!...

– O assunto lhe era bastante doloroso.

Foi, no decurso do... retiro de Jim, o incidente mais deplorável. Causou-me uma séria inquietude, pois, se sua excessiva sensibilidade devia arrastá-lo a rixas públicas, ele arriscava-se a perder sua reputação de louco inofensivo, para adquirir a de um vagabundo vulgar. Vocês bem compreendem que, naquela época, eu não podia pensar em lavar as mãos, a seu respeito. Trouxe-o de Bangkok no meu navio, e a travessia me pareceu bastante longa. Era penoso ver o seu estado. Mesmo na qualidade de simples passageiro, um marinheiro se interessa de ordinário pelo navio e olha em derredor a vida do mar com o prazer crítico que pode experimentar um pintor, em face da obra de um colega. Jim, ao contrário, ocultava-se a maior parte do tempo na sua cabina, como se estivesse com a peste. Fazia-me evitar qualquer alusão a assuntos profissionais, que tão naturalmente viriam à boca de dois marinheiros durante uma travessia. Durante dias inteiros não trocamos uma palavra, e eu tinha uma repugnância extrema em dar ordens a meus oficiais em sua presença. Muitas vezes, quando nos encontrávamos sozinhos no convés de minha cabina, não sabíamos o que fazer de nossos olhos.

Coloquei-o na Casa Jongh, como sabem; mas estava convencido de que sua situação se tornava intolerável. Ele perdera uma parte daquela elasticidade que lhe permitira erguer-se novamente, após cada uma de suas derrotas. Um dia, ao desembarcar, eu o vi de pé no cais. Jim esperava o seu bote, que a nossos pés carregavam de provisões, para algum navio a partir. Trocadas algumas palavras de boas-vindas, ficamos silenciosos lado a lado.

– Por Júpiter! – exclamou ele de repente – que extenuante trabalho!

Sorriu-me. Devo reconhecer que ele sabia quase sempre encontrar um sorriso. Eu bem sabia que ele não falava de seu trabalho; sua situação na Casa Jongh era bastante suave. E, no entanto, mal pronunciou ele essas palavras, convenci-me do caráter extenuante de suas ocupações. Nem mesmo olhei para ele.

– Gostaria – propus – de deixar definitivamente esta parte do mundo e tentar a Califórnia ou a Costa Oriental? Eu verei o que posso fazer...

Ele interrompeu-me um pouco desdenhosamente:

– Que diferença quer o senhor que isto faça?

– Aquilo não poderia fazer diferença alguma, com efeito. A situação me pareceu um momento desesperadora e eu me lembrei das palavras do pobre Brierly: “Que ele cave um buraco para enterrar-se...” Seria melhor mesmo do que esperar o impossível sobre a terra. Mas disto mesmo não se podia estar seguro! Assim, decidi ir logo consultar Stein sobre o assunto.

Esse Stein era um negociante rico e respeitado. Sua casa (era a Casa Stein & Cia., com uma espécie de sócio que, segundo a expressão de Stein, “ocupava-se das Molucas”) mantinha alto comércio com o interior e possuía, nos recantos mais longínquos, uma multidão de entrepostos para recolher os mais diversos gêneros. Não era no entanto nem a sua fortuna nem a sua situação que me levavam a solicitar seus conselhos. Eu queria comunicar-lhe minha perplexidade, porque, entre todos os homens que eu conheci, era um dos mais dignos de confiança. O suave esplendor de uma bondade simples, incansável, parecia, e inteligente iluminava seu longo rosto glabro. Esse rosto, sulcado de rugas profundas e verticais, era pálido como o do homem que sempre levou uma existência sedentária, o que não era o caso, aliás. Ele repuxava os raros cabelos para trás da fronte alta e poderosa. Imaginava-se que, aos vinte anos, aquele homem já muito se devia parecer com o que era aos sessenta. Rosto de sábio, onde as sobrancelhas quase brancas e o olhar resoluto e perscrutador saído de seu espesso tufo não se harmonizavam com uma fisionomia de letrado. Era alto, um pouco desajeitado; uma leve curvatura e um suave sorriso faziam-no parecer sempre pronto a conceder-nos uma atenção benevolente; seus grandes braços, de longas mãos pálidas, tinham gestos raros e precisos. Falo longamente dele porque, sob o seu exterior plácido, e em conjunção com uma natureza reta e indulgente, possuía aquele homem uma intrepidez de espírito e uma coragem física que se poderia tachar de temeridade, se não fossem atributos seus

perfeitamente inconscientes, da mesma forma, por exemplo, que as funções naturais do corpo e uma boa digestão. Diz-se de certas criaturas que elas carregam sua vida nas mãos. Tal expressão seria inadequada a seu caso; na primeira parte de sua existência no Oriente pode-se dizer que ele tinha jogado peteca com sua vida. Tudo isso pertencia, aliás, ao passado, mas eu conhecia a história de suas estréias e a origem de sua fortuna. Era também um naturalista bastante distinto, ou, melhor, um colecionador avisado. A entomologia apaixonava-o particularmente. Sua coleção de buprestídios e longicórnios, escaravelhos, tudo aquilo, horríveis monstros em miniatura, de inquietante aspecto até na morte e na imobilidade, e seu museu de borboletas, magnificamente dispostas, tinham espalhado sua fama mundo afora. O nome desse negociante, desse aventureiro, desse conselheiro íntimo, durante certo tempo, de um sultão malaio (a quem ele só fazia alusão sob o nome de “o meu pobre Mohammed Bonso”), tinha, graças a alguns insetos mortos, chegado aos ouvidos de lábios europeus, que não teriam podido imaginar, nem se importado de nada saber de sua vida e de seu caráter. Mas eu, que o conhecia, considerava-o como o homem mais apto a receber minhas confidências sobre as dificuldades de Jim... e as minhas também.

CAPÍTULO 20

Já era tarde quando penetrei no seu gabinete, após ter atravessado um refeitório suntuoso, mas vazio, e pobremente iluminado. Eu caminhava atrás de um velho criado javanês, que abriu a porta do gabinete, gritou com uma voz profunda: “Patrão!” e eclipsou-se misteriosamente, como se fosse um fantasma um instante invocado para aquele serviço particular. Stein voltou-se na sua cadeira e acolheu-me com a sua voz clara e alegre. Um só recanto da vasta peça, aquele onde se erguia a mesa de trabalho, estava fortemente alumiado por uma lâmpada de abajur; o resto mergulhava, como uma caverna, numa sombra indistinta. Prateleiras estreitas, atulhadas de caixas, corriam em redor das paredes. Eram catacumbas de escaravelhos. Acima, tabuletas pendiam a intervalos regulares, e a luz que tombava sobre uma delas fazia misteriosamente luzir na vasta penumbra as letras de ouro da palavra Coleópteros. As caixas de vidro, consagradas à coleção de borboletas, estavam dispostas em três longas filas, sobre mesinhas. Uma dessas caixas, fora de seu lugar, repousava sobre o bureau, onde jaziam folhas de papel oblongas, cobertas de uma escrita miúda.

– Veja como me encontro... olhe! – disse ele. Sua mão me designava a caixa, onde, na sua grandeza solitária, uma borboleta distendia as asas de 7 polegadas ou mais, asas sombrias de bronze, com veias de uma infinita delicadeza e uma borda suntuosa de pontos amarelos.

– Eles só têm um espécime como este, na sua Londres, e é tudo. A minha pequena cidade natal eu legarei este número de minha coleção. Alguma coisa minha... A melhor!

Ele inclinava-se na sua cadeira e, com o queixo apoiado no vidro da caixa, olhava ardentemente. Eu me conservava às suas costas.

– Maravilhoso! – murmurou, como se houvesse esquecido a minha presença.

Sua história era curiosa. Nascido na Baviera, tinha, aos 22 anos, tomado parte ativa no movimento revolucionário de 1848. Gravemente comprometido, conseguira fugir, encontrando um primeiro refúgio em casa de um pobre relojoeiro republicano de Trieste. De lá passara para Trípoli, com um pacote de relógios baratos para vender, não era um estréia lá muito brilhante, mas a viagem fora feliz para ele, pois encontrou na África um certo holandês, um homem

célebre cujo nome não me ocorre. Este naturalista tomou-o como uma espécie de assistente e o levou para o Oriente. Durante quatro anos ou mais, juntos ou separadamente, tinham explorado o Arquipélago Indico, em busca de pássaros e de insetos. Depois, partindo o naturalista para a sua terra, Stein, que não tinha pátria a rever, ficara com um velho negociante escocês, a quem conhecera durante suas viagens ao interior das Celebes, se é que se pode dizer que as Celebes comportam um interior. Esse escocês, o único branco autorizado a residir na região naquela época, era um amigo privilegiado da mulher que presidia então aos destinos dos Estados Wajo. Muitas vezes ouvi Stein contar como esse homem, levemente hemiplégico, o tinha apresentado à corte indígena, pouco antes de sucumbir a um derradeiro ataque. Era um homem corpulento, de branca barba patriarcal e imponente estatura. Entrara na sala do conselho, onde rajás, *pangerans* e chefes se achavam reunidos sob a presidência da rainha, uma gorda mulher enrugada (muito livre de linguagem, dizia-me Stein), que se achava estendida sobre um alto divã que sustentava um pálio. O escocês arrastava a perna e fazia ressoar sua bengala. Tomou Stein pelo braço e levou-o direto ao divã.

– Olhai, rainha e senhores rajás – proclamou ele, com uma voz de estentor –, eis o meu filho. Eu comerciei com vossos pais, e, após a minha morte, será ele quem continuará o comércio convosco e com vossos filhos.

Esta simples formalidade valeu a Stein a situação privilegiada do escocês, com todo o seu estoque de mercadorias, bem como uma casa fortificada à margem do único rio navegável do país. Algum tempo depois, a velha rainha de linguagem livre morria por sua vez, e a região foi perturbada por diversos pretendentes ao trono. Stein juntou-se ao partido de um filho mais novo, aquele mesmo a quem, trinta anos mais tarde, não se referia ele senão sob o nome de “o meu pobre Mohammed” Foram ambos heróis de feitos inumeráveis; conheceram aventuras maravilhosas, e sustentaram de uma feita, na casa fortificada, um cerco de um mês, com uma vintena de partidários, contra todo um exército. Creio que os indígenas falam ainda dessa guerra. Entretanto, Stein não deixava nunca de apanhar, por sua própria conta, todos os escaravelhos e todas as borboletas que podia descobrir. Após uns oito anos de guerras, de negociações, de falsas tréguas, de ataques repentinos, de reconciliações e de traições, e no momento preciso em que a paz parecia assegurada de modo duradouro, o seu “pobre Mohammed Bonso” fora assassinado à porta de sua residência real, ao descer do cavalo, na volta de uma frutuosa caçada de cervos. Tal acontecimento tomava a posição de Stein extremamente precária, mas teria talvez ficado no país se não houvesse pouco depois perdido a irmã de Mohammed (“minha querida

mulher, a princesa", como ele a designava com solenidade). Tivera dela uma filha, mas a mãe e a criança haviam sucumbido a três dias de distância, de uma febre perniciosa. Deixou, pois, as paragens que aquela cruel perda lhe tornava odiosas, e terminou assim a primeira e aventurosa parte de sua existência. A segunda parte diferia tanto da anterior que, sem a realidade do desgosto que vivia nele, aquele estranho período lhe causaria o efeito de um sonho. Possuía um pouco de dinheiro; constituiu uma vida nova e, ao fim de certo número de anos, havia reunido considerável fortuna. Fizera a princípio inúmeras viagens pelas ilhas, mas chegara a velhice e agora raramente deixava ele a sua espaçosa residência, oculta, a 1 légua da cidade, no seu vasto parque, e cercada de cavalariças e cabanas de bambu para seu numeroso pessoal de serviçais e de empregados. Possuía uma flotilha de galeotas e de barcos da região para fazer em larga escala o comércio de gêneros das ilhas. Todas as manhãs dirigia-se no seu carro à cidade, onde tinha um escritório com comissários brancos ou chineses. Passava o resto da vida solitariamente, mas sem misantropia, entre seus livros e suas coleções, incessantemente ocupado em classificar e arranjar seus espécimes, correspondendo-se com entomologistas da Europa, organizando um catálogo descritivo de seus tesouros. Tal era a história do homem que, sem nenhuma esperança precisa, aliás, tinha eu vindo consultar sobre o caso de Jim. Seria já um alívio para mim conhecer a sua opinião a respeito. Estava eu cheio de meu assunto, mas não deixava por isso de respeitar o interesse intenso e quase apaixonado com que ele contemplava a sua borboleta, como se pudesse, no brônzeo esplendor daquelas asas frágeis, nas estrias brancas, nas manchas suntuosas, distinguir outras visões, ver a imagem de coisas também perecíveis, mas que tivessem no entanto tão bem desafiado a destruição como aqueles tecidos delicados e sem vida, cuja morte não podia embaraçar a magnificência.

– Maravilhoso!...

– repetiu ele, erguendo os olhos para mim.

– Olhe!... Esta beleza não é nada ainda, mas admire esta precisão, esta harmonia... Que fragilidade... E que força, no entanto!... Que exatidão... Eis bem a natureza, o equilíbrio de forças colossais!... Todas as estrelas de um lado... todas as ervinhas do outro... e o formidável cosmos, no seu equilíbrio perfeito, produz isso... Esta maravilha, esta obra-prima da Natureza, a imensa artista...

– Nunca encontrei entomologista mais entusiasta – observei alegremente.

– A obra-prima? E que faz o senhor do homem?

– O homem é prodigioso, mas não é uma obra-prima – replicou ele, sem

erguer os olhos da placa de vidro.

– Talvez o artista estivesse um tanto louco... hein? Que diz? Parece-me às vezes que o homem veio para onde não tem o que fazer, onde não há lugar para ele, pois, de outro modo, por que desejaria tomar todo o lugar? Por que correria ele de um lugar para outro, produzindo tanto estardalhaço em torno de seus atos, falando das estrelas, esmigalhando as ervinhas?...

– E caçando borboletas?...

– insinuei.

Stein sorriu, recostou-se no espaldar e esticou as pernas.

– Sente-se – disse ele.

– Este maravilhoso animal fui eu que o capturei, numa esplêndida manhã. E eu senti uma grande emoção. Você não sabe o que é, para um colecionador, apoderar-se de uma peça destas. Você não o pode saber! Foi num dia em que eu saía de casa a cavalo, a chamado do pobre Mohammed. De repente uma descarga, vinte tiros pelo menos! Era uma pequena emboscada, compreende? Os meus inimigos haviam forjado aquele falso chamado do meu pobre Mohammed Bonso. Meu pônei ergue-se, assustado, sobre as patas traseiras, e eu me deixo suavemente cair para diante, com a cabeça entre as suas crinas. Ele põe-se em marcha e, com um olho, eu vejo, por cima de seu pescoço, uma nuvenzinha de fumaça suspensa à minha esquerda, acima de uma touça do bambus. Empunhei disfarçadamente o revólver; enfim, não passavam de sete, aqueles cretinos. Surgem e põem-se a correr, com os *sarongs* arregaçados e as lanças acima das cabeças, gritando uns para os outros que não deixem escapar o cavalo, já que eu estou morto... Deixo-os aproximarem-se à distância daquela porta e, então, *pum! pum! pum!* Eu viso, cuidadosamente, cada um de meus tiros. Uma última bala nas costas de um homem. Mas desta vez falho. Muito longe já. E eu fico montado, acima da boa terra, inteiramente limpa, que me sorri, e diante de três cadáveres abatidos no chão. Um estava enroscado, como um cão; um outro, de costas, tinha um braço adiante dos olhos, como para abrigar-se do sol; o terceiro encolheu a perna, devagar, para estendê-la bruscamente de um só golpe. Olhei-o fixamente, do alto de meu cavalo, mas estava bem acabado; ele permanece perfeitamente tranqüilo. E, procurando em seu rosto um sinal de vida, eu vejo qualquer coisa como uma leve sombra passar sobre sua fronte. Era a sombra desta borboleta. A obra está em caminho; acabo de descrever este raro espécime... Sim! Mas quais são as boas notícias que você me traz?

– A falar verdade, Stein, eu vim para descrever um espécime, eu também...

– Uma borboleta?

– perguntou-me, com uma vivacidade incrédula e alegre.

– Não, não é nada de tão perfeito assim... Trata-se de um homem...

Pôs-se a ouvir-me, com as pernas cruzadas; de tempos a tempos, seu rosto desaparecia completamente numa explosão de fumo e um resmungo simpático saía da nuvem. Quando terminei minha narrativa, ele descruzou as pernas, pousou o cachimbo, inclinou-se gravemente para mim, com os cotovelos nos braços da cadeira, os dedos juntos:

– Eu compreendo muito bem; é um romanesco!

Fiquei espantado da segurança do seu diagnóstico; nossa conversação muito se assemelhava, com efeito, a uma consulta médica. Stein fazia tão bem figura de sábio, na sua cadeira e à sua mesa, e eu, de meu assento, ergui para ele tão cheio de ansiedade, que pareceu perfeitamente natural a pergunta:

– Que é preciso fazer?

Ele ergueu o longo indicador.

– Só há um remédio. Uma só coisa nos pode curar de nós mesmos...

– Sim, mas, propriamente falando, a questão aqui não é de curar: é de viver!

Afinal, quando nos despedimos:

– Durma bem – disse-me, apertando a mão –, e amanhã cumpre que tratemos de procurar qualquer coisa de prático... de prático...

CAPÍTULO 21

Acho que nenhum de vocês já ouviu falar do Patusan...

– continuou Marlow, depois de um silêncio preenchido pelo acender metódico de um charuto.

– Pouco importa; na multidão dos corpos celestes que formigam à noite em torno de nós, há mais de um de que nós nunca ouvimos falar, pois gravitam fora da esfera de nossos hábitos e só têm importância terrena para os astrônomos, que são pagos para falar doutamente de sua composição, de seu peso, de sua órbita, das irregularidades de sua trajetória, das aberrações de sua luz, como de uma espécie de escandalosa monstruosidade científica. Assim é com o Patusan. Os círculos governamentais de Batávia faziam-lhe eruditas referências, principalmente a propósito de suas aberrações e irregularidades e, no mundo do comércio, alguns raros negociantes o conheciam de nome. Mas ninguém fora até lá, nem o pretendia, como suponho que um astrônomo deveria opor-se a ser transportado para um longínquo corpo celeste, onde, separado de seus emolumentos terrestres, ver-se-ia abarbado pelo espetáculo de céus desconhecidos. Mas nem os corpos celestes nem os astrônomos têm nada a ver com o Patusan. Mas Jim, esse foi até lá. Eu queria apenas dar a entender que, se Stein tivesse conseguido mandá-lo a uma estrela de quinta grandeza, a mudança não teria sido mais completa para ele. Deixando atrás suas fraquezas terrestres e a reputação que aqui adquirira, encontrou, para exercer suas faculdades imaginativas, condições inteiramente novas. Novas e notáveis. E foi também de notável maneira que soube aproveitá-las.

Stein era o homem que mais sabia acerca do Patusan. Mais mesmo que os círculos governamentais, acho eu. Não ponho em dúvida que ele lá não tenha ido, no tempo em que caçava borboletas. Há poucos recantos do arquipélago que ele não tenha visitado, em sua penumbra original, antes que a luz (e mesmo a luz elétrica) os tivesse inundado em nome de uma moral mais sã... e de lucros maiores, também. Foi ao almoço, no dia seguinte ao de nossa conversa sobre Jim, que ele me falou do Patusan. Eu acabava de repetir a frase do pobre Brierly:

– "Que ele cave um buraco de sete palmos para enterrar-se!"

Stein me olhou atentamente, como se eu fosse um inseto raro.

– Em tese, seria possível! – disse ele, degustando seu café.

– Sim, enterrá-lo...

– comentei.

– Nunca se pensa em tal solução, mas seria o melhor a fazer, dada a natureza desse rapaz!

– Sim, ele é jovem – murmurou Stein.

– É o mais jovem dos seres humanos – afirmei.

– *Schön!* Há o Patusan...

– tornou Stein, no mesmo tom pensativo.

– E a mulher está morta agora – acrescentou misteriosamente.

Naturalmente, eu nada sei dessa história; posso unicamente inferir que já uma vez o Patusan servira de asilo a um ser acabrunhado por uma falta, uma transgressão ou uma desgraça. De Stein, impossível suspeitar. A única mulher que existiu para ele era a jovem malaia a quem chamava “minha mulher, a princesa”, ou, mais raramente, e em seus momentos de expansão, “a mãe de minha Ema”. Não sei em que mulher ele pensava, a propósito do Patusan, mas suas alusões me fizeram concluir que era uma holandesa-malaia, linda e bem-educada, cuja existência fora trágica ou simplesmente lastimável; a parte mais dolorosa de sua história era sem dúvida seu casamento com um português de Malaca, outrora empregado numa casa de comércio das colônias holandesas. Soube por Stein que esse indivíduo era pouco recomendável, por mais de um motivo, mas sempre de modo vago e perigoso. Foi unicamente em consideração a sua mulher que Stein o nomeara diretor da contabilidade da Casa Stein & Cia., no Patusan. Do ponto de vista comercial, essa designação não fora feliz, pelo menos para a sociedade, e, agora que a mulher estava morta, Stein se achava disposto a experimentar um novo agente. O português, que se chamava Cornélio, tinha-se por um homem a quem não consideravam devidamente, achando que seus méritos o designavam para mais altas funções. Era a esse indivíduo que Jim devia substituir.

– Não creio que ele queira ceder o lugar – observou Stein.

– Aliás, isto não é comigo; foi somente em consideração à mulher que eu... Mas creio que há uma moça e, se o pai quiser ficar, deixarei a velha casa a seu dispor.

O Patusan faz parte de um Estado indígena independente; é um distrito afastado, cujo principal estabelecimento tem o mesmo nome. A uns sessenta quilômetros do mar, em um ponto de onde se descobrem as primeiras casas, avistam-se, acima da massa das florestas, os cumes vizinhos de duas montanhas abruptas, separadas pelo que se tomaria por uma fenda profunda, como que produzida por um golpe formidável. De fato, o vale intermediário forma uma estreita passagem e, da cidade, a montanha se apresenta sob a forma de uma massa irregularmente cônica e fendida em duas metades levemente afastadas. No terceiro dia que se segue à lua cheia, o astro noturno, visto do espaço aberto ante a casa de Jim (ele tinha uma bela casa de estilo indígena quando fui vê-lo), erguia-se por detrás das montanhas; sua difusa claridade acentuava a princípio as duas massas num relevo de um negro intenso; depois, emergindo e subindo suavemente entre as duas paredes da garganta, o disco se avermelhava e, quase perfeito, acabava por flutuar acima dos píncaros, como se tivesse, com um ar de modesto triunfo, escapado a uma tumba hiante.

– Maravilhoso! – declarou Jim, a meu lado.

– Isto vale a pena a gente ver, não é?

Ele deixava transparecer nestas palavras um tom de orgulho pessoal que me fez sorrir: dir-se-ia que tinha tomado parte no arranjo daquele espetáculo único. Pois ele arranjara tantas coisas, no Patusan, tantas coisas que pareciam tão impossíveis de serem controladas por ele como a marcha do sol e das estrelas!

Era inconcebível, e era no entanto a característica do papel a que Stein e eu o tínhamos inconscientemente convidado, sem outro intento que afastá-lo da vida dos homens, e arrancá-lo mais ainda à sua. Tal era o nosso primeiro móvel, embora, devo confessá-lo, eu tivesse talvez um outro motivo. Eu devia passar algum tempo na Inglaterra e é possível que desejasse, meio inconscientemente, dispor dele, dispor dele, compreendem, antes de minha partida. Eu voltava à pátria, a pátria que mo enviara, com sua triste pena e seus obscuros direitos, como um homem que resfolga sob um fardo, na bruma. Não posso afirmar tê-lo algum dia visto claramente... mesmo hoje, depois daquela última visita que lhe fiz, mas parecia-me que, menos eu o compreendia, mais obrigações tinha para com ele, em nome mesmo dessa dúvida que é uma parte inseparável do nosso conhecimento. E acaso sabia eu mais sobre mim mesmo? Eu voltava, pois, à pátria, repito, a essa pátria bastante longínqua para que lá todos os lares se tornem como um lar único, no qual o mais humilde dentre nós tem o direito de abrigar-se. Ilustres ou obscuros, nós erramos aos milhares pela superfície do globo, para acumular além dos mares dinheiro ou glória, ou ganhar unicamente

um pedaço de pão; mas parece-me que para cada um de nós a volta à pátria constitui uma espécie de ajuste de contas. Nós regressamos para defrontar nossos superiores, nossos parentes, nossos amigos, aqueles a quem obedecemos e aqueles a quem amamos... Mas os próprios seres que não têm ninguém, os mais despojados, os mais solitários, os mais libertos de juízes e de ligações, aqueles para quem o lar não comporta nem fisionomias queridas nem vozes familiares devem defrontar a alma da terra, a alma que flutua no seu ar e no seu céu, sobre os seus vales e sobre suas colinas, sobre seus campos, suas águas e seus bosques, como um mudo amigo, um juiz e um inspirador. Digam o que quiserem, mas, para tornar a encontrar a alegria da terra, para encarar sua verdade e respirar sua paz, é preciso entrar com a consciência livre. Tudo isso pode parecer puro sentimentalismo, e poucos dentre nós, com efeito, têm o desejo ou a faculdade de olhar conscienciosamente sob a superfície das emoções familiares. Há as raparigas que amamos, os homens para quem erguemos os olhos, as ternuras, as amizades, os encontros, os prazeres... Mas a coisa continua de pé: é preciso ter as mãos limpas para tocar na recompensa, se não se quer vê-la mudada em folhas mortas entre os dedos. Creio que são os isolados, os seres sem lar e sem afeição, os que não voltam a uma casa, mas ao próprio país, para reencontrar sua alma desencarnada, eterna e imutável, creio que são esses que experimentam mais profundamente sua severidade e seu poder remissor, a graça de seu direito secular à nossa fidelidade e à nossa submissão. Sim, se não somos muitos a compreende-lo, nós o sentimos todos, e digo todos, sem exceção, porque os que o não sentem, esses não contam mais. A mínima ervinha tem seu pequeno canto de terra de onde retira vida e força, e o homem também está enraizado numa terra especial de onde haure sua fé ao mesmo tempo que sua vida. Não sei até que ponto Jim compreendia, mas sei que ele sentia; sentia confusa mas intensamente a necessidade dessa verdade... ou dessa ilusão, pouco importa o nome que lhe derem; isto faz tão pequena diferença, e essa diferença significa tão pouco! O certo é que, em razão de tais sentimentos, ele bem compreendia a importância de um regresso. Ele jamais voltaria à pátria, jamais se fosse capaz de manifestações pitorescas, ele teria estremecido a tal pensamento, e fá-los-ia estremecer também. Mas não era homem que se abandonasse a fraquezas, embora fosse, à sua maneira, um *expressivo*. À idéia de tal regresso, ele se tornaria desesperadamente reservado e impassível, reentrando o queixo e cerrando os lábios, enquanto seus cândidos olhos azuis fuzilariam um momento sob o cenho carregado, como ante um pensamento intolerável e revoltante. Ele tinha imaginação sob aquele crânio duro a que a espessa cabeleira cobria como um capacete. Quanto a mim, que não tenho imaginação (estaria mais seguro hoje a seu respeito se a tivesse), não quero fazê-los crer que se me afigurasse a alma

da terra surgindo acima do branco litoral de Douvres, para perguntar a mim – que voltava com todos os ossos – o que fizera de meu jovem irmão. Eu sabia muito bem que ele era dessas criaturas sobre cujo destino não se fazem inquéritos; eu vira homens, que eram mais do que ele, desaparecerem para sempre, sem provocar manifestações de curiosidade ou de lástima. Como é próprio dos gênios de ampla envergadura, a alma da terra não cuida de vidas inumeráveis. Ai dos extraviados! Nós não existimos senão em nosso lugar no conjunto! Ele tinha ficado para trás e não soubera permanecer à altura dos seus camaradas, mas sentia-o com uma intensidade que o tornava comovente, do mesmo modo que a vida mais intensa de um homem torna a sua morte mais impressionante que a de uma árvore. Eu me encontrei no seu caminho e deixei-me impressionar, eis toda a história. Atormentava-me por saber para que lado ele se encaminharia. E sentir-me-ia mortificado se, por exemplo, ele começasse a beber. O mundo é tão pequeno que eu tinha medo de ser abordado um dia por um vagabundo de olhos vermelhos, de rosto inchado e sujo, sapatos esfrangalhados, farrapos pendentes dos cotovelos e que, em nome de velhas relações, me filasse 5 dólares. Vocês conhecem o horrível e pesado jeitão desses espantalhos, saídos de um passado apresentável, que se acercam da gente, com a voz rouca e pastosa, o olhar impudente e meio de soslaio; conhecem esses encontros, mais dolorosos para o homem que crê na solidariedade das existências humanas, do que para um sacerdote a vista da agonia de um velho impenitente. Eis, em verdade, a única espécie de perigo que eu temia para ele e para mim, mas eu desconfiava da minha falta de imaginação. Talvez chegasse ele a pior, num sentido que me era impossível conceber. Não podia esquecer que aquele rapaz era um belo imaginativo, e os imaginativos são capazes de avançar muito longe numa direção, como se lhes fosse dado um comprimento de cabo maior que a seus vizinhos, na difícil ancoragem da vida. E eles se entregam por vezes à bebida. Talvez eu fosse injusto, alimentando tal temor a seu respeito. Mas como sabe-lo! Tudo o que o próprio Stein achava para me dizer era que se tratava de um romanesco. E eu, tudo o que sabia era que se tratava de um de nós. Que fazia ele, como romanesco? Se lhes falo tanto de meus sentimentos instintivos e de minhas nebulosas reflexões, é porque não me resta grande coisa a dizer dele. Ele existia para mim e é, afinal, por mim somente que ele existe para vocês. Eu o trouxe pela mão e mostrei-o. Minhas vulgares apreensões seriam acaso injustas? Não saberia dizê-lo, ainda hoje. Vocês, sim, é que poderiam opinar mais justamente, pois, como diz o provérbio, são os espectadores que vêem melhor a cena. Em todo o caso, eram supérfluas. Ele não se afastou do caminho; pelo contrário, percorreu-o maravilhosamente, reto como uma flecha, e mostrou que sabia tão bem sustentar um esforço como partir de um

salto. Eu deveria estar encantado, porque é uma vitória para a qual contribuí, e não me sinto contudo tão feliz como esperava. Pergunto-me se este esforço o fez verdadeiramente sair da bruma onde ele errava, como uma tênue silhueta, mas atraente com seus vagos contornos, extraviado a gemer inconsolavelmente a perda do seu lugar na fileira. Aliás, ainda não foi dita a última palavra da história, e decerto não o será jamais. Acaso não são nossas vidas demasiado curtas para nos dar tempo de ir até o fim de uma frase, que fica eternamente, através de nossos balbucios, em estado de intenção? Renunciei a ouvir essas últimas palavras, cujo rumor, se pudessem somente ser pronunciadas, abalaria o céu e a terra. Nós nunca temos tempo de pronunciar nossa última palavra, de dizer a última palavra de nosso amor, de nosso desejo, de nossa fé, de nosso remorso, de nossa submissão, de nossa revolta. O céu e a terra não querem ser abalados, pelo menos por nós, que conhecemos sobre eles demasiadas verdades. Minhas últimas palavras a respeito de Jim serão breves. Afirmo que ele atingiu a uma verdadeira grandeza, mas tais coisas são diminuídas por quem as conta, ou antes, por aqueles que as ouvem. Francamente, é menos das minhas palavras que eu desconfio do que dos espíritos de vocês. Eu saberia ser eloqüente se não suspeitasse de que vocês tenham deixado estiolarem-se as respectivas imaginações, para encherem a barriga. Não quero ofendê-los; é muito respeitável, apaziguante, proveitoso... e aborrecido não alimentar ilusões. Todavia, vocês também, em tempo, devem ter conhecido essa intensidade de vida, essa luz esplêndida, que nascem às vezes do choque de coisas fúteis, e que parecem tão surpreendentes como as chispas que brotam duma pedra fria... tão surpreendentes e tão efêmeras, também!

CAPÍTULO 22

A conquista do amor, da veneração, da confiança dos homens, o orgulho que ela suscita e o poderio que traz são elementos de um conto heróico; só que nossos espíritos se impressionam pelo caráter exterior de tais casos, e, no caso de Jim, não havia nada de exterior. Trinta milhas de floresta o ocultavam aos olhos de um mundo indiferente, e sobre uma costa branca de espuma o ruído da ressaca afogava a voz da fama. A corrente da civilização bifurcava-se contra um cabo, a 100 milhas ao norte do Patusan; em dois braços respectivamente dirigidos para leste e sudeste, deixando de parte suas planícies e seus vales, suas florestas e sua velha humanidade; ela negligenciava o Patusan, como uma ilhota insignificante, perdida entre os dois ramos de uma torrente formidável e devoradora. Acha-se muitas vezes mencionado o nome da região nas narrativas dos antigos viajantes. Os comerciantes do século XVII lá iam em busca de pimenta, pois no tempo de Jacques I a paixão da pimenta parecia arder, como uma flama de amor, no peito dos aventureiros da Holanda e da Inglaterra. Aonde não teriam ido eles para conseguir pimenta? Por um saco de pimenta, degolavam-se entre si, sem hesitação, ou vendiam a alma, pela qual tinham tanto cuidado em outras circunstâncias; esse estranho e obstinado desejo fazia-os afrontar mil mortes diversas; desafiavam os mares desconhecidos, as doenças estranhas e horríveis, as pragas, o cativeiro, a fome, as epidemias e o desespero. Tornavam-se grandes, pelos céus! e heróicos e comovedores, também, na sua sede de negócios, sob os golpes da inflexível morte, que cobrava seu tributo sobre jovens e velhos. Parece impossível que um simples desejo de lucro tenha podido levar os homens a tal tenacidade, a tão cega teimosia no esforço e no sacrifício. E, de fato, aqueles que aventuravam assim suas pessoas e suas vidas arriscavam tudo por uma minguada recompensa. Deixavam os ossos a branquejar sobre longínquas paragens, a fim de desviar a corrente dá fortuna para os que viviam na terra-máter. A nossos olhos de sucessores, submetidos a provas menos rudes, aparecem eles engrandecidos, não como agentes de comércio, mas como instrumentos de um destino preestabelecido; para obedecer a uma voz interior, a um impulso de seu sangue, a um sonho de futuro, foi que eles singraram para o desconhecido. Eram prodigiosos e estavam preparados também, cumpre dizê-lo, para o maravilhoso. Eles o registravam com complacência no relato de seus sofrimentos; eles o mesclavam ao espírito do mar, ao costume de nações estranhas, à glória de chefes soberbos.

No Patusan, haviam encontrado grande quantidade de pimenta e ficaram impressionados pela magnificência e a sabedoria do sultão; mas, não se sabe por que, após um século de relações contínuas, o país viu pouco a pouco declinar seu comércio. Talvez a pimenta estivesse esgotada. Em todo o caso, ninguém mais se preocupa com ela, agora; a glória está extinta; o sultão, um adolescente imbecil, com dois polegares na mão esquerda, extorque a uma população miserável um tributo incerto, que lhe roubam seus numerosos tios.

Obtive estes informes de Stein, que me deu o nome dos referidos tios, com um breve apanhado sobre a vida e o caráter de cada um. Ele era, a respeito dos Estados indígenas, tão rico em informações como um relatório oficial, mas infinitamente mais divertido. Tinha necessidade de estar a par de tudo. Traficava num grande número desses Estados, e, em mais de um distrito, no Patusan, entre outros, sua casa era a única a possuir uma feitoria, por licença especial das autoridades holandesas. O governo fiava-se na sua discrição, e estava assente que ele aceitaria todos os riscos da empresa. Os homens a que dava emprego também o compreendiam, mas é de crer que ele sabia pagar-lhes devidamente. Expôs-me os fatos com uma perfeita franqueza, no dia seguinte de manhã, à mesa do almoço. Pelo que sabia (suas últimas notícias do Patusan remontavam a treze meses, especificava ele), o estado normal era lá o de uma insegurança total quanto à vida e aos bens. Havia forças antagônicas em confronto, uma das quais era representada pelo rajá, o pior dos tios do sultão; governador da zona fluvial, praticava todas as concussões e roubos, e levava à morte os malaios da região, infelizes vítimas indefesas, que não tinham nem ao menos o recurso da emigração. “Pois”, fazia-me notar Stein, “para onde e como os pobres poderiam ir?” Não tinham provavelmente o mínimo desejo de tal coisa. O mundo, que é cercado de altas montanhas intransponíveis, fora confiado às mãos das grandes personagens, e aquele rajá, eles o conheciam; pertencia à sua própria casa real. Tive o prazer de encontrar um dia esse *gentleman*. Era um velhote acabado e sujo, de olhos falsos e uma boca mole, que engolia de duas em duas horas uma pílula de ópio e, desprezando a mais vulgar compostura, trazia os cabelos descobertos e tombantes em falripas rebeldes e escassas sobre sua cara seca e ossuda. Para dar audiência, trepava numa espécie de estreito estrado, erguido numa sala com o aspecto de celeiro em ruínas; através das fendas dum soalho de bambu apodrecido, percebiam-se, uns 12 ou 15 pés abaixo, os monturos acumulados sob a casa. Eis como e onde ele nos recebeu, quando lhe fiz com Jim uma visita de cerimônia. Havia umas quarenta pessoas na peça, e três vezes tantas talvez no grande pátio de baixo. Alguns jovens, vestidos de sedas frufrulantes, nos olhavam de longe; mas a maioria, escravos ou humildes servos

seminus, usava *sarongs* esfarrapados, sujos de cinza e de lama. Eu jamais vira Jim com um tal ar de gravidade, de autodomínio, de impressionante impassibilidade. No meio daqueles indivíduos de pele escura, seu vulto vigoroso, todo de branco, e o brilhante velo de seus cabelos loiros pareciam atrair toda a luz que se filtrava através das fendas, naquela sombria casa, de paredes de taquara e teto de palha. Não aparecia unicamente como um ser de uma outra raça, mas de uma outra essência. Se o não tivessem visto chegar no seu bote, teriam acreditado que descera das nuvens. Mas desembarcara de uma piroga carunchada, onde se conservava inteiramente imóvel e de joelhos cerrados, com medo de fazê-la virar; assentado sobre uma mala que eu lhe emprestara, ele trazia sobre os joelhos um revólver de marinha, dado por mim na partida, e que uma intervenção da Providência, ou uma idéia absurda e muito digna dele, ou uma instintiva sagacidade o decidira deixar descarregado. Foi nessa equipagem que ele remontou o rio do Patusan. Nada mais prosaico e mais perigoso, mais ousado e mais singular. Estranha fatalidade que dava a cada um de seus atos um aspecto de fuga, de deserção impulsiva e irrefletida, de salto no desconhecido.

O que mais me toca hoje é precisamente o caráter aventuroso da empresa. Nem Stein nem eu suspeitávamos claramente o que podia haver do outro lado do muro, por cima do qual, para falar metaforicamente, nós o havíamos lançado sem cerimônias. De momento, eu desejava antes de tudo vê-lo desaparecer completamente. Quanto a Stein, esse obedecia, de maneira bem característica, a um motivo de ordem sentimental. Tinha ele a idéia de pagar a velha dívida que jamais esquecera. Toda a sua vida, dera mostras de particular interesse por todo originário das Ilhas Britânicas. Seu falecido benfeitor era em verdade escocês, escocês a ponto de chamar-se Alexandre MacNeill, e Jim provinha de um condado situado ao sul de Tweed, mas, para aqueles que a olham de 3000 ou 4000 léguas de distância, mesmo para seus próprios filhos, a Grã-Bretanha, sem ficar em nada diminuída, apresenta-se suficientemente resumida para que tais minúcias possam ter alguma importância. Stein era desculpável, e me deixava entrever intenções tão generosas, que eu lhe pedi para mantê-las secretas, de momento. Eu sentia que se não devia deixar nenhuma consideração de vantagem pessoal influir sobre Jim; não se devia nem mesmo correr o risco de tal orientação. Era em face de uma outra espécie de realidade que nós nos achávamos. Ele procurava um refúgio, e esse refúgio nós lho íamos oferecer, por sua conta e risco, eis tudo.

Quanto ao mais, fui para com ele de uma perfeita franqueza, e cheguei mesmo a exagerar, creio, os perigos a que se expunha. Em verdade, eu não lhes

fizera justiça; o primeiro dia de Jim no Patusan quase foi também o seu último dia, e não teria deixado de o ser se sua temeridade ou seu desprezo de si próprio não lhe tivessem feito esquecer de carregar aquele revólver. Lembra-me ter visto, enquanto me ouvia expor o plano de retiro que traçáramos em sua intenção, seu ar de resignação obstinada, mas lassa, dar lugar, pouco a pouco, a uma expressão de surpresa, de interesse, de estupor, depois a uma explosão de entusiasmo juvenil. Era a ocasião com que ele sonhara! Não podia compreender como tinha merecido que eu... Que o enforcassem se adivinhava a que devia... E era Stein, Stein, o comerciante, que... Mas, bem entendido, era a mim que ele... Fi-lo calar; ele gaguejava, e sua gratidão me causava um inexprimível mal-estar. Declarei-lhe que, se ele devia aquela chance a um ser particular, era a um velho escocês cujo nome jamais ouvira, que tinha morrido há muitos anos e de quem não se guardava mais lembrança que a de uma voz trovejante e uma espécie de rude honestidade. Não tinha ele realmente ninguém a quem dirigir seus agradecimentos. Stein devolvia a um jovem o auxílio que ele próprio recebera na sua juventude, e meu papel se limitara a mencionar seu nome. A isto, ele enrubesceu e observou timidamente, torcendo entre os dedos um pedaço de papel, que eu sempre tivera confiança nele.

Reconheci o fato e acrescentei após um instante de silêncio que desejaria vê-lo seguir o meu exemplo.

– Pensa então que não o faço?

– perguntou ele inquieto; depois murmurou que seria preciso primeiro mostrar um pouco do que era capaz; depois do, que sua fisionomia iluminou-se e ele ergueu a voz para protestar que não me daria motivo para lamentar uma confiança que... que...

– Não se iluda – interrompi; – não está em seu poder fazer-me lamentar o que quer que seja. Não me arrependerei, mas, se tal acontecer, isto é comigo.

– Ele bem devia compreender que aquele arranjo, aquela... tentativa não dependia senão dele próprio; era o único responsável, e ninguém mais.

– Mas... Mas...

– balbuciou ele – é precisamente o que...

Disse-lhe que não se fizesse de tolo, e ele pareceu mais intrigado do que nunca. Estava o pobre em caminho de tornar a vida intolerável.

– Acha então...?

– perguntou-me, perturbado, continuando quase em seguida com um tom de confiança?

– Mas eu ia andando bem, no entanto, não acha?

Impossível incomodar-se com ele; não pude reprimir um sorriso e disse-lhe que, outrora, as pessoas que “iam andando” daquela maneira se tornavam depois eremitas, numa terra selvagem.

– Para o diabo os eremitas! – comentou ele, com uma espontaneidade encantadora. Bem entendido, a terra selvagem não lhe causava medo.

– Sinto-me feliz com isso – disse-lhe. Era lá que ele iria viver no futuro, e lá encontraria bastante animação, podia acreditar.

– Sim! Sim – disse ele vivamente.

Tinha ele manifestado o desejo, prosseguia eu inexoravelmente, de fechar a porta atrás de si...

– Sim?...

– interrompeu-me, tomado de um estranho acesso de melancolia, que pareceu envolvê-lo da cabeça aos pés, como a sombra fugidia de uma nuvem. Ele era prodigiosamente expressivo, prodigiosamente!...

– Sim?...

– repetiu ele amargamente.

– Não há de dizer que eu tenha feito muito espalhafato... E eu saberia tudo suportar ainda... somente, sinto-me abafar! O senhor me mostra uma porta...!

– Muito bem – disse eu –, saia então! – Eu podia, pois, afirmar que a porta seria violentamente fechada às suas costas. Seu destino, qualquer que fosse, ficaria ignorado, porque, apesar da sua decrepitude, a terra para onde ele ia não estava ainda madura para uma intervenção. Uma vez que lá entrasse, ele se tornaria, para o mundo exterior, um homem inexistente. Não teria mais que as solas de seus sapatos para manter-se de pé e, ainda assim, era preciso que encontrasse um canto para pousá-las.

– Um homem inexistente...! É bem isso, por Júpiter! – murmurou ele. Os olhos, que fixava em mim, fulguravam.

Se havia bem compreendido as condições, concluí, bem faria ele em saltar no primeiro veículo aparecido e correr à casa de Stein para receber suas últimas instruções. E vi-o sair porta afora, sem ao menos me dar tempo a que terminasse

a frase.

CAPÍTULO 23

Só voltou no dia seguinte de manhã; Stein o retivera para jantar e dormir. Jamais vira um homem tão extraordinário como o Sr. Stein. Apertava no bolso uma carta para Cornélio (o indivíduo que seria preciso mandar passear, explicou ele, com uma momentânea queda em sua exaltação), e mostrou-me com alegria um anel de prata, semelhante aos que usam os indígenas, um anel desgastado até uma extrema delgadez, e trazendo ainda vestígio de gravura.

Este anel devia servir-lhe de apresentação diplomática a um velho chamado Doramin, um notável, um bambambã da zona, que fora amigo do Sr. Stein, na terra onde este correra tantas aventuras. O Sr. Stein tratava-o de "companheiro de guerra". Companheiro de guerra, lindo, não? Como o Sr. Stein falava maravilhosamente o inglês! Ele dizia tê-lo aprendido nas Celebes... Fresco lugar para aprender o inglês! Não era de se morrer de riso? Ele falava com um acento... assim meio fanhoso... Fora esse Doramin quem lhe dera o anel. Haviam trocado presentes, quando de sua última separação. Uma espécie de promessa de amizade eterna. Lindo, não? Tiveram de escapar às pressas, para salvar o pelego, e deixar a terra, quando aquele Mohammed... Mohammed de quê?... foi assassinado... Eu devia conhecer a história, uma vergonha, não foi mesmo?

Parolava sem pausa diante do prato, de garfo e faca em punho (ele me havia encontrado à mesa). Estava um pouco vermelho e tinha os olhos mais fundos, o que era nele sinal de exaltação. O anel era uma espécie de talismã (como nos contos de fadas, declarou-me com entusiasmo), e Doramin devia fazer o possível em seu favor. O Sr. Stein tivera ocasião de salvar a vida de Doramin, numa circunstância qualquer; obra de puro acaso, dizia o primeiro, mas ele, Jim, tinha sua opinião a respeito. O Sr. Stein era bem homem de fazer nascerem tais acasos. Pouco importava, de resto; acaso ou não, o incidente lhe ia prestar imenso serviço. Provesse aos céus somente que o bom velho não tivesse esticado a canela nesse meio tempo! Stein nada lhe podia garantir; há mais de um ano que não recebia notícias de lá; aquela gente não cessava nunca de fazer das suas, e o rio estava fechado. Era mesmo uma questão um tanto incômoda, mas basta!, ele saberia encontrar uma saída.

Sua alegre tagarelice me comovia e causava temor. Estava com a volubilidade de um menino na véspera de uma grande viagem, ante a perspectiva

de aventuras maravilhosas, e tal estado de espírito num homem feito e em semelhantes condições tinha algo de prodigioso e semilouco, de perigoso, de temível. Ia pedir-lhe que tomasse as coisas a sério, quando ele largou garfo e faca (tinha-se resignado a comer, ou antes, a engolir maquinalmente o conteúdo de seu prato) e pôs-se a procurar: o anel! O anel! Tinha-o!... Fechou-o na sua grande mão e meteu-o sucessivamente em cada um dos bolsos. Por Júpiter! Não podia perdê-lo!... Pôs-se a meditar gravemente com o punho fechado sobre o anel. Ah! Achou! Ia pendurar o anel ao pescoço! E, imediatamente, para tal fim, tirou um cordão do bolso, que parecia um laço de botinas. Pronto! Aquilo arranjaria tudo! Seria o diabo se... ! Pareceu, pela primeira vez, perceber meu rosto e tornou-se mais calmo. Eu decerto não imaginava, explicou-me com uma ingênua gravidade, a importância que ele ligava àquele pequeno objeto. Era um penhor de amizade, e que coisa preciosa ter um amigo! Ele bem o sabia! Fez um sinal expressivo dirigido a mim, mas, ante o meu gesto de escusa, apoiou a fronte na mão e ficou um instante silencioso, brincando pensativamente com o miolo de pão sobre a toalha...

– Bater a porta! Muito bem dito! – exclamou ele, erguendo-se para andar de um lado para outro.

A quadratura de suas espáduas, o porte da cabeça, seu andar teso e sacudido me faziam lembrar a noite em que o vira assim agitar-se, em que ouvira sua confissão, suas explicações, como quiserem, mas em que eu o tinha, definitivamente, sentido viver, viver ante os meus olhos, sob a sua pobre nuvenzinha, com toda a sua inconsciente sutileza, que sabia tirar uma consolação da própria fonte de suas penas. Era o mesmo espírito que o animava agora, um espírito idêntico e diferente todavia, como o companheiro infiel que, guiando-nos hoje pelo reto caminho, vai amanhã, com os mesmos olhos, o mesmo passo, os mesmos gestos pôr-nos a perder irremediàvelmente. Seu andar era seguro; seus olhos sombrios e perscrutadores pareciam procurar qualquer coisa na peça. Um de seus passos tombava com mais ruído que o outro, devido ao calçado, sem dúvida, e dava uma curiosa impressão de quase imperceptível claudicar. Com uma das mãos profundamente enterrada no bolso das calças, agitou de súbito a outra acima da cabeça...

– Bater a porta! – exclamou – eis o que me era preciso! Eu saberei mostrar o que eu... Estou pronto para todas as aventuras... Era o que eu sonhava... Sair de tudo isto, por Júpiter!... Ah! Eis enfim uma ocasião!... Espere um pouco e verá...!

Erguia a cabeça com um ar de triunfo e, pela primeira e última vez, confesso

que me senti de repente farto dele. Para que tais fanfarronadas? Andava pela sala, com gestos absurdos, e apalpava de tempos a tempos, através da roupa, o anel que trazia contra o peito. Havia motivo para exaltar-se daquela maneira, à perspectiva de um emprego comercial num lugar onde não havia comércio? Por que lançar assim um desafio ao universo? Não era o estado de espírito conveniente para o caso, e eu não falava unicamente para ele, mas para não importa quem. Escutou-me um instante sem mover-se.

– É mesmo?

– disse, sem se deixar abater, e com um sorriso em que me pareceu notar qualquer coisa de insolente. É que eu tenho vinte anos mais do que ele! A juventude é bastante insolente, de fato; é o seu direito, e mesmo a sua essência; cumpre que ela se afirme e, neste mundo de dúvidas, toda afirmação é um desafio e uma insolência.

Ele afastou-se para um canto; depois, voltando-se de súbito, pôs-se a atacar-me furiosamente, se assim posso dizer... Eu dizia isto porque eu próprio, eu, que dera mostras para com ele de uma bondade sem limites, guardava uma lembrança... uma lembrança do que tinha acontecido... e isto me indispunha contra ele ... Que diriam os outros, então... o mundo em geral? Era tão surpreendente assim que ele desejasse, que ele quisesse sair... que ele pretendesse, para sempre, ficar à parte? E eu é que lhe vinha falar de estado de espírito conveniente?!

– Não sou eu, não é o mundo que lembramos! – protestei.

– É você, só você, quem se lembra!

Ele teimou, prosseguindo calorosamente:

– Esquecer tudo, tudo... e todo o mundo!...

– Sua voz baixou um pouco – ...salvo o senhor!...

– corrigiu ele.

– Oh! A mim também, se isso o pode ajudar – disse eu, num tom contido. E ficamos um instante silenciosos e taciturnos, como pessoas exaustas. Ele retomou então pausadamente o fio de sua narrativa e me disse que Stein o aconselhara a esperar um mês mais ou menos, para ver se lhe seria possível acostumar-se ao novo ambiente, a fim de que se não fizesse uma “vã despesa”. Tinha cada expressão, aquele Stein! “Vã despesa”! É boa... Acostumar-se!... Como não!... Ele bem saberia acostumar-se!... Era só chegar lá, e ficaria... para

não mais sair! Não era tão difícil ficar!...

– Nada de inúteis temeridades – aconselhei, inquieto com o seu tom de ameaça; – se você está disposto a viver bastante, há de sentir-se feliz em regressar um dia!

– Regressar a quê?

– perguntou distraidamente, com os olhos fixos no relógio de parede.

Fiquei um instante silencioso.

– Então, nunca?

– Nunca! – respondeu ele, pensativo e sem olhar-me; depois, voltando a si subitamente?

– Duas horas, por Júpiter! E eu devo partir às 4!

Era exato. Um barco de Stein, que velejaria naquela tarde para o leste, devia receber Jim; só que não haviam dado ordem para adiar a hora da partida; Stein devia ter esquecido. Jim correu a casa para preparar a bagagem, enquanto eu ficava a bordo do meu barco, aonde ele prometeu vir despedir-se. Vi-o logo chegar às pressas, com uma valise de couro. Era insuficiente. Fi-lo tomar uma velha mala chapeada das minhas, que era garantida contra a umidade, senão impermeável à água. Efetuou o transporte, esvaziando o conteúdo de sua valise na mala, como se esvaziaria um saco de trigo. Percebi três livros, no meio do reviramento: dois pequenos volumes de capa sovada e um grosso volume, em verde e ouro, um Shakespeare completo.

– Você lê isso?

– perguntei.

– Sim. Nada melhor para reerguer o moral.

Impressionou-me tal apreciação, mas não era momento de entabular discussões sobre Shakespeare. Um grande revólver e duas caixinhas de cartuchos estavam sobre a mesa de minha cabina.

– Tome isto, poderá ajudá-lo a ficar lá! – Apenas tinha eu pronunciado estas palavras, percebi a significação sinistra que poderiam comportar.

– ...ajudá-lo a entrar – corrigi com remorso. Mas ele não se deixava perturbar com obscuras alusões; agradeceu-me efusivamente e deixou-me às pressas, gritando-me adeus por cima do ombro. Depois, na canoa, sentado ao banco e curvado para a frente, vi-o, pela lucarna, excitar os homens com a voz e

o gesto; trazia na mão o revólver, que parecia apontar para eles, e jamais esquecerei as caras assustadas dos quatro javaneses, nem o ritmo frenético de suas remadas, que logo me fizeram perder a embarcação de vista. Voltei-me, e a primeira coisa que vi foram as duas caixas de cartuchos sobre a mesa. Ele as esquecera!

Fiz imediatamente aprestar minha *yole*, mas, sob a impressão de que suas vidas estavam por um fio enquanto tivessem aquele louco no seu barco, os remeiros de Jim fizeram tão bela *performance*, que, antes de eu ter vencido a metade da distância entre nossos dois navios, vi o homem subir a escada de bordo, enquanto os marinheiros içavam a sua mala. Quando eu abordei a meu turno a ponte, o patrão, mestiço vivaz, de uns quarenta anos, num completo de flanela azul, veio a meu encontro, todo florido em sorrisos. Tinha olhos de azougue numa cara redonda cor de limão, e um bigodinho longo e esguio, que tombava de cada lado de seus beiços morenos. Seu exterior jovial e satisfeito não o impedia de ter um temperamento amargo. Em resposta a uma observação de minha parte (enquanto Jim descera um instante), ele disse:

– Oh! O Patusan! – Sim, ia conduzir o *gentleman* à embocadura do rio; ah, mas ele "não remontaria nunca!" Sua linguagem parecia oriunda de um dicionário compilado por um louco. Se o Sr. Stein lhe tivesse pedido para "remontar", ele teria "reverenciosamente" (suponho que queira dizer respeitosamente, mas só o diabo o sabe), reverenciosamente feito observações quanto à segurança de sua carga. E, se não o ouvissem, "ofereceria a resignação de suas funções". Doze meses antes fizera por lá sua última viagem, e embora o Sr. Cornélio houvesse feito "oferendas propiciatórias" ao Rajá Allang e às "principais populações", em condições que faziam do comércio "uma verdadeira caça e lhe davam um gesto de cinza", seu barco fora alvo, ao longo de todo o rio, de uma fuzilaria partida dos matos e "deflagrada por partidos irresponsáveis". A equipagem teve de dissimular-se em silêncio pelos esconderijos e quase que o barco foi encalhar nos bancos de areia da barra, onde "ficaria votado à destrutibilidade, fora de todo poder humano". A revoltada amargura de tal lembrança e o orgulho de uma volubilidade que ele próprio escutava desvanecido se desenhavam sucessivamente em sua larga face ingênua. Ele se ensombrecia e rejubilava ao mesmo tempo e contemplava com satisfação o inegável efeito de sua fraseologia. Corriam frêmitos sobre o plácido mar, e o bergantim parecia desorientado pelas solicitações da brisa. O mestiço continuava suas explicações; contava-me, com um ranger de dentes, que o rajá era "uma hiena irrisória", e que um outro indivíduo era dez vezes mais falso que "armas de crocodilo"... Com um olho na manobra, dava livre curso à sua tagarelice e

comparava o Patusan “a uma jaula de animais tornados ferozes por uma longa impenitência”. Suponho que ele queria dizer impunidade. Não desejava, frisava ele, exibir-se por lá e deixar-se arrastar à trapaça. Os gritos profundos que rituavam o esforço dos homens para alçar a âncora cessaram e ele baixou a voz?

– Já vi bastante do Patusan!

Soube mais tarde que sua indiscrição lhe valera ser atado pelo pescoço, com um cipó, a um poste plantado numa fossa de estrume, ante a casa do rajá. Passara, nessa desagradável situação, mais da metade de um dia e toda uma noite, mas é de supor-se que aquilo não passava de uma brincadeira. Pareceu refletir um instante, com um ar sombrio, a ruminar sem dúvida aquela horrível recordação, depois dirigiu-se num tom irritado a um homem que vinha tomar o leme. Quando se voltou para mim, foi para falar-me razoavelmente e sem violência. Conduziria o *gentleman* a Batu Kring, na foz do rio, ficando a cidade de Patusan situada a “30 milhas internamente” de distância. Mas, a seus olhos, prosseguia ele, num cansado tom de amarga certeza que substituía sua loquacidade primitiva, o *gentleman* estava já com “a similitude de um cadáver”.

– Como? Que diz?

– exclamei.

Ele tomou de repente uma expressão de ferocidade e imitou com perfeição o gesto de um homem que recebe uma punhalada pelas costas.

– Já como um homem enterrado – explicou-me, com o ar de insuportável suficiência dos homens de sua raça, depois do que eles tomam por um rasgo de gênio. Atrás dele, eu vi Jim, que me sorria silenciosamente, e cuja mão erguida conteve a exclamação prestes a brotar de meus lábios.

Então, enquanto o mestiço, impando de importância, lançava suas ordens, e as vergas rangiam, e a pesada cadeira emergia da água, Jim e eu, sozinhos, por assim dizer, ao lado da grande vela, apertamo-nos as mãos, trocando às pressas as últimas palavras. Meu coração estava aliviado daquela lassitude que um instante ameaçara o interesse que eu tinha pelo jovem. Melhor: as reiteradas advertências de Stein, a absurda tagarelice do mestiço tinham dado realidade aos temíveis perigos semeados em seu caminho. Naquele momento, a espécie de formalismo que até então presidira às nossas relações desapareceu de nossa linguagem; creio tê-lo chamado “caro amigo” e ele acompanhou de um “meu velho” a expressão balbuciante de sua gratidão, como se os riscos que ia afrontar tivessem compensado o número de meus anos, tornando-nos mais próximos de idade e de sentimento. Conhecemos um momento de intimidade real e profunda,

imprevista também e efêmera como a visão de uma verdade eterna e redentora. Ele se esforçava por acalmar-se, como se fosse, de nós dois, o mais carregado pela idade.

– Bem! Bem! – disse ele, vivamente emocionado.

– Prometo cuidar de minha pele. Não correrei nenhum perigo inútil. Não, o mínimo risco; pode ficar tranqüilo. Eu quero abrir meu caminho. Não se inquiete, por Júpiter! Parece-me que nada me poderá atingir!... É uma oportunidade raríssima... E eu não vou estragar uma ocasião como esta!... Uma ocasião magnífica!...

– Magnífica, lá isso era, mas as ocasiões são o que os homens fazem delas, e como ia eu adivinhar? Como ele dizia, eu também me lembrava da sua... desgraça, em detrimento seu. É verdade. E o melhor para ele era mesmo partir.

Minha *yole* ficava no rastro do brigue, e eu via a silhueta de Jim recortar-se contra o céu, onde declinava o sol. Ergueu o gorro acima da cabeça e ouvi um grito indistinto: “Darão notícias minhas” ou “darei...” –, não sei bem. Meus olhos estavam muito ofuscados pela reverberação das águas, para que o pudesse ver nitidamente; estou destinado, parece, a jamais vê-lo nitidamente; mas asseguro que lhe era difícil no momento parecer-se menos com “a similitude de um cadáver”, como dizia o outro profeta da desgraça. Distingui, sob o cotovelo de Jim, a cabeça do mestiço, com sua forma e cor de limão maduro. Este ergueu também o braço, como se desse um golpe no vácuo. *Absit omen!*

CAPÍTULO 24

A costa do Patusan (avistei-a cerca de dois anos mais tarde) é reta e sombria, e bordeja um oceano brumoso. Vê-se, como cascatas de ferrugem, pistas vermelhas deslizarem sob a folhagem verde-escura das moitas e das trepadeiras que revestem as costas baixas. Planícies pantanosas, abertas à embocadura dos rios, deixam entrever, para além das vastas florestas, picos agudos e azulados. Ao largo, uma cadeia de ilhotas ergue, sob a eterna bruma luminosa, suas sombras negras e destroçadas, como as ruínas de um muro batido em brecha pelo mar.

Sobre o estuário, à foz do Batu Kring, há uma aldeia de pescadores; o rio, por tanto tempo fechado, estava agora aberto; e a pequena galeota de Stein, a bordo da qual eu me encontrava, remontou em três marés a corrente, sem ficar exposta à fuzilaria de "partidos irresponsáveis". Tais incidentes pertenciam já à história antiga, a acreditar no velho chefe da aldeia de pescadores, que subira a bordo para nos servir de piloto. Falava-me confiadamente; eu era o segundo branco que ele via em sua vida, sobre o primeiro dos quais versava principalmente a sua conversação. Chamava-lhe *Tuan* Jim, e o tom com que se referia a este era notável por uma singular mistura de familiaridade e supersticioso terror. Os habitantes de sua aldeia estavam colocados sob a especial proteção de tal senhor, o que provava que o rancor era coisa ignorada de Jim. Este não me enganara ao afirmar que me dariam notícias suas. Davam-nas! Já se contava uma história de maré sobrevinda duas horas antes do tempo, para ajudá-lo a subir o rio. Tinha sido o velho chefe precisamente quem se maravilhara ante esse prodígio, ao leme de seu barco. Toda a glória se refletia, aliás, sobre sua família. Seu genro e seu filho remavam, mas eram jovens sem experiência, que só notaram a velocidade da marcha quando ele lhes chamou a atenção sobre o fenômeno.

A chegada de Jim tinha sido uma felicidade para aquela aldeia de pescadores; mas para eles esse benefício sobreviera com um cortejo de males. Tantas gerações haviam passado, depois que o último branco remontara o rio, que a tradição se extinguira. A atitude do ser que lhes tombara em cima, pedindo com uma obstinação inflexível para ser conduzido ao Patusan, era de desconcertar; sua insistência era alarmante, sua generosidade mais que suspeita. Era uma exigência inaudita e sem precedentes. Que diria o rajá, e que lhes faria? A maior parte da noite passou-se em conciliábulos, mas o risco imediato da cólera do

homem parecia tal, que acabaram por lhe aprestar uma frágil piroga. As mulheres gritavam de angústia, ao verem partir a embarcação; uma velha feiticeira intrépida lançava imprecações contra o estrangeiro.

Ele, como eu ia dizendo, estava sentado sobre a mala chapeada, e trazia sobre os joelhos o revólver descarregado. Mantinha-se com suma precaução, o que é mais fatigante que tudo, e penetrou assim na terra que ele estava destinado a encher do ruído de suas virtudes, desde os píncaros azuis do interior até a branca fita de espuma da costa. Desde o primeiro cotovelo do rio, perdeu de vista o mar, com o trabalho de suas vagas, sem descanso erguidas, tombadas e fundidas, para surgirem de novo – imagens das lutas humanas – a fim de afrontar as selvas irremovíveis, de raízes profundamente agarradas ao solo, de braços tendidos para o sol, eternas na força obscura de suas tradições – como a própria vida. E sua sina estava perto dele, velada como uma noiva oriental, à espera de que a mão de seu senhor lhe descubra o rosto. Ele também era o herdeiro de uma tradição obscura e potente. O que não o impedia de jamais em sua vida se haver sentido tão deprimido e tão lasso como naquela canoa, pelo que depois me contou. O único movimento que ele se permitia era alongar de tempos a tempos, num gesto quase furtivo, a mão para a metade de coco que flutuava entre seus pés, e retirar com infinitas precauções a água do fundo da piroga. Percebia que uma tampa de mala chapeada é um assento bastante duro. Gozava ordinariamente de uma saúde heróica, mas, mais de uma vez, durante aquele trajeto, fora tomado de acessos de vertigem; pensava, entrementes, nebulosamente, na extensão das bolhas que o sol fazia em suas costas. Para distrair-se, tratava de descobrir, olhando adiante de si, se o objeto lodoso que via flutuar à flor da água era um tronco de árvore ou um crocodilo. Mas teve de renunciar em breve a esse divertimento: era sempre um crocodilo, e isso pecava por falta de imprevisto. Um dos animais, ao deixar-se cair na água, quase fez virar a canoa. Mas o interesse de tal incidente logo se esgotou. Ao longo de um panorama vazio, ele ficou reconhecido a um bando de macacos que desceram até a margem e fizeram, à passagem da canoa, uma algazarra insultante. Eis como ele marchava para uma grandeza tão pura como nenhuma outra conquistada por um homem. Antes de tudo, ele anelava pelo pôr do sol, enquanto os três indígenas se preparavam para pôr em execução o seu projeto de entregá-lo ao rajá.

– Eu devia estar estupidificado de cansaço, ou talvez tivesse cochilado um instante – explicou-me. A primeira coisa que de repente notou foi que sua piroga acabava de aportar à margem. Tinham passado a floresta, as primeiras casas apareciam um pouco além, e à esquerda uma paliçada margeava o rio; os canoeiros acabavam de saltar sobre uma ponta de terra baixa e fugiam à toda

para as casas. Jim lançou-se instintivamente atrás deles. Sentiu-se a princípio abandonado por alguma inexplicável razão, mas ouviu gritos veementes; uma porta abriu-se de súbito, vomitando uma porção de gente, que veio correndo contra ele, ao mesmo tempo que uma canoa de homens armados descia o rio e colocava-se perto de sua piroga vazia, cortando-lhe a retirada.

– Eu estava muito estupefato para guardar meu sangue frio, compreende o senhor, e, se este revólver estivesse carregado, eu teria atirado; teria podido matar dois ou três indígenas, e tudo então terminaria para mim...

– Como assim?

– perguntei-lhe.

– Oh! Eu não podia bater-me contra toda uma população e não vinha para aquela gente como um homem que teme por sua vida – tornou ele, com um vestígio de sua antiga teimosia no olhar que me lançou. Abstive-me de fazer-lhe ver que "aquela gente" não podia adivinhar que sua arma estivesse descarregada. Era melhor que ficasse com a sua convicção.

– ...Em todo o caso, não estava carregado! – repetiu com bom humor.

– Então eu fiquei tranqüilo, perguntando o que queriam de mim. Nada responderam. Eu via um grupo de bandidos safar-se com minha mala. Aquele velho patife compridão, o Kassim, que lhe apresentarei amanhã, correu para mim, explicando atrapalhadamente que o rajá queria ver-me. "Muito bem", respondi-lhe; "eu também desejava ver o rajá!" Entrei simplesmente pela porta... e... eis-me aqui!. . .

– Ele riu, e depois, com inesperada ênfase?

– E sabe o melhor da coisa? Pois vou dizer-lhe: estou certo de que, se tivessem dado cabo de mim, eles é que teriam perdido!

Dizia-me isto diante da sua casa, na noite de que falei, depois de termos visto a lua elevar-se dentre as montanhas, como um espírito liberto da tumba; frio e pálido tombava o seu clarão como o espectro de um sol morto; há na claridade da lua qualquer coisa de alucinante: a impassibilidade de uma alma desencarnada e um pouco do seu inconcebível, mistério. Está para o fulgor do sol, isto é, para tudo o que nos faz viver, como o eco para o som: enganoso e desconcertante, seja o som triste ou alegre. Ela despoja da sua substância todas as formas materiais que, em suma, são o nosso domínio –, para emprestar, somente às sombras, uma realidade sinistra. E as sombras, em torno de nós, eram bem reais, mas Jim, a meu lado, parecia bastante vigoroso, como se nada, nem

mesmo o poder oculto da lua, pudesse, a meus olhos, despojá-lo de sua realidade. E talvez, com efeito, nada pudesse tocá-lo, pois ele havia resistido aos embates das sombrias potências. Tudo era silêncio e calma; mesmo sobre o rio, o luar dormia como sobre um tanque. Era a hora da maré plena, momento de imobilidade que acentuava a solidão completa daquele canto perdido de terra. Apertadas ao longo da vasta superfície luminosa, sem rugas nem reflexos, descidas até a água, numa linha de silhuetas angulosas, confusas, argênteas, manchadas de massas de sombra negra, as casas pareciam uma espectral reunião de informes criaturas, agachadas para beber num rio espectral e inerte. Aqui e ali, um ponto vermelho palpitava entre as paredes de bambu, quente flama viva, como um símbolo de afeições humanas, de refúgio, de repouso.

Jim confessou que contemplava muitas vezes extinguirem-se um por um aqueles pontos luminosos, que gostava de ver aquela gente adormecer sob seus olhos, confiante na segurança do dia seguinte.

– Que paz, não é?

– disse ele. Faltava-lhe eloqüência, mas havia um sentido profundo nas palavras que pronunciou em seguida?

– Olhe essas casas; não há nenhuma onde não tenham fé em mim! Por Júpiter! Eu bem lhe havia dito que saberia ficar... Pergunte a todos os homens, às mulheres, às crianças...

– Ele parou.

– Bem, tudo vai da melhor maneira, agora!

Observei-lhe que ele acabara enfim por descobrir o que eu já sabia desde o princípio. Ele sacudiu a cabeça, apertando-me levemente o braço acima do cotovelo:

– Muito bem... Então... o senhor tinha razão! – Havia exaltação e orgulho, e quase terror naquela exclamação.

– Por Júpiter! – continuou – pense um pouco no que isto significa para mim! – Depois, apertando de novo o meu braço?

– E o senhor me perguntava há pouco se eu pensava em ir embora! Santo Deus! Eu... querer sair daqui! Inda mais agora, depois do que me disse o senhor das intenções do Sr. Stein!... Partir! Mas é a idéia que mais me assusta! Seria... seria mais terrível que a morte... Não, palavra... Não ria... é preciso que eu sinta, cada manhã, desde que abro os olhos, que têm confiança em mim... que ninguém

tem o direito... Compreende? Partir?... Para onde?... Por quê?... Para encontrar o quê?...

Eu lhe havia dito (e era em suma o principal objeto de minha visita) que Stein tinha a intenção de oferecer-lhe, desde já, a casa com seu estoque de mercadorias, mediante certas condições moderadas, que tornariam a transação regular e fácil. Ele começara por dar um assobio de impaciência, como se o assunto lhe fosse penoso.

– Pare com essa maldita suscetibilidade! – exclamei eu.

– Não se trata de Stein! Ele lhe dá o que você ganhou. E, em todo o caso, guarde as suas observações para MacNeill, quando o encontrar no outro mundo, o que não acontecerá tão cedo, espero...

Teve de ceder a meus argumentos, porque todas as suas conquistas: confiança, fama, amizade, amor, tudo o que dele fizera um senhor tornara-o também um prisioneiro. Ele contemplava com um olhar de proprietário a paz noturna, o rio, as casas, a vida eterna das florestas, a vida da velha humanidade, os segredos da terra, o orgulho de seu próprio coração; mas todas essas coisas o possuíam muito mais e faziam dele coisa sua, até o seu mais íntimo pensamento, até o mais profundo frêmito de seu sangue, até o seu último anélito.

Tinha razão de sentir-se orgulhoso. E eu também me sentia orgulhoso em seu nome, sem estar no entanto tão certo como ele das extraordinárias vantagens de seu contrato. Era uma prodigiosa aventura! Mas eu não pensava na intrepidez de Jim, fazia-lhe mesmo pouco caso, como se fora coisa muito convencional para servir de base ao negócio. Não! Eu estava muito mais impressionado pelas outras qualidades que ele externara. Soubera adaptar-se a uma situação inteiramente nova e dera mostra, nessa ordem de idéias, de uma verdadeira agilidade de espírito. E de senso da oportunidade também. Era de espantar. E tudo lhe viera, por assim dizer, como o faro a um cão de raça. Não era eloqüente, mas havia uma dignidade na sua natural reticência, uma alta gravidade nos seus balbuciamentos. Sofria sempre de seu antigo mal, e enrubescia com freqüência. Mas, de quando em quando, escapava-lhe uma palavra, uma frase que demonstravam com que gravidade, com que profundeza considerava ele aquela mancha que lhe valera uma certeza de reabilitação. Eis por que amava a terra e seus habitantes com uma espécie de zeloso egoísmo e desdenhosa ternura.

CAPÍTULO 25

– Foi aqui que eu fiquei preso três dias – segredou-me ele quando de nossa visita ao rajá, enquanto atravessávamos lentamente o pátio da casa de Tunku-Allang, ante uma multidão de indígenas petrificados de respeitoso terror.

– Ignóbil local, não? E era preciso que eu fizesse um barulhão dos diabos para ter alguma coisa que comer: mesmo assim, só me traziam um pratinho de arroz e um peixe frito do tamanho de uma sardinha... Ah! Os bandidos, por Júpiter! Que fome eu senti, a caminhar naquela sala fedorenta, com aqueles vagabundos que metiam suas carantonhas quase no meu nariz! À primeira intimação, entreguei-lhes o seu famoso revólver, muito contente por desembaraçar-me do maldito objeto! Eu tinha um ar de idiota, andando com aquela arma vazia na mão!

Nesse momento, chegáramos à audiência, e meu Jim se fez todo imutável gravidade e todo atenções ante o homem de quem fora prisioneiro. Oh! Era magnífico! Dá-me ainda vontade de rir quando penso naquilo. Mas eu estava impressionado, também. O velho cretino do Tunku-Allang não podia evitar que transparecesse o seu terror (não herói, apesar das histórias de sua ardente juventude, que tanto gostava de contar), ao mesmo tempo que manifestava a seu antigo prisioneiro uma espécie de atenta confiança. Vejam! Mesmo aqueles que mais o execravam tinham confiança nele. Jim, ao que me pareceu, aproveitava nossa visita para fazer algumas admoestações. Pobres aldeões tinham sido atacados e roubados quando iam para a zona de Doramin, com gulodices de goma e de mel de abelha para trocá-las por arroz.

– É Doramin, o ladrão! – explodiu o rajá. Uma furiosa cólera fazia tremer seu corpo frágil. Encarnação da raiva impotente, ele agitava-se freneticamente sobre a esteira, gesticulava com mãos e pés e sacudia as mechas emaranhadas da cabeleira.

Havia em redor de nós um círculo de olhos esgazeados e bocas abertas. Jim pôs-se a falar resolutamente, calmamente, insistindo sobre o fato de que homem nenhum devia ser impedido de ganhar sua vida e a de seus filhos. Acocorado, as mãos sobre os joelhos e a cabeça baixa, o outro olhava para o jovem, através dos cabelos grisalhos que lhe tombavam sobre os olhos. Quando Jim terminou fez-se um grande silêncio: dir-se-ia que ninguém respirava mais, e não se ouviu ruído

algum, até que o velho rajá, erguendo a cabeça com um fraco suspiro, olhasse direito ante si, dizendo vivamente:

– Estão ouvindo, vocês? Nada dessas brincadeiras!

Este decreto foi acolhido num profundo silêncio. Um grande indivíduo de olhos inteligentes, rosto ossudo, largo e muito escuro, homem de confiança, evidentemente, de fisionomia amável e jovial (soube mais tarde que era o carrasco), apresentou-nos duas taças de café numa bandeja de cobre, que tomou das mãos de um subalterno.

– O senhor não é obrigado a beber! – cochichou-me vivamente Jim. Não compreendi em seguida o sentido de suas palavras, e olhei-o. Ele bebia um bom trago, e permanecia tranqüilamente sentado, com o pires na mão esquerda. Senti-me enfadado.

– Por que diabo – murmurei com um sorriso amável – me expõe você a um perigo tão estúpido?

– Bebi, naturalmente (pois não havia escolher), sem que ele fizesse um sinal qualquer e despedimo-nos em seguida.

Enquanto, acompanhados pelo inteligente e jovial carrasco, atravessávamos o pátio para tomar nossa canoa, Jim explicou-me a coisa. Era, decerto, um risco mínimo, e, da sua parte, ele não se inquietava absolutamente com venenos; um perigo insignificante. Consideravam-no, afirmou-me, infinitamente mais útil que perigoso; de maneira que...

– Mas o rajá tem um receio abominável de você; é bem fácil de ver...

– afirmei com certa acrimônia, confesso, e sem cessar de apalpar-me com inquietação, espiando a primeira pontada de alguma sinistra cólera. Estava deveras alarmado.

– Se eu quero fazer alguma coisa de bem aqui e conservar minha situação – explicou-me Jim, sentando-se a meu lado, na canoa –, é preciso que eu corra esse risco. Submeto-me uma vez por mês, pelo menos. Muitos esperam de mim esse gesto... e eu o faço para eles. Receio! Sim, ele tem medo de mim, muito provavelmente porque eu não tenho medo do seu café! – E mostrando-me na fachada norte da cerca um ponto onde as estacas se achavam quebradas?

– Eis por onde eu saltei no terceiro dia da minha chegada ao Patusan. Ainda não mudaram as estacas. Um belo salto, não?

– Um instante depois, como passássemos ante uma pequena enseada lodosa?

– E foi aqui que eu dei o segundo salto. Vinha correndo e tomei impulso. Mas não saltei muito longe. Acreditei que ia deixar meu couro ali. Perdi meu calçado, debatendo-me. E durante todo o tempo eu imaginava como seria odioso receber um golpe de suas malditas lanças, enquanto me agitava naquele lamaçal. Repugnância é o termo! Era como se eu tivesse mordido na imundície!

Eis o que se passara, e sempre a sorte corria a seu lado. Saltava cercas, patinhava na lama... e sempre são e salvo! O inopinado de sua chegada fora, bem compreendem, a única circunstância que o salvara de ser despachado a golpes de *kris* para o fundo do rio. Tinham-no seguro, mas era como se tivessem prendido uma aparição, um fantasma, um espectro anunciador de desgraças. Que significava aquela aparição e que fazer dela? Era muito tarde para captar a amizade daquele homem? Não seria melhor matá-lo sem mais tergiversações? Mas que aconteceria então? Atarantado de apreensão e incerteza, o miserável Allang não sabia tomar decisão alguma. O conselho foi várias vezes interrompido, precipitando-se os conselheiros em debandada para a porta. Um deles, parece, saltou 15 pés de altura e quebrou uma perna. O governador real do Patusan tinha singulares maneiras: uma delas consistia em entremear as discussões calorosas com incríveis fanfarronadas e esquentar de tal maneira a cabeça, que acabava por saltar de seu assento, com um *kris* na mão. Mas, à parte tais interrupções, prosseguiam dia e noite as conferências relativas à sorte de Jim.

Ele, entretanto, passeava pelo pátio, objeto de terror para uns, de curiosidade para outros, mas apertadamente vigiado por todos e praticamente à mercê do primeiro biltre que entrasse com uma faca naquele recinto. Apossara-se de uma velha choça para dormir; o cheiro dos monturos muito o incomodava, mas é de crer que ele não tinha por isso perdido o apetite, pois dizia-me ter sentido fome todo o tempo. De tempos a tempos, “um idiota de ar importante” acorria até ele, da parte do conselho, com um interrogatório estupefaciente. Viriam os holandeses apoderar-se do país? O branco não desejava voltar pelo rio? Que idéia o tinha induzido a vir para uma terra tão miserável? O rajá queria saber se o branco sabia acaso consertar um relógio... E trouxeram-lhe, com efeito, um despertador de níquel, vindo da Nova Inglaterra, ao qual, por desfastio, ele tentou fazer andar a campainha. Foi sem dúvida enquanto assim trabalhava, na sua cabana, que o assaltou a idéia de seu extremo perigo. Largou o despertador – como uma batata muito quente –, e saiu vivamente para o pátio, sem a menor idéia do que queria, e nem mesmo do que podia fazer. Sabia apenas que a situação era intolerável. Andava a passear maquinalmente, quando seus olhos tombaram sobre as estacas quebradas da cerca. Então, contava ele, no primeiro

repente, sem nenhum trabalho mental, por assim dizer, e sem comoção alguma, decidiu fugir, como se pusesse em execução um plano amadurecido durante um mês. Deu alguns passos, com ar desprendido, para ganhar terreno, e viu, voltando-se, um dignitário aproximar-se dele, com dois portadores de lança, para fazer-lhe uma pergunta. Saltando ante o nariz do homem, ele voou como um pássaro e foi cair do outro lado da paliçada com um choque que lhe abalou todos os ossos e quase lhe estourou a cabeça. Não pensava em nada; tudo de que ele se lembrava era de um grande grito; as primeiras casas do Patusan estavam diante dele, a 400 muros; viu a pequena enseada e, maquinalmente, por assim dizei, forçou ainda mais a carreira. A terra voava sob os seus pés. Tomou impulso no último ponto sólido, sentiu-se erguido no ar, e foi achar-se, sem o menor choque, plantado de pé num banco de vasa horrivelmente mole e escorregadia. Foi somente ao tentar mover as pernas, e ao notar que não o podia fazer, que, segundo suas próprias palavras, “tornou a si”. Pôs-se a pensar nas malditas lanças compridas. Com efeito, a necessidade em que se achavam os perseguidores de correr à porta do cercado, de alcançar o embarcadouro, subir às suas canoas, contornar uma ponta de terra, dava-lhe mais luz do que supunha. De resto, a maré estava baixa, e, sem estar completamente seca, a enseada não tinha água, o que punha provisoriamente Jim ao abrigo de qualquer ataque; só um dardo, lançado de muito longe, o poderia atingir. A margem e o solo firme não se encontravam a mais que 6 pés de distância dele.

– Mas eu supunha que ia morrer ali mesmo – disse-me ele. Estendia os braços, agarrava-se e não conseguia senão acumular contra o peito e até o queixo a massa horrivelmente fria e viscosa de vasa. Sentia que ia afundar vivo, e pôs-se a fazer gestos frenéticos, agitando, a golpes de punho, a lama que retombava sobre sua cabeça, seu rosto, seus olhos, sua boca. Lembrou-se de repente do pátio cercado, como a gente se lembra de um lugar onde foi muito feliz, anos antes. Sonhava ali encontrar-se de novo, dizia-me ele, curvado sobre o seu despertador. Fazia esforços prodigiosos, espasmódicos, desesperados, esforços que pareciam fazer rebentar seus olhos em suas órbitas e torna-lo cego, esforços que culminaram num supremo e possante esforço na sombra, para fender a lama e arrancar a ela os seus membros. E de repente sentiu que avançava na vasa. Depois achou-se deitado ao comprido na terra firme e viu a luz, o sol. Então, como um pensamento feliz, sentiu-se invadido pelo desejo de dormir. E ele garante que dormiu, com efeito, que dormiu talvez um minuto, talvez vinte segundos, ou um segundo apenas, mas lembra-se nitidamente do sobressalto convulsivo e violento de seu despertar. Ficou um momento imóvel; depois, erguendo-se, coberto de lama da cabeça aos pés, manteve-se em pé, com o

pensamento de que ele era o único de sua espécie, o único entre centenas de milhares de seus semelhantes, sem esperança, sem simpatia, sem piedade a esperar de ninguém, como um animal acuado. As primeiras casas não estavam a mais de 20 passos, e foi um grito de medo que o tirou de seu torpor: uma mulher, diante dele, esforçava-se por fugir com o seu filho. Arremessou-se em linha reta, sem sapatos, coberto de uma carapaça de lama, que lhe tirava toda aparência humana. Atravessou mais de metade da aldeia. Rápidas, as mulheres corriam à direita e à esquerda; os homens, mais lerdos, deixavam tombar tudo que carregavam nas mãos e ficavam petrificados, de queixo caído. Jim era um terror volante. Viu criancinhas que procuravam fugir, mas tombavam sobre o ventre, agitando as pernas. Subiu uma encosta entre duas casas, escalou uma barricada de árvores abatidas (naquele tempo, não havia semanas sem combates no Patusan), passou, furando uma cerca, por um milharal, onde um jovem espavorido lhe arremessou um bastão, meteu-se por um caminho e tombou de súbito sobre um grupo de homens estupefatos. Restava-lhe apenas o sopro suficiente para arquejar: “Doramin! Doramin!” Meio empurrado, meio carregado até o cimo da colina, ele penetrou num vasto quintal plantado de palmeiras e árvores frutíferas, e achou-se em presença de um homem corpulento, pesadamente acomodado numa poltrona, em meio à agitação e à comoção mais prodigiosas. Remexendo nas suas vestes e na lama para atingir o anel, ele sentiu-se de súbito caído de costas, perguntando a si mesmo quem o teria assim arremessado ao solo. De fato, haviam-no simplesmente largado, mas ele não podia mais suster-se. Ao pé da colina, partiam alguns tiros ao acaso, e sobre os telhados da colônia corria um surdo rumor de pânico. Mas Jim estava em segurança. Os criados de Doramin armavam barricadas nas portas e lançavam-lhe água goela abaixo; cheia de solicitude e compaixão, a velha esposa de Doramin multiplicava ordens às criadas com uma voz aguda.

– A boa velha afanava-se em torno de mim como se eu fosse seu filho – explicava Jim.

– Puseram-me num leito imenso, o seu próprio leito; ela entrava e saía do quarto, enxugando os olhos, e aproximava-se de mim para dar-me pequenas palmadas nas costas. Eu devia ser um objeto lastimável! Não sei quanto tempo ali fiquei, como um tronco.

Ele parecia votar grande ternura à velha. Esta, da sua parte, tomara-se por ele de uma afeição maternal. Tinha um rosto redondo e suave, cor de avelã, e coberto de rugas miúdas, com lábios espessos, de um vermelho vivo (ela mastigava constantemente bétel), e olhos repuxados, pestanejantes e bondosos.

Sempre em movimento, ela ralhava e comandava sem cessar um grupo de moças, de rosto moreno-claro e grandes olhos graves, filhas, criadas e escravas, pois vocês bem sabem como é nessas grandes casas: torna-se geralmente impossível fazer a distinção. Era muito econômica, e mesmo seu amplo manto, preso ao peito por fivelas armadas de pedrarias, parecia já bastante usado. Seus pés morenos e nus estavam calçados de sandálias de palha amarela, de fabricação chinesa. Eu próprio a vi em suas ocupações, com os cabelos grisalhos caídos pelas costas. Dizia coisas cheias de bom senso, era de nobre nascimento, e mostrava-se excêntrica e arbitrária. À tarde, sentada junto a seu marido numa ampla cadeira, olhava longamente, por uma grande janela, um extenso panorama da cidade e do rio.

Ela recolhia sempre os pés para debaixo da cadeira, ao passo que o velho Doramin repousava ampla e pesadamente, como uma montanha assentada numa planície. Pertencia ele apenas à classe *nakhoda*, ou dos comerciantes, mas o respeito que lhe testemunhavam e a dignidade de sua atitude eram de impressionar. Era o chefe do segundo poder no Patusan. Os emigrantes das Celebes (umas sessenta famílias, que, com seus serviçais e familiares, podiam fornecer uns duzentos homens "de *kris*") haviam-no, há vários anos, escolhido como chefe. Os homens dessa raça são inteligentes, empreendedores, vingativos, dão mostra de uma coragem mais franca que os outros malaios e suportam a opressão com impaciência. Constituíam o partido de oposição ao rajá. As querelas eram motivadas por questões comerciais, causa primordial dos combates de facções e das súbitas explosões que enchiam de fumo, de chamas, de tiros e de gritos ora uma ora outra parte da colônia. Aldeias eram incendiadas; homens arrastados para os domínios do rajá e aí eram mortos ou torturados por haverem negociado com outros que não ele. Um dia ou dois somente antes da chegada de Jim, e na própria aldeia de pescadores que ele devia tomar mais tarde sob sua especial proteção, vários chefes de família tinham sido precipitados do alto dos barrancos, por um corpo de lanceiros do rajá, sob a suspeita de terem colhido ninhos comestíveis para um negociante das Celebes. O rajá Allang pretendia fazer o monopólio do comércio na região, e punia de morte todos aqueles que infringiam tal desígnio, mas suas noções de comércio eram bastante difíceis de distinguir das formas mais vulgares do roubo. Sua crueldade e rapacidade tinham por único limite sua covardia, e ele tinha medo do partido organizado dos homens das Celebes; só que, até a chegada de Jim, não tinha sentido medo bastante para não se manter tranqüilo. Castigando a seus próprios súditos, e supunha-se sinceramente no seu direito. A situação era ainda complicada pela presença de um estrangeiro, um mestiço árabe que, por

motivos puramente religiosos, creio, incitara à revolta as tribos do interior (as “populações da selva”, como dizia Jim) e instalara-se num campo fortificado, sobre uma das montanhas gêmeas. Ameaçava dali a cidade de Patusan, como um falcão que paira sobre um terreiro, e devastava toda a região em redor. Aldeias abandonadas apodreciam à beira-rio; elas deixavam cair sobre as águas a vegetação que proliferava em suas ruínas, as quais tomavam um singular aspecto de decrepitude natural. Os dois partidos do Patusan não sabiam bem qual dentre ambos aquele terceiro chefe preferia depenar. O rajá conspirava surdamente com ele. Certos colonos bugis, cansados de uma eterna insegurança, pensavam em um ato de força. Os mais audazes dentre eles diziam a rir que iam encarregar o xerife Ali de expulsar da terra, com o auxilio de seus selvagens, o rajá Allang. Doramin a custo os continha Ele envelhecia e, embora sua autoridade se conservasse intacta, a situação começava a pesar-lhe. Jim chegou ante o chefe dos bugis, mostrou seu anel, e foi, por assim dizer, recebido no coração da comunidade.

CAPÍTULO 26

Doramin era um dos homens mais notáveis da sua raça que até hoje eu tenha visto. Era enorme para um malaio, mas não parecia unicamente grande: era imponente e monumental. Aquele corpo imóvel, vestido de ricos estofos, de sedas coloridas e bordados de ouro; aquela cabeça formidável, toucada de um *foulard* vermelho e duro; a grande face redonda e chata sulcada de rugas, com dois sulcos profundos e arredondados descendo de cada lado das narinas largas, para cercar uma boca de lábios espessos; o pescoço taurino; a vasta fronte enrugada, dominando os olhos agudos e altivos; tudo aquilo constituía um conjunto inesquecível para quem o tivesse visto uma vez. Sua calma impassível (uma vez assentado, raramente movia um membro) era uma manifestação de dignidade. Jamais o ouviam erguer a voz, emitida num murmúrio surdo e forte, levemente velado, como que vindo de longe. Quando andava, dois rapazotes baixos e retacos, nus até a cintura, de *sarongs* brancos e uma calota negra repuxada para a nuca, sustinham-no pelos cotovelos; ajudavam-no a sentar-se e conservavam-se por detrás de sua cadeira, até que lhe aprouvesse levantar-se. Ele voltava a cabeça à direita e à esquerda, lentamente, como a custo; então eles o pegavam sob as axilas e o erguiam. Nada tinha, todavia, de inválido; pelo contrário, todos os seus pesados movimentos pareciam manifestações de uma força contida. Supunham em geral que ele consultava a mulher sobre os negócios públicos, mas ninguém que eu saiba jamais os ouvira trocar uma palavra. Quando se conservavam solenemente sentados juntos, era em silêncio. Viam a seus pés, ao declinar do dia, uma imensa extensão de mata, oceano negro e adormecido de sombrias verduras que ondulavam até a linha vermelha e malva das montanhas; as sinuosidades do rio brilhante formavam um gigantesco “S” de prata batida; a fita escura das casas casava-se à dupla curva das ribanceiras, sob as montanhas gêmeas, surgidas sobre as manchas mais próximas de verdura. Aqueles dois seres formavam um prodigioso contraste; ela, leve, delicada, econômica, viva, um pouco feiticeira, com um quê de agitação maternal até no seu repouso; ele, ali, enorme e maciço, como uma estátua de homem rudemente talhada em pedra, com qualquer coisa de nobre e de bárbaro na sua imobilidade. O filho deles era um jovem dos mais notáveis.

Nascera-lhes tarde. Talvez não fosse tão jovem como parecia. Vinte e quatro ou 25 anos não é tão pouca idade para quem foi pai de família aos dezoito.

Quando entrava na peça finamente forrada e tapizada, sob o alto teto recoberto de tela branca, e onde o casal impava cerimoniosamente, em meio a um séquito cheio de deferência, ele avançava direito para Doramin, beijando a mão que o velho lhe abandonava com majestade, depois ia sentar-se perto de sua mãe. Pode-se dizer, creio, que eles idolatravam aquele filho, mas ninguém os via nunca lançar um olhar sobre ele. Esta cena fazia parte, em verdade, de um verdadeiro cerimonial, e passava-se em geral numa sala cheia de gente. O solene formalismo da chegada e da partida, o profundo respeito expresso pelos gestos, as fisionomias e o murmúrio contido das vozes eram inexprimíveis.

– Vale a pena ser visto! – dizia-me Jim, atravessando o rio para entrar em casa.

– Parecem heróis de romance! – acrescentava, com um ar de orgulho.

– E Dain Waris; o filho deles, é, além do senhor, o melhor amigo que eu já tive! É o que o Sr. Stein chamaria “um bom companheiro de guerra”. Tive sorte, por Júpiter! Tive sorte quando minhas últimas forças me conduziram até aquela gente! – Ficou um instante de cabeça baixa, depois, saindo de suas cismas, prosseguiu?

– Naturalmente, eu não havia adormecido...

– Interrompeu-se de novo.

– ...Era como se tudo me viesse ao mesmo tempo...

– murmurou ele.

– Eu vi, de repente, o que devia fazer.

Era incontestável que tudo lhe viera, e pela guerra, muito naturalmente aliás, pois o poder que lhe era devolvido era o de restabelecer a paz. Cinicamente nesta acepção é que a força é tantas vezes coisa boa. Não creiam no entanto que Jim tivesse logo em seguida achado o seu caminho. À sua chegada, a comunidade dos bugis estava numa crítica situação.

– Tinham todos medo – explicou-me ele –, medo por sua pele, e eu via claramente que lhes cumpria agir sem tardança, se não queriam ser escorraçados um após outro, tanto pelo rajá como por aquele vagabundo do xerife. Mas não bastava tê-lo visto; uma vez dono dessa idéia, tive de metê-la em espíritos indóceis, teimosos, e forçar baluartes de apreensão e egoísmo.

Mas acabou por consegui-lo. Não era nada, ainda. Teve de imaginar os meios de ação. Imaginou-os, urdiu um plano audacioso, e sua tarefa estava apenas pela

metade. Teve de inculcar sua própria confiança no coração de numerosos homens que tinham, para manter-se à parte, razões secretas e absurdas; teve de apaziguar rivalidades imbecis e dissipar, à força de arrazoados, toda sorte de ineptas desconfianças. Sem o peso da autoridade de Doramin e o fogoso entusiasmo de seu filho, teria fracassado na sua empresa. Dain Waris foi o primeiro a acreditar nele; a amizade que os unia era uma dessas amizades singulares, raras e profundas, quando a própria diferença das raças parece aproximar dois seres humanos por um elemento místico de simpatia. De Dain Waris diziam orgulhosamente seus compatriotas que ele sabia bater-se como um branco. Era verdade; dos europeus tinha ele a coragem a descoberto, se assim posso dizer, mas tinha também o espírito. Encontram-se às vezes malaios desse gênero e fica-se surpreso de descobrir de súbito neles um quê familiar de pensamento, uma visão clara, uma firmeza de vistas, uma nuança de altruísmo. De pequeno talhe, mas admiravelmente proporcionado, Dain Waris tinha o porte altivo, a atitude desembaraçada e afável, um temperamento semelhante a uma flama clara. Seu rosto moreno, de grandes olhos negros, era expressivo na ação e pensativo no repouso. Era, de natureza, silencioso, mas a vivacidade de seu olhar, a ironia de seu sorriso, a decisão cortês de suas maneiras diziam das suas grandes reservas de inteligência e de força. Tais seres abrem os olhos dos ocidentais, tão amiúde retidos à superfície das coisas, para a existência possível de raças e de países onde plana o mistério dos tempos pré-históricos. Dain Waris não se contentava em seguir confiadamente Jim; creio firmemente que o compreendia. Falo dele porque me soube cativar. Sua placidez cáustica, se assim posso dizer, e sua inteligência simpática às aspirações de Jim me haviam tocado o coração. Parecia-me ver as causas profundas de sua amizade. Se Jim tomou a iniciativa, também é certo que o outro logo soube conquistar seu chefe. Aliás Jim, o chefe, era prisioneiro por mais de um título. A terra, os habitantes, a amizade, o amor eram os guardas zelosos de seu corpo, e cada dia acrescentava novo elo à cadeia de sua estranha liberdade. Disto me convencia eu, à medida que ia conhecendo melhor, dia a dia, os pormenores da história.

Essa história, quantas vezes ouvi conta-la! Azucrinavam-me com ela em marcha, no acampamento (Jim me fizera bater por todo o país em perseguição de uma invisível caça). Grande parte dela ouvi-a numa das montanhas gêmeas, cujos últimos 100 pés eu acabara de escalar com mãos e joelhos. Nossa escolta (tínhamos um grupo de voluntários que se ofereciam para nos acompanhar de aldeia em aldeia) acampava sobre um pequeno planalto situado a meia encosta, e na imobilidade de uma tarde sem vento o fumo de madeira verde trazia-nos às narinas a delicadeza penetrante do seu perfume. Vozes subiam também,

surpreendentes de clareza, distintas e imateriais. Jim sentou-se num tronco derrubado, tirou o cachimbo e pôs-se a fumar. Uma nova messe de ervas e moitas brotava do solo.

– Eis o ponto de partida – disse ele, depois de um longo silêncio meditativo.

Sobre o outro cume, acima de 200 pés de sombrio precipício, eu percebia uma fila de altas estacas enegrecidas, mostrando aqui e ali os destroços do inacessível acampamento do xerife.

Tinham-no tomado, no entanto. E isto graças à idéia de Jim. Içara ele sobre a montanha a artilharia de Doramin; duas velhas peças de ferro enferrujado, e uma quantidade de pequenos canhões de bronze, desses canhões que servem de moeda de troca. Mas, se representam a riqueza, podem também, quando a gente os entulha intrepidamente até a goela, enviar a boa distância sólida metralha. A questão estava em içá-los lá para cima. Jim mostrou-me os pontos de amarração dos cabos, explicou-me como havia improvisado um cabrestante primitivo, indicou-me, com o forno do cachimbo, o desenho do barranco. Os 100 últimos pés de subida tinham sido os mais penosos. Jim apostava sua cabeça contra o sucesso da empresa. Decidira o partido da guerra a trabalhar firme a noite inteira. Grandes fogueiras, acesas de longe em longe, aclaravam a subida, mas lá em cima os trabalhadores tiveram de fazer seu serviço na escuridão. Do cume, viam-se os homens galgar o aclive como formigas atarefadas. Ele próprio não cessara toda a noite de subir e descer como um esquilo, de dirigir, animar, fiscalizar tudo, de alto a baixo. O velho Doramin fizera-se carregar montanha acima na sua cadeira; tinham-no instalado no pequeno planalto a meia encosta, e lá ficava, à luz de uma das fogueiras.

– Extraordinário velhote – dizia-me Jim –, um verdadeiro chefe de antigamente, com seus olhinhos selvagens e um par de enormes pistolas sobre os joelhos. Eram armas magníficas, montadas em prata e ébano, com uma platina admirável. Um presente de Stein, parece, em troca do anel de que você sabe. Tinham pertencido ao velho MacNeill, mas só Deus sabe onde este os havia desencovado. Doramin conservava-se, pois, ali, sem mover nem pés nem mãos, com a fogueira às costas e uma multidão de gente que gritava, corria e arquejava em torno dele. Era a mais solene, a mais imponente figura que se pudesse ver. Não lhe teria sido muito fácil sair-se bem da coisa, se o Xerife Ali houvesse soltado o seu bando infernal, semeando o pânico entre meus homens, hein? Mas ele viera até ali para morrer, se a coisa acabasse mal. Não era de duvidar, por Júpiter! E eu estremecia ao vê-lo ali plantado como uma rocha! Felizmente, o xerife devia supor que estivéssemos loucos, e não se moveu senão para vir olhar

em que altura estávamos. Ninguém imaginava que a coisa fosse viável. Estou certo de que os próprios homens que puxavam, empurravam e suavam comigo não o julgavam possível! Sim, palavra, estou certo!...

Jim mantinha-se ereto, com o cachimbo fumegante na mão, um sorriso nos lábios, e um claro fulgor nos seus olhos de menino. Eu estava assentado a seus pés, sobre um tronco, e a terra se estendia ante nossos olhos; a vasta extensão das florestas negras ondulava sob o sol como um mar, com o fulgurar dos rios sinuosos, a mancha cinzenta dos vilarejos, e, aqui e ali, uma clareira, ilhotas de luz entre as vagas sombrias da verdura. Uma grande melancolia pairava sobre aquela vasta paisagem monótona onde a luz tombava como num abismo. A terra absorvia os raios do sol; muito longe, apenas, ao longo da costa, o oceano vazio, liso e polido sob a sua bruma tênue, parecia elevar até o céu o seu muro de aço.

Encontrava-me, pois, com ele, muito alto sob o céu, no cume daquela montanha que ele tornara famosa. Ele dominava as florestas, as trevas seculares, a velha humanidade. Estava lá, como uma estátua, erguida sobre um pedestal, para representar, com sua persistente juventude, a força e talvez as virtudes de raças que não envelhecem nunca, de raças que souberam resistir ao cerco das trevas. Eu não saberia dizer por que ele me parecia sempre simbólico, mas neste fato talvez se deva ver a causa real que eu tomava por seu destino. Não sei se seria muito justo lembrar-me, precisamente naquele instante, do incidente que imprimira uma nova direção à sua vida, mas lembrei-o de repente, com nitidez. E foi como uma sombra sobre a sua luz.

CAPÍTULO 27

Já a lenda lhe atribuía dons sobrenaturais. Sim, sabia-se que tinham habilmente disposto grande quantidade de cordas e uma estranha máquina, movida pelos esforços conjugados de numerosos braços; os canhões tinham subido suavemente através da vegetação, como um javali que abre o seu caminho através da mata, mas... E os mais sagazes sacudiam a cabeça. Havia, era incontestável, qualquer coisa de oculto em tudo aquilo, pois que adianta a força das cordas e dos braços humanos? Há nas coisas uma alma rebelde, que é preciso domar à força de sortilégios e poderosos encantamentos. Assim o velho Sura... Era um respeitável proprietário do Patusan, com quem eu tivera uma tarde uma boa e tranqüila conversação; mas Sura era um feiticeiro profissional que presidia, por milhas em derredor, a todas as colheitas e plantios de arroz, para conjurar a alma obstinada das coisas. Parecia ter ele tal ocupação por muito penosa, e talvez, com efeito, seja a alma das coisas mais obstinada que a dos homens. Quanto aos crédulos habitantes dos lugarejos vizinhos, esses acreditavam e afirmavam, como a coisa mais natural deste mundo, que Jim havia carregado os canhões às costas, de dois em dois, até o cimo dá montanha.

Quando ouvia dizer tal coisa, Jim batia com o pé e exclamava com um riso irritado:

– Que querem vocês, com pobres idiotas deste gênero? Eles passam acordados a metade da noite, a contar histórias de fazer a gente dormir, e, quanto maior é a mentira, mais contentes eles ficam.

– Podia-se descobrir, naquela irritação, a sutil influência de tudo o que o cercava: era um dos elos que o retinham prisioneiro.

Divertidíssima a insistência com que ele se defendia, e eu acabei por dizer-lhe:

– Meu caro, espero que não vá pensar que eu também acredite nessas pataratas...

Olhou-me surpreendido:

– Oh! Não! Nisto eu não penso! – disse ele, com uma gargalhada homérica. Em todo caso os canhões foram içados, e disparados todos ao mesmo tempo, ao romper do sol.

– Por Júpiter! Eu queria que o senhor visse saltar os estilhaços!

A seu lado, Dain Waris, que o escutava com um sorriso calmo, baixou as pálpebras e agitou um pouco os pés. O feliz transporte dos canhões deu aos homens de Jim tal segurança que ele se arriscou a confiar a bateria a dois velhos bugis que haviam feito a guerra em seu tempo, e foi juntar-se na ravina, onde eles estavam ocultos, a Dain Waris e sua tropa de assalto. A primeira claridade da aurora, puseram-se a trepar e, chegados a dois terços da encosta, ocultaram-se na erva úmida, esperando o aparecimento do sol, que devia dar o sinal convencionado. Jim me descrevia a impaciência e a angustiosa emoção com que ele espiava o rápido progresso do dia; depois do calor e do trabalho da ascensão, sentia o orvalho frio da manhã gelar-lhe os ossos: tinha medo de pôr-se a tremer como uma folha antes do momento do assalto.

– Foi a mais longa meia hora de minha vida – afirmava ele. Pouco a pouco o cimo se desenhara sobre o céu, acima de sua cabeça. Disseminados ao longo da encosta, os homens se ocultavam por detrás dos rochedos sombrios e das moitas tombantes. Dain Waris estava estendido a seu lado.

– Nós nos entreolhamos – disse Jim, pousando suavemente a mão no ombro de seu amigo.

– Ele me sorria o mais alegremente do mundo, mas eu não ousava abrir a boca, com medo de ser tomado de um acesso de tremor. Palavra! Eu nadava em suor no momento em que nos ocultamos, e o senhor bem pode imaginar...

– Afirmava-me, e eu de bom grado o acreditava, que não tinha nenhuma dúvida sobre o resultado final. Ocupava-se apenas em reprimir seu tremor, e, quanto ao resultado, era coisa em que nem pensava! Tratava-se, para ele, de chegar ao cume daquela montanha e lá ficar de qualquer modo. Não podia pensar em retroceder: tinham todos uma confiança implícita nele... Só nele! Palavra que...!

Lembra-me que neste momento ele calou um instante, com os olhos fixos em mim.

– Que eu saiba, nunca tiveram ocasião de lamentá-lo, nunca! – disse ele.

– E praza a Deus que nunca o lamentem, de futuro!

O diabo é que tinham tomado o hábito de recorrer a ele a propósito de qualquer coisa, e mesmo sem propósito nenhum. Era uma coisa incrível!

– Imagine, ainda há poucos dias...

– Um velho que ele nunca vira viera de uma aldeia distante várias milhas, para saber se devia repudiar sua mulher! – Textualmente, palavra! – Eis o gênero de responsabilidades que lhe impunham!...

– Inacreditável, não?

– Acocorado na varanda, a mastigar bétel, suspirando e cuspindo em redor, e sombrio como um coveiro, o velho levara mais de uma hora para desembuchar a sua maldita história! E aquilo não era tão engraçado como parecia! Que dizer? “Boa mulher?”, “Sim, boa mulher, mas velha...” Começou com uma interminável história de panelas de cobre. Tinham vivido juntos quinze anos, vinte anos... Ele não o sabia com certeza... Bastante tempo, em todo o caso. Boa mulher... Ele batia-lhe um pouco... não muito... um pouquinho, quando ela era jovem. Era preciso, por honra da firma! E, um belo dia, vai ela e empresta três panelas de cobre à mulher do filho de sua irmã, e dá-lhe para injuriá-lo cotidianamente em altas vozes. Seus inimigos zombavam dele, e ele vivia literalmente roxo de vergonha e raiva. As panelas estavam irremediavelmente perdidas, o que o acabrunhava imenso. Impossível destrinçar os pés da cabeça numa história como aquela! Eu disse-lhe que voltasse para casa, prometendo ir eu mesmo arranjar as coisas. Coisa muito de rir, sim, mas uma peste, aquilo tudo! Um dia de trajeto pela mata e um segundo dia a quebrar a cabeça com uma troça de idiotas para esclarecer a verdade. Era uma questão que suscitava sangrentas rivalidades. Aqueles malditos cretinos tomavam partido por uma família ou por outra, e metade da aldeia estava disposta a lançar-se sobre a segunda com tudo o que tivesse à mão.

– Pode acreditar, não estou brincando! Em vez de se ocuparem das suas colheitas...! Devolvi ao velho as suas santas panelas e apazigüei todo mundo.

– Não tivera dificuldade em arranjar a coisa, não! Bastara-lhe erguer o dedo para impedir as mais sangrentas disputas. A dificuldade era descobrir a verdade. Ainda hoje, não estava bem certo de ter sido eqüitativo para com todos, e esta idéia o incomodava... E todo aquele bate-boca sem pé nem cabeça, por Júpiter! Muito melhor tomar de assalto uma velha barricada de 20 pés de altura! Oh! Sim! Era um brinquedo de criança, comparado com aquilo, e não levava tanto tempo, também! Sim, tinha sido engraçado, afinal de contas... Mas, sob outro ponto de vista, não era brincadeira. Depois da derrota do xerife, contavam com ele para decidir tudo.

– Terrível responsabilidade – repetia ele; – sem brincadeira, se se tratasse de três vidas, em vez de três panelas velhas, teria sido a mesma coisa ...

Era assim que ele ilustrava o efeito moral de sua vitória guerreira. Fora, em verdade, uma vitória imensa, que o tinha levado dos combates à paz, introduzindo-o na vida íntima do povo. Mas as trevas que pairavam sobre a terra, não obstante o esplendor do sol, conservavam todavia sua silenciosa e impenetrável imobilidade. O som de sua voz moça e fresca (era espantoso como a idade tinha pouco poder sobre ele) flutuava com leveza e passava sobre o domo imutável das florestas, como o ruído dos canhões naquela manhã úmida e glacial de orvalho, em que o seu único cuidado no mundo era reprimir o tremor do corpo. Apenas o primeiro raio do sol tocava o imóvel cimo das árvores, e eis que, em meio de pesadas detonações, o cume de uma das montanhas se cobria de nuvens de fumo branco, enquanto o outro explodia num tumulto estupidificante de urros de furor, de gritos de guerra, de gemidos, de clamores de surpresa e pânico. Jim e Dain Waris foram os primeiros a pôr a mão na paliçada. A voz do povo dizia que o branco pusera a porta abaixo, tocando-lhe com o dedo. Mas ele, está visto, negava energicamente tal proeza. Toda a barreira – insistia ele neste ponto – constituía uma fortificação, pois o Xerife Ali fiava-se sobretudo na inacessibilidade de sua posição; aliás, as estacas, já espedaçadas, só por milagre se sustinham. Jim, como um imbecil, dera um golpe de ombros que o precipitara, de cabeça, no recinto. Se não fora Dain Waris, ele ficaria fincado a uma estaca, como um dos homens de Stein, pela lança de um vagabundo tatuado e salpicado de varíola. O terceiro assaltante fora Tamb’Itam, o próprio criado de Jim. Era um malaio do norte, estrangeiro extraviado um dia pelo Patusan, onde fora retido à força pelo Rajá Allang, para remar numa de suas barcas de aparato. Escapado na primeira ocasião, e encontrando um refúgio precário, mas muito pouco que comer, entre os colonos bugis, ligara-se à pessoa de Jim. Seu rosto chato, de olhos salientes e injetados de bílis, era muito escuro. Havia algo de excessivo e de fanático em seu devotamento ao seu “senhor branco”, de quem era inseparável como uma sombra morosa. Nas cerimônias, caminhava sobre os calcanhares do senhor, com a mão no punho do *kris*, e conservava o vulgo a distância, com olhares carregados e terríveis. Jim fizera-o intendente de sua casa, e todo o Patusan o respeitava e adulava como a um homem de alta importância. Por ocasião da tomada do reduto, distinguira-se pela ferocidade metódica de seu modo de combate.

– Os assaltantes fizeram uma irrupção tão brusca – contava Jim – que, apesar do pânico da guarnição, houve uns cinco minutos de furioso corpo-a-corpo, no interior da paliçada, até o momento em que um asno qualquer ateara fogo às cabanas de galhos secos, sendo nós todos, de um lado e doutro, obrigados a debandar para salvar o couro.

A derrota do inimigo fora completa. Doramin, que esperava imperturbavelmente na sua cadeira da colina, e sob o fumo dos canhões que se lhe espalhava lentamente acima da cabeça, acolhera a notícia com uma espécie de surdo rugido. Ciente de que seu filho, são e salvo, perseguia os fugitivos, fez, sem dizer palavra, um possante esforço para erguer-se; os servos acorreram em seu auxílio e, respeitosamente amparado, alcançou com grande dignidade uma fresca sombra, onde se estirou para dormir sob um lençol que o recobria inteiramente. No Patusan, a emoção era intensa. Voltando as costas aos destroços, às brasas, às cinzas negras e aos cadáveres meio calcinados, Jim, do cimo da montanha, via, de tempos a tempos, sobre as duas margens do rio, os espaços livres entre as casas encherem-se e esvaziarem-se alternadamente de uma agitada multidão. Seus ouvidos percebiam fracamente o ruído formidável dos gongos e dos tambores, e gritos selvagens chegavam até ele, surdamente. Uma multidão de bandeirolas punha entre os telhados pardacentos um revôo palpitante de asas brancas, vermelhas e amarelas.

– Você devia sentir-se bastante feliz – murmurei, com comovida simpatia.

– Oh! Sim! Era imenso! Imenso! – gritou ele alto, afastando os braços. A subtaneidade daquele gesto me fez estremecer, como se o tivesse visto pôr a nu os segredos do seu coração ante o sol, a floresta taciturna ou o mar metálico. A nossos pés, a cidade estendia sua mole curva pelas margens do rio, cujas águas pareciam dormir.

– Imenso! – repetiu ele, de si para si, num murmúrio.

Imenso, evidentemente, era imenso! O selo do sucesso, confirmando sua palavra, o terreno conquistado por seus pés, a cega confiança dos homens, a fé em si próprio, a solidão de sua grandeza. Tudo isto, digo-lhes, fica diminuído pelas palavras. Eu não saberia, numa frase, dar-lhes a impressão daquela solidão total, absoluta. Bem sei que, sob todos os pontos de vista, ele era ali o único da sua espécie, mas dons insuspeitados o haviam posto em tão íntimo contato com o seu ambiente, que aquela solidão parecia unicamente um efeito de seu poder. Seu isolamento aumentava-lhe a grandeza. Nada em torno que se lhe pudesse comparar, como se fosse um desses seres excepcionais que só se medem à altura da própria glória, e a sua glória, pensem bem, era a maior coisa daquela região. Seria preciso andar um longo e duro caminho através da jângal, antes de achar-se fora do alcance da voz de sua glória. Não era, aliás, a trombeta da desprezível deusa que nós todos perseguimos; não era uma voz falsa e impudente. Ela tirava seus acentos da imóvel tristeza de uma terra sem passado, onde, dia após dia, a palavra de Jim era a única verdade. Ela participava da natureza do silêncio em

que nos acompanhava, naqueles inexplorados sertões, onde sem cessar se fazia ouvir a nosso lado, penetrante e longínqua, e onde passava, com um estupor terrificado, pelos lábios balbuciantes dos homens.

CAPÍTULO 28

Após a derrota, o Xerife Ali fugiu e, quando os infelizes perseguidos saíram timidamente da mata em demanda de suas casas abandonadas, foi Jim quem, depois de um entendimento com Dain Waris, designou os seus chefes. Essas nomeações fizeram dele o senhor virtual do país. Quanto ao velho Tunku-Allang, seu terror, no primeiro momento, não conhecera limites. Conta-se que, ao saber da tomada do reduto, lançara-se por terra, soltando gritos tão terríveis, que ninguém ousava aproximar-se a menos de um comprimento de lança da sua forma prostrada. Via-se já ignominiosamente escorraçado do Patusan, errando ao abandono e despojado de tudo, sem ópio, sem mulheres, sem criados, presa designada para o primeiro passante desejoso de matá-lo. Depois do Xerife Ali, chegaria a sua vez, e como resistir a um ataque conduzido por um demônio como Jim? Em verdade, foi unicamente à idéia que Jim fazia da justiça que o rajá ficou devendo a sua vida e o que lhe restava ainda de autoridade, na época de minha visita. Bem queriam os bugis ajustar velhas contas, e o impassível Doramin nutria a esperança de ver um dia seu filho chefe do Patusan. Numa de nossas entrevistas, ele deixou-me deliberadamente entrever essa secreta ambição. Nada mais perfeito do que a circunspecção cheia de dignidade com que abordou o assunto. Ele próprio, começou declarando-me, fizera uso de sua força, na juventude, mas agora estava velho e cansado... Com sua massa imponente e seus pequenos olhos sagazes e penetrantes, dava, irresistivelmente, a idéia de um velho elefante malicioso. Seu vasto peito elevava-se e abaixava-se lentamente, num movimento regular e possante, como o de um mar calmo. Ele também protestava sua confiança ilimitada na sabedoria de *Tuan* Jim. Se somente ele pudesse obter uma promessa! Uma única palavra bastaria... Seus silêncios, sua profunda respiração e o ruído surdo de sua voz faziam lembrar os últimos esforços de uma tempestade que se extingue.

Eu me esforçava por desviar a conversa, mas não era fácil, pois era evidente que Jim tinha o poder de resolver o assunto; na sua nova esfera, nada parecia haver, com efeito, que dele não dependesse dar ou reter. Mas esta idéia nada significava ao lado da convicção que se me impusera, enquanto eu escutava Doramin, fingindo grande atenção: eu via Jim prestes, talvez, a tornar-se mestre de seu destino. Doramin inquietava-se com o futuro de sua terra, e impressionou-me a sua argumentação. A terra fica onde Deus a pôs, dizia ele, mas os brancos

vêm e depois se vão embora. E os que eles deixam aqui não sabem quando esperá-los. Eles voltam para a sua própria terra, para a sua gente, e Jim iria embora um dia, como os outros... Não sei o que me incitou, naquele momento, a soltar indiscretamente um não enérgico. Medi toda a extensão da minha imprudência quando, voltando para mim seu rosto, cuja expressão era inalterável, como a de uma enorme máscara morena, disse-me Doramin, com um tom meditativo, que eu acabava de dar-lhe uma feliz certeza, e perguntou-me a razão.

Sua mulher, a maternal feiticeira, estava sentada perto de mim, com a cabeça coberta; olhava pela janela, e dela eu não via senão uma mecha de cabelos grisalhos, uma maçã saliente e o queixo agitado por ligeiros movimentos de mastigação. Sem tirar os olhos da vasta perspectiva de florestas estendida até as montanhas, ela perguntou-me, num tom de piedade, o que teria podido levar meu amigo a deixar, tão jovem, a sua pátria, e a vir tão longe, através de tantos perigos. Acaso não tinha ele um lar, nem parentes em sua terra? Não tinha uma velha mãe que se lembrasse de sua fisionomia?

Eu não estava absolutamente preparado para tais perguntas e não pude senão balbuciar, sacudindo a cabeça com ar sagaz. Depois do que, eu tentei, bastante desajeitadamente, confesso-o, sair daquela situação. Mas, desde esse momento, o velho *nakhoda* se tornou taciturno. Não estava contente, e eu lhe dera manifestamente matéria para reflexões. Quis o acaso, bastante singularmente, que eu me tornasse a encontrar na mesma tarde (minha última no Patusan) em face do mesmo problema, e daquele “por quê?” do destino de Jim, a que se não podia responder. Isto, aliás, me leva à história do seu amor.

Vocês vão pensar que se trata duma conquista fácil. Já ouvimos tantas aventuras semelhantes, em que, pela maior parte, nada se vê de histórias de amor. Temo-las por histórias de encontros fortuitos, episódios de paixão, quando muito, ou somente loucuras da mocidade ou tentações votadas a um definitivo esquecimento, mesmo quando conheceram a sinceridade da ternura e da saudade. Tal opinião vale na maior parte dos casos, e talvez mesmo naquele... Mas não sei! Aquela história não é das que se encaram sob o ponto de vista habitual. Aparentemente, assemelha-se muito às outras, mas, quanto a mim, vejo no segundo plano uma sombra melancólica de mulher, um fantasma que se mantém junto a seu túmulo solitário, com um ar de meditação inquieta e os lábios selados. O próprio túmulo, que eu descobri por acaso, no curso de um passeio matinal, era um montículo informe de terra, cercado na base de ramos de coral. Cercava-o uma paliçada circular de ramos de arbustos, revestidos ainda de

sua casca. No cimo daquelas frágeis estacas corria uma guirlanda de folhas e de flores... e as flores eram frescas.

Seja ou não efeito da minha imaginação, o fato é que era um túmulo que a gente não esquece nunca. Se eu lhes disser, ainda, que fora Jim quem, com suas próprias mãos, erguera a barreira rústica, vocês verão logo o que diferencia aquela das outras histórias, e o que a caracteriza. Há, nessa ternura e saudade, qualquer coisa que se casava à gravidade do jovem. Tinha ele uma consciência, e uma consciência romanesca. Em toda a sua vida, a mulher do inominável Cornélio não tivera outra companheira, outra confidente, outra amiga mais que sua filha. O que teria podido levar a pobre mulher, depois de deixar o pai de sua filha, a desposar o português de Malaca; o que trouxera a separação: uma morte talvez clemente, ou o impiedoso fardo das convenções eis um mistério para mim. As poucas alusões feitas por Stein em minha presença, ele, que sabia tantas histórias, me fizeram compreender que a infeliz não era uma mulher ordinária. Seu pai era um branco, um alto funcionário, um desses homens brilhantemente dotados, e cuja carreira termina muitas vezes na obscuridade. Ela, também, devia ter ignorado a flexibilidade salutar, e sua carreira terminara no Patusan. Nosso comum destino – pois qual é o homem, refiro-me ao homem verdadeiramente sensível, que não se lembra vagamente de ter sido, na plenitude de sua posse, abandonado por uma viatura ou uma coisa mais preciosa que a vida?

– nosso comum destino pesa muito mais forte sobre as mulheres. Não as pune ele como um senhor despótico, mas inflige-lhes lentas torturas, como para satisfazer a um secreto e implacável rancor. Dir-se-ia que, designado para tudo conduzir aqui, ele procura vingar-se nos seres mais dispostos a libertar-se dos entraves da prudência humana; pois só as mulheres é que sabem, por vezes, transmitir a seu amor um elemento sensível até causar medo, uma nota de sobre-humana ternura. Pergunto-me às vezes, com espanto, que aspecto deverá ter o mundo a seus olhos, e se tem acaso para elas a forma e a substância que nós conhecemos, o ar que nós respiramos. Afigura-se-me que deve ser uma região de desarrazoada sublimidade, toda fremente das emoções de suas almas aventurosas, aclarada pela glória de todos os riscos e de todas as renúncias possíveis. Na verdade, suspeito de que haja muito poucas mulheres no mundo, muito embora eu saiba da infinita multidão dos seres humanos, e da quase igualdade numérica dos sexos. Mas eu estava certo de que a mãe devia parecer tão mulher como o parecia a filha. Não pude deixar de imaginar a ambas: primeiro a mulher jovem e a criança, depois a mulher madura com a moça, no cenário imutável e terrível, apesar da passagem do tempo; vejo a solidão daquelas duas vidas, no meio do tumulto, por trás da barreira da selva; ouço as

suas palavras, uniformemente penetradas de tristeza. Palavras de confidência, mas em que me parece discernir um sentimento profundo de pesar, de temor, de apreensão, que a jovem não deve ter bem compreendido antes da morte de sua mãe e da chegada de Jim. Somente naquele dia estou certo de que ela compreendeu bastante não tudo talvez as apreensões, sobretudo. Jim lhe dava um nome que quer dizer “preciosa”, no sentido de “pedra preciosa”: chamava-lhe Jóia. Lindo, não? Mas aquele rapaz tinha todas as delicadezas; estava à altura de sua feliz sorte, como, em suma, se mostrara à altura de suas provações. Ele a chamava, pois, de Jóia, e pronunciava esta palavra com se dissesse Joana – compreendem? –, com um calmo e familiar acento conjugal. Eu ouvi pela primeira vez este nome minutos depois de haver chegado ao pátio de sua casa; Jim, que acabava quase de arrancar-me o braço de entusiasmo, correu escada acima e pôs-se, com uma alegre vivacidade juvenil, a sacudir a porta sob o teto pesado:

– Jóia! Depressa!... É um amigo!...

– e, olhando-me na penumbra da varanda murmurou com fervor?

– Não posso dizer-lhe tudo o que devo a ela... É exatamente como se...

Suas palavras precipitas e nervosas foram interrompidas por uma exclamação abafada; vi uma forma branca que avançava, de rosto infantil mas enérgico, e da sombra surgiu um olhar profundo e atento, como do abrigo do ninho um olhar de pássaro. O nome me impressionou, mas foi-me preciso algum tempo para destrinçar-lhe a relação com uma história extravagante que me viera aos ouvidos no decurso de minha viagem, a umas 230 milhas ao da costa do Patusan. A galeota de Stein que me transportava ali fizera escala para embarcar mercadorias e, descendo à terra, vi com grande surpresa, que a pobre localidade tinha a honra de possuir um sub-residente auxiliar de terceira classe, um rapagão, gordíssimo, de sangue misto, a julgar pelos beiços grossos e luzidios e os olhos piscantes. Fui encontrá-lo refestelado numa cadeira de couro, com as vestes descompostas, com uma grande folha verde sobre a cabeça, e uma outra na mão, de que se servia para abanar-se languidamente. Com que então eu ia ao Patusan? Sim... Ah! Bem! A Companhia Stein? Sim, conhecia. Eu tinha autorização. Isto não era com ele, aliás.

– Aquilo não vai muito mal, agora – disse ele, num tom negligente, prosseguindo, com sua voz arrastada?

– Há uma espécie de branco, um vagabundo qualquer, que se instalou na terra, parece... Hein? Que diz? Um de seus amigos?... Então é verdade que havia

um desses *vordamte*...? Que é que ele foi fazer? Soube firmar-se por lá, o bandido, hein? E no Patusan! Lá, por qualquer coisa, é na faca... mas isto não é conosco! – Interrompeu-se para gemer?

– Oh! Meu Deus! Que calor! Que calor! Mas, então, afinal, podia haver qualquer coisa de verdade na história, e...

– Fechou um de seus olhos vidrados, cuja pálpebra continuou a tremer, enquanto me olhava com a outra vista.

– Escute! – disse ele, num tom de mistério – Se... compreende?... se ele em verdade desencovou um belo... não um simples vidro de cor, compreende?... Eu sou um funcionário do governo... Diga àquele maroto... Hein? Como? Um de seus amigos...?

– Ele continuava plàcidamente estirado na cadeira...

– Bem, eu vou dar-lhe um conselho de camarada... Suponho que o senhor não se incomodaria em tirar, também, alguma coisa... Deixe-me falar... Diga-lhe que eu conheço a história, mas que não dirigi relatório ao meu governo. Ainda não... Pois para que um relatório, não? Diga-lhe que venha ver-me, se o deixarem sair vivo de lá. Ele fará bem em cuidar-se. Hein? Não, eu não farei perguntas... Na maciota, compreende? Ao senhor também eu darei alguma coisa... Uma pequena comissão pelo seu trabalho. Não me interrompa! Eu sou funcionário do governo, e não faço relatório. Negócios são negócios, compreende? Conheço gente que compra tudo o que valha a pena. E eles dariam dinheiro como nunca aquele velhaco viu em toda a sua vida. Conheço essa espécie de tipos...

– Olhava-me fixamente, com os dois olhos abertos, e eu o contemplava com estupor, a pensar se ele estaria louco ou bêbado. Ele suava, bufava, gemia e coçava-se com uma desfaçatez tão repugnante, que eu não pude suportar por mais tempo aquele espetáculo para destrinçar a verdade da história.

No dia seguinte, em conversas ociosas com familiares da pequena corte indígena, soube de uma lenda que se propagava lentamente pelo litoral: falava-se de um branco misterioso instalado no Patusan, que se apossara de uma pedra prodigiosa, uma esmeralda de dimensões enormes e inestimável valor. A esmeralda parece, mais do que qualquer outra gema, impressionar as imaginações orientais. O branco lançara-lhe mão, dizia-se, metade por astúcia, metade por sua força prodigiosa, tomando-a de um chefe de uma terra longínqua, de onde logo se escapara, para chegar ao Patusan numa total miséria; lá, amedrontara aos indígenas com uma ferocidade sem limites, que nada podia

acalmar. A maior parte de meus interlocutores era de opinião que aquela esmeralda devia ser uma pedra fatal, como a famosa pedra do sultão de Succadano, que desencadeara guerras e calamidades inauditas. Talvez fosse a mesma... Quem sabe?... A falar verdade, a lenda de uma esmeralda de tamanho fabuloso é tão antiga como a chegada dos primeiros brancos ao arquipélago Índico, e a crença é ainda tão persistente que, há menos de quarenta anos, fizeram as autoridades holandesas um inquérito oficial, para averiguar tal história. Essa jóia, explicava-me o velho que me contara a maior parte do espantoso mito jimesco – uma espécie de escriba do pobre rajá local –, essa jóia, dizia ele, piscando os olhos míopes, que erguia para mim do chão da cabina, onde se assentara por respeito, é de preferência escondida na pessoa de uma mulher. Mas não pode absolutamente ser confiada à primeira que apareça: cumpre que ela seja jovem (ele, neste ponto, deu um profundo suspiro) e insensível às seduções do amor. Sacudia a cabeça com um ar cético. Parecia, no entanto, existir uma rapariga dessas. Tinham-lhe falado numa jovem que o branco tratava com, muita solicitude e respeito, e que não se via nunca sozinha, fora de sua casa. O branco saía quase todos os dias com ela; iam lado a lado, e ele conservava o braço dela enfiado no seu, apertado contra seu corpo... assim!... de um modo extraordinário! Talvez fosse mentira, concedia ele, pois seria uma singular maneira de agir, mas pelo menos estava fora de dúvida que aquela mulher não trazia a jóia do branco oculta no seio.

CAPÍTULO 29

Tal era a explicação que corria sobre os passeios vesperais do jovem par. Tive mais de uma vez ocasião de sair com eles, tendo às vezes o desprazer de ver Cornélio a rondar-nos; amargamente ligado à sua paternidade legal, o mestiço torcia a boca com um movimento particular, que dava a impressão de que ia ranger os dentes. Mas já notaram vocês que, a 300 milhas dos fios telegráficos ou das linhas postais, a vil mentira utilitária de nossa civilização deperece e morre, para dar lugar a puros exercícios de imaginação, que têm a futilidade, muitas vezes o encanto, e por vezes a profundeza latente da verdade das obras de arte? O Romance escolhera Jim para um de seus heróis, e era aquela a única parte verdadeira de uma história que por outro lado não passava de mentira. Jim não escondia a sua jóia, pois orgulhava-se imensamente dela.

Hoje percebo que, em suma, muito pouco vi aquela rapariga. O que melhor me lembra é a palidez mate e unida de sua pele, e a intensidade dos reflexos negro-azuis de uma abundante cabeleira, sob o pequeno casquete vermelho que usava puxado para a nuca. Seus movimentos eram livres e seguros e, quando enrubescia, suas faces tomavam uma sombria coloração. Quando eu conversava com Jim via-a entrar e sair com olhares furtivos, e deixava à sua passagem uma impressão de encanto e de graça, ao mesmo tempo que uma suspeita bem evidente de ansiosa vigilância. Suas maneiras tinham uma singular mescla de timidez e de audácia. Seus doces sorrisos davam logo espaço a um ar de silenciosa e contida inquietação, como rechaçados pelo temor de ameaçadores perigos. Às vezes sentava-se perto de nós, para escutar nossa conversa, com a face afundada pelos dedos de sua mão pequenina; fixava seus grandes olhos claros sobre nossos lábios, como se cada uma de nossas palavras tivesse para ela uma forma visível. Com sua mãe aprendera a ler e escrever, e Jim lhe ensinara algum inglês, que ela falava de um modo divertido, com as entonações e abreviações juvenis de seu professor. Sua adoração pairava sobre a cabeça de Jim como um aflar de asas. A força de viver ria total contemplação do jovem, ela acabara por tomar um pouco do seu aspecto exterior, qualquer coisa que lembrava seus gestos, a maneira como ele estendia o braço, voltava a cabeça, dirigia os olhares. A intensidade de sua vigilante ternura tornava-a uma coisa quase perceptível aos sentidos; supunha-se senti-la como um elemento vivo, na substância ambiente do espaço; ela envolvia Jim como um perfume particular;

vibrava ao sol como um som trêmulo, contido e apaixonado. Vocês me vão acusar de romanesco, mas será um erro. Eu olhava com interesse as manifestações da... digamos, da boa sorte de Jim. A jovem amava-o ciumentamente, mas por que e de que poderia ela estar ciumenta, não o sei dizer. Terras, gentes, florestas se faziam seus cúmplices, para guardá-lo com uma vigilância concertada, com um ar de segredo, de mistério, de invencível posse. Reclusão sem apelo, dir-se-ia. Ele estava prisioneiro no seio de seu próprio poder, e ela, que estava pronta a fazer de sua própria cabeça um escalpelo para Jim, vigiava inexoravelmente a sua conquista, como se ele fosse difícil de guardar. O próprio Tamb'Itam, quando andava, em nossos passeios, sobre os calcanhares de seu senhor branco, ferozmente armado, como um janízaro, com *kris*, cutelo e lança, sem contar o fuzil que Jim lhe dava para carregar, assumia ares de intratável vigilância, como um carcereiro severo e devotado, sempre pronto a dar a vida por seu prisioneiro. Nas noites de serão prolongado, eu via a sua forma confusa e silenciosa passar e repassar com passos de veludo sob a varanda, ou então, erguendo a cabeça eu o divisava de repente na sombra, de pé, direito e rígido: Em geral, ele eclipsava-se sem ruído, após alguns instantes, mas, logo que nos erguíamos, parecia surgir do chão a nosso lado pronto para executar as ordens que Jim lhe quisesse dar. A jovem também não adormecia, eu creio, antes que nós nos separássemos de noite. Mais de uma vez, da janela de meu quarto, eu a vi sair silenciosamente com Jim, para apoiar-se à balaustrada; suas duas formas brancas se comprimiam uma contra a outra e Jim estreitava a cintura de sua companheira, que apoiava a cabeça em seu ombro. Seu ensurdecido vozear chegava até meus ouvidos; penetrante e terno, com um acento calmo e triste no silêncio noturno, dava a impressão de um diálogo travado por um único ser em dois tons diferentes. Mais tarde, quando me virava sob o mosquiteiro no meu leito, estava certo de ouvir ruídos leves, um respirar prudente, e sabia que Tamb'Itam esta ainda de guarda. Embora possuísse ele, por favor especial do senhor branco, uma casa no estabelecimento, e tivesse tomado mulher, vendo sua união ultimamente abençoada pelo nascimento de uma criança, creio que, durante a minha estada ao menos, ele dormiu todas as noites na varanda. Não era fácil fazer falar aquele servo fiel e rebarbativo. O próprio Jim não conseguia dele mais que breves respostas, dadas a contragosto, dir-se-ia, e em palavras entrecortadas. A mais longa frase saída espontaneamente de sua boca, eu a ouvi certa manhã, em que, estendendo a mão para o pátio, ele designou Cornélio, dizendo:

– Eis ali o nazareno! – Não creio que ele se dirigisse a mim, embora eu estivesse a seu lado; seu objetivo era antes chamar para o português a atenção

indignada do universo.

O pátio, largo espaço quadrado, era um forno tórrido e, sob a luz intensa, Cornélio, que avançava reto, dava, no entanto, uma inexprimível impressão de dissimulação, de sombria e cautelosa velhacaria. Ele despertava a idéia de coisas fétidas. Seu andar lento e laborioso lembrava o de uma lacraia repugnante, cujas patas correm sobre o solo com um atividade atroz, enquanto o corpo permanece imóvel. Suponho que ele se dirigia direito para o ponto que queria alcançar, mas seu andar, com um ombro para a frente, parecia oblíquo. Viam-no muitas vezes rondar em torno das cabanas, como se estivesse procurando uma pista, erguia furtivamente os olhos ao passar pela varanda, e desaparecia sem pressa por trás de um muro. A liberdade em que o deixavam denotava a absurda negligência, ou melhor, o supremo desdém de Jim, pois Cornélio desempenhara um papel bastante equívoco, para não dizer mais, em certo incidente que poderia ter tido para Jim um desenlace fatal e que, de fato, aliás, terminara para sua maior glória.

Deixara ele a casa de Doramin pouco tempo após a sua chegada, bem mais cedo, em verdade, do que o teria exigido a mais elementar prudência e muito tempo, bem entendido, antes da guerra. Fora levado a essa partida pelo sentimento do dever e a necessidade de cuidar dos negócios de Stein. Com este fim, e num total desprezo de sua segurança pessoal, ele atravessou o rio, para ir instalar-se com Cornélio. Como teria podido o português atravessar o período das perturbações, eu não o sei. Evidentemente, sua qualidade de agente de Stein devia assegurar-lhe certa proteção da parte de Doramin. Em todo caso, de um modo ou de outro, tinha ele sabido safar-se das piores complicações e eu não duvido de que qualquer atitude que tenha ele adotado fosse marcada da abjeção que parecia o signo distintivo daquele homem. Era esse o elemento que impregnava todos os seus atos, todas as suas paixões, todas as suas emoções; seu ódio era abjeto; seu sorriso e sua tristeza eram abjetos; suas obsequiosidades e suas indignações eram abjetas. Estou certo de que o seu amor teria sido o mais abjeto dos sentimentos, se se pudesse imaginar amor no mais desprezível dos insetos. A própria impressão que ele causava era tão abjeta, que um ser simplesmente repugnante pareceria nobre a seu lado. Ele não tem lugar no primeiro nem no segundo plano desta história; vemo-lo apenas passar, enigmático e sujo, em aparições furtivas, para perturbar a atmosfera impregnada de mocidade e de simplicidade.

Jim me dizia ter sido a princípio recebido por ele com abjetas demonstrações dos sentimentos mais cordiais.

– Dir-se-ia que ele não cabia em si de contente! – contava-me o jovem.

– Todas as manhãs ele vinha apertar-me ambas as mãos, o maldito! Mas eu nunca estava certo de ter o que almoçar. Dava-me por muito feliz quando fazia três refeições em dois dias, o que não o impedia de me fazer assinar cada semana um vale de 10 dólares. Atribuía suas dificuldades em matéria de víveres às perturbações que agitavam o país, fingia estar prestes a arrancar os cabelos e me pedia tão bem perdão, vinte vezes por dia, que eu acabava por suplicar-lhe que não se atormentasse. Queria fazer-me acreditar que o Sr. Stein lhe devia dinheiro, dos negócios dos três últimos anos, mas seus livros estavam rasgados e vários faltavam. Ele tentava lançar a culpa à sua falecida mulher. O patife! Proibi-lhe que pronunciasse o nome daquela mulher: fazia Jóia chorar. Eu nunca soube o que poderia ter ele feito de todas as mercadorias; nos armazéns, só restavam ratos que viviam a devorar uma resma de papel pardo e umas lonas para sacos. Afirmam-me que ele tem grande quantidade de mercadoria escondida em qualquer parte, mas, naturalmente, jamais consegui que ele me confessasse isso. Foi uma existência bem miserável, a que passei naquela odiosa casa! Fazia o mais que podia por Stein, mas tinha de manter-me alerta por outro lado. Quando eu me achava refugiado em casa de Doramin, o velho Tunku-Allan cheio de medo, me devolvera a minha bagagem. Mas, apenas deixei os bugis para ir morar com Cornélio, puseram-se a falar resolutamente da velha decisão que tomara o rajá, de me mandar matar. Agradável perspectiva, não? Eu não imaginava, em verdade, o que o teria impedido de tal, se ele estivesse realmente decidido. O pior é que eu tinha consciência de não ser de nenhuma utilidade a Stein, nem a mim mesmo. Oh! Foram bem odiosas, aquelas seis semanas!

CAPÍTULO 30

Ele prosseguia sua narrativa, dizendo-me ignorar o que o tinha feito ficar, apesar de tudo. Mas não é difícil adivinhá-lo. Ele simpatizava profundamente com a moça, abandonada sem defesa à mercê daquele “velho e covarde patife”. Parece que Cornélio a fazia levar uma existência terrível e era unicamente por falta de coragem, sem dúvida, que não chegava a bater-lhe. Ele insistia em que ela o chamasse “meu pai”...

– E com respeito, ainda, com respeito, estás ouvindo?...

– berrava ele, brandindo o seu punho amarelo ante o rosto da rapariga.

– Eu sou um homem direito, eu, mas tu, o que é que tu és? Dize-me: o que é que tu és? Acreditas que eu vá criar a filha de um outro e deixar-me tratar sem respeito? Tu ainda deves dar-te por muito feliz que eu te permita chamar-me assim! Vamos! Dize: meu pai! Não queres? Espera um pouco!...

– Depois do que, ele lançava tais insultos sobre a memória da morta, que a pobre moça fugia, com as mãos nos ouvidos. Ele a perseguia, dentro, fora, em torno da casa, corria entre as cabanas e acabava por acossá-la a um canto, onde a infeliz caía de joelhos, tapando as orelhas; postava-se a alguns passos e, então, durante meia hora, ele vomitava sem pausa as mais ignóbeis injúrias e acabava atirando-lhe terra nos cabelos.

Jim estimaria sovar Cornélio até deixá-lo meio morto, mas a natureza daquelas cenas era tão dolorosa e tão abominável, que ele preferia muitas vezes retirar-se, para poupar o orgulho da moça.

– Eu não posso mais suportar isso – afirmou-lhe um dia Jóia.

– Diga-me uma só palavra...

– E sabe o que ela me respondeu?

– acrescentou ele?

– Ela me disse que, se não acreditasse aquele homem também profundamente infeliz, ela mesma teria coragem para matá-lo com suas próprias mãos!...

Não era precisamente, afirmava ele, piedade que ele sentia por ela; era mais

que piedade; parecia-lhe que guardaria um peso na consciência enquanto a moça estivesse submetida àquela vida, e a idéia de deixar a casa se lhe afigurou uma covarde deserção. Acabara por compreender que não ganharia nada com uma estada mais longa; não podia esperar nem contas, nem dinheiro, nem sinceridade de espécie alguma, mas nem por isso deixava de continuar ali, e a exasperação de sua presença levava Cornélio até os confins, não direi da loucura, mas quase da coragem. Entrementes, Jim sentia toda a espécie de perigos obscuros acumularem-se em torno de si.

Doramin por duas vezes lhe mandara um servo de confiança para adverti-lo de que não podia responder por sua segurança enquanto não atravessasse ele o rio para ir ter com os bugis, como nos primeiros tempos. Pessoas de todas as condições vinham procurá-lo, até em meio à noite, para revelar-lhe projetos de assassinato. Deviam envenená-lo; iam apunhalá-lo no banho; tencionavam alvejá-lo de um barco. Cada um dos informantes se dava por um amigo sincero. Havia, dizia Jim, com que perturbar para sempre o repouso de um infeliz. Histórias desse gênero eram perfeitamente plausíveis, para não dizer prováveis, mas os avisos mentirosos não serviam mais que para lhe dar a sensação de complôs mortais, por toda parte tramados em torno de si, na sombra. Nada poderia ser mais bem calculado para abalar os mais sólidos nervos. Enfim, uma noite, Cornélio veio, com um ar de inquietação e de mistério, fazer-lhe uma amável proposta: por 100 dólares, ou talvez mesmo 80, ele, Cornélio, se encarregaria de encontrar um homem de confiança que conduziria Jim, com toda a segurança, até a embocadura do rio. Não havia outra coisa a fazer, se ele tivesse um pouco de apego à vida. Que eram 80 dólares? Uma bagatela, uma soma insignificante. Pelo contrário, para ele, Cornélio, que devia ficar no seu posto, era verdadeiramente tentar a morte, dando aquela prova de devotamento ao jovem protegido do Sr. Stein. O espetáculo de suas abjetas visagens era intolerável, dizia-me Jim; ele puxava os cabelos, batia no peito, e acabou por fazer cara de choro:

– Que o seu sangue recaia sobre a sua própria cabeça! – disse ele enfim, precipitando-se para fora.

Seria curioso saber até que, ponto o miserável era sincero, naquela ocorrência. Jim confessou-me não ter pregado olho, após a partida de Cornélio. Deitado; sobre uma esteira, no soalho de bambu, ele esforçava-se maquinalmente por distinguir os caibros e prestava ouvido aos menores rumores. Uma estrela cintilou de súbito, através de um buraco no teto. Tudo era um só turbilhão na cabeça do jovem, e foi contudo naquela noite que ele arquitetou o

seu plano de batalha contra o Xerife Ali. Tal projeto fora o alvo de todos os seus sonhos, fora dos momentos que consagrava a impossíveis investigações nos negócios de Stein, mas a idéia nítida só se impôs ele, de uma só vez, naquele preciso momento. Dir-se-ia que ele via os canhões em bateria no cimo da montanha. Acabou por sentir-se agitado e febril, e viu que não poderia esperar o sono aquela noite. Ergueu-se e saiu para a varanda. Caminhava de pés descalços e topou com a moça, que se mantinha imóvel contra a parede, à escuta. Tal era o estado de espírito de Jim, que não se espantou de encontrá-la de pé, nem tampouco do tom de inquietude com que ela lhe perguntou baixinho onde poderia estar Cornélio. Ele respondeu simplesmente que nada sabia. Ela gemeu suavemente, explorando com os olhos o *campong*. Tudo estava perfeitamente calmo. Febricitante e cheio de seus novos projetos, Jim não pôde deixar de contar tudo à moça. Ela escutava, aplaudiu sem rumor e exprimiu suavemente a sua admiração, sem deixar todavia um instante de se manter alerta. Jim tomara o hábito, parece, de fazer dela a sua confidente, e era fora de dúvida que ela não deixava de lhe dar inúmeras indicações preciosas sobre os negócios do Patusan. Ele me afirmou mais de uma vez ter-se aproveitado com vantagem de seus conselhos. Em todo caso, ele lhe ia referindo todo o seu plano, quando a jovem lhe apertou o braço e, eclipsou-se de súbito, no momento preciso em que Cornélio parecia surgir do solo. Percebendo Jim, ele ladeou-se, como um homem atingido de uma bala no coração, depois manteve-se sem um movimento na sombra. Acabou no entanto por avançar prudentemente, com precauções de gato.

– Disse-me que havia por lá pescadores... com peixe... para vender... Imagine! Deviam ser 2 da madrugada... Que hora para comprar peixe! – exclamou Jim.

Jim deixou passar essa extraordinária história sem ligar-lhe importância. Outros pensamentos assaltavam seu espírito e, aliás, ele nada vira, nem ouvira. Contentou-se em soltar um “Ah!” distraído, bebeu um gole de água e foi deitar-se na sua esteira, deixando Cornélio tomado de uma inexplicável emoção e agarrado com ambos os braços ao corrimão carcomido da escada, como se suas pernas não o pudessem sustentar. De repente, Jim ouviu passos cautelosos que paravam, enquanto uma voz trêmula cochichava através da parede:

– Está dormindo?

– Não! Que há?

– perguntou ele vivamente.

Houve um brusco movimento fora, depois um silêncio total, como se o

homem estivesse aterrorizado; irritado, Jim saiu impetuosamente do quarto; Cornélio saltou com um grito abafado até a varanda. Muito intrigado, Jim perguntou-lhe de longe que diabo estava ele fazendo ali.

– Refletiu no que eu lhe tenho falado?

– murmurou Cornélio, que se exprimia com dificuldade, como um doente num acesso de febre.

– Não! – gritou Jim com furor.

– Não pensei e não pensarei! Ficarei aqui e viverei aqui, no Patusan!...

– O senhor vai é... morrer aqui! – respondeu Cornélio, tremendo sempre, e com uma voz expirante.

Toda a cena era tão absurda e tão irritante, que Jim não sabia se devia rir ou incomodar-se.

– Não antes de havê-lo arrasado, em todo o caso! – gritou ele exasperado, não obstante um forte desejo de rir. E prosseguiu, meio seriamente?

– Nada me pode atingir. O senhor pode experimentar as piores das suas diabruras! – Cornélio lhe aparecia, naquele momento, como a odiosa encarnação de todas as dificuldades e de todos os obstáculos semeados pelo seu caminho. Deixou-se levar (seus nervos há dias que estavam bastante tensos) a prodigar-lhe lindos nomes: patife, mentiroso, velhaco!, e comportou-se de extraordinária maneira. Ele confessa ter ultrapassado todos os limites; estava fora de si; desafiava todo o Patusan a meter-lhe medo e escorraçá-lo; afirmava que saberia fazer todos dançarem ao som de sua música; tudo isso num tom de ameaçadora fanfarronice.

O que acabou por fazê-lo calar-se foi o silêncio, o silêncio profundo, o silêncio de morte da forma indistinta, que aparecia perdida, ali na rampa, numa sinistra imobilidade. Tornou a si e calou-se de súbito, espantado do que acabava de fazer. Fixou, um instante, os olhos em Cornélio; tão grande era a sua confusão, que se precipitou, sem dizer palavra, no quarto, para lançar-se de novo sobre a esteira. Seu furor devia ter-lhe feito bem, pois adormeceu em seguida, como uma criança, para o resto da noite. Havia semanas que ele não dormia assim.

– Mas eu não dormia! – interrompeu a jovem, que apoiava o cotovelo na mesa e a face na mão, atenta.– Eu, eu velava!

CAPÍTULO 31

Bem podem avaliar o interesse com que escutei essa história. Todos esses incidentes se explicaram 24 horas mais tarde; de manhã, Cornélio não fez nenhuma alusão aos acontecimentos da noite.

– Suponho que o senhor vai regressar à minha pobre casa...

– resmungou ele no momento em que Jim tomava lugar na canoa, para dirigir-se ao *campong* de Doramin.

O jovem contentou-se em fazer um sinal com a cabeça, sem olhá-lo. Jim passou o dia em casa do velho *nakhoda*, pregando a necessidade de uma ação vigorosa aos notáveis da comunidade bugi, que haviam sido convocados para uma grande discussão. Lembrava-se com prazer da eloqüência e persuasão que demonstrara em tal circunstância. Na sua última sortida, os homens do Xerife Ali haviam devastado os arredores da cidade e levado para o seu reduto algumas mulheres do Patusan; ainda na véspera, tinham-se visto emissários do xerife a pavonear-se no mercado, proclamando a amizade do rajá para com seu chefe; um deles postado à sombra de uma árvore e apoiado ao longo cano de seu fuzil, exortava o povo à oração e à penitência e aconselhava-o a massacrar todos os estrangeiros da cidade, alguns dos quais, dizia ele, eram infiéis, e outros, piores ainda, filhos de Satanás, sob uma máscara de muçulmanos. E contava-se que vários partidários do rajá, disseminados na multidão, haviam expresso em altas vozes a sua aprovação. O terror chegara ao cúmulo, entre a população. Muito satisfeito de seu dia, Jim reatravessou o rio, antes do pôr do sol.

A alegria de sentir os bugis irrevogavelmente empenhados numa ação cujo sucesso ele jurara e o entusiasmo de seu coração eram tais, que ele fez todo o possível por se mostrar amável para com Cornélio. Mas o mestiço deu mostras, em troca, de uma tão selvagem jovialidade, que Jim a muito custo pôde suportá-lo. A jovem não tomou parte na refeição e Jim se retirou logo. No momento em que ele se erguia da mesa, Cornélio deu um salto, derrubando a cadeira, e abaixou-se, como se quisesse levantar um objeto que caíra. Jim ficou estupefato ao vê-lo emergir, com o queixo tombante e os olhos arregalados num terror estúpido.

– Que há? Está sentindo alguma coisa?

– perguntou o jovem.

– Sim, sim, sim! Uma forte cólica! – respondeu o outro, e Jim é de opinião que ele dizia a verdade.

Fosse como fosse, Jim teve um sono agitado; viu em sonhos um céu de cobre vibrante, e uma voz formidável lhe gritava tão forte “De pé! De pé!”, que, malgrado seu grande desejo de permanecer dormindo, ele acabou por despertar. Um clarão dançante de flamas vermelhas lhe feriu os olhos. Turbilhões de fumo negro voluteavam em torno da cabeça de uma aparição, de um ser sobrenatural, todo de branco, com um rosto severo, contraído, inquieto. Após um segundo de hesitação, Jim reconheceu a moça. Ela sustinha no ar, com o braço erguido, uma tocha de *damara*, e repetia, com uma insistência monótona e ansiosa:

– Levante-se! Levante-se! Levante-se!

Ele deu um salto brusco e ela lhe colocou em seguida na mão um revólver, o seu próprio revólver, que ele guardava em geral pendurado a um prego. Jim tomou-o maquinalmente. Ela lhe perguntou num sussurro, depressa:

– Pode afrontar quatro homens, com essa arma?

Ele ria, ao narrar-me o caso, à lembrança de seu prestativo entusiasmo.

– Mas certamente! Como não? Certamente! Diga-me o que é preciso fazer!

Mal desperto ainda, tinha ele no entanto a impressão de se mostrar muito amável em circunstâncias extraordinárias e de dar mostras de uma segura boa vontade e de um cego devotamento. A jovem deixou o quarto e ele a seguiu; desalojaram no corredor a uma velha feiticeira, que fazia as vezes de cozinheira ocasional, apesar de um estado de decrepitude que a impedia quase de compreender a linguagem humana. Levantou-se e saiu a capengar atrás deles, resmungando entre as suas gengivas desdentadas. Na varanda, uma rede pertencente a Cornélio balouçou suavemente ao contato do cotovelo de Jim. Estava vazia. Antes de descer os degraus da varanda, a moça voltou a cabeça, para cochichar rapidamente:

– Deviam atacar o senhor durante o sono.

Jim, ao que dizia, sentiu-se como que decepcionado. Ainda a velha história. Já estava farto daquelas ameaças e avisos. Sentiu uma verdadeira irritação contra a moça, como se ela o houvesse enganado: seguira-a na convicção de que era ela que tinha necessidade de seu auxílio e agora sentia quase desejo de dar meia volta. No entanto caminhava a moça a passos apressados, e ele a seguiu no pátio.

Todas as cercas haviam caído há muito tempo e os búfalos dos vizinhos vinham passear pacificamente de manhã, roncando profundamente no espaço aberto, que a jângal já ia invadindo. Jim e a moça pararam. A luz que os alumiava espessava as sombras em derredor e, acima de suas cabeças, somente, cintilava um abundante enxame de estrelas. Era, dizia-me Jim, uma bela noite, bem fresca, com uma leve brisa vinda do rio. Lembrem-se de que é uma história de amor que eu lhes conto, de momento. Uma noite adorável, que fazia perpassar sobre ambos sua doce carícia. A flama da tocha alongava-se de tempos a tempos, com um ruído fremente como o de uma flu*tuan*te bandeira, e durante alguns minutos nada mais se ouviu.

– Eles estão no depósito – murmurou a moça; – esperam o sinal.

– Quem o vai dar?

– inquiriu ele.

Ela agitou a tocha, que brilhou mais forte, após haver semeado uma chuva de faíscas.

– Somente o seu dormir era muito agitado...

– prosseguiu ela, num sopro.

– Eu velava pelo senhor, eu também...

– Você! – exclamou.

– Crê então que eu não tenha velado toda esta noite?

– exclamou ela, numa espécie de amarga indignação.

Ele pretendia ter tido a impressão de um golpe recebido em pleno peito e que lhe cortara a respiração. Acusava-se de ter sido um bruto espesso, e sentia-se cheio de remorsos, comovido, feliz, arrebatado. Deixem-me lembrar-lhes, ainda uma vez, que lhes conto, neste momento, uma história de amor; podem avalia-lo pela imbecilidade, não a imbecilidade odiosa, mas a imbecilidade exaltada desta cena e desta parada em plena luz da tocha, como se tivessem vindo ambos, ali, pôr a nu seu coração, para edificação dos assassinos ocultos. Se os emissários do xerife houvessem tido um pouco de coragem, teriam aproveitado aquele momento, fazia-me notar Jim, para precipitar-se sobre ele. Seu coração batia, mas sem terror, e, supondo ouvir um frêmito na erva, ele saiu vivamente do círculo de luz. Uma sombra negra e confusa desapareceu no escuro. Ele chamou em voz alta:

– Cornélio! Oh! Cornélio! – Apenas um profundo silêncio lhe respondeu.

A moça se encontrava de novo perto dele.

– Fuja! – gritou-lhe ela.

A velha avançava para eles; sua silhueta dobrada abordava em pequenos saltos desajeitados o círculo de luz. Ouviram um murmúrio e um fraco suspiro gemente.

– Fuja! – tornou imperiosamente a moça.

– Eles estão assustados por enquanto... esta luz... estas vozes... Têm-no na conta de grande, forte, intrépido...

– Bem! Se eu sou tudo isso...

– começou ele.

Mas ela interrompeu-o:

– Sim, esta noite... Mas amanhã... ou depois de amanhã... em qualquer destas noites? Poderei eu estar sempre à espreita?

– Um soluço arquejante da moça estrangulou de emoção as palavras na garganta de Jim.

Ele me dizia jamais ter-se sentido tão pequeno, tão impotente; e, quanto à coragem, de que lhe servia? Achava-se tão desarmado, que a própria fuga lhe parecia ilusória, e, embora a moça continuasse a cochichar-lhe com uma insistência febril: “Vá para a casa de Doramin! Vá para a casa de Doramin!”, ele compreendia que não havia para ele nenhum refúgio contra aquele isolamento que centuplicava todos os perigos, nenhum refúgio senão perto dela.

– Eu sentia – dizia-me ele – que afastar-me dela seria o fim de tudo!

Somente, como não podiam ficar indefinidamente no meio do pátio, ele decidiu-se a dar uma vista de olhos no armazém. Não protestou ao ver sua companheira segui-lo, como se estivessem indissoluvelmente unidos.

– Eu sou intrépido... não é?

– dizia ele entre dentes.

Ela reteve-o pelo braço e disse:

– Espere até ouvir a minha voz.

– E, de tocha em punho, contornou rápida a esquina da construção.

Jim ficou sozinho no escuro, com os olhos voltados para a porta; nenhum ruído, nenhum sopro vinha do interior. Atrás dele, a velha feiticeira soltou um gemido lúgubre. Ele ouviu um apelo estridente, um grito da rapariga:

– Para diante, agora!

Ele deu um empurrão violento; a porta cedeu com um ruído seco, descobrindo, com grande surpresa sua, o interior da peça, baixa, iluminada pela flama dançante e clara. Um turbilhão de fumo tombava sobre uma caixa de madeira vazia, abandonada no meio do soalho, mas não fez mais do que agitar-se suavemente sob a corrente de ar. A moça tinha passado a tocha através das grades da janela. Jim viu seu braço nu e redondo, hirto e sustentando a tocha com a firmeza de um braço de candelabro. Num canto afastado, um monte de velhas esteiras estragadas se empilhava quase até o teto; não havia nada mais.

Jim sentiu um cruel desapontamento. Sua força de resistência sofrera tantos assaltos; sentia-se ele cercado, havia semanas, por tão obscuras ameaças, que desejava o alívio de uma realidade palpável, de algum perigo tangível para afrontar.

– Com isso, a atmosfera teria sido purificada por duas horas, pelo menos – explicava-me ele.

– Por Júpiter! Havia dias que eu vinha vivendo com uma pedra sobre o peito!

E agora, na hora em que ele esperava encontrar qualquer coisa, não havia nada, nem ninguém... nem um sinal, nem um traço qualquer. Erguera a arma diante da porta aberta, mas o braço retombou.

– Atire! Defenda-se! – gritou a moça, num tom lancinante.

A sombra em que ela estava mergulhada fora e o seu braço atravessado, até o ombro pela grade impediam-na de ver o que se passava, e ela não ousava retirar a tocha para correr à porta.

– Não há ninguém! – disse Jim com desprezo, mas o riso de exasperação irritada ao qual se ia ele abandonar morreu-lhe nos lábios; no momento exato em que voltava as costas, percebera que o seu olhar cruzava com o de um par de olhos ocultos no monte das esteiras.

– Saia! – gritou ele furiosamente, e com uma certa indecisão também; ele viu desenhar-se uma cabeça escura, uma cabeça sem corpo, uma cabeça esquisitamente destacada, que o olhava com um ar feroz. Quase em seguida, o

monte sórdido desabava e, com um grito rouco, um homem se desvencilhava rapidamente para saltar sobre Jim. As esteiras pareceram saltar e voar atrás dele; o seu braço direito estava erguido, o cotovelo dobrado, e a lâmina de um *kris* saía do punho, que ele mantinha um pouco acima da cabeça. Um pano enrolado em torno de seus rins tomava um brilho ofuscante sobre o bronze da pele; o corpo nu luzia como se estivesse molhado.

Jim observou tudo aquilo; experimentava um sentimento de inexprimível alívio, de alegria vingadora. Deliberadamente, ele demorou a puxar o gatilho; esperou um décimo de segundo, três saltos do assaltante, um tempo infinito; esperou, para ter por mais tempo a alegria de dizer consigo: “Eis um homem morto!” Disto, ele estava perfeitamente certo, tranqüilamente persuadido; deixava vir o homem, porque isso não tinha importância. Um homem morto, certamente! Ele olhou as narinas dilatadas, os olhos arregalados, a imobilidade tensa, ardente do rosto; depois atirou.

No espaço confinado, a detonação foi ensurdecedora. Jim recuou um passo. Viu o homem atirar a cabeça para trás, lançar o braço à frente e largar o *kris*. Soube mais tarde que o havia atingido na boca e que o tiro saíra atrás do crânio. A força do choque precipitou o homem direito, com o rosto desfigurado e as mãos tateantes, como as de um cego; ele veio, com uma violência terrível, tombar de fronte, ante os pés nus de Jim. Este não perdera os mínimos detalhes da cena. Sentia-se calmo, apaziguado, sem cólera e sem inquietação, como se a morte daquele miserável houvesse expiado tudo. A peça se enchia de um fumo fuliginoso, e a flama vermelho-sangue da tocha ardia reta, sem uma vacilação. Jim avançou resolutamente, saltando por cima do cadáver, e assestou seu revólver sobre uma segunda silhueta nua, que se desenhava vagamente ao fundo da sala. No momento em que ele se preparava para detonar, o homem largou fora vivamente um curto e pesado chuço, e acocorou-se humildemente, com as costas contra o muro e as mãos cruzadas.

– Queres a tua vida?

– perguntou Jim. O outro não dizia palavra.

– Quantos são os outros?

– perguntou de novo Jim.

– Dois, *Tuan* – respondeu baixinho o malaio, fixando os olhos fascinados no cano do revólver. E, em seguida, dois outros homens saíram rastejando do amontoado de esteiras e estenderam ostensivamente as mãos vazias.

CAPÍTULO 32

Jim procurou uma posição vantajosa e impeliu o grupo de bandidos para a porta; a tocha ficara durante todo aquele tempo ereta na pequena mão, sem o mínimo movimento. Obedientes e unidos, os três homens marchavam com um passo automático. Jim colocou-os em fila.

– Agarrem-se pelos braços! – ordenou ele, e assim foi feito.

– Avante!

Eles se movimentaram com um só passo, hirtos; Jim os seguiu, acompanhado pela moça, com a tocha erguida sempre, acima de seu vestido branco roçagante e de seus cabelos negros que tombavam até a cintura. Direita e ondulante, parecia ela deslizar sem tocar a terra; não se ouvia mais que um frufru saudoso e o roçar das ervas.

– Alto! – gritou Jim.

A margem do rio era abrupta; uma grande frescura subia, a luz tombava sobre um lençol sombrio e liso, que murmurava sem uma ruga; à direita e à esquerda, as massas negras das casas se premiam sob o negro perfil dos telhados.

– Apresentem meus cumprimentos ao Xerife Ali, enquanto eu mesmo não os levar em pessoa – gritou Jim. Nenhum dos três homens moveu a cabeça.

– Saltem! – trovejou ele. Os três corpos não fizeram mais que um único ruído ao tombar; a água, em baixo, borrifou; cabeças negras emergiram convulsivamente e desapareceram de novo, mas ouvia-se um ruído de resfolgar e de água agitada, que ia enfraquecendo, pois os homens mergulhavam com ardor, ante o medo mortal de uma bala de adeus. Jim voltou-se para a sua companheira, que ficara durante todo aquele tempo imóvel e silenciosa. Seu coração, de súbito muito grande para o seu peito, parecia estrangulá-lo. Foi isto que o fez sem dúvida permanecer mudo durante tanto tempo; a moça cruzou o olhar com o seu, depois lançou de repente, com um gesto largo, a tocha acesa na água do rio. Viva e vermelha, a flama descreveu no escuro uma longa trajetória, antes de tombar à água com um silvo agudo; e a doçura da noite estrelada desceu mansamente sobre eles.

Jim não contou o que dissera depois de recuperar a voz. Não creio que

tivesse sido muito eloqüente. O mundo era silencioso e a noite suspirava sobre eles; era uma dessas noites que parecem feitas para abrigar todas as ternuras; uma dessas horas em que nossas almas parecem liberadas de seu sombrio invólucro e se animam de uma estranha sensibilidade que torna certos silêncios mais claros que as palavras. Da moça, ele me disse:

– Ela teve uma meia fraqueza... A emoção, compreende... A reação... Devia ela estar terrivelmente fatigada... E tudo aquilo... E depois... e depois, o diabo me carregue! Ela amava-me, veja... E eu também, amava-a... Mas eu não sabia... Jamais me entrara essa idéia na cabeça...

Neste momento, ele ergueu-se e pôs-se a andar de um lado para outro na sala, com certa agitação:

– Eu... eu a amo ternamente. Mais do que saberia dizer. Evidentemente, a gente não sabe exprimir essas coisas. Consideramos nossos atos sob um novo ângulo, desde o dia em que chegamos a compreender, em que nos fazem compreender que a nossa existência e necessária... absolutamente necessária a uma outra pessoa. E eis o que ela me fez compreender. É prodigioso. Mas trate somente de imaginar o que tinha sido a vida dela. É muito horrível! E eu que a encontro assim, como quem topa, ao acaso de um passeio, com uma criatura prestes a afogar-se num local escuro e deserto. Por Júpiter! Não havia tempo a perder! Isto implica uma espécie de confiança também... Mas eu creio merecê-la!...

A jovem se havia retirado há pouco. Jim bateu no peito:

– Sim, eu tenho consciência disto, mas julgo-me bastante digno de toda esta sorte!

Tinha ele o dom de atribuir um sentido secreto a tudo o que lhe acontecia, e era assim que ele considerava a sua história de amor. Algum tempo depois, durante outra conversa, disse-me ele:

– Estou aqui há apenas dois anos, mas agora, palavra, não concebo a idéia de viver em outra parte. O simples pensamento do mundo exterior me atemoriza, porque... o senhor sabe... eu não esqueci o que aqui me trouxe... Ainda não. Abstive-me de olhá-lo, e supus ouvir um leve suspiro. Demos alguns passos em silêncio (caminhávamos agora à margem do rio).

– Se tal coisa se pode esquecer – tornou ele –, eu creio ter o direito de rechaçá-la do meu espírito. Pergunte a qualquer aqui... Pergunte quem é que é bravo, leal e justo, a quem confiaria ele a sua vida? A resposta seria: “*Tuan* Jim!

Tuan Jim!” E no entanto eles não poderão jamais compreender a verdadeira verdade!

Eis o que ele me dizia, nas últimas horas de minha estada. Não deixei escapar um murmúrio. Sentia que ele ia continuar, sem contudo aproximar-se mais da fonte da questão. O sol acabava de deitar-se por detrás das florestas e a luz difusa de um céu opala parecia fazer tombar sobre um mundo sem sombra e sem brilho a ilusão de uma calma e pensativa grandeza. Não sei o que me fazia observar, enquanto escutava Jim, a queda tenta da sombra sobre o rio e sobre o espaço, o surdo e irresistível trabalho da noite que envolvia silenciosamente todas as formas visíveis, afogava as linhas, desvanecia cada vez mais as formas, como uma poeira negra e impalpável, a cair, interminavelmente.

– Por Júpiter! – tornou ele bruscamente – há dias em que se é muito ridículo; somente, eu sei que posso dizer-lhe tudo o que me aprouver... Falo de haver acabado com essa maldita lembrança... Esquecer!... Afinal, eu posso pensar naquilo tranqüilamente... Que provava aquilo? Nada... Somente o senhor, o senhor talvez não julgue assim...

Fiz ouvir um murmúrio de protesto.

– Pouco importa! – tornou ele.

– Isto me basta... ou quase. Não tenho mais que olhar nos olhos o primeiro que encontre, para readquirir minha confiança. Eles não compreenderiam o que se passa em mim? E depois?... Vejamos!... Eu não cometi tamanho crime!...

– Certamente! – aprovei.

– Mas, assim mesmo, o senhor não me gostaria de ter em seu navio, hein...?

– Diabo! – exclamei.

– Não fale assim!

– Ah! Está vendo? Mas tente explicar isso a qualquer um aqui... Haviam de tomá-lo por um imbecil, um impostor, ou pior ainda. E é este pensamento que me permite suportar tal lembrança. Eu fiz alguma coisa por eles, aqui, mas foi isto o que eles fizeram por mim...

– Meu caro amigo – exclamei –, o senhor constituirá sempre para eles um insolúvel mistério!

– Um mistério – repetiu ele, antes de erguer os olhos.

– Então, deixe-me ficar para sempre aqui.

Uma vez posto o sol, a noite pareceu cair sobre nós, trazida pelos sopros da leve brisa. No meio de um caminho, erguia-se a silhueta imóvel e magra do vigilante Tamb'Itam, que parecia não ter mais que uma perna; na penumbra, meu olhar distinguia uma forma branca, que ia e vinha pela varanda. Logo que Jim partiu para a sua ronda noturna, com Tamb'Itam sobre os calcanhares, eu entrei sozinho em casa e me encontrei frente a frente com a moça, que aguardava evidentemente aquela ocasião para falar-me.

O que ela me queria fazer dizer, ao certo, é-me difícil explicá-lo. Tratava-se certamente de uma coisa muito simples, da mais simples impossibilidade do mundo, como o seria, por exemplo, a exata descrição de uma forma de nuvem. Ela esperava uma garantia, uma afirmativa, uma promessa, uma explicação; não sei como dizer; a coisa não tem nome. Estava muito escuro e eu não podia distinguir mais que o contorno do seu vestido, o oval pálido de seu rosto e o brilho branco de seus dentes; nas largas órbitas sombrias, erguidas para mim, parecia flutuar um clarão confuso, como o que se acredita ver mergulhando o olhar num poço muito profundo. "Que é que se move ali?" pergunta-se. "É um monstro cego ou somente um reflexo perdido do universo?" A jovem me pareceu – não riam – mais inescrutável na sua ignorância infantil que a Esfinge que propunha pueris enigmas aos passantes. Ela viera para o Patusan antes que seus olhos estivessem abertos. Ali crescera, sem nada ver, sem nada aprender, sem conhecimento algum. Pergunto-me se ela estava bem certa de que existisse qualquer outra coisa. As idéias que ela podia fazer do mundo exterior são inconcebíveis para mim, tudo o que dele a pobre conhecia era uma mulher traída e um bufão sinistro. Seu amante vinha também daquele mundo, com um cortejo de irresistíveis seduções; mas que seria dela, se ele voltasse um dia para aquelas inconcebíveis regiões, que pareciam sempre reclamar seus filhos? Sua mãe a pusera em guarda contra isso, no seu leito de morte, com lágrimas...

Ela me tomara do braço com mão firme, mas soltou-o vivamente, logo que parei; mostrava a um tempo audácia e timidez; não temia nada, mas achava-se desconcertada pela incerteza profunda e a extrema novidade da situação; era um coração corajoso que procurava tateante o seu caminho na noite. Eu pertencia a esse Desconhecido que podia, de um momento para outro, reclamar Jim como um dos seus; eu estava, por assim dizer, no segredo de sua natureza e de suas intenções, confidente de seu terrível mistério, armado talvez de seu poder. Ela devia crer que uma palavra de minha boca bastaria para arrancar-lhe o amante dos braços; tenho a convicção sincera de que ela havia atravessado agonias de sofrimento e de terror durante as minhas longas conversações com Jim e conhecido uma angústia verdadeiramente intolerável, que a teria podido levar a

pensar minha morte, se o frenesi de seu coração estivesse à altura dos sentimentos que ela suscitava. Foi pouco a pouco somente que a situação se aclarou a meus olhos, ao passo que me ia enchendo de um mudo estupor de incredulidade. A jovem soube inspirar-me confiança; mas nenhuma palavra de minha boca poderia produzir o efeito do murmúrio precipitado e veemente, acentos suaves e apaixonados, do brusco silêncio arquejante e gesto súplice dos braços brancos de súbito estendidos. Ela deixou-os cair; a silhueta indecisa oscilou, como uma árvore frágil sacudida pelo vento; o pálido oval de seu rosto inclinou-se para o chão; impossível distinguir seus traços, e a sombra de seus olhos era insondável; duas mangas brancas ergueram-se na sombra como asas distendidas e ela ficou silenciosa, com o rosto nas mãos.

CAPÍTULO 33

Eu estava profundamente emocionado; sua juventude, sua ignorância, sua própria beleza, que tinha o encanto simples e o vigor delicado de uma flor selvagem, sua comovente súplica, sua fraqueza impotente me iam direito ao coração com uma força quase igual à de seu desarrazoado e muito natural terror. Ela temia o desconhecido como nós o tememos todos e o seu medo emprestava ao desconhecido um poder infinito. Era eu que o representava, a esse desconhecido, em meu nome como no de todos nós, como no de todo um mundo que não se importava absolutamente com Jim e não tinha necessidade dele. Eu me teria apressado em afirmar essa indiferença de uma terra superpovoada, se não tivesse refletido que Jim pertencia, também, a esse misterioso, desconhecido a que ela temia, e que, se eu representava seres inumeráveis, não tinha contudo credenciais para falar por eles. Este pensamento me fazia hesitar, quando um gemido de infinito desespero veio descolar meus lábios; comecei por afirmar que, pelo menos no que me concernia, eu tinha vindo sem a menor intenção de levar Jim.

Por que viera eu então? Após um leve movimento, ela permanecia imóvel na noite, como uma estátua de mármore. Tratei de explicar-me brevemente: a amizade... os negócios... Se eu tinha, no caso, um voto a formular, era antes de vê-lo ficar...

– Eles nos deixam sempre! – gemeu ela. Como um sopro de entristecida sabedoria, seu doloroso suspiro parecia sair da tumba que sua piedade enguirlandava de flores... Nada, insisti, podia afastar Jim dela.

É a minha firme convicção agora; era a minha convicção naquele instante; era a única conclusão possível, para quem conhecia o caso. Disto me persuadiam também as palavras que ela murmurou, como se falasse consigo mesma:

– Ele me jurou.

– A seu pedido?

– interroguei.

Ela deu um passo para mim:

– Não! Nunca!

Tinha-lhe até suplicado que partisse. Fora naquela noite, à margem do rio, depois de ele ter matado o homem e de ter ela arremessado a tocha às águas, porque ele a olhava de tão perto. Havia muita luz... ela afastava assim o perigo por um pouco... por muito pouco tempo. Jim afirmava que não a abandonaria a Cornélio. Ela insistia; queria que ele a deixasse. Jim respondia que não, que era impossível. Tremia ao dizer isto, ela o sentia tremer...

Não é preciso muita imaginação para arquitetar a cena, para quase lhes ouvir as vozes. Era por ele também que ela temia. Creio que naquele momento não via ela em Jim mais que uma vítima assinalada para perigos que compreendia melhor do que ele. Embora lhe houvesse Jim, apenas com sua presença, subjugado o coração, invadido todos os pensamentos e concentrado sobre si mesmo todas as ternuras de sua alma, não acreditava ela em suas possibilidades de sucesso. A falar verdade, Jim não parecia ter chance alguma. Sei que era este o ponto de vista de Cornélio, que esperava, ao confessar-me isto, excusar o papel odioso por ele desempenhado na trama urdida pelo xerife Ali para se desembaraçar do infiel. O próprio xerife não tinha senão desprezo pelo branco e era em nome de princípios puramente religiosos que ele queria mandar matar Jim. Tratava-se de um simples ato de piedade, infinitamente meritório por conseguinte, mas sem nenhuma importância, aliás. Cornélio concordava com esta maneira de ver:

– Excelentíssimo senhor – explicava-me ele abjetamente, na única vez em que me pôde falar cara a cara –, excelentíssimo senhor, como poderia eu adivinhar? Quem era aquele jovem? Que podia ele fazer para atrair a confiança? Que pensava então o Sr. Stein, mandando um menino para dizer coisas a um velho servidor? Eu lhe teria salvado a vida por oitenta dólares... apenas por oitenta dólares... Por que o imbecil não partiu? Seria preciso que eu me deixasse apunhalar em benefício de um estranho?

– Ele rastejava moralmente diante de mim, com o corpo obsequiosamente dobrado em dois, e as mãos à altura de meus joelhos, como se quisesse abraçá-los.

– Que são oitenta dólares? Uma soma insignificante, para dar a um velho sem defesa, arruinado pela falecida.

– Pôs-se a choramingar.

Mas eu estou antecipando. Não falei, naquela noite, com Cornélio, antes de haver deixado a jovem.

Era pura renúncia, da parte desta, insistir em que Jim abandonasse, e mesmo

em que deixasse o país, e era só perigo em que ele se achava que a preocupava antes de tudo Pode-se no entanto supor que ela desejasse também, sem o saber ao certo, salvar-se a si própria; atentem no exemplo, na lição que lhe davam todos os momentos de uma existência recentemente extinta e sobre a qual se concentravam todas a suas recordações. Caiu, contou-me ela, aos pés de Jim, à margem do rio. Jim fê-la erguer-se; ele a ergueu, ela não protestou. É evidente. Braços vigorosos, uma voz terna, largo peito onde apoiar sua pobre cabecinha solitária. A necessidade, a infinita necessidade de tudo aquilo para um coração doloroso, para um espírito extraviado, o *élan* da juventude, o impulso do momento... Que querem mais? Compreende-se... se não se é incapaz de nada compreender sob o sol. Ela sentiu-se, pois, feliz de ser erguida e amparada.

– O senhor sabe, por Júpiter, é sério... não é uma asneira...

– como Jim me segredara às pressas, com o rosto inquieto e grave, à entrada de sua casa.

Se era asneira, não sei, mas sei bem que não havia nada de leviano em seu romance; eles tinham vindo um para o outro, sob a sombra de um desastre mortal, como um cavaleiro e uma virgem que se houvessem encontrado para trocar juramentos em meio a ruínas mal-assombradas. A luz dar estrelas era bastante forte para aclarar a cena, essa luz tão fraca e tão longínqua que não chega a dar às sombras formas definidas e a aclarar a outra margem de um rio. Naquela noite, eu olhava o rio, do local preciso; ele deslizava silencioso e negro como o Styx; parti no dia seguinte, mas não posso esquecer o perigo ao qual ela queria escapar, enquanto era ainda tempo, quando suplicava a Jim que partisse. Já serena e muito apaixonadamente interessada agora para entregar-se a uma agitação fútil, ela explicou-me seu estado de espírito, com uma voz tão impassível como sua branca silhueta, meio fundida na sombra. Ela me disse:

– Eu não desejava morrer chorando!

Supus ter entendido mal:

– Não queria morrer chorando?

– repeti.

– Como minha mãe! – disse ela.

– Ela chorou lágrimas amargas, antes de morrer.

Uma calma inconcebível parecia subir do solo em derredor de nós, imperceptivelmente, como uma enchente silenciosa. De repente, como se

houvesse perdido pé no meio das águas, senti-me acometido de um medo súbito, o medo das profundezas desconhecidas. Ela continuava; contava-me que, no último momento, achando-se sozinha perto de sua mãe, tivera de deixar-lhe a cabeceira para apoiar as costas contra a porta e impedir que Cornélio penetrasse no quarto. Ele queria entrar à força e batia com os dois punhos contra a porta, só cessando as batidas para gritar de vez em quando, com a voz surda:

– Deixe-me entrar! Deixe-me entrar!

A um canto afastado da peça, a moribunda, já muda, e incapaz de erguer os braços, abanava a cabeça e agitava levemente a mão, como para dizer: “Não! Não!” A filha obediente sustinha com todas as forças a porta, sem deixar de olhar para sua mãe.

– As lágrimas caíam de seus olhos... E a pobre assim morreu – concluía ela, com um acento imperturbável e monótono, que, mais do que qualquer outra coisa, mais do que a imobilidade de estátua de sua forma branca, mais do que o teriam podido fazer simples palavras, turbavam profundamente minha alma, de todo o horror evocado, do horror passivo e irremediável daquela cena.

Esta emoção abalava a minha própria concepção da existência, lançava-me fora do abrigo que cada um de nós edifica para aí refugiar-se nas horas de perigo, como uma tartaruga se esconde sob a sua carapaça. Durante um momento, tive a visão de um mundo que tomava um enorme e lúgubre aspecto de desordem, quando em realidade nossos incansáveis esforços fazem dele o mais amável composto de pequenas comodidades que o espírito humano possa conceber. Mas não foi mais que um relâmpago, e eu me refugiei depressa na minha concha. Assim é preciso, mesmo quando se perdeu, como eu, o uso da palavra, no caos dos pensamentos sombrios sugeridos por um olhar que mergulhou um ou dois segundos no além. Mas a palavra me voltou depressa, porque as palavras fazem parte, elas também, dessa tranqüilizadora concepção de ordem e de luz em que nos refugiamos. Eu já as encontrara à minha disposição, antes de ouvir a jovem murmurar, com uma voz suave:

– Ele jurou-me nunca mais me abandonar, quando ali estávamos, sozinhos... Ele jurou-me...

– É então possível que a senhora... que a senhora não o acredite?

– perguntei, com um sentimento de reprovação sincera e de real indignação. Que é que a impedia de acreditar? Por que aquela sede de dúvida, aquela obstinação no terror, como se terror e dúvida fossem salvaguarda de seu amor? Era monstruoso! Ela deveria encontrar um refúgio de inexpugnável paz naquela

leal ternura. Talvez não tivesse ela a experiência ou habilidade necessárias.

A noite, que pouco a pouco tombara, tornara-se tão profunda em derredor de nós, que, sem mover-se, a jovem havia desaparecido a meus olhos, como a forma intangível de um espírito suspicaz e perverso. E de repente ouvi de novo o seu murmúrio impassível:

– Outros homens já fizeram juramentos antes dele! – Dir-se-ia o comentário meditativo de algum pensamento cheio de tristeza e de horror. E ela acrescentou, em voz mais baixa ainda, se possível?

– Meu pai também tinha jurado! – Interrompeu-se, para lançar um imperceptível suspiro.

Seu pai também... ! Eis então o que lhe havia ensinado a vida! Eu protestei vivamente:

– Ah! Mas ele, ele não é assim! – Ela não queria discutir este ponto, sem dúvida, mas, um momento mais tarde, o estranho e impassível murmúrio que perpassava no ar em palavras pensativas veio de novo ferir meus ouvidos:

– Por que é ele diferente? É ele melhor? É... ?

– Palavra! – exclamei – eu o creio! – Nós abafávamos as nossas vozes e segredávamos num tom de mistério.

De uma das cabanas dos operários de Jim (na maior parte escravos liberados do domínio do xerife) subiu um canto agudo e arrastado. No outro lado do rio, em casa de Doramin, sem dúvida, uma grande fogueira mantinha-se perfeitamente isolada na noite.

– É ele mais sincero?

– perguntou a jovem.

– Sim! – afirmei.

– Mais sincero que nenhum outro homem?

– insistiu ela, com hesitação.

– Ninguém aqui – declarei – pensaria em duvidar da sua palavra... ninguém o ousaria... a não ser a senhora!

Creio que ela fez um leve movimento, a estas palavras.

– Ninguém mais bravo?

– tornou ela, num tom novo.

– Nenhum temor poderá jamais afasta-lo da senhora – respondi, um pouco nervosamente.

A canção parou de súbito, numa nota aguda, e ouviu-se várias vozes falarem ao longe. Distinguia-se a de Jim, entre as outras. Impressionou-me o silêncio da jovem.

– Que lhe disse ele? Disse-lhe ele alguma coisa?

– perguntei. Nada de resposta.

– Diga-me o que ele lhe contou...

– insisti.

– Acredita que eu possa dizer-lhe? Como poderia eu saber? Como poderia eu compreender?

– exclamou ela, afinal. Fez um movimento. Creio que torcia as mãos.

– Há uma coisa que ele não pode esquecer!

– Tanto melhor para a senhora! – disse eu, tristemente.

– Que é, então? Que é, então?

– Havia um poder extraordinário no seu tom suplicante.

– Ele pretende ter tido medo. Mas como quer ele fazer-me acreditar nisso? Eu não sou louca para acreditar em semelhante coisa! Vós, todos, guardais uma lembrança, uma lembrança à qual voltais sempre! Que é que é? Diga-me! Que é essa coisa? É viva? É morta? Eu a detesto! Ela e cruel! Tem um rosto e uma voz, essa calamidade? Será que ele a verá, ou ouvirá? Sim, no seu sono, talvez, quando ele não me possa ver!... E então ele se erguerá para deixar-me! Ah! Eu não lhe perdoarei nunca! Minha mãe tinha perdoado... mas eu... nunca...! Será um sinal, um apelo?

Era uma cena singular. Ela desconfiava do próprio sono de Jim, e parecia crer que eu saberia desvendar-lhe a razão dessa desconfiança. Assim um pobre mortal, dominado pelo encanto de uma aparição, poderia tentar arrancar a um segundo fantasma o formidável segredo do poder do outro mundo sobre uma alma perdida entre as paixões desta terra. O próprio solo sobre o qual eu estava parecia furtar-se a meus pés. E era bem simples, no entanto: se os espíritos evocados por nossos terrores e nossas inquietações tiravam alguma vez de testemunhar da sua constância ante os pobres mágicos que nós somos, então, eu

– eu, o único dos filhos da carne – senti o desesperado arrepio de semelhante tarefa! Um sinal... um apelo...! Em que termos tocantes se exprimia a sua ignorância! Algumas palavras! Como as havia ela aprendido, como chegara a pronunciá-las, não o posso imaginar. As mulheres encontram suas inspirações em causas emotivas que nos parecem a nós simplesmente odiosas, absurdas ou fúteis. Bastava perceber que tinha ela uma voz para sentir o coração cheio de terror. Se uma pedra calcada sob o pé houvesse gritado a sua dor, o milagre não me teria parecido maior e mais digno de piedade. As poucas palavras suspiradas na sombra tinham tornado trágicas a meus olhos aquelas duas almas entenebrecidas. Era impossível fazer-lho compreender! Eu sofria em silêncio a minha impotência. E Jim também... Pobre diabo! Quem poderia ter necessidade ou lembrar-se dele? Ele tinha o que pedia. Sua própria existência estava agora provavelmente esquecida. Eles tinham subjugado seus destinos! Eles eram trágicos!

Diante de mim a imobilidade da jovem era manifestamente expectante. Eu tudo daria para poder apaziguar aquela alma frágil que se torturava na sua invencível ignorância, como se debate e fere um passarinho contra as grades cruéis de uma gaiola. Nada mais fácil que dizer: “Nada tema!”, mas nada mais difícil também! Como se pode matar o medo?, pergunto. Como se pode atravessar com uma bala um coração de espectro? Como cortar sua cabeça espectral? É uma impossibilidade que se afronta nos sonhos e da qual se é feliz de escapar com os cabelos úmidos e os membros trêmulos. A bala não está fundida, o ferro não está forjado, o homem ainda não é nascido; as palavras aladas da própria verdade tombam a nossos pés como barras de chumbo. Seria preciso para tão terrível embate uma lâmina encantada e envenenada, previamente embebida numa mentira muito sutil para este mundo. É uma empresa de sonho!

Comecei meu exorcismo com um coração pesado e uma espécie de sombria cólera. A voz de Jim, de repente erguida a um tom severo, passou por cima do pátio para repreender, perto do rio, a negligência de algum servidor mudo.

– Nada – afirmei nitidamente, nada podia haver neste mundo que ela julgava tão predisposto a lhe roubar a felicidade, nada havia de vivo ou de morto, rosto, voz ou poder que lhe pudesse arrancar o seu Jim. Tomei fôlego, e ela murmurou suavemente:

– Foi o que ele me disse.

– E é a verdade! – afirmei.

– Nada! – suspirou ela; e voltando-se de repente para mim, com uma emoção apenas perceptível?

– Por que veio o senhor até nós, de lá? Ele fala muitas vezes no senhor. O senhor me dá medo! Será que pretende levá-lo?

Uma espécie de violência secreta atravessava agora o nosso murmúrio.

– Eu nunca mais voltarei! – prometi amargamente.

– E não tenho necessidade dele!

– Ninguém tem?

– disse ela, num tom de dúvida.

– Ninguém! – afirmei, sob o impulso de uma emoção estranha.

– A senhora o julga forte, sábio, corajoso, grande; por que não o julga sincero também? Eu partirei amanhã, e tudo estará acabado. Nunca mais a senhora será atormentada por uma voz vinda de lá. Esse mundo que a senhora ignora é muito grande para se aperceber de sua ausência. Compreende? Muito grande! A senhora tem o coração dele na mão. Cumpre que o sinta, que o saiba...

– Oh! Eu o sei – murmurou ela, sem se mover, impassível como uma estátua.

Eu compreendi que nada fizera. Que pretendia eu fazer, em verdade? Não estou certo, ainda hoje. No momento, sentia-me tomado de um inexplicável ardor, como se me achasse ante uma tarefa alta e necessária; era a influência da hora sobre o meu estado mental e emotivo. Há, em nossas vidas, minutos desses, influências como essas, irresistíveis, incompreensíveis, dir-se-ia que vindas de fora, como que determinados por misteriosas conjunções de planetas. Como eu lhe havia afirmado, ela possuía o coração de Jim; possuía-o e teria possuído também todo o resto, se apenas ela o pudesse acreditar! O que eu queria fazer-lhe compreender é que não havia ninguém no mundo que tivesse necessidade do coração, do espírito, do braço de Jim. É uma sorte comum, e é no entanto uma coisa dolorosa de se dizer de quem quer que seja. Ela ouvia-me sem descerrar os lábios e o seu silêncio me aparecia agora como o protesto de uma invencível incredulidade. Que necessidade tinha ela, perguntei, de se importar com o mundo além das florestas? De todas as multidões que povoavam aquele desconhecido, eu podia afirmar-lhe que nenhum sinal, nenhum apelo viria perturbá-la. Nunca! Eu me deixava arrebatar. Nunca! Nunca! Lembra-me com surpresa a espécie de teimosa violência de que eu dava mostras. Tinha a ilusão de haver enfim agarrado o espectro pela garganta! E, com efeito, toda aquela

cena vivida me deixou a impressão minuciosa e estupefaciente de um sonho. Que tinha ela a temer? Sabia-o forte, sincero, sábio, bravo. Tudo isso, ele o era com efeito, sem dúvida nenhuma. Era mais até: ele era grande, invencível... e o mundo não tinha necessidade dele, que o havia esquecido e mesmo nem o reconheceria mais.

Calei-me; um profundo silêncio reinava sobre o Patusan, e o ruído flébil e seco de um remo que bateu na borda de um barco, em alguma parte, no meio do rio, pareceu tornar aquele silêncio infinito.

– Por quê?

– murmurou ela. O espectro queria furtar-se a meu domínio.

– Por quê?

– Tornou ela, mais alto.

– Diga-me! – E, vendo-me permanecer confuso, pôs-se a bater com o pé.

– Vamos! Fale!

– Quer saber?

– explodi, com furor.

– Sim! – gritou ela.

– Porque ele não é digno de voltar ao mundo! – lancei-lhe brutalmente.

Durante o silêncio que se seguiu às minhas palavras, eu vi, na outra margem, o fogo avolumar-se de repente para reduzir-se quase em seguida ao estado de uma esbraseada cabeça de alfinete. A sensação dos dedos da jovem, crispados a meu braço, fez-me compreender quão perto de mim se mantivera ela, todo aquele tempo. Sem erguer o tom, ela fez perpassar na sua voz um mundo de cruel desprezo, de amargura e desespero:

– É o que ele próprio me tinha dito... O senhor mente!

Ela lançou-me as duas últimas palavras na sua língua natal.

– Escute-me! – supliquei-lhe, mas, com o peito arquejante, ela repeliu violentamente o meu braço.

– Ninguém... ninguém é digno! – comecei, com veemência. Eu ouvia o espasmo convulsivo de seu peito e sua respiração terrivelmente acelerada. Deixei tombar a cabeça. Para quê? Passos se aproximavam; esquivei-me sem nada acrescentar.

CAPÍTULO 34

Quando me retirei, fui abordado por Cornélio. Deixei-me pegar sem resistência. Há muito que ele me vinha rondando, deixando transparecer, na sua cara azeda, o seu desejo de confiar-me qualquer coisa, mas sua timidez o retinha. Mas naquela noite, andando em meu encalço, ele proclamava-se o mais infeliz dos homens, triste vítima esmagada como um verme, e suplicava-me que o olhasse. Tentava explicar-me o seu papel na noite memorável.

– Eu o teria salvo, excelentíssimo senhor; eu o teria salvo por 80 dólares!

– Ele salvou-se por si mesmo – respondi –, e perdoou-lhe tudo.

– Ouvi uma espécie de risada e virei-me para ele.

– Por que está rindo?

– perguntei, parando.

– Não se engane, excelência – gritou ele, perdendo evidentemente todo o controle sobre seus sentimentos.

– Ele, salvar-se! Mas ele não sabe nada, excelência! Nada! Que é ele? Que quer aqui, o bandido? Ele lança poeira nos olhos de todos aqui, até nos seus; excelência, mas nos meus ele não pode lançar. Ele é um grande tolo, excelência!

Ri-me com desprezo e dispus-me a continuar meu caminho. Cornélio trotava perto de mim, cochichando com volubilidade:

– Ele não é mais que uma criancinha, aqui... uma criancinha! – Naturalmente, eu não prestava a mínima atenção às suas palavras e, vendo que o tempo urgia, ele tratou de tentar me impressionar.

Começou por mostrar-se abjetamente choramingas. Suas grandes desgraças lhe haviam afetado a cabeça. Ele contava com a minha bondade para escusar o que só as suas misérias lhe faziam dizer. Ele não queria mal a ninguém; apenas o excelentíssimo senhor não sabia o que é, estar arruinado, calcado aos pés. Após esta entrada em matéria ele abordou o assunto que o preocupava, mas de maneira tão tortuosa, tão descosida, que eu não pude por muito tempo saber aonde ele queria chegar. Pedia-me que intercedesse em seu favor junto de Jim. Havia ali também um negócio de dinheiro qualquer; eu ouvia de tempos a tempos frases

soltas: “... uma soma modesta...” “uma dotação adequada...” Ele parecia avaliar uma reparação, e chegou até a dizer, com algum calor, que a vida não valia a pena de ser vivida por um homem despojado de tudo. Eu não dizia palavra, está visto, mas também não tapava os ouvidos. O xis da questão, que se me ia desvendando pouco a pouco, é que ele se supunha com direito a certa soma, em troca da moça. E ele a havia educado... filha de um outro... muito trabalho e incômodos... já velho agora... uma compensação conveniente... Eu permanecia imóvel para olhá-lo e, temendo sem dúvida ouvir taxar suas exigências de excessivas, ele se apressou a fazer uma concessão. Mediante uma “dotação conveniente”, concedida desde já, ele se declarava pronto a sustentar, “sem nada exigir de mais”, quando chegasse a hora de o *gentleman* voltar à sua pátria. Sua cara amarela, amassada como um limão espremido, denotava a avareza mais apaixonada, mais inquieta. Sua voz queixosa tinha entonações aliciantes: “... mais nenhum cuidado...”, “o tutor natural...”, “uma soma...”

Eu estava pasmado. Essa espécie de negociações era evidentemente uma vocação naquele homem. Descobri na sua atitude rastejante certa segurança. Devia ele supor que eu pesava friamente sua proposta, pois tornou-se doce como o mel:

– Todos os senhores deixavam uma dotação quando chegava a hora de voltarem...

– No caso presente, Sr. Cornélio, essa hora não chegará nunca!

Foi-lhe preciso alguns segundos para apreender o sentido de minhas palavras; depois, com um verdadeiro grito:

– Como?

– Nesse ínterim já eu ia entrando.

– Como! – respondi do outro lado da porta.

– Nunca ouviu o próprio Jim dizê-lo? Ele nunca mais voltará à sua terra!

– Oh! é muito forte! – gritou ele. Já não era mais questão de excelentíssimo senhor, nem de excelência, agora. Permaneceu um instante mudo. Depois, em voz baixa, sem sinal de humildade?

– Nunca mais partir! Ah!... Ele!... Ele! Que veio o diabo sabe donde... Que veio aqui o diabo sabe por que... E me calca sob os pés, me calca até a morte...

– ele bateu suavemente o chão com os dois pés; – assim, assim... Ninguém sabe por que... até a morte...

– Sua voz se extinguia; estava sacudido por um acesso de tosse; chegou perto da balaustrada, para dizer-me num tom lamentável e confidencial que não pretendia deixar-se esmagar.

– Paciência... paciência! – resmungou ele, batendo no peito. Eu não ria mais, mas foi ele quem me fez estremecer com a sua gargalhada demente?

– Ah! Ah! Ah! Nós veremos! Nós veremos! Como? Ele tudo me rouba! Tudo! Tudo! – Sua cabeça inclinava-se para o lado e suas mãos pendidas uniam-se diante de si. Dir-se-ia que ele dedicava à moça uma excessiva ternura, que sua alma e seu coração tinham sido estraçalhados pela mais cruel das espoliações. De repente ergueu a cabeça para lançar uma frase infame?

– Como a mãe dela... Ela se parece com a mentirosa da mãe. Absolutamente. Até de rosto. O demônio! – Apoiou a fronte à balaustrada e, nesta postura, vomitou em português blasfêmias e horríveis ameaças; soltava exclamações surdas, entrecortadas de queixas e de gemidos com estremecimentos dos ombros, como se estivesse com uma crise mortal. Era um espetáculo inexprimivelmente vil e grotesco e eu tratei de afastar-me logo. Ele tentou gritar alguma coisa às minhas costas, palavras insultantes a respeito de Jim, parece-me. Mas não dizia muito alto, pois nós estávamos muito perto da casa. O que eu ouvi mais distintamente foi?

– Não passa de uma criancinha... uma criancinha...

CAPÍTULO 35

Fim fez comigo a primeira etapa de meu regresso. A sombra de uma separação próxima já pusera entre nós uma distância imensa e, quando falávamos, era com esforço, como se devêssemos forçar nossas vozes muito baixas para franquear um espaço enorme e incessantemente aumentado. Pela tarde, encostamos a canoa numa pequena angra de areia branca, enquadrada por barrancos cheios de alto a baixo de trepadeiras. A planície marinha, de um azul intenso e sereno, erguia-se imperceptivelmente até o horizonte, tenso como um fio à altura de nossos olhos. Grandes vagas de luz passavam levemente sobre a superfície sombria, rápidas como plumas levadas pelo vento. Uma cadeia de ilhotas, estendida em face do vasto estuário, refletia fielmente os contornos de suas margens sobre um lençol de água pálido e vítreo. Solitário e negro, alto no céu descolorido, um pássaro planava, baixando e elevando-se acima do mesmo ponto, com um imperceptível bater de asas. Um miserável grupo de pobres palhoças achava-se trepado em cima de sua própria imagem invertida, sobre uma multidão de estacas negras. De lá saiu um minúsculo barco negro, com dois homens minúsculos e negros também, que se esforçavam o mais que podiam em bater, a água pálida; o barco parecia escorregar penosamente sobre um espelho. Aquele grupo de pobres palhoças constituía a aldeia de pescadores que se louvava da proteção especial do senhor branco, e os dois homens da canoa eram o velho chefe e seu genro. Aportaram e dirigiram-se para nós sobre a areia clara, magros e escuros, como se tivessem sido defumados, com placas cinéreas sobre a pele do peito e das espáduas nuas. Traziam a cabeça envolta em lenços sujos mas cuidadosamente enrolados e, sem tardar, pôs-se o velho a expor com volubilidade suas queixas, estendendo um magro braço e fixando em Jim seu confiante olhar. O pessoal do rajá não queria deixá-los em paz, houvera novas complicações, a respeito de ovos de tartaruga, Jim ouviu algum tempo sem erguer os olhos, depois disse-lhes que esperassem um instante, que dali a pouco os atenderia. Os dois homens retiraram-se submissamente a alguma distância e acocoraram-se; seus olhos com reflexos de prata nos seguiam com paciência, e a imensidade do mar, a imobilidade da costa, estendida a norte e sul, fora dos limites da visão, constituíam uma presença colossal, que olhava os quatro anões que nós éramos, perdidos naquele banco de areia fulgurante.

– A desgraça – disse tristemente Jim – é que, há séculos, os pobres

pescadores desta aldeia são considerados como escravos pessoais do rajá, e o diabo do velho não quer convencer-se de que...

– De que você mudou tudo isso...

– arrisquei.

– Sim! Eu mudei tudo isso! – murmurou ele, com uma voz sombria.

– Encontrou uma bela chance – murmurei.

– Acha? Sim! Tem razão. Tornei a encontrar a confiança em mim próprio, com um nome famoso... e, no entanto, eu desejaria, às vezes... Não, não! Eis aqui a minha fronteira! Sim, eu mudei tudo... Mas imagine o que aconteceria, se eu fosse embora... O inferno às soltas! Não! Amanhã eu irei correr o risco do café daquele velho imbecil do Tunku-Allang, e farei uma terrível história a propósito desses ovos de tartaruga... Sim! É preciso que eu prossiga meu caminho até o fim, sem fraquejar, para sentir que nada poderá atingir-me; é preciso que eu me apóie na confiança deles, para conhecer uma plena segurança e para... para ficar em contato com aqueles que eu talvez nunca mais verei... com o senhor, por exemplo!

Ah! Ele era bem romanesco! Romanesco! Lembrei-me de certas expressões de Stein, por ocasião de nossa última entrevistar "Mergulhar no elemento destrutor! Seguir o próprio sonho, para sempre... *usque ad finem*!" Um pequeno barco destacado da galeota para me procurar dirigia-se suavemente para a nossa angra, ao ritmo regular de seus dois remos.

– E depois, há a Jóia...

– disse ele; e o grande silêncio da terra, do céu e da mar dominava tão bem todos os meus pensamentos, que o som de sua voz me fez estremecer.

– Eu não tenho necessidade de dizer-lhe o que ela é para mim... Ela, também, tem confiança em mim... Bem, para quando o nosso próximo encontro, meu amigo?

– Para nunca mais... a menos que você volte – respondi, evitando o seu olhar. Ele não respondeu, mas ficou um instante imóvel.

– Adeus, então – disse ele, após um silêncio.

– Talvez assim seja melhor!

Apertamo-nos as mãos e eu dirigi-me para a canoa que me esperava na praia. Com a grande vela panda, a galeota dançava sobre o mar de púrpura; suas velas

se tingiam de rosa.

– Conta em breve voltar para lá?

– indagou Jim, no momento em que eu passava o pé por cima da borda.

– Dentro de um ano, mais ou menos, se eu ainda estiver vivo.

A canoa flutuou; os remos úmidos brilharam e tombaram na água, uma vez... duas vezes... Jim ergueu a voz:

– Diga-lhes...

– começou ele. Fiz sinal que suspendessem os remos e esperei com espanto. Dizer a quem? O sol meio submerso lhe batia em cheio e eu via seu vermelho reflexo nos olhos que me lançavam um mudo olhar...

– Não... nada...

– concluiu ele, e fez um aceno para que os marinheiros partissem. Não tornei a olhar a margem antes de haver subido à galeota.

O sol deitara-se. Tombara o crepúsculo sobre o oriente. e a costa, agora inteiramente negra, estendia ao infinito seu muro sombrio, que parecia ser o próprio reduto da noite. Ao poente, o horizonte não era mais que um flamejar de ouro e de púrpura, de onde, sombria e imóvel, uma grande nuvem flutuante fazia tombar sobre o mar uma sombra de ardósia; na margem, Jim esperava que a galeota partisse.

Os dois pescadores seminus tinham-se levantado à minha partida; eles derramavam sem dúvida nos ouvidos do senhor branco as pobres queixas de suas miseráveis existências de oprimidos. Seus corpos escuros desapareceram no fundo sombrio muito antes que eu tivesse perdido de vista o seu protetor. Branco dos pés à cabeça, ele permanecia indefinidamente visível, com o reduto da noite às suas costas, o mar a seus pés, e a seu lado... a Sorte... Sempre velada... Que dizem? Se ela estava sempre velada? Não sei. Para mim, aquela silhueta branca, erguida sobre a imobilidade da costa e do mar, era o centro de um formidável enigma. O último fulgor do dia se extinguia rapidamente no céu, acima de sua cabeça; a seus pés, a faixa de areia estava já afogada na sombra; ele próprio não era maior que uma criança; depois não foi mais que um ponto branco minúsculo que parecia concentrar em si toda a luz retardada sobre um mundo escuro... E, de repente, eu não o vi mais...

CAPÍTULO 36

Foi com estas palavras que Marlow terminou sua narrativa. Sem uma observação, os convivas deixavam a varanda como se a última visão daquela história incompleta, o que tinha ela de inacabado e o tom do narrador tivessem tornado toda discussão vã e todo comentário impossível. Cada um dos auditores parecia carregar como um segredo as suas próprias impressões, mas entre todos um havia, um só, que deveria um dia conhecer o fim da história. Este lhe chegou, mais de dois anos depois, sob a forma de um pacote espesso, endereçado por Marlow. Havia no pacote inúmeras páginas copiosamente escritas, ligadas com um colchete, uma folha avulsa de papel cinzento, com algumas linhas de uma letra que eu jamais vira, e uma carta explicativa de Marlow. Destas últimas páginas escapou-se uma segunda carta, amarelada pelo tempo e gasta nas dobras. "... Eu não penso que o senhor tenha esquecido", dizia a carta de Marlow. "Só o senhor deu mostras de interesse por aquele que sobrevivia à narrativa de sua história; o senhor não admitia no entanto que ele houvesse verdadeiramente subjugado o seu destino. Profetizava o senhor para ele o desastre da lassitude e do enfaramento, ante a honra conquistada e a tarefa imposta, ante o amor nascido da piedade e da juventude. O senhor dizia muito bem conhecer esse 'gênero de histórias', com suas satisfações ilusórias e suas inelutáveis decepções. Pretendia o senhor também que consagrar a vida a essa gente (essa gente designava todas as raças humanas de pele amarela, escura ou negra) era vender a alma a um animal. O senhor sustentava que esse gênero de histórias, para ser tolerável e durável, devia basear-se sobre uma fé sólida na verdade de idéias próprias à nossa raça, e sobre as quais repousam a ordem e o progresso moral. 'É preciso uma convicção semelhante para sustentar-vos', dizia o senhor; 'é preciso crermos na necessidade e na justiça de tais idéias, para fazer o sacrifício válido e consciente de nossas existências. Sem elas, o sacrifício não é mais que esquecimento, e o caminho que a ele nos conduz equivale a um caminho de perdição.' Em outros termos, sustentava o senhor que nós devemos combater nas fileiras. É possível! Mas a questão é que, em toda a humanidade, Jim tinha apenas que se haver consigo mesmo, e pode-se perguntar se, em definitivo, a sua fé confessada não seria mais alta que as leis de ordem e de progresso.

"Eu nada afirmo; julgue o senhor por si mesmo, após a leitura. Não hesito em comunicar-lhe tudo o que sei desse episódio supremo que, segundo a sua

expressão, ‘lhe caiu em cima’. Pergunto se não seria esta a chance última, a derradeira e decisiva prova que ele esperava, para poder lançar em seguida uma mensagem ao mundo impecável. Deve estar lembrado de que, no momento em que eu o deixava pela última vez, ele me perguntara se eu pretendia em breve ‘voltar para lá’, gritando-me depois: ‘Diga-lhes...’ Eu esperara com curiosidade, com esperança também, mas em seguida ele acrescentara: ‘Não... nada...!’ Mais uma tentativa inútil de explicação, ele a fez, no entanto, como o senhor verá pela folha avulsa aqui inclusa. Assim ele datou sua carta: ‘Do Forte, Patusan’, o que me faz crer que pusera em execução o seu projeto de transformar seu domínio num lugar de defesa. Data, nenhuma. Impossível dizer em quem ele pensava, ao tomar da pena: em Stein, em mim, no mundo em geral... Era talvez apenas o desesperado grito de um solitário em face do seu destino. ‘Uma coisa terrível acaba de acontecer...!’ escreve ele antes de largar a pena pela primeira vez. Após um momento, faz ele uma segunda tentativa, e traça pesadamente, com mão de chumbo, a segunda linha: ‘É preciso agora, sem tardar, que eu...’ A pena falhou e ele renunciou. Nada mais.

“Envio-lhe também uma velha carta, encontrada na sua gaveta. É uma carta de seu pai. Pela data, vê-se que ele a recebera alguns dias antes de embarcar no *Patna*. Deve ter sido a última carta que recebera dos seus. Conservou-a preciosamente durante anos. O bom velho estimava muito o seu filho marinheiro. Li algumas frases aqui e ali. Diz ele a seu querido Jim que a sua última longa carta estava muito boa e muito interessante. Não queria vê-lo, no entanto, julgar muito apressadamente e muito severamente aos homens. Quatro páginas desse gênero, quatro páginas de moral familiar e de notícias dos seus. Não, não há grande coisa nessa carta amarelada e gasta. Nunca ele lhe deu resposta, mas quem dirá no entanto quantos colóquios mudos não entreteve ele com todas as sombras plácidas e sem cor de homens e mulheres que povoavam aquele pacífico recanto do mundo, tão ao abrigo das lutas e dos perigos como o pode ser uma tumba, e respirando sensatamente uma atmosfera de calma retidão. Fica-se estupefato que ele tenha podido fazer parte daquela gente, ele, que passara por tamanhas aventuras! Nada lhes acontecia jamais; eles não corriam o risco de ser tomados de surpresa. Ei-los, pois, evocados pela mansa tagarelice de um pai, todos aqueles irmãos e irmãs, carne de sua carne, com os seus olhos claros e inconscientes da presença dele, que eu vejo, de volta enfim, não mais sob a forma de um minúsculo ponto branco, perdido no meio de um imenso mistério, mas erguido de toda a sua altura, em meio às suas sombras impassíveis, com uma fisionomia severa e romanesca, mas sempre mudo, sombrio, envolto na nuvem do seu mistério.

“Encontrará a narrativa dos últimos acontecimentos nas páginas aqui inclusas. Há de confessar que esse fim é mais romanesco que os mais descabelados de seus sonhos de criança, e no entanto parece-me ver nele uma espécie de lógica profunda e terrificante, como se só a nossa imaginação fosse capaz de desencadear contra nós as forças de um horrível destino. A imprudência de nossos pensamentos retomba sobre a nossa cabeça: quem brinca pela espada perecerá pela espada.”

CAPÍTULO 37

A história tem sua origem na notável empreitada de um tal de Brown, que roubara, com o mais integral sucesso, uma galeota espanhola numa pequena baía, perto de Zamboanga. Minhas informações ficaram incompletas até o dia em que eu encontrei esse indivíduo, mas isto exatamente na hora em que ele ia entregar a alma ao diabo. Ele exultava ante a idéia de ter acabado afinal com "aquele espantalho"!

– Eu bem vi, à primeira vista, a espécie de idiota que ele era – arquejava Brown, moribundo.

– Aquilo, um homem! Qual! Um boneco! Como se ele não pudesse dizer logo: "Abaixo as patas! E proibido tocar nos meus roubos!" O maldito! Eis o que seria agir como homem! Ao diabo a sua alma superior! Bah! Um tipo daqueles deixar-me escapar, como seu eu não valesse um pontapé! Bandido! Deixar-me escapar... Então... fui eu que acabei por ter a última palavra? Creio bem que vou rebentar, mas morrerei feliz, agora... O senhor... o senhor, cujo nome eu ignoro, eu lhe daria de boa vontade uma nota de 5 libras... se tivesse uma... pelas notícias que me traz... ou então eu não me chamo Brown... Gentleman *Brown!...*

O homem falava com um ardor febril, mas, por vezes, no meio de uma frase, uma invisível mão parecia tomá-lo pela garganta e ele me lançava um mudo olhar de angústia e de dúvida. Parecia temer que eu acabasse por me cansar e me retirasse, sem dar-lhe tempo de acabar sua história e gritar de exultação. Creio que ele morreu naquela mesma noite. Mas basta de Brown por enquanto.

Oito meses antes, chegando a Samarang, eu tinha ido ver Stein, segundo meu costume. A varanda topei com um negociante malaio, que eu me lembrava de ter visto no Patusan, e, à porta do gabinete de Stein, com um segundo malaio, em quem reconheci Tamb'Itam.

Perguntei-lhe o que estava fazendo ali, mas Tamb'Itam parecia não saber que responder.

– Tuan *Jim está aí?*

– perguntei com impaciência.

– Não – resmungou ele, deixando cair a cabeça; depois, com uma violência súbita?

– Ele não quis bater-se; ele não quis bater-se.

– Como parecia incapaz de dizer outra coisa, afastei-o e entrei.

Grande e curvado, Stein conservava-se no meio da peça, entre as caixas de borboletas.

– Ah! É você, meu amigo?

– disse ele com tristeza.

– Que há então?

– perguntei nervosamente.

– Está aí Tamb'Itam...

– Venha ver a pobre moça; venha ver...

– repetia ele com uma agitação manifesta.

– Ela está aqui. Chegaram há dois dias; um velho como eu, um desconhecido... não pode fazer grande coisa... Por aqui... Os jovens corações são implacáveis!... A força de vida que há neles!... a cruel força de vida...

– Ele resmungava essas coisas guiando-me através da casa; eu o seguia, perdido em conjeturas sinistras.

O senhor conhece a grande casa de Stein, com seus dois imensos salões de recepção, inabitados e inabitáveis, aquelas peças limpas, cheias de solidão e de coisas brilhantes, que dão a impressão de nunca terem sido tocadas por um olhar humano. Atravessei um desses salões e vi no outro a jovem, sentada à extremidade de uma grande mesa de acaju, sobre a qual ela descansava a cabeça, com o rosto oculto nos braços. Como um lençol de água gelada, o soalho encerado refletia vagamente sua silhueta. Os estores de junco estavam baixados, e, na estranha penumbra verdoenga filtrada pelas frondes, passavam pesadas ondas de vento que soerguiam as longas cortinas das janelas e das portas. Sua forma frágil parecia talhada na neve e, acima de sua cabeça, as pérolas de cristal de um grande candelabro tilintavam como estalactites de gelo. Ela ergueu os olhos à minha aproximação. Reconhecera-me imediatamente e logo que eu parei:

– Ele me deixou – disse ela tranqüilamente.

– Os homens nos deixam sempre... para seguir o seu caminho. Fácil me seria morrer com ele – prosseguiu, com um gesto de lassidão, como se renunciasse a compreender o inexplicável.

– Ele não quis... Parecia cego... E, no entanto, era eu quem lhe falava, eu quem estava diante dos seus olhos; era a mim que ele estava olhando! Ah! Vós sois duros, falsos, pérfidos, impiedosos. Que é que vos torna tão maus? Ou será que sois loucos?

Tomei a sua mão, que não correspondeu a meu contacto, e recaiu quando a soltei. Essa indiferença, mais terrível que as lágrimas, os gritos e as queixas, parecia desafiar o tempo e as consolações. Sentia-se que nada do que se poderia dizer atingiria o centro daquela dor muda e paralisante.

Por ela soube eu de toda a história. Fiquei parado em meu lugar, quando ela terminou. Seus olhos pareciam fixos na visão de um homem arrancado a seus braços pela força de um sonho. Nem correspondeu à minha silenciosa saudação de despedida.

À tarde, errava eu pelo parque de Stein, quando, na volta de um caminho, encontrei-o a passear com a jovem. Pousava ela a pequenina mão no braço do velho, que, sob a larga aba do panamá, inclinava para ela, com uma deferência piedosa e cavalheiresca, a sua cabeça grisalha e paternal.

Pus-me a defender a causa de meu amigo.

– É preciso perdoar – concluí.

– Nós todos temos necessidade de perdão.

– Que fiz eu então?

– perguntou ela.

– A senhora sempre desconfiou dele.

– Ele era como os outros.

– Não! Não como os outros!

Mas Jóia prosseguiu, num tom morno, sem emoção aparente:

– Ele era um falso...

E de repente Stein explodiu:

– Não! Não! Não! minha pobre filha...! – Ele acariciava a mão passivamente pousada sobre a sua manga.

– Não, não! Não falso: fiel, fiel, fiel...

– esforçava-se por escrutar o rosto de pedra.

– Ah! Você não compreende... Porque é que você não compreende? Terrível! – acrescentou, voltando-se para mim.

– Mas um dia ela terá de compreender!

Na mesma tarde voltei para a cidade; trouxe comigo Tamb'Itam e o malaio a quem os dois fugitivos haviam tomado de empréstimo o veleiro, na confusão, no pânico, no horror do desastre. O choque parecia haver transformado suas naturezas, petrificado a paixão da jovem e tornado quase loquaz o taciturno Tamb'Itam. Sua irremovível calma se transformara em inquieta humildade, como se tivesse, num momento supremo, experimentado o rompimento de um poderoso encanto. O negociante bugi, homem hesitante e tímido, expôs-me claramente o pouco que tinha a dizer. Estavam ambos evidentemente esmagados por uma profunda e inexprimível surpresa, ante a aproximação de um insondável mistério.

Aqui terminava, com a assinatura de Marlow, a carta propriamente dita. O leitor puxou a mecha de seu lampião e, sozinho acima da vaga dos telhados da cidade, como um guardião de farol acima do mar, ele começou a leitura da história.

CAPÍTULO 38

Como eu já referi, a coisa começou com a entrada em cena do tal de Brown – assim principiava a narrativa de Marlow.

– O senhor, que percorreu o Pacífico ocidental, já deve ter ouvido falar desse homem. Era o maior bandido da costa australiana, mas porque suas façanhas constituíam o fundo de todas as histórias que se contam sempre aos recém-chegados da Inglaterra; o mais anódino dos casos que corriam por sua conta, da baía de Éden ao cabo York, teria bastado para enforcar um homem. Não deixavam nunca de acrescentar que ele tinha sem dúvida por pai um baronete. Em todo caso, era certo que desertara, nos primeiros tempos das minas de ouro, de um navio da metrópole, e que se tornara, em poucos anos, o terror de diversos grupos de ilhas polinésias. Roubava os indígenas; despojava, até a camisa, um comerciante branco estabelecido nalgum local distante e, a maior parte das vezes, convidava para um duelo de fuzil o pobre diabo a quem acabava de roubar, proposta esta que seria bastante leal, à sua maneira, se o infeliz já não estivesse meio morto de medo. Pirata moderno, Brown era, a bem dizer, bastante miserável, como seus mais ilustres antecessores; mas o que o distinguia de seus colegas em pilhagem, tais como Bully Hayes, o melífluo Pease, ou esse bandido perfumoso, esse elegante de suíças de galã, conhecido pelo nome de Dick Cascão, era, com a arrogância de sua pirataria, o seu veemente desprezo pela humanidade em geral e por suas vítimas em particular. Os outros não eram mais que uns brutos ávidos, mas Brown parecia movido por desejos complexos. Despojava um indivíduo pelo aparente prazer de testemunhar-lhe seu desprezo e empregava no assassínio e mutilação de um pacífico e inofensivo estrangeiro uma aplicação selvagem e odiosa, própria para aterrorizar os mais temerários aventureiros. Nos dias de seu maior esplendor, armara um três-mastros, com uma equipagem de cavacas e baleeiros desertores, e vangloriava-se, não sei com que sinceridade, de ser financeiramente sustentado à socapa, por uma respeitabilíssima casa de mercadores de cogna. Mais tarde, raptou; dizia-se, a mulher de um missionário, uma jovem de Chapham, que com este se casara num instante de exaltação e que, transplantada de súbito para a Melanésia, desnorteara em pouco. Era uma lúgubre história. Enferma no momento de seu rapto, a infeliz morreu a bordo. E o mais singular da história, a julgar pelo que dizem, foi que Brown se entregou, ante o corpo, a uma explosão de sombrio e

violento desespero. A partir desse momento, a sorte abandonou-o. Perdeu seu barco nuns escolhos, ao largo de Malaita, e desapareceu durante algum tempo, como se tivesse soçobrado com o veleiro. Depois, um pouco mais tarde, ouve-se, falar a seu respeito em Nocka-Hiva, onde ele comprou uma velha galeota reformada da frota francesa. A que honrosos fins ele a destinava, eu não o sei dizer, mas a verdade é que altos comissários, cônsules, navios de guerra e controle internacional tornavam os mares do sul demais quentes para cavalheiros da sua espécie. Teve evidentemente de transferir mais para o oeste o cenário de suas operações porque, um ano mais tarde, meteu-se ele, com incrível audácia numa história tragicômica da baía de Manilha, em que um governador prevaricador e um tesoureiro infiel desempenharam o papel principal; depois disso, parece ter andado em torno das Filipinas batendo-se contra a má fortuna, até o dia fixado pelo destino, em que, imiscuído na história de Jim, tornou-se um cego cúmplice das sombrias Potências.

Ele afirmou-me que, quando um patrulheiro espanhol o deteve, ocupava-se unicamente no transporte de alguns fuzis para insurretos. Não percebo muito bem então o que ele podia andar fazendo ao largo da costa sul de Mindanao. Estou convencido de que ele requestava, pelo terror, as aldeias indígenas da costa. O importante é que o patrulheiro, metendo-lhe uma guarda a bordo, fê-lo marchar consigo até Zamboanga. Mas no caminho por uma razão qualquer, os dois barcos tiveram de fazer escala num desses novos estabelecimentos espanhóis, onde não encontraram nenhum funcionário civil em terra, mas ao largo, na pequena baía, a bordo de uma boa galeota de cabotagem; este barco, sob todos os pontos de vista superior ao seu, que Brown resolveu roubar. Por sua própria confissão, ele atravessava um período de baixa. O mundo, que, com um desdém feroz e agressivo, ele explorara durante vinte anos, não lhe havia deixado, como vantagem material, mais que um saquitel de dólares de prata, tão bem escondido na sua cabina que o próprio diabo não teria farejado. Era tudo, absolutamente tudo. Ele estava cansado da sua existência e não tinha medo da morte. Mas esse homem, sempre pronto, com uma indiferença amarga e zombeteira, a arriscar sua vida por um capricho, tinha um medo mortal da prisão. Só a idéia de ser preso lhe dava suores frios, desequilibrava-lhe os nervos, mudava-lhe o sangue em água e causava-lhe essa espécie de instintivo horror, esse pavor que experimentaria um homem supersticioso ao pensamento de sofrer o abraço de um fantasma. É o que explica que o funcionário civil, vindo a bordo para fazer um inquérito preliminar sobre a captura e prosseguir durante o dia as investigações, regressasse à terra ao cair da noite, envolto na sua capa e tomando o cuidado de não deixar tilintarem na sua bolsa todos os bens terrenos de Brown.

E, sendo homem de palavra, arranjou-se no dia seguinte para enviar o guarda-costas a uma missão de extrema urgência. Não podendo destacar uma equipagem em seu poder, o comandante do guarda-costas contentou-se em carregar, antes de partir, todas as velas de Brown, sem deixar um único paninho de amostra, e teve o cuidado de rebocar as suas duas chalupas até 3 milhas de distância, na costa.

Mas Brown possuía na sua equipagem um indígena das ilhas Salomão, cedo raptado à sua aldeia natal e inteiramente devotado ao seu capitão; era o melhor do bando. O indivíduo alcançou a nado o barco espanhol, ancorado a uns 500 metros dali, carregando a ponta de um cabo, feito de todas às vestes disponíveis, rasgadas e atadas umas às outras para a circunstância. O mar estava liso, e a baía sombria “como uma pança de vaca”, segundo a expressão de Brown. O nadador escalou o barco com a extremidade do cabo entre os dentes; a equipagem estava em terra, fazendo uma pequena farra na aldeia indígena. Os dois homens que tinham ficado de guarda a bordo despertaram de repente e viram o diabo. Tinha este olhos de fogo e corria no convés com a rapidez do relâmpago. Paralisados pelo terror, caíram de joelhos, persignando-se e balbuciando orações. Com uma grande faca, o insular de Salomão apunhalou-os um após outro, sem lhes interromper as orações. Pôs-se, depois, com paciência, a serrar o cabo da âncora. Lançou então um chamado prudente no silêncio da baía, e o bando de Brown, que estava à espera, de orelha em pé, começou a puxar prudentemente a extremidade do cabo. Menos de cinco minutos depois, as duas galeotas se abordavam.

Sem perder um instante, os homens de Brown passaram para bordo do costeiro, levando as armas e uma boa provisão de munições. Eram dezesseis ao todo: dois desertores da frota inglesa, e um alto, magro, trânsfuga de um navio de guerra ianque, um par de loiros e ingênuos escandinavos, um mulato um pouco maluco, um chinês jovial que cozinhava, e o resto, rebotalho sem nome dos mares do sul. Nenhum deles protestou; Brown curvava-os à sua vontade, e Brown, indiferente ao cadafalso, fugia ante o espectro de uma prisão espanhola; não lhes deu tempo de baldear bastantes provisões; a noite era calma, o ar úmido de sereno e, quando largaram as amarras, fazendo vela ante uma fraca brisa da terra, nenhum frêmito agitou a tela úmida; sua velha galeota pareceu destacar-se suavemente do barco roubado, e desvaneceu-se sem ruído na noite, confundindo-se com a massa negra da costa.

Escaparam-se. Brown contou-me pormenorizadamente sua passagem através dos estreitos de Macassar. Foi uma aventura louca. Faltando víveres e água, abordaram vários navios indígenas para tomar um pouco a cada um. Com um

navio roubado, Brown não ousava naturalmente ancorar em nenhum porto. Não tinha dinheiro para comprar coisa alguma, nem papéis a apresentar, e nenhuma mentira bastante plausível para que pudesse sair do aperto. Surpreendido uma noite ancorado ao largo de Paulu Laut, um três-mastros árabe, navegando sob pavilhão holandês, lhes valeu um pouco de arroz sujo, um regime de bananas e um barril de água; três dias de forte noroeste lançaram a galeota para o mar de Java. As vagas turvas e amarelas aspergiam aquela coleção de bandidos famintos. Avistaram navios postais correndo na sua rota imutável, cruzaram barcos ingleses bem providos de víveres e que, ancorados em pequenas angras, esperavam a mudança de tempo ou a subida da maré; branca e faceira sob seus dois mastros esbeltos, uma canhoneira britânica cortou um dia o seu caminho ao longe, e, doutra vez, uma corveta holandesa, inteiramente negra sob a sua pesada mastreação, passou lentamente a seu lado, fumando na bruma. Passaram sem tê-los visto, sem pensar em olhar para aquele bando de aventureiros lívidos e emagrecidos, desesperados de fome e corridos de medo. A idéia de Brown era alcançar Madagascar, onde esperava, talvez com fundamento, vender sua galeota em Tamatava, sem sofrer perguntas embaraçosas, ou encontrar, para seu uso, papéis mais ou menos falsificados. Mas, antes de afrontar a longa travessia do oceano Índico, era-lhe preciso víveres,e água também.

Talvez tivesse ouvido falar do Patusan, ou apenas lido o seu nome por acaso, impresso em pequenos caracteres nalgum mapa; devia tratar-se de alguma grande aldeia de Estado indígena, à margem de um rio, de um estabelecimento sem defesa alguma, longe dos roteiros freqüentados e dos postos extremos dos cabos submarinos. Tinha já trabalhado em lugares de tal gênero, e agora tratava-se de uma absoluta necessidade, de uma questão de vida ou de morte, ou antes, de liberdade. De liberdade! Estava certo de lá encontrar provisões: bois, arroz, batatas-doces. A triste equipagem já lambia os dedos. Poder-se-ia encontrar um carregamento de mercadorias e... quem sabe? Talvez deitar mão em verdadeira matéria sonante. Chega-se às vezes a espremer admiravelmente esses chefes e notáveis de aldeia. Brown me afirmava que antes lhe assaria os pés, sem deixar-se frustrar em suas esperanças. Eu o creio de boa mente. Também seus homens disso estavam persuadidos. Não gritavam alto o seu entusiasmo, porque eram um bando antes silencioso, mas prepararam-se com um ardor de lobos.

A sorte lhes foi favorável quanto ao tempo. Alguns dias de calmaria teriam desencadeado indizíveis horrores a bordo da galeota, mas, graças às brisas da terra e do mar, menos de uma semana depois de terem franqueado os estreitos de Sunda, o navio ancorava ao largo do estuário de Batu Kring, a um tiro de pistola da aldeia de pescadores.

Catorze dos aventureiros meteram-se na chalupa da galeota e entraram rio adentro, enquanto dois de seus companheiros ficavam de guarda no navio, com víveres necessários para não morrer de fome antes de dez dias. Vento e maré ajudaram os remadores e, ao cabo de uma tarde, a grande canoa branca, impelida pela brisa do mar que enfunava o seu farrapo de vela, lançou ao braço do Patusan sua equipagem de catorze espantalhos sortidos, que fixavam em tudo olhares vorazes e conservavam o dedo no gatilho dos velhos fuzis. A chalupa subia com a onda; o reduto do rajá conservou-se silencioso; de um lado e de outro do rio, as primeiras casas pareciam abandonadas; algumas canoas fugiam ao longe. Reinava profundo silêncio. No meio das casas, o vento cessou; dois ramos serviram para manter a chalupa contra a corrente, pois Brown pretendia instalar-se no coração da cidade, antes que os habitantes tivessem tempo de pensar na resistência.

Mas o chefe da aldeia de pescadores de Batu Kring tinha podido enviar a tempo um mensageiro de alarma. No momento em que a chalupa defrontava a mesquita (edifício construído por Doramin, com ramos de coral nos beirais e no alto dos telhados), o espaço aberto diante da construção estava cheio de indígenas. Ergueu-se uma grita enorme, seguida de um bater de gongos, ao longo do rio. Diante da mesquita, uma multidão agitada atirava. De um ponto oculto do rio duas pequenas peças de cobre cuspiram sua metralha, que aflorou o lençol da água deserta. Sobre as duas margens, crepitava uma fuzilaria irregular, dirigida contra a chalupa. Os homens de Brown responderam com uma descarga rápida e desordenada. Tinham recolhido os remos.

A maré desanda muito depressa naquela costa e, meio oculta pelo fumo, no meio da corrente, pôs-se a chalupa a deslizar para trás. Nas duas margens o fumo também se adensava e formava, acima dos telhados, uma linha estirada, como essas nuvens que se vê cortarem um flanco de montanha. O tumulto dos gritos de guerra, o apelo vibrante dos gongos, o surdo rufar dos tambores, o crepitar das salvas faziam um espantoso *bruhaha* que aturdia Brown; nem por isso deixava o seu posto, e exaltava-se num frenesi de ódio e de furor contra aquela gente que ousava defender-se. Dois de seus homens tinham sido feridos e ele via a retirada cortada pelas pirogas saídas do reduto de Tunku-Allang. Contou seis, atopetadas de guerreiros. Em tal situação, avistou a embocadura do arroio que Jim saltara na maré baixa, e que estava, então, cheio. Para lá guiou a chalupa, fez desembarcar seus homens e instalou-se com eles numa pequena eminência, a uns 900 metros do reduto que esta posição dominava. As vertentes do montículo eram desnudadas, mas algumas árvores lhe coroavam o cimo. Os bandidos puseram abaixo tais árvores para construir um parapeito, e antes do cair do dia já

se achavam bem entrincheirados: os barcos do rajá cruzavam durante esse tempo o rio com uma singular neutralidade. Quando o sol se deitou, grandes fogueiras acesas às duas margens e entre a dupla linha das casas fizeram ressaltar em negro relevo os telhados, os grupos esbeltos das palmeiras, os tufos pesados das árvores frutíferas. Brown fez prender fogo à erva, em torno da sua posição; um anel baixo, de magras flamas, correu rapidamente sobre o flanco da colina, levantando pesadas volutas de fumo; de tempos a tempos, um galho seco queimava-se com um grande ruído claro. O incêndio abriu uma clareira para as miras do pequeno bando. O céu sombrio e aveludado formigava de estrelas. Sobre o solo enegrecido pairavam fumaradas preguiçosas, que uma leve brisa veio em seguida afugentar. Brown esperava um ataque logo que a maré estivesse bastante alta para permitir entrarem no arroio as pirogas que lhe haviam cortado a retirada. Era certo; em todo caso, que o inimigo faria uma tentativa para arrebatar-lhe a chalupa; ao pé da colina, formava ela, à vaga claridade da vasa úmida, uma massa alta e sombria. Mas os barcos não fizeram a mínima demonstração. Acima da paliçada e da resistência do rajá, Brown via suas luzes sobre o rio; pareciam ancoradas no meio da corrente. Outras luzes corriam sobre a água, de uma a outra margem. Havia ainda luzes imóveis que cintilavam sobre as casas até o primeiro cotovelo do rio, e outras ainda, mais longe, isoladas no interior das terras. A claridade das grandes fogueiras revelava, a perder de vista, amontoados de casas, de telhados, de construções negras. Era uma imensa colônia. Estendidos por detrás dos troncos, os catorze temerárias agressores erguiam o queixo para considerar a animação daquela cidade, que parecia estender-se léguas e léguas à margem do rio, e formigar de milhares de homens enfurecidos. Eles não se falavam. De quando em quando, ouviam um grito, um tiro de fuzil, em qualquer parte, ao longe. Mas em torno da sua posição tudo era paz, obscuridade, silêncio. Poderiam acreditar-se esquecidos, como se a agitação que conservava toda a população desperta nada tivesse a ver consigo, como se eles já estivessem mortos.

CAPÍTULO 39

Todos os acontecimentos dessa noite têm uma grande importância, pois levaram a uma situação que permaneceu a mesma até a volta de Jim. Jim tinha partido para o interior há mais de uma semana, e fora Dain Waris quem tomara as primeiras medidas de defesa. Esse jovem bravo e inteligente (que sabia bater-se à maneira dos brancos) desejaria acabar imediatamente com os agressores, mas foi-lhe preciso dobrar-se à opinião de seus compatriotas. Não tinha, como Jim, um prestígio de raça e uma reputação de poder invencível e sobre-humano. Ele não era uma encarnação visível, tangível, de uma verdade absoluta e de uma infalível vitória. Por mais amado, honrado e admirado que ele fosse, era ainda um deles, ao passo que Jim era um de nós. De resto, o branco era invulnerável, ao passo que Dain Waris podia ser morto. Estes pensamentos inexpressos dominavam a opinião dos principais chefes da cidade, que tinham escolhido o forte de Jim para reunir-se e deliberar sobre a situação, como se tivessem pensado encontrar inspiração e coragem na moradia do branco ausente. O fogo dos bandidos tão bem dirigido fora, ou tão feliz, que uma meia dúzia de indígenas estava já fora de combate. Tinham deitado os feridos na varanda, onde as mulheres vinham tratá-los. Mulheres e crianças da cidade baixa tinham sido, desde o primeiro alarma, enviadas para o forte, onde Jóia comandava com bastante autoridade e jeito. Era muito escutada pelo “pessoal” de Jim, que tinha abandonado seu pequeno domínio em torno do reduto, para constituir-lhe a guarnição. Os refugiados se premiam ao lado da jovem, que deu mostras, até o fim desastroso, de um extraordinário ardor combativo. Fora a ela que, logo à primeira notícia do perigo, Dain Waris acorrera, pois Jim era, na cidade, o único detentor de uma provisão de pólvora. Stein, com o qual ele mantinha relações epistolares íntimas, obtivera autorização especial do governo holandês para a exportação de quinhentos barris de pólvora para o Patusan. O depósito era uma pequena cabana de troncos toscos, inteiramente recobertos de terra e de que, na ausência de Jim, a jovem conservava a chave. No conselho, realizado às 11 da noite, na sala de jantar de Jim, ela apoiou o aviso de ação imediata e vigorosa formulado por Dain Waris. Ela conservava-se de pé, perto da cadeira vazia de Jim, e fez um discurso belicoso e apaixonado, que logo ergueu na assembléia murmúrios de aprovação. O velho Doramin, que não se tinha visto fora de sua casa há mais de um ano fizera-se conduzir com grande custo. Era, naturalmente, o chefe da assembléia. O conselho estava de humor severo e o voto do velho

teria desencadeado uma ação decisiva, mas estou convencido de que o temor da fogosa coragem de seu filho o impediu de pronunciar a frase necessária, e pendeu-se para a expectativa. O que a todos preocupava era a inação dos barcos do rajá no momento decisivo. O diplomata Kassim representava Tunku-Allang no conselho. Falava pouco e escutava com um sorriso cortês e impenetrável. Durante a sessão, mensagens recebidas de minuto em minuto traziam notícias da atitude dos assaltantes. Boatos e exageros tinham livre curso entre a população, enquanto a assembléia deliberava. Doramin olhava sucessivamente para oradores e respirava lentamente, como um touro. Só falou por último, depois de Kassim haver declarado que os barcos do rajá iam ser recolhidos, pois Tunku-Allang tinha necessidade de seus homens para defender seus domínios. Apesar de Jóia, que lhe suplicava, em nome de Jim, que falasse, Dain Waris não quis formular nenhuma opinião em presença de seu pai. Decidiu-se, em definitivo, antes de fechar o conselho, ocupar fortemente as casas vizinhas ao rio, para dominar a embarcação inimiga. Fingiriam não se ocupar dela, para deixar aos brancos a tentação de embarcar, ante o que um fogo bem dirigido os mataria a quase todos. Para cortar a retirada aos sobreviventes eventuais e contrapor-se a outros assaltantes, Dain Waris recebeu de Doramin a ordem de dirigir-se para um ponto do rio situado 10 milhas abaixo do Patusan, entrincheirar-se na margem e barrar o caminho com as embarcações. Não creio que Doramin temesse a chegada de novas forças. Sua decisão era motivada, a meu ver, apenas pelo desejo de abrigar seu filho de qualquer perigo. Para prevenir um assalto à cidade, devia-se erguer uma barricada na margem esquerda, à extremidade da rua. O velho *nakhoda* comunicou sua intenção de comandar lá em pessoa. Foi logo efetuada, sob a direção da moça, uma distribuição de pólvora, balas e cápsulas. Vários mensageiros deveriam ser despachados ao encontro de Jim, que não se sabia ao certo onde estava. Esses homens partiram ao raiar do dia, mas, antes disso, Kassim soubera, entrar em comunicação com os cercados.

Diplomata completo, esse confidente do rajá deixou o forte para ajuntar-se a seu senhor, e levou consigo Cornélio, que encontrara a deambular sem dizer palavra, em meio à multidão. Kassim tinha o seu plano, para a realização do qual devia Cornélio servir-lhe de intérprete. Assim, pela manhã, no momento em que meditava sobre a sua lamentável posição, Brown ouviu sair do brejo uma voz tremente, que se esforçava por pedir em inglês, num tom amigável, a permissão, mediante promessa de segurança pessoal, de vir encontrá-lo para submeter-lhe uma proposta da mais alta importância. Brown sentiu o coração inundar-se de alegria; já que lhe falavam, cessava ele de ser um animal acuado. A cordialidade desses eventos tornava vã a dolorosa tensão de uma vigilância ansiosa, como a

de cegos que não sabem de que lado esperar o golpe mortal. Brown afetou no entanto uma grande repugnância, mas, após nova troca de interpelações, decidiu-se:

– Vamos, suba! Mas sozinho, não?

Logo distinguiram vagamente Cornélio; descalço, na sua indumentária cotidiana, de camisa suja e calças esfarrapadas, com um capacete de cortiça de viseira rota, subia o mestiço obliquamente para a barricada, hesitava, parava numa postura inquieta para escutar.

– Aproxime-se; nada tem a temer – gritou Brown, enquanto seus homens arregalavam os olhos. Todas as suas esperanças de salvação se encontravam de súbito concentradas naquele indivíduo mirrado e decrépito que, esquerdamente e sem dizer palavra, escalava um tronco de árvore abatido; a tremer, dirigia ele seu olhar azedo e desconfiado para o grupo de bandidos barbudos, ansiosos, febris pela falta de sono.

Meia hora de conversação confidencial com Cornélio abriu os olhos de Brown sobre o estado dos negócios internos do Patusan. Ficou ele imediatamente alerta. Havia possibilidades, imensas possibilidades; mas, antes de discutir as propostas de Cornélio, ele estipulou, como garantia de boa fé, uma remessa de víveres. Cornélio dirigiu-se à morada do rajá; minutos mais tarde, servos de Tunku-Allang traziam uma boa provisão de arroz, pimenta e peixe seco. Era infinitamente melhor que nada. Pouco depois, Cornélio trouxe Kassim; o malaio avançava com uma fisionomia de inteira e jovial confiança. Apertou discretamente a mão de Brown; e os três homens se retiraram à parte para conferenciar.

Kassim odiava fortemente Doramin e seus bugis, mas execrava mais ainda o novo estado de coisas. Dissera consigo que aqueles brancos, unidos aos partidários do rajá, poderiam atacar e bater os bugis antes da volta de Jim. Disso resultaria fatalmente uma defecção em massa dos habitantes da cidade, e assim acabaria o reino daquele branco, que protegia os pobres. Depois do que, fácil seria desfazer-se daqueles novos aliados, desprovidos de todo apoio. Bem sabia ele reconhecer a diferença dos caracteres e vira já bastantes brancos para perceber que os recém-vindos eram uma espécie de réprobos, homens sem pátria. Brown mantinha uma atitude severa e impenetrável. O primeiro apelo da voz de Cornélio, pedindo para lhe falar, não lhe fizera brilhar, no espírito mais que uma esperança de salvação. Menos de uma hora após, novos pensamentos turbilhonavam na sua cabeça. Impelido por uma necessidade extrema, tinha ele

chegado àquela costa para roubar víveres, talvez algumas toneladas de goma ou de caucho e quem sabe mesmo se um punhado de dólares... e encontrara-se envolvido em perigos mortais. Mas Kassim revelou-lhe mais grandiosas perspectivas. Segundo este, Brown dispunha, na embocadura do rio, de um grande navio, com numerosa equipagem. Pediu-lhe pois que pusesse sem demora esse navio para o serviço do rajá. Brown fingiu consentir e a discussão prosseguiu sobre esta base, com uma desconfiança mútua. À tarde, obteve ele nova distribuição de víveres, uma promessa de dinheiro e uma provisão de pano para tendas. Protegidos contra o sol tórrido, os aventureiros deitaram-se e não tardavam em roncar; mas, sentado sobre um tronco de árvore, Brown regozijava seus olhos com o espetáculo da cidade. Havia ali lindas promessas de pilhagem. Naquele dia, as canoas de Dain Waris desceram a corrente para cortar a retirada dos aventureiros. Kassim, que subira outra vez a colina uma hora após o pôr do sol, nada lhe disse a respeito. Mas insistiu com Brown para que enviasse imediatamente a “ordem” e oferecia um mensageiro de confiança que, para maior segurança, dizia ele, ganharia por terra a embocadura do rio e levaria a ordem a bordo. Após reflexão, Brown julgou interessante escrever estas simples palavras sobre uma página arrancada de sua caderneta: “Tudo vai bem. Grande negócio. Retenha o homem”. O mensageiro obtuso escolhido por Kassim desempenhou-se fielmente de sua missão e foi recompensado de seu zelo sentindo-se precipitado de cabeça no porão vazio da galeota: O que foi feito do pobre diabo, Brown não mo disse.

CAPÍTULO 40

O objetivo de Brown era ganhar tempo e enganar Kassim, prestando ouvidos à sua diplomacia. Para o sério negócio que entrevia, sentia ele que era com o branco que cumpria trabalhar. Não imaginava que um homem daqueles (que devia ser bastante forte, afinal, para ter assim dominado aos indígenas) pudesse recusar seu auxílio; acabariam para ele, de futuro, as lentas, prudentes e perigosas astúcias, só permitidas a um indivíduo isolado. Brown lhe traria o poder; ninguém resistiria a tal oferta; a questão era chegar a um bom acordo. Seria feita a partilha, bem entendido. A perspectiva de ter ao alcance da mão um forte, um verdadeiro forte, com artilharia (obtivera esse detalhe de Cornélio), espicaçava o aventureiro. Que lá pudesse entrar, apenas, e... Imporia condições modestas. Não muito medíocres, contudo; o homem não devia ser um imbecil. Eles trabalhariam como irmãos até... até o dia ou o momento da querela e do tiro que regularia as suas contas...

O quarteirão vizinho do rio oferecia um aspecto de abandono, embora em realidade cada casa abrigasse um grupo de homens em armas e alerta. De repente, um indivíduo solitário e minúsculo, àquela distância, aventurou-se na abertura deserta da rua. Brown percebeu o homem e chamou o desertor ianque, que era para ele uma espécie de lugar-tenente. Este compreendeu logo. Pôs um joelho em terra, mirou e fez fogo. O homem tombou. No espaço vazio, subiu um grito múltiplo de pânico e estupor.

– Era para lhes mostrar de que nós éramos capazes – explicava-me Brown –, e para semear entre eles o terror da morte súbita.

Para atrair fogo do inimigo e localizar os grupos que podiam estar ocultos ao longo do rio, Brown ordenou ao insular das Salomão que descesse à chalupa para trazer um remo, como se envia um cão para procurar um bastão na água. Mas o homem regressou sem que o tivessem alvejado uma única vez. Neste momento, Kassim se retirava, muito impressionado, muito satisfeito, mas bastante inquieto também. Prosseguindo suas tortuosas maquinações, despachara ele um mensageiro para Dain Waris, para incitá-lo a esperar o navio dos brancos, que ele sabia dever em breve subir o rio. Diminuía-lhe a importância e exortava o jovem a opor-se à sua passagem. Essa dupla manobra servia a seus desígnios, deixando divididas as forças bugis, que o combate enfraqueceria. Tinha aliás

enviado no mesmo dia um recado aos chefes bugis reunidos na cidade, afirmando-lhes que se esforçava por fazer os assaltantes retirarem-se; suas mensagens ao forte reclamavam insistentemente pólvora para os homens do rajá. Há muito que Tunku-Allang não recebia pólvora para a vintena de velhos mosquetões que se enferrujavam na sala de audiência. As comunicações estabelecidas em pleno dia entre o palácio e a colina perturbaram bastante os espíritos. Era tempo de tomar um partido, começava-se a murmurar. Ia em breve haver sangue derramado e grandes misérias se seguiriam. O edifício social erguido pelas mãos de Jim, aquela existência pacífica e ordenada, em que cada um estava seguro do dia de amanhã, parecia prestes a ruir. Os mais pobres dos cidadãos procuravam já um refúgio na floresta, ou remontavam o rio. Numerosos membros da classe remediada julgaram oportuno ir fazer sua corte ao rajá, cujos jovens partidários os trataram rudemente. Meio fora de si, de terror e de indecisão, o velho Tunku-Allang guardava um sombrio silêncio ou injuriava-os violentamente por ousarem apresentar-se de mãos vazias; retiravam-se então aterrorizados. Só o velho Doramin conservava toda a autoridade sobre os seus compatriotas e prosseguia inflexivelmente seus desígnios.

Tombara o crepúsculo, a noite avançava, quando um dos homens se lembrou de que havia ficado tabaco na chalupa e, encorajado pela impunidade do homem das Salomão, declarou que ia busca-lo. O homem saltou um tronco e desapareceu. Um instante após ouviam-no trepar na chalupa e depois sair.

– Já cá está! – gritou ele. Um relâmpago e uma detonação sublinharam tais palavras, ao pé da colina.

– Atingido! – gemeu o homem.

– Atenção! Atenção! Eu fui atingido! – e logo todos os fuzis dispararam. Como um pequeno vulcão, a colina vomitava na noite flamas e tumulto, e quando, à força de pragas e golpes, Brown e o ianque fizeram cessar a doida fuzilaria, um gemido profundo e doloroso se ouviu. Então, do outro lado do rio, uma voz forte pronunciou palavras distintas incompreensíveis.

– Que ninguém atire! – disse Brown.

– Que significa isso?...

– Estão ouvindo, os da colina, estão ouvindo?

– repetiu a voz três vezes.

Cornélio traduziu e transmitiu a resposta.

– Fale – gritou Brown; – nós escutamos.

Então, alta e sonora como a de um arauto, a voz proclamou que não podia mais haver confiança, compaixão, entendimento ou paz entre os membros da nação bugi do Patusan e os homens da colina. Agitou-se uma moita; uma salva partiu ao acaso. O ferido, ao pé da colina, gritou por duas vezes:

– Venham procurar-me! Venham procurar-me! – depois continuou a gemer. A alegria de haver desentocado o tabaco fizera-lhe perder toda a prudência, e tinha ele saltado do lado mau da barca, exatamente defronte ao lugar onde se encontrava emboscado um vigia.

Era este um bugi de Toudaro, recentemente chegado ao Patusan e parente do homem assassinado de tarde. O longo alcance do primeiro tiro tinha em verdade aterrorizado os assistentes. Em plena segurança aparente, sob os olhares de seus amigos, o homem tombara com um gracejo nos lábios, e via-se nessa morte um ato de atrocidade, que indignara furiosamente a todos. Este Si-Lapa, seu parente, achava-se então perto de Doramin, atrás da barricada, a alguns passos apenas. Hão de reconhecer que ele deu mostras de coragem, oferecendo-se para transmitir sozinho a mensagem, de noite. Rastejando em terreno descoberto, tinha obliquado para a esquerda, encontrando-se em face da chalupa. Surpreendera-se com o grito do homem do tabaco. Sentou-se por terra e quando, saltando da barca, o pobre diabo se expôs em cheio, enviou-lhe três balas. Depois disto, deitando-se no chão, fingiu-se de morto; ouviu uma saraivada quebrar as moitas pertinho de si; depois, curvado em dois, saltando sem cessar de moita para moita, transmitiu sua mensagem. Dita a última palavra, desviou-se para um lado, manteve-se um instante em silêncio e voltou são e salvo para a cidade, após haver adquirido uma glória que seus filhos não estão perto de deixar extinguir-se.

Na colina, os tristes aventureiros curvavam a cabeça e deixavam consumir-se os dois pequenos montes de brasas. Escutavam, de dentes cerrados e pálpebras baixas, os apelos de seu camarada. Era um sólido rapagão que lutava firme contra a morte. Seus gemidos, por vezes muito veementes, tomavam noutros momentos um estranho acento de dor cochichante. Soltava um grande grito, depois punha-se, após um curto silêncio, a proferir uma longa queixa, ininteligível e delirante. Aquilo não acabava nunca.

– Para quê?

– respondera Brown, sem pestanejar, ao ianque, que, mastigando pragas, se preparava para descer.

– Tem razão – aprovou o desertor, renunciando, a contragosto, a seu desígnio.

– Nós não estamos aqui para encorajar os feridos. Só que esse barulho ameaça fazer os camaradas pensarem um pouco demais no outro mundo, capitão!

– Água! – gritou o ferido com uma voz clara e forte, depois recomeçou a gemer baixinho.

– Água, sim, é a água que vai encarregar-se dele – resmungou o outro num tom resignado.

– Ele terá em breve quanta água quiser. Eis a maré que sobe.

A maré montante veio enfim abafar as queixas e os gritos de dor. Estava a aurora próxima quando, assentado com o queixo na mão e contemplando o Patusan como se pode olhar inacessível vertente de montanha, Brown sentiu o rumor breve e sonoro de um canhão, ao fundo da cidade.

– Que é?

– perguntou ele a Cornélio, que rondava em torno.

Cornélio escutava. Um ruído surdo de aclamações corria na cidade, ao longo do rio; um tambor pôs-se a bater e outros lhe responderam. Esparsas aqui e acolá, pequenas flamas acenderam-se nos quarteirões sombrios da cidade, enquanto a parte aclarada pelas fogueiras retumbava num rumor profundo e prolongado.

– Ele chegou – disse Cornélio.

– Como? Já? Está seguro?

– perguntou Brown.

– Sim, sim. Escute esse ruído.

– Por que fazem eles assim?

– É alegria! – escarneceu Cornélio.

– Ele é um grande homem, mesmo assim não tem mais entendimento do que uma criança, eles fazem todo esse barulho para lhe causar prazer, pois não vão mais longe do que ele.

– Diga-me, como se poderá pegar homem?

– interrogou Brown.

– Ele virá falar-lhe – afirmou Cornélio.

– Que quer dizer? Virá ele passear por aqui?

– Sim, ele virá direto aqui para falar-lhe. É um verdadeiro imbecil. O senhor mesmo julgará! – Brown permanecia incrédulo.

– O senhor verá! O senhor verá! – insistia Cornélio.

– Ele não tem medo de nada! Ele virá ordenar-lhe que deixe o seu povo em paz. É preciso que todo o mundo deixe o seu povo em paz! Uma verdadeira criança!

CAPÍTULO 41

Os fogos da margem ocidental brilharam vivamente, até o instante em que a luz do dia pareceu extingui-los, de um só golpe. Foi então que Brown percebeu, entre as primeiras casas e num grupo imóvel de silhuetas escuras, um homem todo de branco, vestido à européia, de capacete.

– Ei-lo! Olhem! Olhem! – gritou Cornélio febrilmente.

Todos os companheiros de Brown avançaram e se colocaram às suas costas. O homem branco e os outros observavam a colina. Brown via braços nus erguidos para proteger os olhos e outros braços estendidos na sua direção. Que podia ele fazer? As florestas, que barravam de todos os lados os seus olhares, delimitavam a arena de um combate desigual. Ainda uma vez ele considerou seus homens. Desprezo, lassitude, sede de vida, desejo de uma chance derradeira – de uma outra tumba também – lutavam no seu peito. Pareceu-lhe que, além, o grupo se movimentava cada vez mais, com todas as forças do país atrás de si. O grupo fechou-se em torno do branco e oscilou duas vezes, antes de deixar Jim avançar a passo lento, sozinho. Brown se conservou sobre o tronco de árvore até Jim haver quase atingido o rio. Saltando então a barricada, Jim avançou para ele até a margem. Face a face, com o rio entre ambos, os dois homens se encaravam ardentemente, para tratar de se compreenderem antes de abrir os lábios. Seu antagonismo devia explodir em seus olhos; eu sei que, desde o princípio, Brown execrou Jim. Todas as esperanças que pudera acariciar se evolavam de repente. Não era o homem que ele supusera encontrar. Amaldiçoava, do fundo do coração, a juventude e a segurança do outro, seu claro olhar e sua atitude tranqüila. Havia algo, na impecável compostura de Jim, desde o capacete fulgurante até as perneiras de pano e os sapatos brancos, que personificava, aos olhos sombrios e irados de Brown, uma correção que todos os pendores de sua vida escarneciam e condenavam.

– Quem é o senhor?

– acabou por perguntar Jim, num tom pausado.

– Eu me chamo Brown – respondeu o outro, muito alto; – Capitão Brown. E o senhor?

Após um instante de silêncio, Jim continuou tranqüilamente, como se não

tivesse ouvido:

– Que foi que o trouxe aqui?

– Quer saber?

– replicou acremente Brown.

– É fácil de dizer: a fome! E o senhor, como se acha aqui?

– Minha pergunta o fez estremecer – explicou-me Brown.

– Ele se tornou vermelho. Achava-se sem dúvida muito importante para ser interrogado! Eu declarei-lhe que, se ele me considerava como um homem morto, com quem se pode tomar liberdade, também não estava ele em melhores condições. Um de meus homens, lá de cima, fazia-lhe pontaria no rosto e só aguardava um sinal meu para atirar. “Admitamos”, disse-lhe, “que estejamos mortos os dois, e conversemos em pé de igualdade. Nós somos todos iguais perante a morte...” Eu reconheci que estava como um rato na ratoeira, mas, mesmo assim, “um rato pode morder”. “Não se se ficar longe da ratoeira enquanto o rato não estiver morto!”, retrucou ele em seguida a minhas palavras. Eu declarei que, se tal maneira de proceder podia convir a seus amigos indígenas, eu o considerava bastante branco para tratar mesmo um rato de tal maneira. Sim, eu desejava conversar com ele, mas não para mendigar nossa vida. Meus companheiros eram... o que eram... homens como ele, em todo caso. Tudo o que lhe pedíamos era, com seiscentos diabos! que acabasse de uma vez a questão. “Que a peste o carregue!”, gritei, sem fazê-lo mover-se mais que um moirão. “O senhor não há de vir todas as manhãs com o seu binóculo, para verificar quantos de nós restam ainda de pé. Vamos, solte o seu bando do inferno contra nós, deixe-nos ir e rebentar de fome no mar! O senhor foi branco também, malgrado os ares que toma para dizer que essa gente aqui é o seu povo. É verdade? Que diabo! Que lhe adianta isso? Que é então que o senhor veio desencavar de tão precioso aqui? Ah, eu lhe prometo que terão pano para mangas, antes de dar cabo de nós! Acusam-me de ter atacado covardemente gente inofensiva. Que me importa, a mim, que sejam inofensivos, quando, por um pecadilho, me vejo prestes a morrer de fome! Mas eu não sou um capão. Não o seja o senhor também! Traga os seus homens contra nós, ou, por todos os diabos, nós saberemos fazer saltar para o céu metade de sua vila inofensiva!”

Ele era terrível ao contar-me isso, aquele esqueleto torturado e retorcido, com os joelhos no queixo, sobre um catre, naquela locanda infecta; erguia os olhos para mim, para olhar-me com uma expressão de feroz triunfo.

– Eis o que eu lhe disse; eu sabia bem o que era preciso dizer! – tornou ele, com uma voz fraca a princípio, mas exaltando-se com incrível rapidez, para encontrar acentos de feroz desdém. “Nós não vamos sair para a floresta, e lá errar como um bando de esqueletos vivos, tombando uns após outros para engordar as formigas, antes de estar bem mortos. Ah, não!” “Vocês não merecem coisa melhor!”, respondeu ele. “E você, que é que você merece?”, gritei, “você, que eu vejo aqui a encher a boca com a sua responsabilidade, com essas vidas inocentes, com o seu maldito dever? Que sabe a meu respeito, mais do que eu sobre você? Eu vim aqui procurar víveres – entende? –, alimento para encher a barriga! E você, que é que veio procurar? Que foi que pediu, chegando aqui? Nós não exigimos mais que um combate leal, ou o caminho livre, para voltar para donde viemos...” “Eu me bateria de boa vontade em seguida”, disse-me ele. “E eu o deixaria atirar em mim”, respondi. “Dar o grande salto aqui ou além, que importa? Estou farto da minha infernal sorte. Mas seria muito cômodo. Eu tenho meus camaradas comigo. E, por Deus, eu não sou homem que me tire de aperto, deixando-os em perigo!” Ele refletiu um instante e perguntou-me o que poderia eu ter feito “lá” (designava-me a embocadura do rio com a cabeça), para me encontrar assim tão mal. “Estamos aqui para contar a história de nossas vidas?!”, exclamei. “Oh! Eu lhe asseguro que não tenho nenhum desejo de escutar a sua história. Guarde os seus negócios consigo próprio. Eu sei que não são mais brilhantes que os meus. Eu vivi... e você também, apesar de sua cara e de sua maneira de falar, como se fosse dessas pessoas que esperam asas, para poder mover-se sem tocar a lama do solo. E se há lama! Eu, eu não tenho asas! Estou aqui porque tive medo, uma vez na minha vida. De que... quer saber? De uma prisão. Eu não lhe pergunto que terror o trouxe a este buraco infernal, onde você parece que soube acomodar-se tão bem. É a sua chance, e eis a minha: é o privilégio de implorar o favor de ser morto em seguida, ou de me fazer escorraçar a pontapés, para ir livremente rebentar de fome aonde me aprouver.”

Seu corpo enfraquecido tremia de uma alegria tão veemente, tão feroz e tão maligna, que ela parecia ter posto em fuga a morte, à espreita naquele antro. O cadáver de seu monstruoso egoísmo saía dos farrapos e da miséria como do sombrio horror de uma tumba. É impossível dizer a parte de mentira que comportavam suas palavras a Jim ou a mim, ou como ele mentia sempre a si mesmo. A vaidade desempenha com nossa memória farsas sinistras e toda paixão sincera tem necessidade de protestos para viver. De pé, em veste de mendigo, às portas do outro mundo, ele escarrava na face do nosso, esbofeteava-o, aplastrava-o com a imensidade de desprezo e de revolta que constituía o fundo de suas más ações. Ele os arrasara a todos, homens, mulheres, selvagens,

comerciantes, bandidos, missionários, até Jim, esse patife com cara de santo! Não discuti com ele esse triunfo, *in articulo mortis*, essa ilusão quase póstuma de haver calcado toda a terra a seus pés. Ouvindo suas bravatas, assistindo à sua agonia sórdida e repugnante, eu não podia deixar de pensar no estardalhaço que se fizera em torno de sua aventura, no tempo de seu maior esplendor. Era a época em que, durante mais de um ano, vira-se rondar, dia após dia, o navio de *gentleman* Brown em torno de uma ilhota franjada de verde, destacada sobre o azul, com o ponto negro da missão sobre a praia branca; em terra, *gentleman* Brown enfeitiçava uma jovem criatura romanesca, à qual a Melanésia virara a cabeça, e dava ao marido uma esperança de conversão notável. Tinha-se ouvido um dia o pobre homem exprimir a intenção de “conduzir o Capitão Brown a uma vida melhor”.

– “Ele queria embarcar *gentleman* Brown para o país da glória eterna” como explicava um farsante, “a fim de mostrar lá no alto o que é um capitão de longo curso do Pacífico ocidental.” Era aquele homem ainda quem tinha raptado uma moribunda e chorado sobre o seu cadáver, “como uma criança grande!”, frisava o seu imediato da época. Eu rememorava todas essas histórias, enquanto o moribundo me contava como soubera fazer a volta daquele maldito homem imaculado e intangível e entrar-lhe dentro até o coração. Não lhe pudera fazer medo, é verdade, mas havia uma porta “para entrar na sua alma de 4 vinténs, sacudi-la e virá-la do avesso!”

CAPÍTULO 42

Em verdade, eu não creio que ele fizesse mais do que olhar pela porta. Devia estar intrigado do que vira, pois mais de uma vez interrompeu a narrativa para exclamar:

– Quase que me escorregou pelos dedos. Eu não podia chegar a compreendê-lo! Que diabo de homem era aquele?

Para mim, a conversação daqueles dois homens, de uma margem a outra, se me afigurava como um dos duelos mais ferozes que jamais contemplou o Destino, com o frio conhecimento do seu desenlace. Não, Brown não virou pelo avesso a alma de Jim, mas creio poder afiançar que ele o fez esvaziar, até as fezes, a taça da amargura, àquele espírito tão afastado de seu alcance. Eis os emissários que lhe enviava, no seu retiro, o mundo ao qual ele havia renunciado! Brown possuía um talento satânico para encontrar, nas suas vítimas, a melhor força ou o ponto fraco. Teve o cuidado de apresentar-se a Jim como um homem que afronta, sem terror, a má sorte, o opróbrio e os desastres. Não era grande crime, explicava ele, ter transportado alguns fuzis de contrabando. E, quanto à sua expedição ao Patusan, tinham o direito de dizer que ele não viera humildemente solicitar mantimentos? Os malditos indígenas lhe caíram em cima, das duas margens, sem mesmo se dar ao trabalho de saber o que ele queria. Dava mostras, ao dizer tal, de uma bela impudência, porque, de fato, a energia de Dain Waris havia conjurado as piores calamidades. Brown confessou-me francamente que, ciente da importância da cidade, decidira, no íntimo, pôr fogo à direita e à esquerda, e começar por fuzilar, em torno, tudo o que percebesse de vivo para lançar o pânico na população. Mas nada disso disse ele a Jim. A um assobio agudo, saído de seus lábios, todos os seus homens se enfileiraram, para que Jim pudesse ver o seu estado. Quanto ao indígena morto, esse ao menos fora morto limpamente, com uma bala em pleno peito, ao inverso daquele pobre diabo do bando de Brown, agora debaixo da água, e cuja agonia tiveram eles de ouvir durante seis horas a fio. Em todo caso, não era mais que uma vida por uma vida. Ele dizia tudo isso com a lassidão e o desprendimento de um homem tão cruel e constantemente perseguido pela má sorte, que não se importa em absoluto do que lhe possa acontecer. Quando perguntou a Jim se este não compreendia que a gente, no momento de salvar a pele de noite, não se preocupa de saber quantos perecem, três, trinta ou trezentos dir-se-ia que era um demônio

que acabava de soprar-lhe esta pergunta ao ouvido.

– Eu o vi estremecer! – dizia Brown com um ar de triunfo.

Brown perguntou-lhe se ele não tinha nada de escuso na vida, para opor tal rigor a um homem que usava os meios a seu alcance para sair de um terrível aperto. E assim por diante:

– Promete deixar a costa?

– perguntou Jim, após uma longa reflexão. Brown ergueu e deixou cair as mãos, como para dizer que abandonava a partida.

– E entregarão as armas?

– indagou Jim.

– Entregar as nossas armas? Não antes que vocês as venham arrancar de nossas mãos inteiriçadas! Pensa então que o medo me fez perder a cabeça? Oh, não! Estas armas são tudo o que eu possuo, com os farrapos que tenho no corpo e alguns outros fuzis ainda a bordo. Pretendo vender tudo em Madagascar, se conseguir lá chegar um dia, mendigando aqui e ali junto de todos os navios que encontrar.

Jim nada respondeu, mas depois murmurou, como se falasse consigo mesmo:

– Eu não sei se poderei...

– Não sabe? E queria ainda há pouco que eu entregasse as armas! Ah! Esta é forte! – exclamou Brown.

– O poder! Eu penso bem que o senhor o tenha! Senão, para que toda esta conversa? Para que veio aqui? Para passar o tempo?

– Muito bem! – disse de repente Jim, erguendo a cabeça, após um longo silêncio.

– Deixaremos a passagem livre, ou ofereceremos um combate leal.

– E, dando meia volta, afastou-se.

Brown não escalou a colina antes de ter visto Jim desaparecer entre as primeiras casas. Não o reviu jamais. A meia-encosta, encontrou Cornélio, que descia pesadamente.

– Por que não o matou?

– perguntou o mestiço, com um azedo acento de cólera.

– Porque eu tinha melhor a fazer – respondeu Brown, sorrindo ironicamente.

– Nunca! Nunca! – protestou Cornélio violentamente. Brown olhou-o com curiosidade. Cornélio dirigia-se com um ar morno para o rio. Ele deixava seus novos amigos. Acabava de sofrer ainda um desapontamento, e sua sombria resignação parecia diminuir ainda mais seu velho rosto amarelado; desceu a colina lançando à direita e à esquerda olhares oblíquos, e sem renunciar um instante à sua idéia fixa.

Após a entrevista com o branco, Jim dirigiu-se lentamente para a barricada. Todos se sentiram felizes por vê-lo de volta, pois, durante o colóquio, o que amedrontava não era somente a idéia de vê-lo matar, mas do que poderia acontecer depois. Jim entrou numa casa aonde se retirara o velho Doramin, e ali manteve longa entrevista com o chefe dos bugis. Discutiram evidentemente a linha de conduta necessária, mas ninguém assistiu a seu colóquio. Apenas Tamb'Itam, que se conservava tão perto quanto podia da porta, ouviu seu senhor declarar:

– Sim, eu lhes farei saber a todos que tal é o meu aviso, mas eu quis falar a princípio a ti, ó Doramin, e a ti sozinho, pois tu conheces, tão bem quanto eu conheço o teu, o meu coração e o seu maior desejo. E também sabes que não tenho nenhum pensamento que não seja para o bem de todos!

Então, erguendo a cortina da entrada, Jim saiu da casa e Tamb'Itam percebeu, na peça, Doramin imóvel na sua cadeira, as mãos nos joelhos e os olhos baixados para o chão. Após o que, ele seguiu seu senhor ao forte, onde tinham convocado os chefes bugis e os notáveis do Patusan. Tamb'Itam desejava uma batalha.

– Não teria sido mais que a tomada de uma outra colina! – dizia-me ele pesaroso.

No entanto, mais de um dos habitantes da cidade esperava que a vista de tantos bravos, prontos para o combate, incitaria à retirada os rapazes estrangeiros. Sua partida seria uma felicidade. Ninguém tinha idéia do que ia fazer o senhor branco. Alguns afirmavam a situação mais inquietante do que no tempo do Xerife Ali. No forte, à chegada de Jim, era tanta gente a cercá-lo, que ele teve dificuldade em abrir caminho. Ainda não o tinham visto, pois, no momento de sua chegada noturna, não fizera mais que trocar algumas palavras com Jóia, que descera, para isso, ao embarcadouro; depois fora Jim em seguida à outra margem, juntar-se com os chefes e os guerreiros. Aclamavam-no. Uma velha provocou hilaridade geral, precipitando-se como uma louca ante o senhor,

a pedir-lhe que velasse por seus dois filhos, impedindo-os de cair nas garras dos bandidos de Brown. Procuraram rechaçá-la.

– Deixem-na! – ordenou Jim, e, no silêncio de súbito restabelecido, ele prosseguiu lentamente?

– Todos estarão em segurança.

– Penetrou no seu quarto, antes que se houvessem extinguido o profundo suspiro e os murmúrios de satisfação provocados por tais palavras. Era certo que ele estava decidido a deixar a Brown o livre acesso do mar.

CAPÍTULO 43

Tamb'Itam permanecia aterrado atrás da cadeira de seu senhor, cuja declaração produziu enorme sensação no auditório.

– Deixai-os ir, pois é a mais sensata maneira de proceder, a meu juízo, e eu nunca vos enganei – insistiu Jim.

Houve um silêncio. Na sombra do pátio percebia-se o confuso murmurinho da multidão. Doramin ergueu a pesada cabeça para dizer que não se devia pensar em ler nos corações, tanto como em tocar o céu com a mão, mas... que consentia. Os outros opinaram por sua vez: "É melhor que eles se vão embora" diziam alguns, mas a maior parte se contentava em dizer "que concordavam com *Tuan* Jim".

É nesta simples forma de assentimento ao seu desejo que está o nó da situação; é a sua confiança na lealdade de Jim e sua homenagem à retidão daquele branco, que o tornavam o igual dos homens impecáveis que jamais abandonaram o seu lugar. A expressão de Stein: "Romanesco! romanesco!" parece pairar sobre a terra que nunca mais o devolverá a um mundo indiferente ao seu fracasso conto a seus méritos. Agora que a simples lealdade dos três últimos anos de sua vida leva vitória sobre a ignorância, o terror e a cólera dos homens, não mais me aparece ele tal como o vi no último encontro – ponto branco absorvendo a supremo reflexo de luz tombado sobre uma costa negra e um mar sombrio –, mas maior, mais digno de compaixão naquela solitude de sua alma, continuando, mesmo para aquela que mais o amava, um cruel e insolúvel mistério.

É evidente que ele não desconfiava de Brown; não tinha razões para suspeitar de uma história cuja veracidade parecia atestada por uma rude franqueza, uma espécie de sinceridade viril na aceitação da moralidade e das conseqüências de seus atos. Mas Jim não conhecia o egoísmo quase inconcebível de um homem que, ao ver os seus desígnios frustrados e contrariados os seus projetos, debatia-se na raiva furiosa de um autocrata desobedecido. Se não desconfiava de Brown, guardava Jim no entanto o temor de um desentendido qualquer, de algum incidente que pudesse advir e terminar por uma colisão sangrenta. Assim, apenas retirados os chefes malaios, pediu ele a Jóia que lhe desse de comer, pois ia deixar o forte para pôr-se, na cidade, à frente dos combatentes. Como a rapariga

protestasse, lembrando-lhe a sua fadiga, declarou Jim que, se algo acontecesse, ele jamais o perdoaria a si próprio.

– Eu respondo por todas essas vidas aqui.

– Estava um pouco taciturno. Jóia lhe serviu o repasto. Jim logo voltou ao bom humor e disse à sua companheira que lhe ia entregar, por uma noite ainda, o comando do forte.

– Nada de sono para nós, minha filha, enquanto o nosso povo estiver em perigo.

– Depois afirmou, a sorrir, que ela era o melhor homem de toda aquela gente.

– Se Dain Waris tivesse feito o que desejavam, nenhum desses pobres diabos estaria com vida hoje.

– São muito maus?

– interrogou ela, inclinando-se sobre a cadeira de Jim.

– Podem os homens muitas vezes fazer o mal, sem que sejam muito piores que os seus semelhantes – respondeu ele, com certa hesitação.

Tamb'Itam seguiu o seu patrão até o embarcadouro, fora do forte. A noite era clara, mas sem lua, e o meio do rio permanecia sombrio, ao passo que, perto das margens, a água refletia numerosos fogos, "como por uma noite de Ramadã", dizia-me o malaio. Pirogas armadas passavam silenciosamente na zona da sombra, ou, ancoradas, flutuavam com um marulho sonoro. Tamb'Itam teve muito que remar e muito que andar nos calcanhares de seu senhor; seguiram a rua iluminada pelos fogos e foram até os confins da cidade, onde pequenos grupos de homens davam guarda nos acampamentos. *Tuan* Jim distribuía ordens logo executadas. Passaram, para terminar, pelo palácio do rajá, ocupado naquela noite pelos homens de Jim. O velho rajá fugira, de madrugada, com a maior parte de suas mulheres,e refugiara-se perto duma aldeia na floresta, em uma casa que possuía à margem de um afluente do rio. Tendo ficado atrás, Kassim assistira ao conselho, para explicar, com o seu ar de diligente atividade, a sua diplomacia da véspera. Não o poupavam, mas ele não abandonava a sua vivacidade sorridente e deu mostras de grande entusiasmo quando Jim lhe declarou secamente que ia mandar ocupar o reduto do rajá. A saída do conselho, ele foi de um chefe a outro, a proclamar a sua gratidão por aquela proteção que se concedia, em sua ausência, aos domínios de seu senhor, o rajá.

Pelas 10 horas, os homens de Jim vieram ocupar a embocadura do rio. Jim contava permanecer ali até a partida de Brown. Acendeu-se uma pequena fogueira fora da paliçada e perto da qual Tamb'Itam armou um leito para seu senhor. Jim aconselhou-lhe que tentasse dormir. Tamb'Itam foi procurar uma coberta e deitou-se, mas não podia pregar olho, embora soubesse que lhe restava um longo trajeto a percorrer, antes do fim da noite. O seu senhor caminhava de um lado para outro, perto da fogueira, com a cabeça baixa e as mãos atrás das costas. Sua fisionomia estava triste. De cada vez que ele se aproximava, Tamb'Itam fingia dormir, para que Jim não se apercebesse de que ele o observava. Jim parou, por fim, e, baixando o olhar para seu servidor, disse suavemente:

– Está na hora!

Tamb'Itam ergueu-se logo e fez os preparativos. Sua missão consistia em descer o rio uma hora ou mais antes da chalupa de Brown, e transmitir a Dain Waris a ordem formal e peremptória de deixar passar os brancos sem os incomodar. Jim não queria encarregar a outro senão a ele esse papel. Antes de partir, Tamb'Itam pediu uma senha de sua missão, simples formalidade, pois sua situação junto a Jim o tornava conhecido de todos. Seu senhor remexeu um dos bolsos, depois o outro, e acabou por retirar do dedo o anel de prata de Stein, que trazia consigo quase sempre. Entregou-o a Tamb'Itam. Quando o malaio partiu, o acampamento de Brown estava ainda escuro, com exceção de uma pequena luz que brilhava entre os galhos de uma das árvores abatidas pelos brancos. Na véspera, à noite, recebera Brown de Jim uma folha de papel dobrado, com estas palavras: "O senhor tem o caminho livre. Parta logo que a maré próxima levantar a sua chalupa. Seus homens que tomem cuidado: as duas margens do rio e o reduto à sua embocadura estão cheios de guerreiros bem armados. Não pode o senhor, com seus homens, contar com nenhuma espécie de chance, mas eu não creio que procurem um morticínio". Brown leu este bilhete, rasgou-o em pedacinhos e, voltando-se para Cornélio, que o trouxera, disse sarcasticamente:

– Adeus, meu excelente amigo.

– Cornélio, penetrando no forte, passara a tarde a rondar a casa de Jim. Este o escolhera para levar o bilhete, porque, falando inglês e sendo conhecido de Brown, não se arriscaria, como um indígena, a um tiro de um dos bandidos.

Cornélio não se retirou depois de haver entregue o bilhete. Brown sentara-se ante uma pequena fogueira; todos os seus companheiros estavam deitados.

– Eu poderia dizer-lhe uma coisa do seu interesse – murmurou Cornélio.

Brown não deu atenção às suas palavras.

– O senhor não o matou – tornou o outro –, e que ganhou com isso? Teria podido obter dinheiro do rajá, sem contar o saque de todas as casas dos bugis, e agora não tem absolutamente nada.

– Aconselho-o a que desapareça daqui – resmungou Brown, sem se dignar a olhá-lo. Mas Cornélio sentou-se a seu lado e pôs-se a cochichar com volubilidade, tocando-lhe de quando em quando o cotovelo. Suas palavras fizeram com que Brown se erguesse, soltando uma praga. Cornélio acabava de revelar-lhe a presença de Dain Waris, com homens armados, à margem do rio. No primeiro momento, Brown supôs-se vendido e traído, mas um momento de reflexão bastou para convence-lo de que se não podia tratar de tal coisa. Nada disse e, pouco depois, Cornélio afirmou, com um ar de completa indiferença, que conhecia um outro canal, além do braço principal do rio.

– É bom que se saiba – assentiu Brown, de orelha em pé, enquanto Cornélio se punha a contar-lhe o que se passara na cidade e lhe comunicava tudo o que se dissera no conselho.

– Ele pensa que me tornou inofensivo – resmungava Brown.

– Ah! É um imbecil, uma verdadeira criança!

– Sim, é um imbecil, uma verdadeira criança – choramingava Cornélio –, e veio aqui para roubar-me. Ele captou a confiança geral. Mas, se acontecesse qualquer coisa que, de futuro, impedisse de acreditar nele, eu queria ver aonde é que ia parar... Esse Dain Waris que o espera além, capitão, foi o primeiro homem que procurou expulsá-lo daqui.

Brown observou que melhor seria evitá-lo e Cornélio afirmou, sempre no mesmo tom de desprendimento, que conhecia um braço perdido, suficientemente largo para deixar passar, por trás do campo dos bugis, a chalupa dos brancos.

– Será preciso ficarem tranqüilos...

– acrescentou, como se obedecesse a um pensamento preconcebido –, porque naquele lugar se passa muito perto do acampamento, muito perto... Eles estão acampados na praia, com os seus barcos amarrados.

– Oh! Nós sabemos ficar silenciosos como sombras – disse Brown.

Cornélio estipulou que, se devia servir de piloto, seu próprio barco iria a reboque.

– É preciso que eu volte depressa – explicou.

Duas horas antes do raiar do dia, os vigias do reduto anunciaram que os ladrões brancos desciam para a sua chalupa. Num abrir e fechar de olhos, todos os homens armados estavam alertas, de um extremo a outro do Patusan. As margens do rio continuavam, no entanto, mergulhadas em tal silêncio que, sem os, fogos que se elevavam por vezes em súbitas fumaradas, parecia a cidade adormecida como em tempos de paz. Um nevoeiro espesso, suspenso sobre a água, expandia uma espécie de ilusória claridade, que não deixava ver coisa alguma. Quando a chalupa saiu do arroio para entrar no rio, Jim se conservava de pé, na ponta baixa de terra, defronte ao reduto do rajá, no ponto exato em que pusera pela primeira vez o pé na margem do Patusan. Móvel no nevoeiro, solitária, desenhava-se uma sombra da qual saíram umas palavras surdas. Da barra, Brown ouviu a voz calma de Jim:

– Têm o caminho livre. É bom que se deixem levar pela corrente antes que se levante este nevoeiro, que não demorará a dissipar-se.

– Sim, em breve veremos claro – respondeu Brown.

Os trinta ou quarenta homens que permaneciam, de arma em punho, fora da paliçada, retinham a respiração. O bugi proprietário do *prau*, que eu vira na varanda de Stein, fazia parte desse grupo; contou-me ele que a chalupa, renteando o baixio, parecera um momento crescer desmesuradamente, como uma montanha.

– Se julgam que valha a pena esperar um dia na costa – gritou Jim –, tratarei de enviar-lhes qualquer coisa: um boi, inhames... o que puder.

– A sombra avançava sempre.

– Sim, compreendo – disse na bruma uma voz ensurdecida e sem timbre. Nenhum dos assistentes apreendeu o sentido dessas palavras, e Brown desapareceu, com seus homens e sua chalupa, como espectros desvanecidos sem o mínimo rumor.

Eis como, invisível na névoa, o aventureiro deixou o Patusan, com Cornélio assentado à popa de sua chalupa.

– Enviarão, talvez, um boizinho – riu o mestiço.

– Oh! Sim! Um boi, inhames, vocês terão, pois ele prometeu! Ele diz sempre a verdade. Roubou-me tudo o que eu possuía. É de acreditar que vocês prefiram um boi magro ao saque de inúmeras casas!

– Aconselho-o a reter essa língua, se não quiser ser arremessado à água – ameaçou Brown. A chalupa parecia imóvel, não se via nada, nem mesmo o rio ao longo do barco, mas sentia-se a pulverização da água correr e condensar-se sobre as águas e os rostos. Era lúgubre, dizia-me Brown. Cada um dos aventureiros poderia julgar-se a sós, numa barca à mercê das águas, com a suspeita apenas perceptível de fantasmas a murmurar e a suspirar em torno de si.

– Lançar-me à água? Ah! – retorquiu Cornélio, encolerizado.

– Ao menos eu saberia encontrar meu caminho; vivi tantos anos aqui!

– Mas não o suficiente para orientar-se num nevoeiro como este – retrucou Brown, balançando o braço acima do leme inútil.

– Como não?! – resmungou Cornélio.

– Quer dizer que você saberia encontrar assim às apalpadelas o canal de que me falou?

Cornélio afirmou que sim e acrescentou após um silêncio:

– Estarão muito cansados para remar.

– Não! Por Deus! – gritou bruscamente o capitão.

– Ah! Vocês! Remos à água!

Ouviu-se no nevoeiro uma grande azáfama que se resolveu pouco a pouco no regular rangido dos remos invisíveis de encontro aos seus invisíveis encaixes. Nada mudara todavia e, sem o ruído regular dos remos, a gente suporia estar, dizia-me Brown, na *nacelle* de um baião. A partir desse momento Cornélio não abriu a boca senão para suplicar que içassem a sua piroga, trazida a reboque. Pouco a pouco o nevoeiro se aclarava diante da chalupa. A sua esquerda, Brown viu uma sombra, que se poderia tomar pelo dorso da noite em fuga. De repente, um grande galho folhudo passou por cima de sua cabeça, enquanto ramos gotejantes se erguiam à borda da embarcação. Sem dizer palavra, Cornélio tomou-lhe o leme das mãos.

CAPÍTULO 44

Creio que não trocaram mais uma palavra. A chalupa penetrara num estreito canal lateral, onde os remos a impulsionavam plantando-se nas margens que se esfarelavam em torrões, e onde pesava uma lúgubre sombra, como se grandes asas se houvessem distendido acima da névoa que enchia aquele braço de rio desde as suas profundezas até o cimo das árvores, de cujos galhos carregados tombavam grandes gotas sobre os navegantes. A um cochicho de Cornélio, Brown fez carregar os fuzis.

– Eu lhes vou dar o prazer de se desforrarem dessa gente antes de partir, seus estropiados! Tomem cuidado de não perder a ocasião! – Surdos murmúrios acolheram tais palavras. Cornélio resmungava, inquieto com a sorte de seu barco.

Entrementes, Tamb'Itam atingira o termo de sua viagem. O nevoeiro havia-o retardado um pouco, mas ele remara com vigor, conservando o contato da margem sul. Pouco a pouco, o dia apareceu, como um reflexo num globo de vidro despolido; as margens formavam de cada lado do rio uma mancha negra, onde se vislumbravam fantasmas de troncos e, muito alto no céu, a sombra de galhos torcidos. A bruma continuava muito densa à flor da água, mas montavam boa guarda ao campo, porque, logo que Tamb'Itam se aproximou, duas silhuetas de homens emergiram do vapor branco, e vozes vigorosas o interpelaram. Ele respondeu, e um barco veio abordar sua piroga. Trocou novidades com os vigias; tudo ia bem; o tempo das provações era passado. Os homens da canoa soltaram a borda de sua piroga e se perderam imediatamente na bruma. Tamb'Itam prosseguiu seu caminho, até que ouviu vozes que chegavam até seus ouvidos sobre a água, e viu, através da bruma que começava a erguer-se em turbilhões, o clarão de fogueiras acesas numa praia arenosa, cercada de espesso arvoredo. Lá também estavam de vigia, pois interpelaram-no. Ele gritou seu nome, lançando, com duas remadas, a piroga sobre a margem. Era um acampamento importante. Os homens, estendidos em pequenos grupos, trocavam o surdo murmurar da conversação matinal. Esguios filetes de fumo ondulavam lentamente sob o nevoeiro branco. Tinham construído, para os chefes, pequenos abrigos erguidos acima do solo. Os fuzis estavam ensarilhados sobre a areia; grandes lanças erguiam-se perto das fogueiras.

Com um ar de importância, Tamb’Itam pediu para ser conduzido à presença de Dain Waris. Encontrou o amigo de seu senhor branco deitado num leito de bambu, abrigado por um toldo de galhos recobertos de colchas. Dain Waris estava acordado, e um fogo claro palpitava diante do seu abrigo, que tomava um ar de templo primitivo. O filho único do *nakhoda* Doramin respondeu com cordialidade à saudação de Tamb’Itam. O servo começou por estender-lhe o anel, penhor da sinceridade de sua mensagem. Dain Waris apoiou-se sobre um cotovelo e ordenou-lhe que falasse para dizer as novidades. Começando pela fórmula consagrada: “Boas notícias...”, Tamb’Itam repetiu as próprias palavras de Jim. Partidos com o consentimento de todos os chefes, os brancos deviam encontrar livre passagem no rio. Para responder a quaisquer perguntas, Tamb’Itam resumiu então a discussão do último conselho. Dain Waris escutou atentamente até o fim, brincando com o anel, que acabou por enfiar no índice da sua mão direita. Sabedor que foi de tudo o que Tamb’Itam tinha a dizer, ele o despediu, mandando-lhe dar alimento e abrigo. Foram dadas ordens de levantar o acampamento à tarde. Após o que, tornou Waris a deitar-se, com os olhos abertos, enquanto seus servos lhe preparavam o almoço, perto de uma grande fogueira, a parlar com Tamb’Itam. O sol devorava a bruma. Davam boa guarda sobre o braço principal do rio, onde esperavam, de um momento para outro, ver desembocar a embarcação dos brancos.

Foi então que Brown se vingou de um mundo que, após vinte anos de loucos e desprezíveis gracejos, lhe recusava o tributo de um sucesso de vulgar banditismo. Foi um ato de fria ferocidade, cuja recordação, no seu leito de morte, o consolava como um audaz desafio. Fez furtivamente desembarcar seus homens no lado da ilha oposto ao acampamento dos bugis, e levou-os para a outra margem. Após uma luta breve mas silenciosa, Cornélio, que tentara esquivar-se no momento do desembarque, resignou-se a dirigir o pequeno grupo através da parte menos espessa da mata. Brown conservava as mãos descarnadas do mestiço atrás de suas costas, em um só de seus grossos punhos, e ativava de tempos a sua marcha com um empurrão brutal. Cornélio permanecia mudo como uma carpa, abjeto mas firme num desígnio cuja realização confusamente ele entrevia próxima. Rente à clareira, os homens de Brown se estenderam e esperaram nos seus postos. O acampamento desdobrava-se inteiro à sua vista, e ninguém olhava para o seu lado. Ninguém podia suspeitar que os brancos conhecessem o estreito canal que passava por detrás da ilha. Quando julgou oportuno, Brown gritou:

– Fogo! – e catorze disparos partiram como um só.

Tal foi a surpresa, contava-me Tamb'Itam, que, além daqueles que caíram mortos ou feridos, nenhum dos bugis fez o menor movimento, durante um tempo apreciável, após a primeira descarga. Mas um guerreiro gritou, e esse grito pareceu desencadear, de todas as gargantas, um urro de estupor e pânico. Movimentaram-se todos, em massa hesitante, corriam de um lado para outro na praia, como um rebanho atropelado pelas ondas. Alguns indígenas lançaram-se à água, mas a maior parte só se lembrou de fazer o mesmo após a última descarga. Três vezes os bandidos atiraram sobre a massa, enquanto o único à vista, Brown, gritava:

– Atirem baixo! Atirem baixo!

Tamb'Itam afirmou-me ter compreendido, desde a primeira salva, o que se passara. Embora não atingido, deixou-se cair por terra e fingiu de morto, conservando no entanto os olhos abertos. Dain Waris, saltando do seu leito aos primeiros tiros, saiu para a margem, justamente a tempo de receber em plena fronte uma bala da segunda descarga. Tamb'Itam viu-o afastar amplamente os braços antes de tombar. Foi somente então, disse-me ele, que ele se sentiu acabrunhado por um grande terror. Sempre invisíveis, os brancos se retiraram como tinham vindo.

Eis como Brown ajustou suas contas com a Fortuna adversa. Note-se que, nesse horrível atentado, encontra-se certa superioridade, como a do homem que põe a serviço do direito (no sentido abstrato da palavra) suas paixões comuns. Não se trata de um massacre banal e pérfido; era uma lição, uma retribuição, a explosão de algum obscuro e terrível atributo de nossa natureza.

Após isto, os brancos se eclipsam, sem que Tamb'Itam os possa ver, e parecem desaparecidos para sempre aos olhos dos homens; a própria galeota desapareceu, como desaparecem tantas coisas roubadas. Mas conta-se que, um mês mais tarde, uma chalupa branca foi recolhida, no Oceano Indico, por um navio mercante. Dois esqueletos, de rostos de um amarelo de pergaminho, reconheciam a autoridade de um terceiro espectro, que declarou chamar-se Brown. Sua galeota, que, segundo ele dizia, se dirigia para o sul, com uma carga de açúcar de Java, sofrera uma terrível avaria, tendo soçobrado. Ele e seus companheiros eram os únicos sobreviventes dos seis homens da equipagem. Os dois marinheiros morreram a bordo do vapor que os recolhera. Brown viveu para me permitir vê-lo, mas eu posso afirmar que ele representara o seu papel até o fim.

Os aventureiros haviam esquecido, na sua fuga, de cortar o reboque à canoa

de Cornélio. Quanto ao próprio Cornélio, Brown deixara-o escapar, no princípio da fuzilaria, com um pontapé, à guisa de bênção de adeus. Erguendo-se dentre os mortos, Tamb'Itam avistou, do meio dos cadáveres e dos fogos que se extinguiam, o nazareno que corria pela margem a gritar esbaforido. Depois tentou, com esforços frenéticos, lançar à água uma das pirogas dos bugis.

– Depois, até avistar-me – continuava Tamb'Itam –, ficou de pé, com os olhos fixos no pesado barco, coçando a cabeça.

– Que foi feito dele?

– interroguei.

Tamb'Itam olhou-me em face e fez um gesto expressivo com o braço direito.

– Golpeei-o duas vezes, *Tuan* – disse ele.

– Vendo-me aproximar, lançou-se violentamente à terra, com um grande grito, a debater-se como uma galinha espantada, mas, logo que sentiu a ponta de minha lança, ficou quieto e olhou-me fixamente, enquanto a vida lhe escapava dos olhos.

Depois disto, Tamb'Itam não se demorou mais. Compreendia a urgente necessidade de chegar em primeiro lugar ao forte, com as terríveis notícias. Numerosos eram evidentemente os sobreviventes das forças de Dain Waris, mas, no seu pânico, tinham alguns atravessado o rio a nado, ao passo que outros se embrenharam na mata. O fato era que ignoravam realmente de onde partia o golpe; não sabiam se iam chegar outros bandidos brancos ou se já tinham tomado posse de toda a região. Supunham-se vítimas de uma vasta traição e votados a um aniquilamento fatal. Certos grupos não atingiram a cidade antes de três dias. Alguns no entanto tomaram logo o caminho do Patusan, entre outros os remadores de uma das canoas encarregadas, naquela manhã, da vigilância do rio, e que se achavam à vista do acampamento no momento do ataque. É verdade que começaram por saltar à água, alcançando a nado a margem oposta, mas, voltando um pouco mais tarde à sua piroga, remontaram a corrente com o coração opresso de terror. Tamb'Itam lhes levava uma hora de dianteira.

CAPÍTULO 45

Quando Tamb'Itam, remando impetuosamente, chegou à vista da cidade, as mulheres, acotovelando-se nos varandins da casa, aguardavam a volta da flotilha de Dain Waris. A cidade apresentava um aspecto festivo: aqui e ali, homens que ainda carregavam lança ou fuzil andavam em grupos ou se postavam na margem. As lojas dos chineses se haviam aberto cedo, mas a praça do mercado estava deserta. Uma sentinela, à esquina do forte, avistou Tamb'Itam e assinalou sua chegada aos defensores da cidadela. A porta estava escancarada. Tamb'Itam saltou para a margem. A primeira pessoa que viu foi a jovem senhora, que saía da casa.

Cabelos em desordem, resfolegante, de lábios trêmulos e olhos esgazeados, Tamb'Itam ficou um instante mudo diante dela, como se um sortilégio lhe houvesse de súbito selado a boca. Depois, explodiu:

– Mataram Dain Waris e vários outros guerreiros!

Ela juntou as mãos e suas primeiras palavras foram:

– Fecha as portas!

A maioria da guarnição se recolhera à casa, e Tamb'Itam pôs imediatamente de guarda os homens que restavam. Jóia conservava-se imóvel no meio do pátio, enquanto todos corriam.

– Doramin – exclamava ela, num momento em que Tamb'Itam ia passando.

Na volta, ele respondeu ao pensamento dela:

– Sim! Mas nós detemos toda a pólvora do Patusan.

Ela tomou-lhe do braço e exclamou, trêmula, mostrando a casa:

– Vai chamá-lo!

Tamb'Itam subiu a escada a correr. Seu patrão dormia.

– Sou eu, Tamb'Itam, com notícias que não podem esperar – gritou ele, da entrada. Viu Jim voltar-se no travesseiro, abrindo os olhos, e exclamou?

– Dia de desgraça, *Tuan*: dia maldito! – Jim apoiou-se nos cotovelos para escutar, como fizera Dain Waris.

– É uma horrível traição. Ele ergueu-se aos primeiros tiros e tombou.

Jim foi até a janela e abriu-a de um soco. O quarto iluminou-se. Pôs-se então a dar ordens ao seu criado, com voz calma mas rápida, para fazer reunir e lançar em perseguição dos fugitivos uma flotilha de canoas; quanto a ele, ia prevenir determinados chefes e enviar mensagens. Enquanto falava, sentara-se à beira do leito e inclinava-se para amarrar as botas às pressas. Mas, erguendo de súbito o rosto congestionado:

– Por que ficas aí?

– gritou.

– Não percas tempo!

Tamb'Itam não se movia.

– Perdoa-me, *Tuan*... mas...

– pôs-se ele a balbuciar.

– Que há?! – gritou o patrão em voz alta e com um olhar terrível.

– Não é prudente para o teu servidor mostrar-se entre o povo – respondeu Tamb'Itam, após um momento de hesitação.

Então Jim compreendeu. Renunciara a um mundo para escapar às conseqüências de um gesto impulsivo, e agora o outro mundo, a obra de suas próprias mãos, tombava em ruínas sobre a sua cabeça. Não era prudente, para o seu servidor, sair em meio do seu povo, dele! Creio que ele, nesse momento, foi que decidiu lançar ao desastre o único desafio que lhe pareceu possível, mas só o que eu sei é que saiu do quarto sem dizer palavra e assentou-se à longa mesa onde tornara por hábito regular os negócios do seu mundo. As Sombrias Potências não lhe roubariam duas vezes a paz. Tamb'Itam sugeriu com deferência a idéia de preparativos de defesa. A mulher que Jim amava aproximou-se e falou-lhe, mas ele fez um gesto de silêncio com a mão, o que a consternou. Ela saiu para a varanda e sentou-se à porta, como para proteger com o corpo o seu amigo contra os perigos exteriores.

Que pensamentos atravessaram o cérebro de Jim? Que lembranças? Quem o poderia dizer? Tudo desabara, e ele desesperava novamente da confiança dos homens. Foi então, suponho, que ele tentou escrever... a alguém... mas renunciou... A solidão tomava a cerrar-se em torno dele. De fora, não o ouviam fazer o mínimo rumor. À tarde, apareceu à porta e chamou Tamb'Itam.

– E então?

– perguntou ele.

– Há muitas lágrimas, e cólera também – respondeu o malaio.

– Ah, tu sabes?

– Sim, *Tuan*, o teu servidor sabe, e as portas estão fechadas. Será preciso combater.

– Combater? Para quê?

– perguntou Jim.

– Por nossas vidas.

– Eu não tenho mais vida – disse ele.

Tamb'Itam ouviu à porta um grito da rapariga.

– Quem sabe...

– disse ele.

– A audácia e a astúcia podem ainda garantir a nossa salvação. Há muito terror também, no coração dos homens.

– Ele saiu, pensando vagamente nos barcos e no mar aberto, e deixando Jim a sós com a mulher.

Não sei contar-lhes o que ela me deixou entrever daquela luta de uma hora ou mais contra ele, pela posse de sua felicidade. O que Jim podia conservar de esperança, o que ele aguardava, o que imaginava, é impossível dizer. Permaneceu inflexível e, na solitude cada vez mais profunda de sua obstinação, sua alma parecia elevar-se acima das ruínas de sua existência. Ela gritava-lhe aos ouvidos:

– É preciso combater!

Ela não podia compreender. Não havia nada a ganhar combatendo. Era de outra maneira que ele iria mostrar o seu poder e vencer o seu fatal destino. Ele avançou para o pátio e, atrás dele, de cabelos esparsos, arquejante, a jovem saiu, trôpega, e apoiou-se ao portal.

– Abram as portas! – ordenou ele. Depois do que, voltando-se para os seus homens, que tinham permanecido na praça, deu ordem para que voltassem às suas casas.

– Por quanto tempo, *Tuan*?

– perguntou timidamente um deles.

– Para sempre.

Um grande silêncio se estendera sobre a cidade, após a explosão de prantos e lamentações que passara sobre o rio como uma rajada de vento saída de um abismo hiante de dor. Mas voavam surdos rumores, enchendo os corações de consternação e de horríveis dúvidas. Os bandidos iam voltar, trazendo uma multidão de seus acólitos em um grande navio, e não haveria mais refúgio para ninguém no país. Uma impressão de insegurança total invadia os espíritos, como no curso de um tremor de terra.

Descia o sol sobre as florestas, quando levaram ao *campong* de Doramin o corpo de Dain Waris. Quatro homens carregavam o cadáver, piedosamente coberto de uma mortalha branca que sua mãe remetera para a volta de seu filho. Colocaram-no aos pés de Doramin, e o velho permaneceu longo tempo imóvel, com os olhos baixos, uma mão em cada joelho. Os leques das palmeiras balançavam levemente e as folhas das árvores se agitavam sobre a sua cabeça. Armados com esmero, ali estavam os homens de sua tribo, até o último. Quando o velho *nakhoda* acabou por levantar os olhos, passeou-os devagar pela multidão, como se procurasse um rosto ausente, depois sua cabeça retombou contra o peito. O rumor de uma numerosa assembléia misturava-se ao leve frêmito da folhagem.

O malaio que conduzira a Saramang Tamb’Itam e a jovem assistia à cena. Não estava tão furioso como muitos outros, explicava-me ele, mas cheio de estupor ante a subtaneidade do destino dos homens, suspenso sobre a sua cabeça como nuvem carregada de raios. Quando o corpo de Dain Waris foi descoberto, a um sinal de Doramin, aquele a quem chamavam muita vez “o amigo do senhor branco” apareceu sem mudança alguma, com as pálpebras entreabertas, como se fosse despertar. Doramin inclinou-se ainda um pouco, como um homem que procura um objeto tombado a seus pés. Seus olhos perscrutavam o cadáver, talvez para procurar o ferimento, o qual era muito pequeno, em plena fronte. Nem uma palavra foi pronunciada quando um dos assistentes se abaixou para retirar da mão fria e rígida o anel de prata, que estendeu em silêncio a Doramin, mas um murmúrio percorreu a multidão, à vista daquele símbolo familiar. O velho *nakhoda* olhou-o e lançou de súbito um grande grito feroz, um urro de dor e de fúria, potente como o mugir de um touro ferido, que consternou o coração de todos os guerreiros, de tal maneira exprimia, sem palavras, a cólera e a pena.

Pairou um instante pesado silêncio, enquanto quatro homens afastavam o corpo. Depositaram-no sob uma árvore, e logo, com um grande grito prolongado, todas as mulheres da casa puseram-se a gemer juntas; lamentavam-se em vozes agudas; o sol declinava no horizonte e, no intervalo das lamentações, cantavam sozinhas as vozes monótonas de dois velhos que salmodiavam o Corão.

Aquela hora, Jim, apoiado a uma carreta de canhão, contemplava o rio, voltando as costas para a sua casa; à porta, a mulher, arquejante como se tivesse parado em meio a uma carreira, olhava-o através do pátio. De pé a alguns passos de seu patrão, Tamb'Itam esperava pacientemente o que ia suceder. De repente, Jim, que parecia perdido num calmo sonho, voltou-se para ele, dizendo:

– É tempo de acabar com isto.

– Senhor! – disse Tamb'Itam, avançando alegremente. Ele não sabia o que o seu patrão queria dizer. E, logo que Jim fez um movimento, Jóia deixou o seu lugar para atravessar o pátio. Nenhum dos familiares da casa se achava então à vista. A jovem caminhava vacilante e, a meio caminho, chamou Jim, que parecia de novo mergulhado na contemplação do rio.

Ele voltou-se, apoiando-se ao canhão.

– Queres bater-te?

– gritou ela.

– Não há razão para isto – respondeu ele –, nada está perdido.

– E deu um passo para ela.

– Queres fugir?

– gritou ela de novo.

– Não há fuga possível – respondeu ele, parando, enquanto a jovem, imóvel também, e silenciosa, o devorava com os olhos.

– Então voltas para lá?

– disse, ela lentamente. Ele baixou a cabeça.

– Ah! – exclamou ela com um olhar oblíquo – tu és um mentiroso ou um louco. Lembras-te da noite em que eu te suplicava que me deixasses e tu me respondias que te era impossível? Que era impossível... Impossível! Lembras-te de teres afirmado que não me deixarias nunca? Por quê? Eu não te pedia promessas. Foste tu quem me prometeu, sem que eu nada exigisse. Lembra-te!

– Basta, querida – suspirou ele.

– Eu não valho a pena de ser guardado!

Contou-me Tamb’Itam que, durante essa conversação, sua senhora foi tomada de um riso violento e insensato, como uma criatura possuída dos espíritos. Seu patrão tomou a cabeça entre as mãos. Ele vestia então sua roupa comum, mas não trazia chapéu. Jóia cessou de repente de rir.

– Pela última vez – ameaçou ela –, queres tu defender-te?

– Nada poderá atingir-me! – afirmou ele, num ímpeto supremo de soberbo egoísmo. Tamb’Itam viu a jovem precipitar-se para Jim, abraçando-o desesperadamente.

– Ah! Eu te prenderei assim! – gritou ela.

– Tu és meu!

Ela soluçava ao seu ombro. Imenso e vermelho sobre o Patusan, o céu parecia uma onda de sangue a fluir de uma veia aberta. Um enorme sol rubro se punha entre os cimos das árvores, e a floresta tomava, através dele, uma coloração sombria e sinistra. O aspecto do céu era, aquela tarde, no dizer de Tamb’Itam, temível e ameaçador de cólera. Eu o creio de bom grado, pois sei que, naquele mesmo dia, passara um ciclone a menos de 60 milhas da costa, sem aliás determinar, na região, mais que um leve movimento da atmosfera.

De repente, Tamb’Itam viu Jim tomar do braço de sua companheira, esforçando-se por se desvencilhar. Ela estava pendida a seu pescoço, com a cabeça caída para trás e os cabelos tocando o solo.

– Vem cá! – chamou Jim, e o malaio o ajudou a erguer o corpo da pobre rapariga. Foi difícil desligar-lhe os dedos. Inclinado sobre ela, Jim contemplou-lhe profundamente o rosto e dirigiu-se de repente para o embarcadouro.

Tamb’Itam seguiu-o, mas viu, ao voltar a cabeça, que a rapariga se erguera. Deu alguns passos atrás deles, depois caiu pesadamente sobre os joelhos.

– *Tuan*! *Tuan*! – chamou Tamb’Itam.

– Volta-te!

Mas Jim tinha já saltado para a canoa, e ali se mantinha teso, com o remo na mão. Não lançou um olhar para trás. O criado mal teve tempo de trepar na piroga, que já flutuava. A margem, Jóia se conservava de joelhos, com as mãos juntas. Ficou algum tempo nessa atitude súplice antes de erguer-se de um salto:

– Tu és um impostor! – gritou ela a Jim.

– Perdoa-me! – suplicou ele.

– Nunca! Nunca! – respondeu ela.

Julgando inconveniente ficar sentado enquanto seu patrão remava, Tamb'Itam tomou-lhe o remo das mãos. Quando atingiram a outra margem, Jim proibiu-lhe que o acompanhasse mais além, mas o fiel servidor o seguiu de longe, e galgou atrás dele a ladeira que levava ao *campong* de Doramin.

Anoitecia. Tochas brilhavam aqui e ali. As pessoas com que Jim cruzava pareciam amedrontar-se, e afastavam-se vivamente para deixá-lo passar. Os gemidos das mulheres desciam a vertente. A corte se achava cheia de bugis em armas, com seus servos, e de habitantes da cidade.

Não sei para que fim se reunia realmente tal assembléia. Eram preparativos de guerra ou de vingança, ou disposições que se tornavam ante a ameaça de uma invasão? Muitos dias se passaram em estado de alarma, espiando todos, receosos, a volta dos brancos de longas barbas e vestes em frangalhos, cujas relações exatas com seu senhor branco permaneceram sempre misteriosas. Mesmo para aqueles espíritos simples, o pobre Jim continua envolto numa nuvem.

Só, imenso, desolado, com as duas pistolas sobre os joelhos, Doramin estava sentado na sua poltrona, em face da assembléia em silêncio. Quando Jim apareceu, explodiram exclamações; todas as cabeças se voltaram ao mesmo tempo; a multidão se abriu à direita e à esquerda, e ele avançou ao longo de um caminho de olhares que se afastavam. Murmúrios, cochichos acompanhavam-no: "Foi ele quem tramou todo o mal...", "Ele possui um encantamento...", "Ele ouvia... talvez!"

Quando ele apareceu no círculo de luz das tochas, as lamentações das mulheres cessaram de súbito. Doramin não ergueu a cabeça, e Jim ficou um instante silencioso diante dele. Depois, olhando para a esquerda, caminhou nessa direção, a passo medido. A mãe de Dain Waris estava prosternada à cabeça do cadáver, e seus cabelos grisalhos esparsos lhe cobriam o rosto. Jim aproximou-se lentamente, olhou o corpo de seu amigo, erguendo a mortalha, depois deixou-a cair, sem uma palavra. Tornou devagar para junto de Doramin.

– Ele veio! Ele veio! – esse murmúrio que corria pelos lábios dos assistentes acompanhava os seus passos.

– Ele tomou tudo sobre a sua cabeça! – disse alto uma voz.

Jim ouviu essas palavras e voltou-se para a multidão:

– Sim, sobre a minha cabeça! – Alguns homens recuaram. Jim esperou um instante diante de Doramin, depois disse suavemente?

– Sinto muito.

– Esperou de novo.

– Vim sozinho e sem armas – tornou ele.

O pesado velho pendeu a grande fronte, como um boi sob o jugo, fez um esforço para levantar-se, tomando as pistolas que trazia sobre os joelhos. De sua garganta saíam sons molhados, estrangulados, inumanos, e seus dois servos o sustinham por trás. Notaram que o anel, que ele deixara cair ao solo, tombou e rolou aos pés do branco; o pobre Jim baixou os olhos sobre o talismã que lhe abrira a porta da glória, do amor, do sucesso, por detrás da barreira das florestas marginadas de espuma branca, no interior daquela costa que aparecia, ao sol poente, como o próprio reduto da noite. Doramin, lutando por conservar-se de pé, formava, com os dois servos, um grupo móvel e oscilante; seus pequenos olhos tinham uma expressão de raiva e dor desatinada; os assistentes observaram um brilho feroz no seu olhar, e, enquanto Jim se conservava de pé, diante dele, hirto, de cabeça nua, sob a luz das tochas, e o olhava direito nos olhos, ele se apoiou pesadamente com o braço esquerdo no pescoço inclinado de um dos rapazes, e, erguendo a mão direita, apontou a arma para o peito do amigo de seu filho.

A multidão que se afastara de trás de Jim ao ver o velho erguer o braço precipitou-se tumultuosamente para diante após o disparo da arma. Conta-se que o branco lançou, à direita e à esquerda, sobre todos aqueles rostos, um olhar altivo e enérgico; depois, com as mãos na boca, caiu para a frente, morto.

E acabou-se. Ele se vai, na nuvem do seu mistério, impenetrável, esquecido, imperdoado e prodigiosamente romanesco. As mais loucas visões de seus anos de infância não lhe teriam podido suscitar nada semelhante a isso! Pois é bem possível que no breve segundo daquele último olhar de intrépido orgulho tenha ele percebido o rosto da sorte, que se mantinha a seu lado, velada como uma noiva do Oriente.

Ao menos vemo-lo, obscuro conquistador de glória, arrancar-se aos braços de um amor ciumento, para responder ao primeiro sinal, ao primeiro apelo de seu egoísmo exaltado. Separa-se de uma mulher viva para celebrar suas impiedosas núpcias com um obscuro ideal. Estava ele satisfeito, inteiramente satisfeito,

agora? pergunto-o. Nós o deveríamos saber. É um dos nossos, e acaso não tratei eu de responder um dia por sua eterna constância? Fiz mal, afinal de contas? Agora que ele não existe mais, há dias em que a realidade de sua existência me acabrunha com um peso formidável e aplastrante; e, no entanto, por minha alma! há outros dias também em que ele desaparece a meus olhos, como um espírito desencarnado, perdido entre as paixões desta terra e pronto para responder fielmente ao apelo das sombras de seu próprio mundo.

Quem sabe? Ele partiu, de coração impenetrável, e a pobre rapariga que deixou após si leva, na casa de Stein, uma existência inerte e muda. Stein envelheceu muito, há algum tempo. Ele mesmo o nota, e declara muitas vezes “que se prepara para deixar tudo isso... que se prepara para deixar...”, e faz um gesto entristecido na direção de suas borboletas.

FIM

SOBRE O AUTOR



Joseph Conrad

Nasceu Józef Teodor Konrad Nalecz Korzeniowski, filho de pais poloneses, na cidade de Berdichev, na Ucrânia dominada pela Rússia czarista. Seus pais eram nacionalistas poloneses e, por causa de suas atividades políticas anti-russos, foram exilados para a remota província de Vologda, ao norte. Joseph, então com quatro anos, os acompanhou. Aos onze anos de idade, ficou órfão de pai e mãe. Seu tio materno Thaddeus Bobrowski tomou conta do sobrinho e foi seu mentor e responsável durante os 25 anos seguintes. Thaddeus queria que Joseph seguisse carreira universitária, mas em 1874, quando o rapaz tinha dezesseis anos, finalmente cedeu e concordou em deixá-lo seguir seu antigo desejo de viver no mar. Joseph viajou a Marselha, onde trabalhou em navios da marinha mercante francesa até juntar-se, em 1878, a um navio britânico, como aprendiz.

Ficaria na marinha por quase vinte anos, visitando os mais variados lugares da Ásia, da África, da América e da Europa – experiência que seria definidora da literatura do autor, além de fornecer vasto material para suas histórias. Em 1886, obteve a cidadania britânica. Oito anos depois, em 1894, ele abandonou o mar e uma carreira bem-sucedida (chegara à posição de capitão-de-longo-curso) para se dedicar à literatura. Seu primeiro livro, *Almayer's folly* (*A loucura de Almayer*), cuja redação fora iniciada em 1889, foi publicado em 1895, quando o autor contava já 38 anos (também dessa época data o casamento de Joseph com Jessie George). O livro foi recebido com entusiasmo pela crítica e friamente pelo público. Levaria cerca de quinze anos para que a carreira literária de Conrad decolasse.

Ele escreveu, ao todo, dezessete romances, sendo os principais *Lord Jim*, de 1900, *Nostromo,*de 1904,*The secret agent* (*O agente secreto*), de 1907, e *Under western eyes* (*Sob os olhos do ocidente*), de 1911; sete novelas, entre as quais se destaca *The heart of the darkness* (*O coração das trevas*, L&PM

POCKET), de 1902. Publicou ainda livros de ensaios (*The mirror of the sea* ou *O espelho do mar*, de 1906), de memórias (*Some reminicences* ou *Algumas reminiscências*, de 1912, e *A personal record* ou *Um registro pessoal*, de 1912) e textos sobre a própria obra (*Notes on my books* ou *Notas sobre meus livros*), de 1921. Muitas dessas peças ficcionais foram primeiramente publicadas em formato de folhetim em periódicos como *Blackwood's Edinburgh Magazine*, seguindo uma prática comum na época.

Conrad é hoje considerado um dos grandes autores da língua inglesa – que ele aprendeu depois de adulto, apesar de ter com ela tido os primeiros contatos ainda quando criança, ao ver seu pai traduzir Shakespeare, entre outros autores.

Seus textos ficcionais têm em comum o tema do conflito do homem contra o próprio homem, dos limites da natureza humana e do confronto do homem frente à natureza selvagem. Seus romances, contos e novelas são povoados por personagens em situações extremas, isolados da sociedade, muitas vezes em crise com a própria identidade e com a condição de ser humano. A maioria de suas peças ficcionais se assemelham, na aparência, a histórias de aventuras, apesar de proporem uma profunda reflexão sobre a natureza humana e a civilização. Conrad declarava serem Shakespeare, Walter Scott e Flaubert alguns de seus autores favoritos.

O coração das trevas foi adaptado para o cinema por Francis Ford Coppola, em *Apocalipse now*, em 1979, em plena Guerra do Vietnã, com enorme sucesso de público e crítica. Conrad morreu em 1924, deixando seu último romance, *Suspense*, inacabado. A Coleção L&PM POCKET publicou os seus romances*Coração das trevas, Flecha de ouro, Juventude* e *Tufão)*